

**Transformação pela experiência: Estudo de caso da Escola
Municipal André Urani no Rio de Janeiro, Projeto GENTE.**

Cláudia Medeiros Jahnke

Lisboa, dezembro de 2014

Mestrado em Supervisão Pedagógica

**Transformação pela experiência: Estudo de caso da Escola
Municipal André Urani no Rio de Janeiro, Projeto GENTE.**

Cláudia Medeiros Jahnke

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em
Supervisão Pedagógica

Orientadora: Professora Doutora Susana Henriques

Lisboa, dezembro de 2014

RESUMO

O estudo proposto tem por objetivo analisar, pesquisar e compreender a mudança no ato de ensinar e aprender, quebrando com os moldes e paradigmas mais tradicionais e entender o itinerário formativo, dentro de um sistema educacional público municipal.

Este estudo de caso foi realizado na Escola Pública Municipal André Urani, na cidade do Rio de Janeiro, comunidade da Rocinha, que teve em 2013, uma recondução no seu formato de ensino, denominado Projeto GENTE – Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais - , seguindo as tendências mundiais de inovação e reforma do Ensino e Aprendizagem, tais como as ocorridas nas escolas: *Quest to Learn* (NYC - EUA); Nave (Rio); Escola da Ponte (Portugal); *High Tech High* (San Diego - EUA); Fontán (Colombia).

A pretensão deste estudo é investigar o que está sendo feito na escola, conhecer as tecnologias educacionais desenvolvidas para o projeto e quais benefícios e desafios constatados durante o desenvolvimento do GENTE. O Subsecretário das Novas Tecnologias Educacionais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, que permaneceu neste cargo até janeiro de 2014, Rafael Parente, para descrever este momento da educação no município, falou aos professores e todos os envolvidos no projeto no final do treinamento, o Transcurso, antes do início das aulas:

A partir desse momento, vocês estão participando de um sonho: a invenção de um novo modelo de Escola onde GENTE sempre estará em primeiro lugar. Nela, as relações humanas são priorizadas, respeitadas e compreendidas em toda a sua totalidade. A paixão, a emoção e o brilho nos olhos serão os principais ingredientes da receita para futuros melhores e para uma educação mais humana. As novas tecnologias serão utilizadas para aproximar e encantar e não para distanciar ou dividir. Esse modelo nunca estará completamente pronto porque, assim como as pessoas, será constantemente recriado para dar conta de novos desafios (Parente, 2013).

Palavras-chave: Educação, tecnologias educacionais, inovação, autonomia, supervisão pedagógica.

ABSTRACT

The proposed study aims to analyze, research and understand the change in the act of teaching and learning, breaking with molds and more traditional paradigms and understand the training itinerary, inside a public education system.

This case study was conducted on a public school, André Urani, in Rio de Janeiro, Rocinha Slum, which had in 2013, a renewal in its educational format, named Project GENTE – Experimental Educational Technologies Gym, following global trends of innovation and reform of teaching and learning, such as those that occurred in the schools: Quest to Learn (NYC-USA); NAVE (Rio de Janeiro); Escola da Ponte (Portugal); High Tech High (San Diego-USA); Fontán (Colombia).

The intention of this study is to investigate what is being done at the school, meet the educational technologies developed for the project and what benefits and challenges that may be observed in the first year of development of the GENTE. The Undersecretary for Educational Technologies of Education Secretary of Rio de Janeiro city, that was in charge up to January 2014, Rafael Parente, to describe this moment of education for Rio de Janeiro , spoke to teachers and everyone involved in the project at the end of the training course, before the beginning of classes:

From this moment on, you are participating in a dream: the invention of a new model of school where GENTE will always be in the first place. In it, human relations are prioritized, respected and understood in all its entirety. The passion, the excitement and the twinkle in the eyes will be the main ingredients of the recipe for a better future and for a more human education. New technologies will be used to approximate and delight and not to move or divide. This model will never be completely ready because, just like people, will be constantly rebuilt to handle new challenges (Parente, 2013).

Key words: Education, educational technologies, innovation, autonomy, pedagogical supervision.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais. Ao meu pai por ter sido uma mente brilhante, um homem com ideais e conhecimentos, que pouco pude partilhar, já que partiu quando eu tinha dezoito anos. À minha mãe por ser a pessoa mais guerreira e focada que eu conheço, que me ensinou a nunca desistir de meus sonhos. Sem eles não teria chegado até aqui.

Aos meus avós maternos, que durante muitos anos, na minha infância, me educaram, enquanto os meus pais estavam absorvidos pelos seus compromissos profissionais. O meu avô ensinou-me a seriedade, a responsabilidade e a lealdade. A minha avó que me revelou a importância do amor, do carinho e do apoio emocional, em todos os momentos da minha vida.

Sabendo da importância da família, e tendo-me deparado com tantas crianças e jovens que não tiveram este mesmo apoio em casa, sinto-me eternamente grata e especial pela família em que nasci.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Professora Doutora Querte Mehlecke, ex-aluna da Universidade Aberta de Lisboa, num Doutorado Sanduíche que fez com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pois a ela devo a descoberta deste mestrado e todo o apoio ao longo da trajetória, com empréstimo de livros e sugestões preciosas.

Agradeço ao Professor Geraldo Castelli e à sua esposa, Ana Maria Castelli, por terem investido neste trabalho, enquanto trabalhei na Castelli ESH, no primeiro ano do mestrado.

Agradeço à Professora Doutora Diney Adriana de Oliveira pelas sugestões e críticas que me ajudaram na construção desta dissertação.

Agradeço ao Professor Mestre Sérgio Nikolay pela “mão estendida” num momento crítico, quando quase desisti desta pesquisa, devido a implicações burocráticas.

Agradeço aos meus amigos que tiveram paciência com as minhas ausências, cancelamentos e não se esqueceram de mim ao longo destes dois anos de reclusão das atividades sociais.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Susana Henriques, que não mediu esforços para me apoiar, bem como à equipa da Universidade Aberta: Professora Doutora Isolina Oliveira, Coordenadora do Mestrado e à Sra Liberdade Almeida, Secretária do Curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, que me deram todo suporte necessário para que eu desenvolvesse esta dissertação.

“Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.”

Carlos Drummond de Andrade

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE QUADROS	XV
INDICE DE FIGURAS	XVII
LISTA DE SIGLAS	XIX
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – O Projeto: A problemática da pesquisa e os objetivos do estudo.....	5
1.1 O Projeto GENTE.....	5
1.2 Algumas escolas que inspiraram o Projeto GENTE.....	8
1.2.1 Quest to Learn (NYC).....	8
1.2.2 Núcleo Avançado em Educação (NAVE) - Rio.....	8
1.2.3 Escola da Ponte - Portugal	9
1.2.4 High Tech High.....	10
1.2.5 Fontán - Colombia.....	10
1.3 Problemática da investigação.....	11
1.4 Objetivos do Estudo.....	12
CAPÍTULO II – Enquadramento Teórico.....	13
2.1 Sistemas educacionais através dos tempos	13
2.2 Linhas Orientadoras na Educação: Filosófica, psicológica, sociológica e pedagógica.	17
2.2.1 Pressupostos filosóficos	18
2.2.2 Pressupostos Psicológicos	19
2.2.3 Pressupostos Sociológicos.....	20
2.2.4 Pressupostos Pedagógicos	20
2.3 As Estratégias de Ensino e Aprendizagem	21
2.4 Psicologia da Educação	24
2.5 Autonomia	28
2.6 Mentoria.....	30
2.7 A Supervisão Pedagógica	33
2.8 A busca por inovação.....	35
CAPÍTULO III – Metodologia da Investigação	41
3.1 Definições	41

3.1.1 O que é metodologia	41
3.1.2 O que é investigação	41
3.1.3 A Ética na investigação	43
3.2 Caracterização do estudo.....	44
3.3 Instrumentos de recolha de dados	46
3.3.1 Análise Documental	47
3.3.2 O questionário	48
3.3.3 As entrevistas	49
CAPÍTULO IV – O tratamento dos dados	53
4.1 Categoria Supervisão Pedagógica.....	54
4.2 Categoria Mentoria	57
4.3 Categoria Autonomia	64
4.4 Categoria Pontos Positivos do Projeto.....	69
4.5 Categoria Dificuldades do Projeto	75
4.6 Categoria Sugestões de Melhorias	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
ANEXOS	I
ANEXO I - GRELHA DE ANÁLISE DOCUMENTAL	I
ANEXO II – QUESTIONÁRIO	II
ANEXO III - GUIÃO DE ENTREVISTAS	III
ANEXO IV – TRANSCRIÇÃO DA CONVERSA COM A COORDENADORA ...	IV
ANEXO V.....	VII
ANEXO VI	XIII
ANEXO VII.....	XXXI
ANEXO VIII.....	XXXII
ANEXO IX - MARCO LÓGICO DO PROJETO GENTE REALIZADO PELA EMPRESA IETS – INSTITUTO DE ESTUDOS DO TRABALHO E SOCIEDADE	XXXIII
ANEXO X - RELATÓRIO DO MARCO LÓGICO	XXXVI
ANEXO XI - TERMO DE REFERÊNCIA	XLVII

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Análise dos CIEPs (literatura não exaustiva).....	16
Quadro 2 - Classificação de Estratégias de Ensino e Aprendizagem (Vieira & Vieira, 2005, p.19).....	22
Quadro 3 - Estudo comparativo entre as cinco principais teorias de Psicologia da Educação (Rangel, p.64, 2004).....	25
Quadro 4 - Grelha Metodológica.....	46
Quadro 5 - Pontos Positivos do Projeto.....	69
Quadro 6 - Dificuldades do Projeto.....	75
Quadro 7 - Sugestões de Melhorias.....	79

INDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Características do tutor.....	31
Figura 2 - Inter-relação de processos de supervisão.....	34
Figura 3 - Categorias de Análise	53
Figura 4 - Supervisão Pedagógica	54
Figura 5 - Mentoria.....	57
Figura 6 - Autonomia	64

LISTA DE SIGLAS

CIEPs – Centros Integrados de Educação Pública

FACCAT – Faculdades Integradas de Taquara

GENTE – Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais

INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação e Cultura

NAVE – Núcleo Avançado em Educação

NE – Não evidência

OECD – Organization for Economic Cooperation and Development

ONG – Organização não-governamental

PISA – Programme for International Student Assessment

SEEDUC - Secretaria de Estado da Educação

SOE – Serviço de Orientação Educacional

SERF - Sistema Educativo Relacional Fontán

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TR - Termo de Referência

ZPD – Zona Proximal de Desenvolvimento

INTRODUÇÃO

A estimativa de uma população mundial de 10 bilhões de habitantes no nosso planeta até 2050, ou seja, em menos de 40 anos e, a cada vez mais explícita desadequação dos paradigmas tradicionais dos sistemas educativos, impõem um desafio urgente para todos os educadores. Mas, ao mesmo tempo, que se vislumbra uma necessidade de mudança, existe uma dificuldade para alavancar esta mudança significativa na sociedade, mesmo com a consciência de que todos os padrões atuais de procedimentos estejam a entrar em colapso e assim não seja mais possível conduzir o Sistema Educacional atual.

Num rápido cenário mundial da atualidade temos:

- a Ciência que se aperfeiçoa a uma velocidade assustadora, pesquisando e trazendo soluções até há pouco tempo inimagináveis;
- a realidade virtual, principalmente através das redes sociais, constituem-se no esboço do individualismo, numa tentativa extrema de integração num grupo intangível de ditos “amigos” do meio virtual;
- a globalização que impõe novos paradigmas, através da miscigenação dos povos. Mas se por um lado a globalização transformou a organização social, trazendo fácil acesso às informações e criando grupos de trabalho internacionais, por outro, instituiu a individualização, permitindo que cada um pudesse criar as suas próprias referências e deixar de pertencer a um grupo isolado, seja família, trabalho ou estado de origem;
- a Economia, que agregou valores materiais à felicidade, ao bem-estar e ao progresso, graças a uma *mass media* que atribui sentimentos e valores aos bens de consumo, fazendo com que as pessoas se sintam felizes ao realizarem as suas compras e que, num estágio avançado e descontrolado desta característica do mundo atual, gere um desconforto em relação a um consumo exagerado, com gastos acima dos ganhos nas famílias;
- o trabalho que deixou de ser mecânico e passou a ser mais intelectual e que passou a ocupar segundo e terceiro lugar na vida dos profissionais, ou seja, não tem mais o status de propósito de vida das pessoas;

E tantas outras evoluções a vários níveis, na sociedade em geral, interferem na forma de pensar a Educação no futuro.

Na educação, há décadas, estudiosos têm apresentado propostas para uma mudança que reflete todas estas mutações sociais, na década de 70, por exemplo, através da utopia freiriana, dos pensamentos de Rubem Alves e outros. As inquietações destes pensadores já começavam a traçar novos rumos, que ainda hoje são difíceis de serem concretizados face à enorme quebra de paradigmas necessária para a incorporação destes pensamentos no dia a dia da Educação.

Tem-se assistido nas propostas de Educação Diferenciada a uma preocupação com o que se chama em inglês de *taylor's made*, ou seja, rotinas individualizadas nas escolas, onde o que realmente importa é levar em consideração os interesses dos alunos e traçar objetivos individuais a serem alcançados a partir destes interesses. Para tal, em muitas destas escolas transformadoras são formados grupos de interesse, independentes das séries, e cada um tem um roteiro a desenvolver, com colegas de idades diferentes, inclusive. A partir do momento em que o aluno atinge um objetivo, parte para uma próxima etapa do projeto. Os alunos que não conseguem manter o ritmo desejado são ajudados pelos professores, que passam a ser mentores. Neste formato, os professores deixam de “dar aulas” e disponibilizam-se para auxiliar os alunos no desenvolvimento dos seus projetos, passando o professor a estar focado nas competências do “Aprender a aprender”, “Aprender a fazer” e “Aprender a ser e conviver”.

O projeto GENTE, no qual se debruça esta pesquisa, desenvolve e defende justamente esta ideia inovadora do “Ensinar e Aprender”, e será apresentado nesta dissertação enfatizando os atores deste projeto, as suas percepções e sentimentos em relação à mudança e as consequências das ações geradas pelos mesmos para a implantação e perpetuação do GENTE.

A proposta inicial é alicerçar este estudo de caso na fundamentação teórica sobre os processos de aprendizagem, a importância de uma supervisão pedagógica para administrar estes processos e questões como a autonomia, indispensável na condução de um projeto com objetivos cognitivos individualizados.

Nesta fundamentação será tratado o *mentoring*, um processo que já é bastante utilizado em meios empresariais e no ensino superior, mas que ainda é muito precoce quando retratado num meio de ensino fundamental, entre professores e alunos.

O estudo de caso assenta numa metodologia qualitativa. Os resultados foram tratados seguindo os princípios da Análise de Conteúdo, embasada na obra de Laurence Bardin

(2009), que aborda a categorização de dados e as unidades de sentido geradas pelas falas dos entrevistados e pelas informações dos documentos.

No Capítulo I, o objetivo é retratar a escola, fonte da pesquisa, elucidando os detalhes do Projeto GENTE e tangibilizando a justificativa de tratar este projeto como inovador e que quebra paradigmas dentro do sistema educacional tradicional do Ensino Público Brasileiro. Ainda neste capítulo serão descritas algumas das escolas que serviram como fonte de inspiração para o GENTE, a problemática da investigação e os objetivos do estudo.

O Capítulo II é dedicado ao enquadramento teórico e retrata os diferentes aspectos da Educação necessários para o entendimento de um projeto que propõe mudanças no estilo tradicional de ensino, passando por uma revisão histórica da educação no mundo, abordando os pressupostos fundamentais dos modelos de ensino e aprendizagem, apresentando as principais estratégias de ensino e aprendizagem, as funções e teorias da Psicologia da Educação, além de aspectos particulares do estudo como: autonomia, mentoria e um resumo dos pensamentos mais atuais sobre quebras de paradigmas e novas propostas de ensino. Como fio condutor desta pesquisa, desenvolve-se um item dedicado à supervisão pedagógica, base deste mestrado na área da Educação.

O Capítulo III contempla a investigação, inicialmente apresenta a metodologia da investigação, abordando o tema da ética na investigação, as caracterizações do estudo, que descrevem o estilo de investigação e métodos utilizados para análise de dados, além da descrição dos instrumentos de recolha de dados.

Por fim, no Capítulo IV, apresenta-se o tratamento de dados, onde se pressupõe cruzar os dados entre a teoria estudada, os documentos investigados e as opiniões dos diversos atores do Projeto GENTE.

CAPÍTULO I – O Projeto: A problemática da pesquisa e os objetivos do estudo.

1.1 O Projeto GENTE

Em 18 de fevereiro de 2013, na cidade do Rio de Janeiro, nasceu um novo conceito de escola, apoiada nas novas tecnologias educacionais e que coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem. O Projeto GENTE funciona na Escola Municipal André Urani, na Favela da Rocinha, com capacidade inicial para atender 180 alunos do 7º ao 9º anos e com o objetivo principal de repensar o que é a instituição Escola, personalizando o ensino para as necessidades de cada aluno, propondo inovações em diversas frentes na área educacional.

A Favela da Rocinha fica na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, com casas construídas no morro, com difícil acesso, e famílias em condições de vida desprivilegiada. A Rocinha foi pacificada em novembro de 2011, ou seja, a polícia militar nesta época conseguiu entrar na favela, retirar os traficantes do local e instalar uma UPP (Unidade de Polícia Pacificadora), evitando desta forma que os traficantes de drogas retomassem o controle da comunidade.

A Rocinha apresenta traços sociológicos contraproducentes em relação ao desenvolvimento humano:

- A idade média da comunidade é de 26 anos.
- Os rendimentos médios são de R\$ 433,00.
- O tempo médio de estudo dos residentes na comunidade é de 4,2 anos, portanto, muitos pais de alunos da André Urani são analfabetos.

E é dentro deste contexto social que o GENTE foi pensado, como uma forma de resgatar a comunidade, através das crianças, e dar alternativas futuras de melhorias sociais, através da educação.

O GENTE iniciou com uma reforma da escola municipal, entre os meses de dezembro e fevereiro de 2013. A estrutura física anteriormente padrão da rede municipal de ensino, teve como primeira mudança a retirada das paredes que dividiam as salas de aula. Recebeu pintura moderna, onde foram desenhados nas paredes imagens dos próprios alunos, com muitas cores vibrantes, cores que marcavam cada um dos salões de estudo.

Com a ausência de salas de aula os alunos ganharam diversos espaços de aprendizagem. As mesas que possibilitam trabalhos em grupos ao serem acopladas umas às outras, formando um hexágono, ou separadas, quando permitem que o aluno desenvolva as tarefas individuais. Além dos espaços com mesas os alunos encontram pufes (grandes almofadas) espalhados por toda a escola. As disciplinas de inglês, artes e educação física tem espaços especiais, pois são conduzidas por especialistas da área e não pelos professores mentores, como será abordado logo abaixo.

As aulas na escola começam às 8 horas da manhã e se estendem até às 4 horas da tarde e neste período os alunos recebem café da manhã, almoço e dois lanches, um no meio da manhã e outro antes de irem embora. As refeições são todas equilibradas, orientadas por uma nutricionista, e incluem uma variedade de legumes e verduras, além dos carboidratos e proteínas, garantindo condições físicas que favorecem a aprendizagem.

Os professores são divididos em dois grandes grupos: generalistas, que são os mentores que acompanham os grupos de alunos, formados por 4 famílias, com 6 alunos cada uma; e os professores especialistas que são os de Artes, Educação Física, Inglês e Leitura. No primeiro ano do Projeto, os professores acompanhavam 3 famílias. Em 2014, houve um aumento no número de alunos na escola, fazendo com que cada professor-mentor passasse a acompanhar 24 alunos, 6 a mais do que no primeiro ano. Estas famílias são compostas por alunos do 7º, 8º e 9º anos, portanto, os alunos não são separados por séries, ou idades, mas é essencial que, em cada família, haja pelo menos um aluno de cada série, em que um dos objetivos é justamente a socialização do conhecimento e a autonomia na busca de conhecimento. Sendo mesmo primordial que uns possam auxiliar os outros, para o entendimento dos tópicos a serem apreendidos.

O projeto coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem, desenvolve nele a autonomia que lhe permite administrar a forma, o conteúdo e o ritmo das diversas atividades que a escola lhe oferece. Cada jovem tem um itinerário formativo, uma espécie de mapa com todas as habilidades e competências que ele deverá desenvolver. Para alcançar estes objetivos propostos individualmente, os estudantes participam de atividades individuais ou em grupos pequenos (6 alunos), de acordo com o seu desempenho acadêmico, a sua responsabilidade e a sua autonomia.

Outro fator importante é que o projeto prevê uma reformulação no papel do educador, que passa a atuar como mentor, ou seja, ele não mais será o detentor do conhecimento,

mas agirá como o arquiteto que garante a personalização do processo de aprendizagem e que nenhum aluno seja deixado para trás, através da orientação de projetos transdisciplinares, onde o professor ajuda o desenvolvimento da habilidade de aprender a aprender. Ainda existem neste projeto os professores especialistas para as disciplinas de Artes, Educação Física e Inglês.

O GENTE prioriza o uso de tecnologias de informação e comunicação não apenas para a transmissão de conteúdos pedagógicos, mas também nos instrumentos de avaliação permanente dos alunos, o que permite ao corpo docente o acompanhamento destes no seu processo educacional de forma mais interativa e de acordo com a velocidade de aprendizado de cada aluno.

Uma inovação importante é a necessidade de cooperação e interação entre os diversos atores da Comunidade Escolar, que precisam interagir constantemente, com o uso de uma comunicação que flua, desenvolvendo um forte sentimento de enquadramento no grupo, sem hierarquização e envolvendo todos os intervenientes da Educação - alunos, professores, técnico-administrativos e famílias - de forma ativa, nas decisões da escola.

O projeto conta com uma parceria público-privada, que atraiu parceiros importantes¹, que participaram desde o início, na própria concepção do projeto, ou na elaboração da proposta pedagógica, implantação e monitoramento das metas.

O GENTE vai além do desenvolvimento das habilidades cognitivas dos alunos e propõe o desenvolvimento de habilidades atitudinais como a sociabilização, o protagonismo juvenil, a autonomia, o pensamento crítico e a cooperação.

Existe um conjunto de princípios elencados no Termo de Referência² (TR) do GENTE, documento inicial do projeto, que serviu como base para a elaboração, ao término do primeiro ano de projeto, do Marco Lógico³. Este documento, elaborado no final de 2013, aborda a concepção do projeto, os objetivos e todas as dimensões que poderão garantir um sistema de monitoramento permanente, com indicadores traçados a partir de cada objetivo, capazes de mensurar resultados e corrigir rotas. Este fator de avaliação é

¹ Instituições como: o Instituto Natura, Intel, Fundação Telefônica, Instituto Ayrton Senna, Tamboro, MSTech, Instituto Conecta, Unesco no Brasil, Microsoft, Sapient, MindLab, EvoBooks e Geekie.

² Disponível no site do projeto: <http://gente.rioeduca.net/documentos.htm> Acesso: 17/02/2014

³ Integrado ao Método Zopp, que se baseia na análise de problemas e de atores envolvidos, o Marco Lógico estrutura-se numa "lógica de intervenção", desenhada a partir do eixo Objetivo Geral – Objetivo do Projeto – Resultados – Atividades.

muito importante já que a administração pública do município do Rio de Janeiro quer replicar este projeto para as demais escolas da rede.

Estas são todas características previstas no Termo de Referência do projeto. No decorrer da dissertação iremos avaliar de que forma o GENTE alcançou ou não as metas traçadas, se todas as características do projeto foram realmente implementadas, conforme escrito e idealizado no início.

1.2 Algumas escolas que inspiraram o Projeto GENTE

1.2.1 Quest to Learn (NYC)

“A maneira mais efetiva de ensinar é deixar os estudantes no controle da própria aprendizagem.”

Elisa Aragon⁴

A escola pública que fica em Nova Iorque, nos Estados Unidos, foi aberta em 2009, com 76 alunos, e em 2013 atingiu o número de 330 alunos do 6º ao 10º ano escolar. Nesta escola as crianças aprendem através de jogos, todos desenvolvidos pela ONG (Organização Não Governamental), *Institute of Play*, que cria jogos para desafiar as crianças a procurarem soluções. Cada jogo dura cerca de uma semana para ser resolvido e o grupo que frequentemente trabalha na resolução de cada problema é formado por 15 alunos.

Na *Quest to Learn* as disciplinas são designadas por “Domínios”, e estes integram duas ou mais disciplinas, de forma a que haja interdisciplinaridade e que os alunos entendam a aplicabilidade dos temas estudados, sem a fragmentação usual do ensino tradicional: que separa as disciplinas em blocos de 50 minutos cada. Todas as atividades tem um propósito, é uma investigação para aprender, os jogos expandem a sala de aula e desafiam os alunos na construção do seu próprio saber.

1.2.2 Núcleo Avançado em Educação (NAVE) - Rio

É uma escola pública estadual que participa de uma parceria público-privada da Secretaria de Estado da Educação (SEEDUC) com o Instituto Oi Futuro. O NAVE trata-se de uma escola profissionalizante sobre tecnologia de multimídia. Tem capacidade

⁴ Diretora da *Quest to Learn* e membro do Departamento de Educação de Nova York.

para atender até 600 jovens, em período integral, com cursos de duração de 3 anos, que preparam futuros profissionais para atuarem em profissões como: roteiristas, programadores, *designers* e gestores de tv digital, internet, celulares e jogos eletrônicos.

A escola desenvolve metodologias de aprendizagem baseadas nas Tecnologias de Informação e Comunicação, que contribuem para a inserção dos jovens no cenário atual de evolução tecnológica. Além da formação no ensino médio, os alunos têm acesso às disciplinas necessárias para a introdução da cultura digital.

1.2.3 Escola da Ponte - Portugal

Nesta escola não existem turmas criadas pela Direção e professores, mas sim, grupos que incluem alunos em busca de um interesse comum e que se juntam voluntariamente, tendo por base a afetividade. Os alunos sentem os seus desejos respeitados e é precisamente, o desejo, que move seus interesses. O aluno é o centro do processo de ensino e aprendizagem.

Não existe a divisão por séries ou turmas e o trabalho dá-se através de Núcleos de Trabalho que são divididos em: Iniciação, Consolidação e Aprofundamento. Na fase de Iniciação é trabalhada a autonomia da criança, com a preocupação de proporcionar um equilíbrio entre as crianças e a administração do tempo e espaço, utilizados no convívio diário. Na Consolidação são trabalhadas as habilidades apontadas na fase de Iniciação: capacidade de se autoplanejar, exercitar a autoavaliação, pesquisar em grupo e entender como se processam as metodologias de trabalho da escola. No Núcleo de Aprofundamento, os alunos que tenham mais de 13 anos, dispõem de alguns projetos de pré-profissionalização.

O professor é encarado como um Orientador Educativo que deve ter algumas características, das quais se destacam a: Assiduidade, motivação, contribuição ativa e construtiva para a resolução de conflitos, autonomia, responsabilidade e solidariedade.

Na escola não existem salas de aula, mas espaços educativos, onde os alunos buscam pessoas, ferramentas e soluções, testam os seus conhecimentos e convivem uns com os outros.

1.2.4 High Tech High

É uma rede de 11 escolas públicas, de administração particular, nos Estados Unidos, que se baseia em quatro pilares que têm sido apontados por especialistas em Educação como essenciais para formar alunos para o século XXI: Personalização, conexão com o mundo, interesse comum em aprender e professor como *designer* do aprendizado.

As unidades são distribuídas da seguinte forma: Duas unidades de Ensino Fundamental 1, quatro de Fundamental 2 e cinco de Ensino Médio e a proporção de alunos por professor é baixa, além de ser designado um monitor para cada aluno, que faz o acompanhamento individualizado dos interesses acadêmicos.

As aulas são mais longas, para que possibilitem o desenvolvimento de projetos, não duram os 50 minutos habituais nas demais escolas e as disciplinas são agrupadas porque entendem que é desta maneira que elas irão aparecer na vida real. Ao invés de terem salas de aula, têm espaços de aprendizagem que compreendem: salas para atividades manuais, para reunião de grupos pequenos, para trabalhos individuais e para apresentações.

Na condução desse processo dialógico, os professores guiam os alunos numa metodologia de aprendizagem baseada em projetos. Em vez de disciplinas estanques, os conteúdos são agrupados em eixos temáticos e trabalhados a partir da resolução de problemas concretos, baseados na realidade e interesse dos alunos. A ideia é que o processo de aprendizagem seja um reflexo real da vida do indivíduo.

1.2.5 Fontán - Colombia

A escola foi fundada há quase trinta anos pelo filósofo e psicólogo, Emilia Fontán e Buenaventura Fontán, e segue na contramão das escolas tradicionais, porque valoriza a individualização da aprendizagem. O próprio aluno constrói o seu currículo (o projeto educativo pessoal) e estuda de forma autodidata. A escola estimula a autonomia para que os alunos aprendam autonomamente e se tornem intelectualmente maduros.

O modelo de educação é reconhecido pelo Ministério da Educação do país que considera a proposta inovadora. Para avançar de série escolar, o aluno pode demorar quatro meses ou, se preferir, 15 ou 23, sendo ele também quem determina quando está pronto para a avaliação. Nesta avaliação o objetivo é a excelência, o aluno deve alcançar uma nota mínima de 9,0 num total de 10,0.

São cerca de 200 alunos de ensino fundamental e médio que passam pela metodologia chamada Serf (Sistema Educativo Relacional Fontán) que se baseia na realidade de cada aluno, onde cada um deles tem um projeto educativo pessoal. São os alunos, por exemplo, que escolhem o que a escola chama de “taus”, ou seja, os textos autodidáticos que eles pretendem estudar para aprender cada disciplina da grade.

1.3 Problemática da investigação

Com base neste estudo de caso pretendeu-se fazer uma leitura deste início de projeto, entender os sentimentos de todos os envolvidos e observar alguns resultados possíveis de serem detetados neste período como: entender o que foi feito de forma diferente do padrão educacional e que resultados foram colhidos com as novas ações e propostas de ensino.

Aos nossos alunos nós não ensinamos o bastante sobre o conteúdo intelectual de experimentos – seu caráter de novidade e sua capacidade de abrir novos campos... Minha convicção pessoal é a de que essas coisas você aprende pela sua própria experiência. Você faz um experimento porque a sua própria filosofia o faz querer saber o resultado. É bem difícil, e a vida é curta demais para perder tempo fazendo algo porque outra pessoa disse que é importante. Você mesmo tem de sentir o caminho que é seu. (Rabi, Isidor, 1975, citado por Goswani, Amit, p. 214, 2012)

Elencam-se algumas questões que inquietam e aguçam a curiosidade, base de qualquer pesquisa:

- Será que esta mudança no formato de ensino irá melhorar o desempenho dos alunos envolvidos no projeto?
- Como foi para o professor abandonar o papel de destaque na sala de aula, como detentor do conhecimento e tornar-se um mentor, independentemente de sua área de formação, dedicando-se a ensinar os alunos a aprenderem a aprender, a procurarem as suas próprias respostas, de forma autónoma?
- Como se sentiram os alunos que participaram deste início do projeto, convivendo nas “famílias” (grupos de projetos) com colegas de idades e séries diferentes?

-
- Quais as contribuições para o processo de ensino e aprendizagem trazidas pela mudança introduzida pelo projeto GENTE na Escola Municipal André Urani?

1.4 Objetivos do Estudo

Em articulação com as questões anteriormente apresentadas este estudo tem como objetivo geral conhecer o Projeto GENTE, a opinião de todos os atores envolvidos e os resultados obtidos no início de sua aplicação. Deste, decorrem os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar quais são as percepções dos atores principais deste processo, ou seja, alunos, professores, supervisores e direção.
2. Aprofundar as percepções dos mesmos atores do processo, avaliando o que consideram positivo e negativo no projeto.
3. Identificar pontos a melhorar no projeto, através das percepções de professores e supervisores.
4. Elencar os sentimentos comuns entre os professores, no abandono da tradicional forma de ensinar e na introdução do papel do professor como mentor.
5. Entender de que forma o aluno passou a desenvolver mais autonomia com o aprendizado através de projetos individuais.

CAPÍTULO II – Enquadramento Teórico

2.1 Sistemas educacionais através dos tempos

O modelo seguido até hoje nas escolas surge de uma matriz bastante questionável, um sistema educacional criado na Prússia, no século XVIII, que instaurou o ensino obrigatório, a duração do dia, do ano letivo, divisão do dia por períodos e as disciplinas divididas por matérias, tudo decidido pelo governo. Vive-se nesta “teia” até os dias atuais, os professores são treinados para manter este modelo, cujos resultados todos já conhecem.

Salman Khan (p.81, 2013) remonta no seu livro o propósito deste sistema educacional, citando o filósofo e teórico político prussiano Johann Gottlieb Fichte, que desenvolveu o sistema em questão: “Se você quer influenciar alguém, precisa fazer mais do que apenas falar com uma pessoa; você precisa moldá-la, e moldá-la de tal maneira que ela não deseje outra coisa se você não quiser que ela deseje.”

Ainda Gatto (2003) no seu ensaio “*Against School*” descreve o modelo prussiano:

But what shocks is that we should so eagerly have adopted one of the very worst aspects of Prussian culture: an educational system deliberately designed to produce mediocre intellects, to hamstring the inner life, to deny students appreciable leadership skills, and to ensure docile and incomplete citizens - all in order to render the populace "manageable".

Por outro lado, claro que existe um ganho em tudo isto, que foi a abertura de escolas para a classe média, com o ensino totalmente financiado pelo governo, antes o acesso à educação não atingia esta camada da sociedade e pertencia apenas aos que tinham poder e posses.

Este sistema prussiano foi importado para os Estados Unidos na primeira metade do século XIX, em 1870, época em que os trinta e sete (37) estados americanos já tinham escolas públicas. Em 1892, a Associação Nacional de Educação formou o “Comité de Dez” para determinar quando deveria começar e terminar a escolaridade e como a mesma deveria ser dividida. Ficou decidido por este grupo, formado basicamente por reitores de universidades, que a educação pública iria dos 6 aos 18 anos, sendo oito anos de educação primária e quatro de educação secundária.

Constata-se que desde então a realidade se mantém, e já passaram mais de 140 anos, com todas as ferramentas que desenvolvemos, com a globalização e o avanço da ciência, a educação segue os mesmos moldes. As pessoas são cobradas no mercado de trabalho pela criatividade, inovação, espírito crítico, curiosidade, e estas mesmas atitudes são ceifadas na época da escolaridade. As avaliações reprovam alunos que copiam dos seus colegas e, na fase profissional, estes mesmos indivíduos precisam exercitar trabalhos colaborativos, e consultar os seus colegas para chegarem a conclusões conjuntas. O que se repreende e pune num momento, exige-se que seja feito num outro, deixando as novas gerações em conflito e permanentemente insatisfeitas, pois diferente de há décadas atrás, as novas gerações não tem um conceito hierárquico e questionam professores, coordenadores e diretores numa linearidade que deixa estes líderes da fase educacional sem saída e profundamente agastados por não terem êxito com seus antigos métodos.

Alvin e Heidi Toffler⁵ criticam o Sistema Educativo, alertando que este foi criado para atender às necessidades da indústria, às necessidades de um passado que não atende aos requisitos atuais. Apontam questões imperativas como “chegar na hora do sinal” porque a linha de produção, na indústria, não poderia admitir a falta de alguém, o que geraria atrasos subsequentes.

Até aqui falou-se de forma globalizada, enfatizando um pouco a forma como o processo educacional da sala de aula, se processou no mundo. No Brasil, no entanto, somente nos anos 20 com a urbanização da sociedade brasileira, que aconteceu durante a I Guerra Mundial, que também trouxe uma crise política ao país, é que nasce a ideia de uma escola pública, obrigatória e gratuita. Foram anos de discussões sobre papéis, sem que efetivamente houvesse um projeto formal, instituindo os parâmetros a serem adotados no país.

Um marco na Educação Brasileira ocorreu durante o governo de Getúlio Vargas, nos anos 30, quando surgiu o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, assinado por 26 educadores, elaborado por Fernando de Azevedo. Este documento manteve-se atual até os dias de hoje, considerando a Educação um direito e exigia que o estado financiasse a escola para todos, pública, laica, obrigatória, gratuita, sem segregação de gênero e

⁵ http://www.youtube.com/watch?v=_ejlrSeLbM (Uploaded on Jun 26, 2008 acessado em 28/01/2014)

adotasse um programa completo de reconstrução educacional do Brasil, substituindo as reformas remediativas. (Azevedo, 1932)

Com o governo de Juscelino Kubitschek, na “onda” da industrialização brasileira, fica muito clara a importação do modelo prussiano de ensino, copiado dos Estados Unidos, como se comprova nesta declaração do governante, feita em 1959:

Cumprir articular o nosso sistema educacional com o desenvolvimento, a partir da escola elementar, onde o cidadão de aptidões comuns deve ser preparado para que atinja a produtividade requerida pela moderna sociedade industrial, e o elemento apto deve ser descoberto e cultivado, para que, encaminhando-se a outros níveis de ensino, possa servir aos superiores interesses da nossa cultura. (Cardoso, 1978, citado por Fazenda, p. 43, 1985)

Nas palavras de Fazenda (p. 22, 1985) “a escola, assim, passou a ser tutelada por esse ‘mandarinato tecnocrático’, que conduziu o educando de cidadão a operário”.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases) da Educação Brasileira discutida desde 1947, foi aprovada apenas em 1961, e como principais consequências trouxe a descentralização da Educação Básica e acabou com o dualismo entre Ensino Secundário e o Profissionalizante, já que todos os cursos do ensino médio passaram a ter acesso aos cursos superiores. (Gomes, p. 33, 2010)

Em 1962, foi homologado o primeiro Plano Nacional de Educação que traçava metas ousadas como matricular 100% das crianças dos sete aos onze anos de idade e ainda metas qualitativas como a preocupação com o formação do educador, ainda hoje um desafio na educação pública brasileira.

De 1969 a 1972 aconteceu uma reforma na Educação, marcando um período histórico no Brasil, reforma esta que continuava a contemplar as necessidades económicas e que não tinham, sob hipótese alguma, o aluno como centro do processo de ensino e aprendizagem.

Em 1982, quando houve as eleições diretas para governador, Leonel Brizola foi eleito governador no Rio de Janeiro, tendo como vice-governador, Darcy Ribeiro, e ambos, preocupados com a crise económica e a crescente organização do crime, criaram as escolas em tempo integral, os CIEPS (Centros Integrados de Educação Pública), que na sua conceção trouxe características da Escola Nova, muito por causa da *interface* que

Darcy Ribeiro teve com Anísio Teixeira, expoente do ensino brasileiro desde os anos 20, quando atuava no INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos).

O motivo pelo qual este projeto foi abandonado deve-se muito mais à vinculação político-partidária que o mesmo teve, do que propriamente pela filosofia de ensino que abarcava. Um dos fatos marcantes deste tipo de escola é que a população passou a apelidá-la de escola para pobres e os pais evitavam colocar seus filhos para estudar com uma classe social que pudesse influenciar os seus hábitos, um preconceito e tanto, embora as escolas tenham sido criadas com o objetivo de atender aos pobres.

Apresenta-se de seguida um quadro que resume os aspetos positivos e negativos do projeto (Gomes, p. 67, 2010).

Quadro 1 - Análise dos CIEPs (literatura não exaustiva)

ASPECTOS	FAVORÁVEIS	DESFAVORÁVEIS
Acesso	Satisfação dos pais que conseguiam matrícula para os seus filhos.	Atendia a uma minoria de alunos desfavorecidos, em face da rede regular, com vários turnos e possivelmente falta de vagas.
Docentes	Concurso público, intensa formação continuada e horário integral. Trabalho em equipe, inclusive com os servidores não docentes. Clima positivo do professorado.	Teria havido captação de talentos na rede regular. A dualidade de tratamento gerava rivalidades entre a rede regular e os Cieps.
Continuidade	Equipes relativamente estáveis de profissionais na ponta, isto é, nos Cieps.	Voluntarismo, centralização administrativa e padronização facilitaram mudanças de utilização pelos governos posteriores. Fragilidade política resultante de os Cieps se tornarem símbolos político-partidários.
Proposta pedagógica	Persistente mesmo depois de um desmonte. Implantada por meio da formação continuada e da supervisão.	—
Gestão	Desenvolvimento da capacidade de gestão escolar.	Dificuldades variadas de implementação, afastando o proposto do realizado.
Democratização educacional	Discriminação positiva.	Altos custos de construção, implantação e funcionamento (reduzida capacidade de matrícula) comprometeram a o Programa dos Cieps. Estigmatização como escolas de pobres.
Alunado	Evasão teria como motivo principal a não implementação plena da proposta pedagógica.	Evasão a partir da quinta série aparentemente por necessidade de trabalhar.

Desde então, no Brasil, percebem-se algumas tentativas de inovação como o sócio-construtivismo, ações isoladas como o caso das escolas Waldorf, mas na realidade até

hoje não ocorreu a reforma necessária, que atendesse às necessidades de todos os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

O Brasil tem vinte e sete (27) unidades federativas, vinte e seis (26) estados e o Distrito Federal, mais de cinco mil e quinhentos (5.565) municípios, cada um numa região que traz consigo uma grande diversidade cultural, que afeta os resultados de qualquer plano de reestruturação educacional e dificulta a criação de um sistema nacional de educação:

(...)um conjunto unificado que articula todos os aspectos da educação no país inteiro, com normas comuns válidas para todo o território nacional e com procedimentos também comuns visando assegurar educação com o mesmo padrão de qualidade a toda a população do país. Não se trata, portanto, de entender o Sistema Nacional de Educação como um grande guarda-chuva com a mera função de abrigar 27 sistemas estaduais de ensino, incluído o do Distrito Federal, o próprio sistema federal de ensino e, no limite, 5.565 sistemas municipais de ensino, supostamente autônomos entre si. (Saviani, p.384, 2010)

2.2 Linhas Orientadoras na Educação: Filosófica, psicológica, sociológica e pedagógica.

Na vida humana a aprendizagem inicia-se a partir da concepção e prolonga-se até a morte, desde a aprendizagem mais óbvia que é o choro da criança para chamar a mãe, passando pelo controlo das mãos e pés no final do primeiro ano de vida e o processo de aquisição da linguagem, perfeitamente iniciada. Desta fase decorre, na educação ao longo da vida, o desenvolvimento de habilidades, atitudes e conhecimentos, a partir do interesse individual de cada ser.

Enquanto a aprendizagem é um processo intrínseco, com ligação direta aos interesses do indivíduo, que traz mudanças no comportamento, marcando cada aquisição no ato de aprender; o ensinar é um processo extrínseco, com o foco de interesse no aluno e cujo efeito esperado é a aprendizagem. Os atores envolvidos nestes processos, professor e aluno, são analisados por diversos paradigmas, desde a humanidade, o conceito de homem contido no processo, até complexidades psicológicas que evidenciam as teorias da aprendizagem. Nesta relação do ensino com a aprendizagem é preciso que, se busquem, segundo Arends (p.1, 2008) "bases científicas da arte de ensinar" e com isto

surjam os pressupostos, as perspectivas fundamentais, que são as linhas orientadoras dos modelos de ensino e aprendizagem, com quatro naturezas distintas: Filosófica, psicológica, sociológica e pedagógica.

O ensino requer várias estratégias e diversas técnicas mas os resultados que o ensino obtém com a aprendizagem não são ditados nem por umas nem por outras nem por ambas em conjunto. A maneira como são usadas depende, sobretudo, de dois factores: um é o acto de escolha e o outro traduz-se nos atributos do professor que as utiliza ao ensinar.“ (Gaspar et al, p.3, 2008)

O embasamento para os educadores, que deve constituir a preocupação de todos aqueles que se envolvam com o ato de ensinar, passa por questões ligadas:

- à filosofia, na procura do conceito de homem, passando pelas linhas de pensamento filosófico que influenciam todos os demais pressupostos;
- à psicologia, evidenciando as teorias da aprendizagem;
- à sociologia, configurando tipos e significados de representações que a sociedade vai construindo e (des)construindo;
- à pedagogia, estabelecendo as linhas de força que determinam a ação educadora, ou seja, o meio ambiente e os agentes de ensino e de aprendizagem.

2.2.1 Pressupostos filosóficos

O que é ser Homem? O que é que nos faz ser Homens? Estas questões envolvem este pressuposto, uma vez que “a educação é tradicionalmente entendida como o meio de humanização.” (Gaspar et al, p.4, 2008). As bases para este pressuposto são a racionalista, a reflexão existencialista, a matriz humanista, o estruturalismo, o pós-estruturalismo e o pragmatismo na Educação: uma matriz.

A matriz racionalista compreende dois princípios básicos do iluminismo pedagógico kantiano: a ideia de racionalidade que fundamenta o conhecimento e instrumentalização da Educação como meio para o exercício da dominação. O filósofo considera que a Educação deve atender a quatro aspetos imprescindíveis para seu desenvolvimento: a disciplina, a cultura, a civilidade e a moralidade. Um fator de destaque, e que ainda é pouco desenvolvido nas salas de aula, é o da autonomia individual, entendida por Kant como a capacidade de autodeterminação racional, a capacidade de tomar decisões ou

fazer escolhas racionalmente estruturadas. Na reflexão existencialista e matriz humanista fala-se, principalmente, na distinção humana da comunicação e da consciência e no conceito de autenticidade. O estruturalismo questiona as noções de subjetividade e historicidade e traz a ideia de uma racionalidade universal objetiva. O pós-estruturalismo surge quando a crítica pós-moderna impôs sérios problemas à continuidade do pensamento estruturalista. A principal diferença foi a reintrodução da importância da história, desafiando a ciência, com uma visão crítica sobre a tecnologia. O modo de pensar pragmatista pressupõe que os indivíduos adquiram diversas competências, através do diálogo e das interações sociais que estabelecem, dependentes dos sentimentos, das motivações e dos interesses dos mesmos.

2.2.2 Pressupostos Psicológicos

O objetivo destes pressupostos na Educação é apresentar conceitos da psicologia sobre o modo como a criança pensa e aprende. Na primeira metade do século XX surgem as “teorias behaviouristas” que têm como principal foco de estudo o reflexo condicionado, entendendo a aprendizagem como uma mudança de comportamento ensinada através de reforços imediatos e contínuos de uma resposta a um estímulo emitida pelo sujeito e que seja mais próxima da resposta desejada, tendo adquirido aqui Skinner e Thorndike um papel relevante.

Mais tarde os cognitivistas redefinem a aprendizagem “como um processo de apropriação pessoal do sujeito, um processo significativo que constrói um sentido e um processo de mudança” (Altet, p.30, 1997). Nesta fase salientaram-se Piaget e Vygotsky, este último com foco na dimensão social da aprendizagem, com sua Teoria da Zona Proximal de Desenvolvimento (ZPD).

Quando abordada a inteligência no processo de ensino e aprendizagem, inicia-se pelo estudo de QI (Quociente de Inteligência) e a ideia de que existia uma única capacidade cognitiva geral, passível de ser medida. Depois a Teoria Triádica da Inteligência aborda a relação dos indivíduos com o processamento de informação, a relação entre inteligência e experiência e a relação dos indivíduos no contexto sociocultural. Howard Gardner (1993) propõe a Teoria das Inteligências Múltiplas: lógico-matemática, linguística, espacial, musical, cinestésico-corporal, interpessoal e intrapessoal.

As diferentes personalidades influenciam a forma como se aprende e a motivação também é uma componente fundamental na aprendizagem. A “própria estrutura básica da personalidade da criança é moldada em larga medida pelas expectativas sociais, especialmente pelas dos pais” (Sprinthall e Sprinthall, p.490,1993, citado em Gaspar et al, 2008). Este é um dos fatores mais importantes a focar na Educação, além da questão da adolescência que faz com que os jovens, até a idade de chegar ao Ensino Superior, tenham dificuldade em perceber a visão que os outros têm dele mesmo, numa crise de identidade, difícil de lidar e pouco entendida pelos educadores. As teorias motivacionais são muitas, podendo-se registar alguns aspetos cruciais para a aprendizagem como a importância da autoconfiança, o motivo para alcançar o sucesso e o motivo para evitar o fracasso, a aprovação social. Mas Freud afirma que a motivação inconsciente relativa às necessidades irracionais, abaixo do nível de consciência, é a responsável por grande parte da motivação humana.

2.2.3 Pressupostos Sociológicos

A socialização na escola é uma forma de promover a igualdade, minimizando o peso da origem social, através de estratégias no ensino que libertem os seus alunos dos condicionamentos relacionados ao seu meio. A escola deve estar preparada para tratar dos novos problemas sociais, decorrentes de uma sociedade em permanente mudança, com a globalização e toda diversidade advinda deste processo. Os modelos pedagógicos precisam adaptar-se, atendendo à escola de massas, muito diferentes dos modelos elitistas aos quais ainda os educadores tem forte conexão, por terem tido a sua formação com esta permissão. Sendo por isso relevante a importância da educação continuada e formação permanente do educador.

Os indivíduos são seres dependentes das relações e ganham força intelectual através destas relações que estabelecem em diferentes níveis de socialização. As mutações sociais estão, e devem estar presentes, na relação do ensino e aprendizagem e, os pressupostos sociológicos, são pilares para os estudos das relações entre as diversas culturas, vinculando-se à dimensão social do sucesso escolar.

2.2.4 Pressupostos Pedagógicos

Neste ponto deve ponderar-se o ambiente para a aprendizagem, a interação professor/aluno e os conteúdos de ensino, definindo a linha da ação educativa. Cabe ao professor, em primeira instância, a responsabilidade pela criação do ambiente para a

aprendizagem, organizando recursos de comunicação (modalidades de ensino) através da interação com o aluno.

O núcleo central das relações pedagógicas é a interação do professor com o aluno, que se apresenta de diferentes formas, diferentes padrões. Para esta interação são necessárias algumas competências: estruturação, modulação do nível cognitivo e focagem que se desenvolvem perante uma planificação e desenvolvimento do plano na interação com os alunos. O conteúdo, que não deve ser confundido apenas com conhecimento, mas que deve incluir atitudes, procedimentos e os saberes, segundo Wulf e Shave (1984, citado em Gaspar et al, 2008) é a base através da qual as atividades de aprendizagem estão unidas entre si.

2.3 As Estratégias de Ensino e Aprendizagem

A palavra estratégia remete para várias definições, desde a questão estratégica de guerra, passando pelas estratégias empresariais, na área da administração e, por fim, a mesma palavra na área educacional parece tomar diferentes conceitos, dependendo do autor e da sua aplicação ao contexto.

A estratégia é confundida muitas vezes com técnica, abordagem, modelo, entre outras citadas por Vieira & Vieira (p.15, 2005), mas assim como os autores adotar-se-á a definição que remete ao conjunto de ações planejadas para alcançar objetivos pré-definidos:

Efectivamente, uma estratégia de ensino é uma organização ou arranjo sequencial de acções ou actividades de ensino que são utilizadas durante um intervalo de tempo e com a finalidade de levar os alunos a realizarem determinadas aprendizagens. (Cruz, 1989, Heintschel,1986 como citado em Vieira & Vieira, p. 16, 2005)

As estratégias podem estar centradas no professor, agindo o mesmo de forma mais ativa ou estar centrada no aluno, quando o professor se mantiver como coadjuvante do processo, isto no que se refere ao critério de envolvimento do professor. Também podem ser classificadas como indutivas ou dedutivas com relação ao processamento de informação. A, Ribeiro e L. Ribeiro (1989 como citado em Vieira & Vieira, p.18, 2005)

Já autores como Spitze (1970 como citado em Vieira & Vieira, p.18, 2005) classificam as estratégias de acordo com o princípio da realidade que podem estar divididas em três categorias:

- Situações de vida real.
- Simulações da realidade.
- Abstrações da realidade.

Quadro 2 - Classificação de Estratégias de Ensino e Aprendizagem (Vieira & Vieira, 2005, p.19)

<i>Níveis de classificação de estratégias segundo o princípio da realidade</i>		
<i>Situações da vida real</i>	<i>Simulações da realidade</i>	<i>Abstrações da realidade</i>
Inquérito Pesquisa bibliográfica Trabalho de campo Biográfica	Discussão de pequeno grupo: <i>Role-play</i> Simulação Dramatização ou teatralização	Exposição Leitura Escrita Discurso Exegética Leitura-demonstração
Estágios Experiências de trabalho Membro de uma família	Sociodrama Psicodrama <i>Phillips 66</i> <i>Brainstorming</i> Diade	Exposição- -demonstração Ensino-programado Ensino assistido por computador Ensino audiotutorial Recitação
Meditação Diálogos sucessivos Ensaio argumentativos	Painel de discussão Grupo de discussão Jogos 635 Estudo de caso	Treino ou prática Exame
Estruturadores gráficos Organizadores gráficos Redes Hierarquias ou organigramas Diagramas Fluxogramas	Debate Trabalho de grupo Estudo orientado em equipas Seminário Exploração de recursos	
Questionamento Circular Acrónimos Socrático	Incidentes controversos Simpósio Colóquio Frasco de peixe Trabalho de projecto Trabalho experimental Oficina ou laboratório Reflexão ou círculo de estudos Encontro de costumes <i>Basket</i> ou decidir itens Poster Modelação	

Destacam-se as seguintes abstrações da realidade:

- As aulas expositivas, com uma comunicação unilateral.
- O ensino programado, geralmente utilizando programas de computadores ou apostilas.

- O treino ou prática.
- O exame.

Uma estratégia muito usada da categoria de Simulações da Realidade é a discussão, que pode acontecer em pequenos grupos ou no grande grupo, utilizando variadas técnicas, entre elas a Phillips 66 e o brainstorming. Também aqui se encaixam os seminários, simpósios, trabalhos de projetos, entre outros.

A última categoria, a de Situações da vida real, engloba, entre outros, ensaios e inquéritos, com a participação ativa dos alunos e construção do conhecimento de forma autônoma.

Existem muitas técnicas para aplicar numa sala de aula, mas o professor deve escolher a melhor estratégia, de acordo com o objetivo traçado, com a competência que queira desenvolver com o seu grupo de alunos.

Uma coisa, é acreditar que se devem dar às crianças oportunidades para que elas desenvolvam a confiança em si próprias, as suas capacidades individuais, o seu poder pessoal; outra é saber que estratégias de ensino e que experiências curriculares permitem este desenvolvimento. (Wassermann, p.8, 1990/1994, conforme citado em Vieira & Vieira, p. 125, 2005)

O pensamento crítico, mais que uma estratégia de ensino e aprendizagem, é um ideal da Educação desde a Antiguidade. Para que os professores consigam adotar esta estratégia eles precisam dominá-la e fazer uso da mesma nas suas aulas, como meio de exemplificar a atitude para o aluno. Podem criticar-se os cursos de Formação de Professores, por estarem mais preocupados em repassar teorias, do que propriamente em desenvolver nos futuros professores o pensamento crítico.

Não existe uma estratégia que possa ser denominada como mais eficaz ou eficiente, existe sim uma sobreposição de estratégias, o uso de várias ao mesmo tempo, pois existe uma complementaridade entre as mesmas que ocorre quase sempre em simultâneo. O que realmente importa salientar é que o professor tenha conhecimento das diversas possibilidades e tenha discernimento ao escolher a melhor para cada competência a ser desenvolvida e conhecimento a ser adquirido/apreendido.

2.4 Psicologia da Educação

A Psicologia da Educação trata dos fundamentos psicológicos, processos e consequências psíquicas envolvidas do processo de ensino e aprendizagem, tanto nas situações de ensino formal: escola, como nas informais: clubes, família... O objetivo maior desta área de atuação é facilitar o processo de ensino e aprendizagem, orientando todos os atores envolvidos: professores, alunos, pais, entre outros, na busca pelo seu desenvolvimento e cumprimento das metas estabelecidas.

As funções principais são: o diagnóstico e a intervenção. Ambas ocorrem para que se construa uma análise das mudanças experimentadas pelos atores do processo educativo. Exemplificando a importância desta área da psicologia é que, através dela, se descobre que é preciso ensinar primeiro de forma concreta, para depois abstrair. Atualmente pode pensar-se que os educadores tinham acesso a este conhecimento, mas só com a contribuição da Psicologia da Educação puderam consciencializar-se destas funções tão relevantes.

O processo de aprendizagem, quando encarado do ponto de vista da Psicologia da Educação, traz alguns pressupostos, baseados nas diferentes teorias psicológicas contemporâneas:

- A da personalidade, que serve de base para a relação professor-aluno (Carl Rogers).
- A da percepção, que informa qual a melhor maneira para se apresentar os conteúdos, para que sejam compreendidos (Gestalt).
- A da cognição, que orienta sobre os reforços de incentivo para que os alunos continuem a trabalhar e também como trabalhar com a autoestima do aluno (teorias behavioristas e neobehavioristas).
- A de Piaget e seguidores que mostra um panorama sobre como os alunos raciocinam e aprendem, de acordo com a faixa etária.
- A do tratamento da informação, que orienta professores a desenvolver técnicas com os seus alunos, para que alcancem melhores resultados.
- A socioconstrutivista, que fala sobre o importante papel do professor como guia e mediador das aprendizagens e sobre a interação entre os alunos para a

formação dos seus próprios conceitos, na aquisição de conhecimentos (Vygotsky).

- A social, que estuda a interação social, o papel do professor e do aluno, e a influência do grupo (Kurt Lewin).
- A das inteligências múltiplas, que faz com que o professor veja cada aluno como único, com potencialidades diferentes para desenvolver (Gardner).

Quadro 3 - Estudo comparativo entre as cinco principais teorias de Psicologia da Educação (Rangel, p.64, 2004)

TEORIAS	Da Gestalt	Behaviorista	De Piaget ou Psicogenética	De Vigotsky ou sócio-histórica	Cognitiva do Tratamento da Informação
ESTÍMULO-RESPOSTA	Estímulo-sentidos-Resposta (E-Sentido-R)	Estímulo- Resposta (E-R)	Estímulo- Sujeito-Resposta (E-Su-R)	Estímulo (resposta-estímulo) Resposta {E-(r-e)-R}	Estímulo (Memória Curto Prazo-Memória Longo Prazo) Resposta (E-MCP-MLP-R)
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO	Aprendizagem depende mais dos estímulos sensoriais que do desenvolvimento (A-ES-D)	Aprendizagem independe do desenvolvimento (A)[D)	Aprendizagem depende do desenvolvimento	Aprendizagem provoca o desenvolvimento	Aprendizagem e desenvolvimento são interdependentes
ESTRUTURA E CONTEÚDO	As estruturas estão pré-formadas e por isso não dependem do conteúdo (E)[C)	O conteúdo é mais importante que as estruturas C	O mais importante é a formação de estruturas E	O conteúdo define as estruturas	Conteúdo e estruturas são interdependentes
METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM	Método Global (AG)	Soma de aprendizagens parciais (SAP)	Ênfase na ação do aluno	Professor como mediador das aprendizagens do aluno	Preocupação com a melhoria do desempenho do aluno (ênfase nas aprendizagens prévias e na organização sequencial dos conteúdos) (MDA)

Estas teorias deram origem aos diferentes enfoques teóricos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem dentre eles o comportamentalismo, o humanismo, o cognitivismo e o construtivismo.

A Psicologia da Educação também se ocupa das mudanças psicológicas que ocorrem em cada etapa do desenvolvimento humano e cabe ao professor ter este conhecimento quando estiver conduzindo o seu grupo de alunos para melhor preparar as suas aulas.

As fases do desenvolvimento são divididas em sete etapas: a primeira infância, a segunda infância, a terceira infância, a adolescência, o início da idade adulta, a idade madura e a maturidade final.

Na primeira infância, que compreende o período do nascimento até ao aparecimento da linguagem, é um estágio em que a confiança se estabelece em função da provisão das necessidades básicas, como alimentar-se, trocar fraldas e agasalhar-se. É uma fase de dependência e pode trazer prejuízos caso a criança não consiga desenvolver esta confiança, levando num limite à condição chamada de “marasmo”, observada em órfãos encontrados em zonas de guerra, com atrofia física e emocional.

Na segunda infância, que vai do aparecimento da linguagem até à entrada no ensino fundamental (pré-escola, aproximadamente dos 2 aos 6 anos), as crianças começam a experimentar a autonomia, embora ainda tenham uma total dependência emocional, dão pequenos passos, como comer sozinhas, vestir a própria roupa. Entre 3 e os 6 anos, começa o período do desenvolvimento da imaginação, a criança tem mais iniciativa, mas também é uma fase em que a criança tem a tendência para a culpa, e se esta for enfatizada pelos pais, pode trazer transtornos na vida adulta. É o período dos amigos imaginários e também dos monstros que saem dos armários.

Na terceira infância, dividida em crianças das séries iniciais (entre os 7 e os 11 anos) e os pré-adolescentes (11-13 anos), uma fase que pode ser desenvolvida ou adiada, de acordo com cada personalidade e a própria exposição social, pode modificar a saída da terceira infância e entrada na adolescência. É uma fase de dedicação, onde a criança começa a desenvolver a necessidade de ser reconhecida, de que vejam suas qualidades, o que a leva a desenvolver competências, tentando superar-se a cada etapa. Também é um momento difícil onde aparece o sentimento de inferioridade, quando enfrenta o fracasso, ou quando se impõe objetivos além de suas capacidades. Cabe aos pais estarem atentos a estes ímpetos e ajudar a criança a compreender que podem falhar, mas que é necessário seguir em frente e tentar novamente, adequando os objetivos ao seu tempo e às suas condições.

As escolas não ajudam muito neste aspeto, uma vez que nivelam todos com testes massificadores, que não respeitam nem o ritmo, nem a individualidade de cada aluno, que apresenta características pessoais, negligenciando os dons e habilidades de cada criança.

Na adolescência, entre 13 e 17 anos, também existe uma extensão em termos de idade, e, algumas vezes, uma antecipação da idade adulta. Nos dias atuais, tem-se constatado que a maioria dos jovens ainda está num estágio adolescente, quando já deveria atingido a fase adulta. A adolescência é a fase em que os jovens procuram uma identidade própria, e, ao mesmo tempo, uma fase de muita confusão. É a descoberta do próprio eu, onde se questiona, se tem dúvidas sobre onde quer chegar.

No início da idade adulta, que pode iniciar-se aos 18 anos, no entanto cada vez mais a adolescência se prolonga no tempo, e vai até por volta dos 30 anos. É uma fase intimista que advém após a consciência do próprio eu. Conseguem-se neste período expor a intimidade, falar abertamente sobre o que se pensa, revelam-se os sentimentos sem medo de rejeição ou de causar ofensas. Os relacionamentos aprofundam-se e sente-se uma integridade pessoal. Por outro lado, é um período de isolamento, onde existe um grande investimento de tempo dedicado ao trabalho e aos estudos e que algumas pessoas não conseguem gerir de forma a poderem realizar atividades pessoais que tragam satisfação, ligadas ao lazer e às amizades e relacionamentos amorosos.

Na idade madura, que pode começar por volta dos 31 anos e estender-se até aos 54 anos, é um período em que o homem e a mulher desenvolvem a capacidade de guiar e direcionar, após um período de autoconhecimento, chega a idade em que pode oferecer-se algo aos outros.

A maturidade final atinge-se a partir dos 54 anos, é uma fase de integridade, onde a pessoa desenvolve uma visão mais generalizada a respeito do mundo e talvez um propósito superior, com um senso pessoal de Deus.

A fase que interessa aprofundar neste estudo situa-se entre a terceira infância e a adolescência. Nesta fase ocorrem muitas transformações físicas e emocionais, sendo por isso caracterizada por ser uma fase conturbada. Nas meninas a chegada da primeira menstruação, nos meninos a mudança da voz.

Nesta fase a criança começa a lidar bem com hipóteses, é capaz de abstrair e trabalhar dentro dos princípios da lógica formal. Começam as críticas aos sistemas sociais, propondo novos códigos de conduta, desafiando os valores morais dos pais para construir seus próprios valores. É a fase do desenvolvimento pleno da autonomia.

Segundo Piaget é nesta fase da vida que o ser humano atinge a sua forma final de equilíbrio, o padrão intelectual que irá perpetuar-se ao longo da vida, com posterior ampliação e aprofundamento do conhecimento.

2.5 Autonomia

A autonomia é um tema amplamente discutido nas escolas de todo o mundo e alguns métodos estão a ser desenvolvidos para colocar em prática esta característica singular para o desenvolvimento humano.

Para Rubem Alves (2004) a autonomia é um requisito básico para a educação, crianças que são incentivadas a pensar de forma autónoma serão adultos felizes, com poder de decisão nas questões que a vida lhes apresentar.

Se os alunos são incentivados a não temer as suas próprias decisões, se tiverem uma formação que favoreça a segurança, terão melhores condições de direcionamento na vida futura, e esta é uma tarefa que a escola deve desenvolver.

Baseados em nossa própria experiência, acreditamos que aprender é muito divertido. Bem disse Aristóteles, na primeira frase da *Metafísica*, que todos os homens têm, naturalmente, o desejo de aprender. Mas a potência que faz com que todos tenham o desejo de aprender é a curiosidade. Sem ela, ninguém quer aprender. Quem está possuído pela curiosidade não descansa. Não é necessário que se lhe imponham obrigações e deveres porque o prazer é motivação mais forte.

O Gilberto e eu, vivemos em épocas e situações diferentes, tivemos experiências escolares semelhantes. Não nos interessava aquilo que os programas diziam que tínhamos de aprender. Assim, não aprendíamos. Fomos empurrando a escola com a barriga, arrastando-nos, tirando más notas, passando vergonha, possuídos pela preguiça. Ah! A suprema felicidade de quando um professor adoecia e não aparecia para a aula! E a suprema felicidade dos feriados e das férias! A felicidade começava quando a escola terminava! Mas o problema é que havia um acordo tácito no julgamento que se fazia sobre nós, julgamento sobre o qual concordavam pais e escolas. Todos estavam de acordo: éramos maus alunos. (Alves & Dimenstein, p.10, 2003)

Paulo Freire no seu livro *Pedagogia da Autonomia* inicia o seu primeiro capítulo deixando bem claro que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção”. (Freire, p.24, 2011)

O reforço à capacidade crítica do educando é essencial para o desenvolvimento da autonomia, pois desta forma os alunos não irão receber fórmulas prontas mas “serão sujeitos da construção e da reconstrução do saber” (Freire, 2011), e neste caso, o professor torna-se sujeito do processo, como um guia para que o aluno desenvolva estratégias, métodos para satisfazer a sua curiosidade, na procura pelo conhecimento.

Assim que o professor consiga despertar no seu grupo de alunos a curiosidade que lhe é nata, ele irá então “arregaçar as mangas” para mostrar ao aluno como pesquisar, como criar um método para alcançar as respostas às suas indagações, o que Freire (2011) chama de “curiosidade epistemológica”, ou seja, com rigor científico e através de uma postura crítica sobre o conhecimento que conquistar.

Rubem Alves diz que não há nada mais fatal para o pensamento do que ensinar as respostas certas. E a tendência dos educadores é dar respostas, poucos são os que ensinam os alunos a questionar, a procurar a solução, algo que os alunos adoram fazer, por natureza, solucionar problemas (Alves, p.58, 2004). Ele compara o professor a um *chef* de cozinha, que deveria despertar a fome no aluno, pois é essencial para que se aprecie o prato a ser servido.

Este caráter de despertar no aluno a curiosidade é que se traduz na verdadeira arte de ensinar, na figura do mentor, que está na busca da formação da autonomia do seu grupo de alunos. Mas se por um lado, a autonomia está alicerçada na liberdade, ela também precisa ter como parâmetro a responsabilidade, uma vez que o aluno precisa ser educado a assumir as consequências das suas escolhas. Num método de ensino, onde o aluno tem objetivos a serem alcançados, respeitando o seu tempo de desenvolvimento, ele precisa compreender que será da sua responsabilidade a conclusão das obras iniciadas, por outro lado, o que ele deixar inacabado, irá gerar lacunas na sua formação e ele terá que autonomamente encontrar estratégias para corrigir o seu roteiro e alcançar o objetivo proposto.

Aqui se encontra o perigo das escolas: de tanto ensinarem o que o passado legou – e ensinarem bem – fazem os alunos se esquecerem de que o seu destino não é o passado cristalizado em saber, mas um futuro que se abre

como vazio, um não-saber que somente pode ser explorado com as asas do pensamento. Compreende-se então que Barthes tenha dito que, seguindo-se ao tempo em que se ensina o que se sabe, deve chegar o tempo quando se ensina o que não se sabe.(Alves, p. 62,2004)

A escola que procura o desenvolvimento da autonomia, esquece o papel do professor como aquele que detém o conhecimento e irá transmiti-lo ao aluno, tenha ele interesse ou não. Sob esta perspectiva o aluno é o centro do processo de ensino e aprendizagem, imprimindo seu ritmo, de acordo com sua curiosidade e interesses, sendo o professor o seu orientador, despertando e mantendo acesa a motivação.

2.6 Mentoria

O Mentor, de acordo com Botti & Rego (2008), (do latim *mentor, oris*, do antropónimo grego *Mentor*) é hoje aquele que serve como experiente conselheiro, como guia e sábio. É aquele que estimula, inspira, cria ou orienta ideias, ações, projetos e realizações. A palavra é derivada (por metonímia) de Mentor, personagem da Odisséia, poema escrito por Homero, no século VIII a.C.. Esse poema conta a história do retorno do rei Ulisses (ou Odisseu) a sua terra, Ítaca, após a sua sábia vitória na guerra de Tróia. Mentor era amigo e conselheiro do rei. Quando partiu para a guerra, Ulisses confiou a sua mulher Penélope e o seu filho Telémaco a Mentor. Passaram-se 20 anos, a família de Ulisses estava humilhada e cerceada pelos pretendentes ao trono de Ítaca. O poema mostra o desenvolvimento de Telémaco e a importância de Mentor para o seu desenvolvimento. Outro exemplo é encontrado na história do Rei Artur, que foi educado por um mentor, Merlin.

Botti & Rego (p.368, 2008) classifica o mentor como aquele que vai além da orientação dos estudos: o “aprender a aprender”. Este profissional, além de perseguir os objetivos traçados pelo curso, ele procura o desenvolvimento pessoal de seu pupilo, interessando-se pelo seu desenvolvimento interpessoal, psicossocial, educacional e profissional, ou seja, pelo desenvolvimento pleno, integral do “mentorando”. Este processo de ensino e aprendizagem parte da ideia de bilateralidade, com dinâmicas de acomodações e tensões próprias do momento, onde são partilhadas ideias, experiências, visões de mundo. Embora existam reciprocidade e colaboração neste processo, entende-se que uma assimetria configura-se a partir do momento que o mentor assume o papel de guia

(conhecimento pedagógico), modelo (educação pelo exemplo), orientador e facilitador da aprendizagem do “mentorando”.

O uso contemporâneo do termo mentor tem origem nos Estados Unidos e foi motivado pelos empresários da década de 70, quando utilizavam nas escolas de negócios, mas também no desenvolvimento, especialmente da carreira das mulheres nas empresas. A função tornou-se mais comum somente nas décadas de 80 e 90 e ocorre principalmente em três áreas: no crescimento e desenvolvimento de adulto-jovens, no mundo dos negócios e nos cenários acadêmicos.

Estando o mentor a acompanhar permanentemente o seu pupilo, surge a preocupação de que esta presença constante não permita ao jovem o desenvolvimento da autonomia e o deixe dependente da forma de pensar do seu mentor. A função do mentor é justamente estimular a autonomia e evitar ao máximo que se crie uma dependência, estimulando a capacidade crítica de seu “mentorando”. Materializando a relação do mentor com seu “mentorando” começa um processo de dependência e progride para a independência e total autonomia, que é o objetivo final do processo.

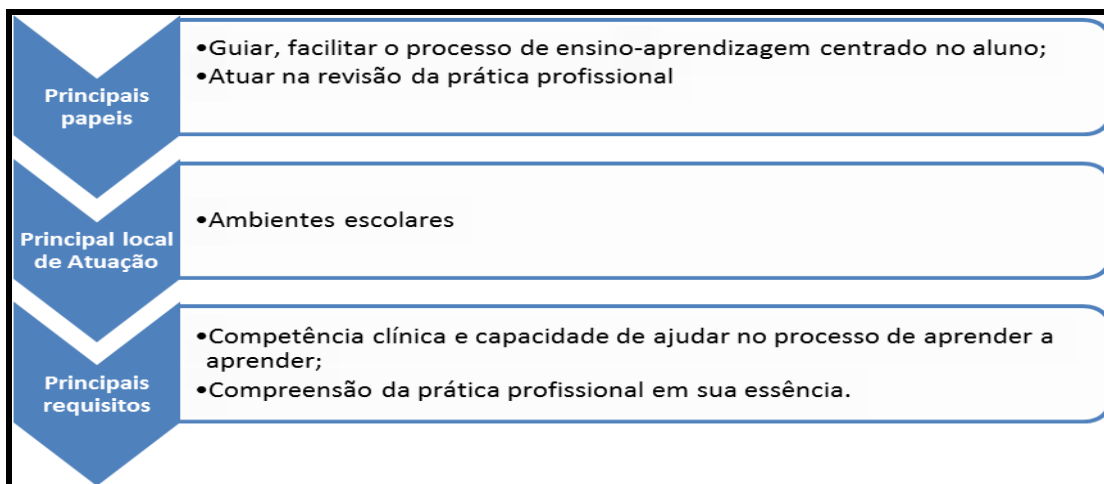


Figura 1 – Características do tutor.

A individualização no ensino como forma de atender às características de cada aluno tem sido clamada por pais, alunos e educadores, como uma forma de extinguir a massificação criada pelo ensino em séries, como já referido anteriormente, uma criação da época da Revolução Industrial.

As universidades e empresas estão a necessitar de alunos que tragam, como requisitos base de formação da escola regular, o trabalho colaborativo, num ambiente de equipa. O

trabalho do mentor na escola é justamente desenvolver a autonomia de seus “mentorandos”, através de uma série de características, além do trabalho em equipa:

- Desenvolvimento pessoal, melhorando a confiança em si mesmo e habilidades interpessoais.
- Desenvolvimento de mecanismos de apoio e criação de *network*.
- Superação do isolamento.
- Acesso a uma segunda opinião, conselho e encorajamento.
- Ganho de *insight* sobre sua própria *performance*.
- Troca de ideias, enfatizando o facto de que as ideias podem ser tanto de concordância como de discordância.
- Desenvolvimento de habilidades analíticas e intelectuais.
- Melhoria no gerenciamento do processo de aprendizagem.
- Desenvolvimento e aperfeiçoamento da habilidade de solução de problemas.
- Observação e aprendizagem através das estratégias de seus pares.

Additional research into school-based mentoring outcomes found that mentored students developed more positive attitudes toward school, were more likely to trust their teachers, and developed higher levels of self-confidence and a greater ability to express their feelings. (Curtis & Hansen-Schwoebel, 1999; Karcher, 2005; Karcher, Davis, & Powell, 2002, conforme citado em *The ABCs of School Based Mentoring*, p.5, 2007)

O professor termina os seus estudos universitários sem este importante requisito, os cursos de licenciatura no Brasil formam especialistas, para tratar de suas disciplinas de forma isolada, estanque, não tem desenvolvidas habilidades para trabalhar com grupos de alunos, gerenciando, monitorando a aquisição do conhecimento, ao invés de ficar à frente, escrevendo num quadro.

É conhecido o esforço necessário para introjetar no mundo dos conceitos uma nova versão da realidade, considerando a sua proporção. Isso significa a quebra de um paradigma, de uma verdade estabelecida, o desmanche de uma representação mental cristalizada e tida como verdade absoluta. (Gomes & Pavão, p.140, 2013)

O professor mentor não se preocupa apenas com o desenvolvimento cognitivo, estabelece um modelo relacional com os seus alunos, que por serem um grupo menor do que nas escolas tradicionais, permite ao professor uma maior convivência, que facilita ir além das aparências, quando o comportamento do aluno entra em conflito, e desta forma ter mais hipóteses de êxito na resolução de problemáticas que surjam no dia a dia. É o que se pode chamar de formação de vínculo com o grupo, uma relação baseada na confiança e apoio, transformando o professor num conselheiro, num guia.

2.7 A Supervisão Pedagógica

O ato de supervisionar pode ser comparado com a conotação “ver a floresta além da árvore”, ou seja, ter uma visão global, com método, objetivo, assertividade ou como disse o Professor Rui Conceição ao longo das suas intervenções, durante o mestrado de Supervisão Pedagógica, um ver “focalizado, intencional, armado pela teoria”. Já de acordo com o autor Vitor Manuel Trindade⁶, a supervisão aparece “mais como escuta, do que como imposição; mais como colaboração ativa do que como dogmatismo normativo; mais como experimentação refletida, do que como seguidismo, ainda que crítico”.

Refletir sobre a pertinência e a atualidade do tema Supervisão passa, necessariamente, por algumas considerações importantes:

- O supervisor para este século precisa orientar os professores para que “tudo esteja ligado a tudo”, para que haja interdisciplinaridade.
- Vive-se na era noética, era da criatividade, de inteligência e de espírito, em que um supervisor tem um entendimento holístico dos processos, que observa a integralidade dos seres; um supervisor que incentiva, um “grande animador de todas as atividades pedagógicas”, este é o supervisor para o Século XXI.⁷

⁶ <http://www.moodle.uni-v-ab.pt/moodle/mod/resource/view.php?inpopup=true&id=2726051>

⁷ <http://www.profissaomestre.com.br/sitepm/view/action/visualizarArtigo.php?cod=445>

- Os professores preferem o *feedback* constante, que sejam observados várias vezes e recebam o *feedback* destas observações, num clima de confiança e expectativa positiva, profissionalismo e apoio (colaboração).⁸
- O supervisor desempenha o papel importante de desenvolver as capacidades do professor a ser orientado, para que este ultrapasse suas dificuldades e descubra seu estilo pessoal.⁹

Na supervisão não é possível que se conceba alguém que oriente sem avaliar, e que avalie sem observar. O esquema seguinte visa representar este pressuposto:

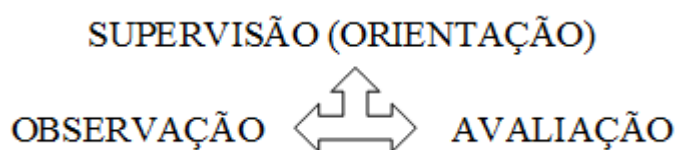


Figura 2 - Inter-relação de processos de supervisão

O supervisor deve ter habilidade para identificar talentos nos formandos e desenvolvê-los, tornando-se desta forma um importante aliado na aquisição de competências por parte de seu observado. Com esta atitude de apoio, com certeza o professor irá ver seu supervisor positivamente e conseguirá desempenhar melhor seu papel, conquistando melhorias a cada dia. Pressupõe-se que o supervisor é um professor mais experiente e com formação adequada para desenvolver esta atividade de supervisão, num espaço continuado e por isso a definição desta ação como um processo e não apenas um ato isolado. Alarcão fala sobre a natureza do conhecimento do supervisor:

...se aceitarmos (...) que o supervisor é um professor, professor de valor acrescentado (...), isto é, um professor de base e, além disso, um professor de professores, podemos então recorrer a caracterizações (...) do conhecimento profissional do professor e analisar em seguida o que é específico do conhecimento do supervisor. (1999, citado por Alarcão & Tavares, p.58, 2003)

⁸ http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/file.php/77101/Internet/MOT_INFANTIL_2_.pdf

⁹ <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Ano 10 N° 69 fevereiro de 2004.

É importante ressaltar que o supervisor também se encontra em desenvolvimento e em fase de aprendizagem, ao longo de suas orientações e que esta reciprocidade é bastante positiva e contribui para todos os envolvidos no processo: o supervisor, o formando e o aluno. Susan Sullivan e Jeffrey Glanz referem o seguinte sobre a supervisão para o século XXI:

... Effective supervision in the 21st century will have, for the most part, two crucial facets. First, it will emphasize a democratic conception of supervision that is based on collaboration, participative decision making and reflective practice – all with the goal of developing self-directed, autonomous professionals. Second, it will require visionary leaders who promote these beliefs and values and enjoin their faculties to construct together a supervisory program that will improve teaching and learning. (2000, citado por Alarcão & Tavares, p. 154, 2003)

2.8 A busca por inovação

Considera-se o momento atual no planeta como uma fase de uma sociedade que vive transformações inquietantes, às vezes, tóxicas. Ramos (2001) interroga esta transição da sociedade atual, e pondera sobre o nascimento de uma nova era ou apenas o aparecimento de outra fase da modernidade, falando também da Revolução Digital, enfatizando a democratização das informações. Bauman (1991) reporta uma sociedade de risco que causa insegurança pelo excesso de informação e exposição nos meios digitais de forma desordenada e fora de controle. Para o psicólogo norte-americano, Howard Gardner (1996), o mundo vivia na década de 90 três poderosas revoluções: a globalização, a revolução biológica e a digital.

Domenico De Masi (2000) abordou uma questão pertinente na sua obra “O Ócio Criativo”, rompendo as barreiras de que o trabalho engrandece o homem, mas sim, colocando o lazer com uma importância acima do trabalho, pois, segundo o autor, o trabalhador que consegue abstrair-se do dia a dia, desenvolvendo atividades que tragam prazer, alcançam com maior facilidade conclusões e têm ideias mais criativas do que os escravos do trabalho, que ficam submersos nas suas atividades, sem darem oportunidade de oxigenação aos seus cérebros. Além do que, De Masi, já trazia a perspectiva de falência nos sistemas financeiros mundiais, que acarretaria a necessidade de diminuição na carga horária de trabalho, para combater o desemprego.

Todas as transformações das sociedades contemporâneas questionam o papel da Educação e do estado: “está em causa a reorientação e a reconversão da lógica e racionalidade dos sistemas educativos e a necessidade de caminhar para a construção de uma sociedade educativa” (Delors, p.19, 1996).

Gardner (1996) combate o reducionismo dos sistemas educacionais tradicionais que ainda preparam alunos para os séculos passados, XIX e XX, e que se focam no desenvolvimento cognitivo ligado às operações de raciocínio lógico-abstrato e formal. Ele propõe que sejam também desenvolvidas outras capacidades como as sinestésico-corporais, as habilidades musicais e linguísticas, as habilidades espaciais, interpessoais e intrapessoais, e também as habilidades lógico-matemáticas, todas elevadas ao *status* de inteligências. O mesmo autor (2007) ainda sugere que para este futuro próximo se devam desenvolver “cinco mentes”: a mente disciplinada, a mente sintetizadora, a mente criadora, a mente respeitosa e a mente ética. A mente disciplinada, por exemplo, refere-se ao fato de se destinar um tempo para a aprendizagem, que passa não apenas pelo momento de estudos na escola, mas na procura por outras referências, em não aceitar o que é ensinado sem antes questionar a informação e buscar seu próprio entendimento, um dos maiores desafios para os jovens, na sua maioria adeptos do imediatismo e falta de aprofundamento das questões propostas.

Delvaux (2001, como citado em Almeida, A.P., p.4, 2005) refere que “toda a pessoa ou organização implicada num sistema joga ou pode jogar um papel no funcionamento do sistema”. O autor traz com esta análise uma linha organizacional para defender que de uma forma ou de outra as pessoas irão interferir nos sistemas educacionais, seja como coparticipantes, seja como não apoiadoras de um sistema imposto. Os educadores, alunos e pais, quando não são participantes ativos dos projetos de educação que irão desenvolver e participar, tendem a abstrair-se ou mesmo sabotar, o que faz com que não se consigam resultados eficientes, em relação aos objetivos traçados. Portanto, é essencial o envolvimento de todos nas estratégias da educação de um país.

Crozier e Friedberg falam que nos sistemas humanos que chamamos sistemas concretos de acção, a regulação não se opera, de facto, nem por sujeição a um órgão regulador, nem pelo exercício dum constrangimento mesmo que inconsciente, e muito menos por mecanismos automáticos de ajustamento mútuo, ela opera-se por mecanismos de jogos através dos quais os cálculos racionais "estratégicos" dos actores se encontram integrados em

função de um modelo estruturado. Não são os homens que são regulados e estruturados, mas os jogos que lhes são oferecidos. (Crozier e Friedberg, 1977, como citado em Almeida, A.P., pp. 284-285, 2005)

Delors (1996) fala sobre a compreensão do mundo e do outro, criando uma interdependência real e transformando-se em solidariedade como uma das tarefas essenciais da Educação. As competências “Aprender a Aprender”, “Aprender a Fazer” e o “Aprender a Ser e Conviver” ainda ficam reticentes na Educação Mundial, como se não se conseguísse dar um passo além do cognitivo. A própria preocupação com os testes para saber que país é mais desenvolvido na Educação e que privilegiam apenas o conhecimento é patente. Já existem organizações preocupadas em reverter esta medição equivocada na educação e que deram um passo além da mediocre aferição de conteúdos assimilados pelos alunos.

A OECD (*Organization for Economic Cooperation and Development*) que abrange 34 países, faz pesquisas com a finalidade de melhorar a vida no mundo. A organização criou, em 1997, um instrumento de avaliação, PISA (*Programme for International Student Assessment*), que envolve medir o quanto se preparam os alunos para que possam seguir aprendendo ao longo das suas vidas, criando e desenvolvendo com estes alunos, estratégias de aprendizagem, um dos fundamentos da educação: o “Aprender a Aprender”. O instrumento ainda procura evidências sobre a eficácia da comunicação dos jovens. Tenta medir o quão claros são estes jovens no que concerne à comunicação escrita, e se demonstram poder de análise e síntese. É interessante ressaltar o que a OECD concluiu ao longo destes anos de aplicação do teste, pelo mundo: obtêm sucesso os países que fazem da Educação uma prioridade e que valorizam a profissão de educador, fazendo um investimento pesado neste profissional, seja com apoio à contínua formação, seja em termos salariais.

O Brasil ocupa o 58º lugar em Matemática, o 55º lugar em Leitura e o 59º lugar em Ciências num *ranking* de 65 países no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) 2012. O cenário não é muito diferente do de 2009, quando o país assumiu a 53ª posição em Leitura e Ciências, e o 57º lugar em Matemática. Segundo especialistas, ao longo da última década, o país apresentou avanços que devem ser comemorados, mas que não representaram uma melhoria expressiva na aprendizagem.

A avaliação do Pisa 2012, aplicada a 510 mil alunos de 65 países, envolveu no Brasil, 18.589 alunos em todos os estados e no Distrito Federal, em 767 escolas e apresentou os seguintes resultados: a pontuação em Matemática aumentou em média 4,1 pontos por ano, passando de 356 em 2003, para 391 em 2012. A pontuação em Leitura cresceu, desde 2000, a uma média de 1,2 pontos por ano – saindo de um patamar de 396 – e, desde 2006, a pontuação em Ciências cresce a uma média de 2,3 pontos por ano, partindo de 390. Mas ainda assim o país está abaixo da média dos países da OCDE e a maior parte dos estudantes tem conhecimentos básicos nas áreas. Em Matemática, 67,1% estão no nível 1 ou inferior, ou seja, são capazes de fazer operações básicas e resolver problemas simples. Apenas 1,1% dos estudantes está no nível 5 ou 6, o máximo, de proficiência.

Embora a OECD tenha esta estratégia de apurar no aluno o entusiasmo na aprendizagem contínua, na autonomia da busca pelo conhecimento, Morin (p.47, 2004) diz que é preciso ensinar a condição humana e o aluno, além de “reconhecer-se em sua humanidade comum deve ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano”, um passo que vai muito além de aferir resultados mensuráveis, através de testes únicos aplicados ao redor do mundo. Morin demonstra uma grande preocupação com a ignorância do todo e acredita que existe um foco exagerado nas partes, que faz com que as pessoas se sintam como “peças” de um quebra-cabeça, faltando alguns fragmentos. Na condição humana ainda existe a característica de um ser ao mesmo tempo singular e múltiplo “tal como o ponto de um holograma traz em si o cosmo” (Morin, p.57,2004). São estes seres, repletos de sonhos, realizações e decepções, que o educador encontra ao longo da sua jornada, atendendo anseios e necessidades para que, desta forma, consiga que estes alunos se identifiquem com os objetivos traçados para seu desenvolvimento.

Paulo Freire (2006) trouxe também a ideia do respeito pela identidade do outro e defendia a necessidade do professor fazer uma “leitura do mundo”, dialogando consigo mesmo e com os pais, alunos e comunidade, para que, desta forma, conseguisse impregnar de sentido todo seu planejamento, determinando os conteúdos, de acordo com os dados coletados através desta interação. Na década de 70, Freire falava que uma das melhores maneiras de aprender é revisitar temas, com abordagens diferentes, ou seja, bem diferente do que se faz hoje quando se passa o conteúdo constante num currículo a

ser cumprido e uma vez terminado, se aplica uma prova e se dá por aprendido este conteúdo.

Roger Schank (2012)¹⁰, dramaticamente, diz que tudo o que existe na Educação está errado, é preciso ensinar os alunos a pensar. As difundidas disciplinas são um mal para a humanidade, pois impõem a ordem do que deve ser aprendido, não levando em consideração as peculiaridades individuais. O que está a acontecer hoje em dia é dizer-se às crianças: “*Take your pills and focus*”, quando, na verdade as crianças estão apenas distraídas, com coisas aborrecidas e desmotivadoras, de tudo o que não faz sentido para elas. Os jovens estão a ser preparados da mesma forma que eram nos séculos passados, com professores que continuam a reproduzir a forma de ensinar do século XVIII. É curioso pensar que copiar dos outros, produzir trabalhos em grupo, fora da escola, significa colaborar, mas na escola é punido o aluno que o professor percebe que não desenvolveu o trabalho sozinho. É assim que funciona nas empresas: é preciso trabalhar em equipa. Mas nas escolas, colocam sempre os alunos, de forma isolada, a desenvolver testes.

Com o passar do tempo a criatividade, característica marcante na infância, vai sendo inibida e as crianças que tinham capacidades muito próximas das detetadas em génios, passam a esquecer essa genialidade, pela massificação da educação, que as divide em idades e não maturidades, que as coloca a estudar em turnos, não se preocupando com as suas necessidades pessoais e biológicas. Existem pessoas que têm um melhor rendimento pela manhã, outras à noite, enfim, tudo é planeado de acordo com as necessidades governamentais, num “formalismo mecanicista das práticas” (Freire, 2006). “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.” (Freire, p.33,2011)

Ricardo Semler (p.48, 2010) remete a cursos que “olham para trás”, que ensinam novos “gerais” a combater antigas batalhas: “Quando vocês finalmente chegarem aos cargos que almejam, eles já não vão existir”. Com a clareza de um futuro incerto na Educação, se esta não acompanhar todas estas mutações dos novos tempos, surgirão gerações de

¹⁰ <http://www.youtube.com/watch?v=zDZFcDGpL4U> (acessado em 11/07/2013)

seres humanos envoltos na “névoa” do desconhecimento, do descomprometimento e da própria inabilidade, incapazes de promoverem novos caminhos.

Salman Khan (p.10, 2013) afirma que todos os dias, em cada aula dada, cresce a discrepância entre o que é ensinado a uma criança e o que, realmente, ela precisa aprender. O mesmo autor (p.19, 2013) aborda uma cultura pop que nivela por baixo os alunos, mais uma provável causa da crise na Educação, além do fato do tédio na sala de aula, que ofusca a curiosidade das crianças e dos adultos no ambiente de trabalho, que não respeitam as características pessoais que vão desde a forma como cada indivíduo se concentra até ao horário do dia de maior produtividade de cada um.

Khan defende a aprendizagem no tempo de cada um, através da internet, e defende que, desta forma, os alunos não ficam restringidos às paredes de uma sala de aula e ao tempo que é regido por campanhas, que anunciam horários fixos para todos. Um assunto pode ser visto as vezes que for necessário e com abordagens diversificadas. Este tipo de aprendizagem empolga os alunos por ser idêntica à mesma metodologia empregada nos jogos de computador, que traz empolgação àquele que busca o conhecimento para passar de fases. “Alimentar esse senso de encantamento deveria ser a principal meta da educação; não alimentá-lo é a maior tragédia do nosso sistema atual.” (Khan, p. 63, 2013)

CAPÍTULO III – Metodologia da Investigação

3.1 Definições

3.1.1 O que é metodologia

Etimologicamente falando a palavra Metodologia vem do grego “meta” que significa ao largo; “odos” , caminho e “logos” equivale a discurso, estudo. A Metodologia é uma disciplina que visa estudar, compreender e avaliar os métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa académica, examinando, descrevendo e avaliando métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações que levem ao encaminhamento e à resolução de problemas e/ou questões de investigação. E o método científico, é o conjunto de processos ou operações mentais que se devem ter na investigação. É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa que fornecem as bases lógicas da investigação, podendo ser: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico.

Partindo da conceção de que método é um procedimento ou caminho para alcançar determinado fim e que a finalidade da ciência é a busca do conhecimento, pode dizer-se que o método científico é um conjunto de procedimentos adotados com o propósito de atingir o conhecimento.

3.1.2 O que é investigação

Segundo Pacheco (p.9,1995), uma investigação de âmbito educacional caracteriza-se por “uma actividade de natureza cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível e objeto de indagação e que contribui para explicar e compreender os fenómenos educativos”. Para Demo (p.20, 2000) “Pesquisa é entendida tanto como procedimento de fabricação do conhecimento, quanto como procedimento de aprendizagem (princípio científico e educativo), sendo parte integrante de todo processo reconstrutivo de conhecimento.”

De um modo geral, a investigação pode seguir uma metodologia de pesquisa qualitativa, quantitativa ou mista. A **investigação qualitativa** baseia-se na recolha de dados qualitativos, ou seja, rica em pormenores descritivos relativos a locais, pessoas e conversas, sendo os seus resultados apresentados sob a forma de relatório narrativo com descrições contextuais; a **investigação quantitativa** baseia-se na recolha de dados quantitativos – questionários de resposta fechada – sendo as suas conclusões

normalmente apresentadas sob a forma de relatórios estatísticos; a **investigação mista** envolve ambos os paradigmas, qualitativo e quantitativo, e pode ser mais ou menos influenciada por cada um deles.

Atualmente, a tendência no âmbito da investigação em Educação é para a conciliação entre métodos quantitativos e qualitativos, procurando compreender os fenômenos educativos em toda a sua complexa dimensão.

Reconhecendo que a investigação pressupõe um questionamento sistémico, planeado e crítico, a metodologia a adotar na investigação compreende os seguintes passos:

- ▶ Escolha do tema e problematização.
- ▶ Definição do problema (sob a forma de pergunta).
- ▶ Elaboração da(s) resposta(s) provisória(s) para o problema – são as hipóteses ou pressupostos de pesquisa.
- ▶ Definição dos objetivos (gerais e específicos).
- ▶ Justificativa (indica a contribuição que pode ser esperada do trabalho de dissertação).
- ▶ Escolha das ferramentas de pesquisa (indica o método, o modo como será respondida a pergunta-problema, como será feita a coleta e como os dados serão encaminhados à análise).
- ▶ Levantamento bibliográfico (elaborado de modo a dar suporte às ferramentas de pesquisa).
- ▶ Organização do cronograma.

- ▶ Indicação das referências.

A pesquisa tem caráter holístico, é sistémica, ampla, integrada, ou seja, visa preservar e compreender o “caso” no seu todo e na sua singularidade, razão porque vários autores preferem a expressão estratégia à de metodologia de investigação.

- A investigação é sistemática - segue um processo estruturado, com regras a que deve obedecer.
- A investigação é lógica - a lógica associada a um processo de investigação válido consiste num instrumento de grande valor na tomada de decisões, superior ao processo de intuição ou de observação.

- A investigação é empírica - tem como referente a própria realidade, para que as conclusões empíricas sejam generalizadas é preciso que o investigador avalie dados em termos de validade externa.
- A investigação é irreduzível - o investigador aplica metodologias analíticas sobre dados desconhecidos, para reduzir a confusão de certos fenómenos e objetos.
- A investigação é replicável e transmissível - a investigação dá origem a um documento que possibilita a generalização e permite a réplica.

3.1.3 A Ética na investigação

Numa investigação a ética refere-se “às normas relativas aos procedimentos considerados corretos e incorretos por determinado grupo” (Bogdan&Biklen, p.75, 1994) e estas normas balizam a condução da investigação. São duas as questões que devem nortear o investigador no que se refere à ética: a proteção ao entrevistado, protegendo-o de qualquer constrangimento e a clareza no consentimento do sujeito em participar da pesquisa. Para tal o investigador deve estar munido de formulários onde conste a natureza do estudo, como serão relatados os resultados e outras informações que deixem claro ao entrevistado que ele não terá qualquer tipo de constrangimento ao participar da pesquisa. A assinatura neste formulário, por parte do entrevistado, é um consentimento formal e serve como prova da aceitação em participar na pesquisa.

Na elaboração do estudo o investigador deve ser claro, objetivo e nunca distorcer dados, mantendo-se fiel ao que foi relatado pelos entrevistados.

Segundo Carmo e Ferreira (1998) a realização de qualquer investigação implica que o investigador observe alguns princípios éticos aceites pela comunidade de investigadores em Ciências Sociais que o obrigam a:

- ✓ Respeitar e garantir os direitos dos que participam na investigação.
- ✓ Informar os participantes sobre todos os aspetos da investigação.
- ✓ Manter total honestidade nas relações com os participantes.
- ✓ Aceitar desistências da parte dos participantes.
- ✓ Antes de iniciar a investigação estabelecer as responsabilidades conjuntas.
- ✓ Proteger os participantes de quaisquer danos físicos, morais e profissionais.

- ✓ Informar os participantes dos resultados da investigação.
- ✓ Garantir confidencialidade dos participantes.
- ✓ Solicitar autorização das instituições a que pertencem os participantes que colaboram no estudo.

Para além destas obrigações o investigador tem ainda de fazer uma rigorosa explicitação das fontes consultadas e usadas e ser fiel aos resultados obtidos quando redige o relatório final.

3.2 Caracterização do estudo

A investigação utiliza o estudo de caso, muito comum da área das Ciências Sociais e aplicado para o estudo de uma pessoa, um acontecimento, uma associação, uma organização, uma instituição, um grupo social, uma sociedade nacional, um processo ou uma dinâmica social. Para Yin (2001) é uma investigação empírica que se baseia no raciocínio indutivo que depende fortemente do trabalho de campo e que não é experimental (Ponte, 2000) que se baseia em fontes de dados múltiplos e variados (Yin, 2001).

Stake (p.436, 2000) distingue três tipos de estudo de caso:

1. Intrínseco: o investigador interessa-se pelo estudo do seu caso em particular, não se preocupando com as suas semelhanças com outros casos. O objetivo não é construir ou provar teorias, mas sim compreender aquele caso específico.
2. Instrumental: o investigador interessa-se por compreender determinado fenómeno, ou seja, tem um interesse externo e o caso serve de pretexto para o estudar.
3. Coletivo: o investigador tem ainda menos interesse por um determinado caso, pretendendo antes estudar um número significativo de situações que lhe permita analisar e compreender um determinado fenómeno, população ou teoria.

Nesta investigação foi feito o estudo de caso intrínseco, uma vez que não existe a pretensão de construir uma teoria, apenas compreender o projeto GENTE, os resultados obtidos e as emoções de todos os atores envolvidos no processo ao longo do primeiro ano de sua implementação.

A investigação utiliza a metodologia qualitativa, com estudo de caso intrínseco e com recurso a análise de conteúdo. Foram analisados documentos do projeto, como o Marco Lógico GENTE, Relatório do Marco Lógico GENTE e o Termo de Referência do GENTE e foram realizadas entrevistas com a direção, coordenadores, professores e alunos.

Os investigadores qualitativos em educação estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação, com o objectivo de perceber aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem (Psathas, 1973). Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador (Bogdan e Biklen, p.51, 1994).

Berger (2000) discute a diferença entre investigação qualitativa e quantitativa. Para este autor, qualidade tem a ver com a resposta à pergunta "de que tipo?", enquanto que quantidade tem a ver com a resposta a "quantos?". Se por um lado os pesquisadores quantitativos são acusados por não darem um aprofundamento merecido às questões estudadas e se interessarem apenas pelo que podem contar, quantificar; por outro lado os investigadores qualitativos são acusados de interpretarem de forma muito subjetiva os dados, imprimindo um carácter pouco confiável. A investigação qualitativa segundo Bogdan e Biklen (1994) assume cinco características:

- A fonte direta dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador com o seu pensar e objetividade o instrumento principal de investigação.
- Têm mais relevo a descrição e a compreensão dos fenómenos que a natureza destes.
- Os investigadores qualitativos atribuem mais significado ao processo do que aos resultados e produtos.
- Os investigadores tendem a analisar os dados de forma indutiva.
- O significado e o sentido da investigação é mais relevante do que os resultados em si.

Usou-se a análise de conteúdo, que, de acordo com Bardin (p.121, 2009), estabelece três fases para esta análise:

1. A pré-análise.
2. A exploração do material.
3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

No tratamento dos dados, Bardin aborda a categorização da “operação de classificação de elementos constitutivos em um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos.” (Bardin, p.111, 2009)

A mesma autora refere que após o agrupamento de tais elementos em classes, os campos devem receber títulos em razão dos caracteres comuns destes elementos. Para se chegar a estas classes deve-se, segundo a autora, passar por duas etapas, sendo a primeira a tarefa de isolar os elementos, ação denominada de inventário, e a classificação, onde são organizados os elementos, de acordo com o conteúdo observado.

3.3 Instrumentos de recolha de dados

A pesquisadora apresenta a Grelha Metodológica, organizada pela mesma, com a finalidade de sistematizar o trabalho de pesquisa de campo e orientar a execução de cada um dos passos da investigação que se passa a apresentar:

Quadro 4 - Grelha Metodológica

Objetivos	Instrumentos recolha informação	Conceitos	Indicadores
1. Identificar quais são as percepções dos atores principais deste processo, ou seja, alunos, professores, supervisores, direção e pais.	Guião de Entrevista Questionário	Processo de ensino e aprendizagem	Estratégias utilizadas Índice de satisfação do projeto em geral
2. Aprofundar as percepções dos mesmos atores do processo, avaliando o que consideram positivo e negativo no projeto.			Aspetos positivos Aspetos negativos Aspetos inovadores
3. Identificar pontos a melhorar no projeto e sugerir, através das percepções de professores e supervisores, melhorias a serem implementadas para os próximos anos de aplicação.	Guião de Entrevista Grelha de Análise	Supervisão pedagógica Processo de ensino e aprendizagem Inovação	Sugestões de melhoria Estratégias letivas Desenvolvimento profissional Prática pedagógica Diferenciação
			Resultados do projeto

4.Elencar os sentimentos comuns entre os professores no abandono da tradicional forma de ensinar e na introdução do papel do professor como mentor.	Documental	História da Educação Mentoring	Índice de satisfação dos professores em relação ao <i>mentoring</i> Percepção do processo tradicional vs <i>mentoring</i>
5.Entender de que forma o aluno passou a desenvolver mais autonomia com o aprendizado através de projetos individuais.		Psicopedagogia	Autonomia Iniciativa Capacidade crítica
			Avaliação atitudinal dos alunos feita pela escola

3.3.1 Análise Documental

A leitura dos documentos oficiais da escola faz parte deste estudo, pois possibilita uma visão abrangente de como a escola é vista, inclusive pelos órgãos oficiais, visto que é uma escola governamental.

Para esta investigação qualitativa foram utilizados como fonte para análise, documentos do Projeto, como o Marco Lógico GENTE, Relatório do Marco Lógico GENTE e o Termo de Referência do GENTE (Anexos IX, X e XI respectivamente). Ainda foi utilizado o Marco Zero¹¹, documento que traz a base do Projeto e foi elaborado pelo criador do GENTE, Rafael Parante, e grupos de trabalho que envolveram colaboradores como a Unesco, a empresa Vivo e a empresa Natura. Através destes documentos foi possível contrapor o que foi proposto do que realmente foi implementado.

Bogdan&Biklen (p.180, 1994) argumentam que para muitos pesquisadores estes documentos oficiais não podem ser encarados como dados, pois trazem a versão irrealista da escola, caracterizando-os como subjetivos, portadores de enviesamentos. Mas para o pesquisador qualitativo esta é a oportunidade de ver como a escola é vista por diversas pessoas e diversas perspectivas. Além de terem acesso à “perspetiva oficial”, podem entender como comunicam os diversos atores envolvidos no processo. (Grelha de Análise Documental - Anexo I)

¹¹ O Projeto Político Pedagógico começou a ser construído após o primeiro ano de implantação do GENTE e ainda não havia sido concluído quando a pesquisa foi realizada. O mesmo estava sendo escrito pelos professores e supervisora pedagógica.

3.3.2 O questionário

O objecto, além da qualidade, tem a quantidade. Conhecer a quantidade de um objecto significa avançar no conhecimento do objecto. A quantidade caracteriza “o objecto sob o ponto de vista do grau de desenvolvimento ou de intensidade das propriedades que lhe são inerentes (...) a quantidade é expressa por um número. O quantitativo é característico dos fenómenos sociais também (Triviños, pp.66-67, 1995).

Para Tuckman os questionários “constituem métodos de recolha de dados acerca das pessoas, sobretudo interrogando-as e não observando-as, para recolher amostras do seu comportamento”(Tuckman, p.432, 2000). O questionário pretende neste estudo ser a porta de entrada para a investigação, além da análise da documentação da escola. Através destes primeiros dados gerados pretende-se chegar a uma limitação para as entrevistas, em busca dos pontos obscuros para conclusões mais próximas da realidade, confrontando os dados anteriores (questionários e análise documental) com as percepções das pessoas envolvidas no processo (entrevistas). O questionário deverá ser aplicado antes do fim do primeiro ano do projeto, e pretende-se abranger professores, alunos, pais e colaboradores da escola, num número mínimo de 50 respondentes e máximo de 100.

Ainda se optou pela aplicação de um questionário que pudesse ajudar no esclarecimento das opiniões e sentimentos dos atores envolvidos, uma vez que este método poderia atingir um número maior de pessoas, embora traga mais dados quantitativos do que qualitativos. Foi incluída no questionário uma questão qualitativa final, embora sem carácter obrigatório, conforme Anexo II.

O questionário desenhado inicialmente, para ser respondido entre 50 e 100 pessoas, era para ser aplicado no mês de agosto, quando a pesquisadora estava em trabalho de campo, no Rio de Janeiro. O que ocorreu foi que a escola estava com dificuldade na conexão e os alunos teriam que acessar o link do questionário, online, em pequenos grupos. Com esta limitação, ficou a cargo dos professores pedirem que os alunos acessassem, aos poucos, o link para responderem. Tratava-se de um questionário de rápida aplicação, cerca de 5 minutos, no máximo, mas mesmo assim tivemos o número máximo de 28 respondentes.

Foram feitas 4 tentativas, através da Direção, para que incentivassem os alunos a responderem, mas sem sucesso. Portanto, estas 28 respostas do questionário poderão ser uma fonte de dados complementar, mas não são a amostra que se esperava.

3.3.3 As entrevistas

De acordo com Sousa (2009) a entrevista pode apontar para seis tipos de objetivos:

1. Averiguação de “factos” – compreender o que sucede na realidade, dentro do assunto estudado.
2. Averiguação de “opiniões” – Conhecer a opinião do entrevistado sobre certos factos.
3. Averiguação de “sentimentos” – Perceber o que o entrevistado sente sobre determinados factos.
4. Averiguação de “atitudes” – Conhecer qual a atitude do entrevistado face ao tema em estudo.
5. Averiguação de “decisões” – Saber o que o entrevistado decide fazer, perante os factos.
6. Averiguação de “motivações” – Conhecer os fatores que influenciaram o entrevistado tomar certas atitudes, decisões e o porquê das mesmas.

Neste estudo as entrevistas foram semi-estruturadas, propiciando um ambiente mais informal na condução das mesmas, mas tendo um roteiro apoiado nas teorias e objetivos formulados pelo estudo. A ideia era averiguar, principalmente, os sentimentos e as opiniões dos entrevistados sobre este novo modelo de ensino e aprendizagem aplicado pela primeira vez no ano de 2013, na escola do Rio de Janeiro. As pessoas preferem falar a escrever, o que permite ao entrevistador chegar mais próximo ao sentimento das pessoas entrevistadas.

Todas as entrevistas foram realizadas de forma presencial com os professores da escola, a Coordenadora do Projeto da Área Governamental, Direção da Escola, alunos e Supervisão Pedagógica. Foram abrangidos pela pesquisadora: 11 professores, 12 alunos, a Diretora e a Coordenadora do Projeto. (Guião de Entrevistas – Anexo III)

As entrevistas duraram cerca de 10 minutos por entrevistado, embora em alguns casos os entrevistados solicitaram que a entrevista fosse feita coletivamente. Como foi uma ideia que partiu dos entrevistados, a pesquisadora aceitou, permitindo uma aproximação com os mesmos, no sentido de aceitar uma sugestão e não querer impor a forma como foi pensada anteriormente, ou seja, entrevistas individuais. As transcrições foram feitas na íntegra e constam nos Anexos IV, V e VI.

O que se queria perceber, através das conversas com estes atores, era o contraste entre o que foi planejado pelo Projeto, constante nos documentos oficiais a que se teve acesso e o que estava acontecendo no dia a dia de sua aplicação, na prática.

Todas as pessoas entrevistadas leram e assinaram o documento intitulado TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Anexo VII), onde ficava esclarecido que a contribuição para a pesquisa, através da entrevista, era opcional e que a qualquer momento, durante a entrevista, o entrevistado poderia recusar-se a responder ou mesmo dar continuidade. Além deste Termo de Consentimento, a pesquisadora precisou defender junto a uma universidade brasileira o Parecer do Comitê de Ética, sem o qual, no Brasil, não é possível a realização de uma pesquisa que envolva pessoas ou animais. Então, após a análise do Projeto de Pesquisa, a FACCAT – Faculdades Integradas de Taquara emitiu parecer favorável para que a pesquisa fosse aplicada na escola da Favela da Rocinha. Somente após este trâmite a pesquisa pode ser concluída, o que causou um significativo atraso no andamento da mesma (4 meses). Ambos os documentos se encontram anexados a este trabalho. (Anexos VII e VIII)

O processo de entrevistas iniciou-se em janeiro de 2014, quando a pesquisadora esteve na cidade do Rio de Janeiro, e conversou com a Coordenadora do Projeto e com a Diretora da Escola. Foi uma conversa para entendimento geral do Projeto Gente, estabelecimento de plano de ação para as futuras entrevistas com os demais atores envolvidos no Projeto. A pesquisadora teve a oportunidade, nesta ocasião, de participar de uma reunião com todos os integrantes do Projeto: representantes da Secretaria de Educação, representantes da Escola André Urani, representantes da iniciativa privada que apoiaram o Projeto, idealizador do Projeto Gente. Esta reunião teve como objetivo apresentar os resultados do primeiro ano do Gente, através de uma pesquisa elaborada pela empresa IETS – Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade, contratada pela Secretaria de Educação.

Após a primeira etapa de pesquisa de campo, a intenção era regressar ao Rio de Janeiro, no mês de março, para a conclusão das entrevistas, mas devido a mudanças na Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, a pesquisa ficou parada de março a agosto de 2014.

Em agosto de 2014 foi dado prosseguimento às entrevistas. No primeiro dia foi a Supervisora Pedagógica que iniciou os trabalhos, pois a Diretora ainda não se encontrava presente. A Supervisora começou por questionar se era para se cingir à realidade do que se passava ou se deveria falar no que estava escrito no Projeto. Mostrou-se bastante desapontada com o andamento do Projeto, não permitiu que fosse gravada a entrevista e referiu que a conversa seria confidencial. Também informou, no final da entrevista, que tinha uma reunião agendada de tarde, na Secretaria de Educação, para renunciar à sua posição, justificando que não acreditava mais no Projeto e não poderia, desta forma, conduzir o grupo de professores.

Após a entrevista com a Supervisora, a Diretora chegou, colocando a escola à disposição para a pesquisa. Pediu à sua assistente que apresentasse os professores e autorizou o desenvolvimento da pesquisa. Apesar da ausência da Diretora (por motivos de saúde) no período em que foi realizada a pesquisa, foi possível estabelecer um certo vínculo com os professores e foram eles que ajudaram a conduzir as entrevistas com os alunos, já que a supervisora também esteve ausente. Neste período quem esteve mais presente foi a assistente de direção, um cargo próximo a uma vice-direção.

Os professores mostraram-se bastante politizados, a maioria com experiência de anos no Ensino Público e dos quinze professores, apenas dois não quiseram participar da pesquisa: uma das professoras estava envolvida numa outra pesquisa, no mesmo horário, e a outra estava ausente por motivos médicos. Os professores trabalharam divididos em três grupos, dois deles formados pelos generalistas e um formado pelos professores especialistas.

CAPÍTULO IV – O tratamento dos dados

Neste capítulo apresentam-se os resultados da investigação realizada na Escola Municipal André Urani, a partir do tratamento de dados recolhidos com os instrumentos mencionados anteriormente: a análise documental, o questionário e as entrevistas.

Como exposto na Caracterização do Estudo, seguiu-se o processo desenvolvido por Laurence Bardin (Bardin, p.111, 2009) de análise de conteúdo, e a partir das ideias da autora foram realizadas a pré-análise das transcrições e a exploração do material coletado. A partir destes primeiros passos foram estabelecidas as seguintes categorias de análise, seguindo o processo de tratamento de dados referentes às entrevistas:



Figura 3 - Categorias de Análise

4.1 Categoria Supervisão Pedagógica

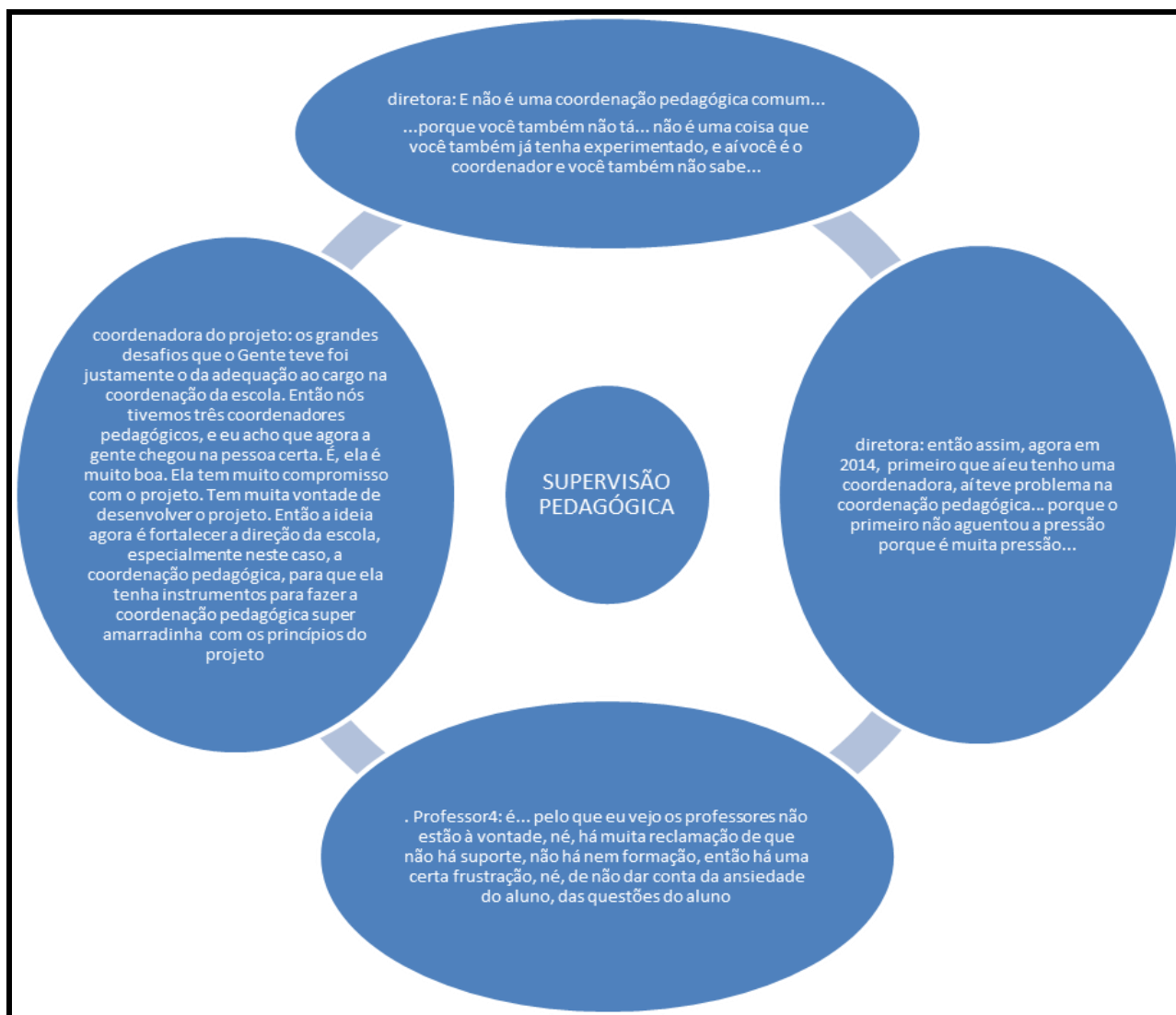


Figura 4 - Supervisão Pedagógica

Como este estudo faz parte do Mestrado de Educação, em Supervisão Pedagógica, afigura-se que esta deveria ser a categoria mestra de análise. Na fundamentação teórica, esta supervisão deve ser uma escuta e nunca algo imposto e deve vir de forma colaborativa (Trindade, p.131, 2007). Num primeiro contato com a coordenação do Projeto, no mês de agosto de 2013, quando o idealizador Rafael Parente foi procurado pela pesquisadora para pedir autorização para a pesquisa sobre o GENTE e depois com o encaminhamento para a coordenação do Projeto, Alice Ribeiro, representante da Unesco, seguiram-se contatos até o último mês de janeiro de 2014, com a troca de informações e envio de materiais sobre o Projeto para que a pesquisadora pudesse estudar e entender a proposta. Durante todo este tempo a percepção em relação a uma

supervisão pedagógica não deixava dúvidas sobre este processo de “escuta” que Trindade evoca.

O relato da Diretora da Escola sobre a preparação de todos para a implementação do Projeto, transmitia a ideia de uma preocupação para que nada fosse imposto e que se tratasse de um processo de implantação colaborativo:

“...não, na realidade, assim, quando a gente começou aqui, teve um transcurso, no começo, foi no dia 24 de novembro, num sábado, é... de 8 horas de duração. Esse transcurso ele durou 40h. (...) então, e qual foi o mote deste transcurso? Ele foi de... é... de transmutar mesmo, né, de tá fazendo esta transformação. Foi teórico. E, em fevereiro, é que teve um segundo momento mais prático. (...) isso, com toda a base, é, é... toda a base teórica, do Gente. Com toda a base teórica do Gente. E aí a gente começou a entender algumas... um pouquinho melhor algumas coisas...” (Informação verbal)¹²

A Coordenadora do Projeto, em conversa com a pesquisadora, em janeiro de 2014, trouxe um viés que colaborou na busca por aprofundamento ao longo das entrevistas:

“...os grandes desafios que o Gente teve foi justamente o da adequação ao cargo na coordenação da escola. Então nós tivemos três coordenadores pedagógicos, e eu acho que agora a gente chegou na pessoa certa. É, ela é muito boa. Ela tem muito compromisso com o projeto. Tem muita vontade de desenvolver o projeto.” (Informação verbal)¹³

O supervisor como “um grande animador de todas as atividades pedagógicas” (conforme citado no enquadramento teórico) se aplica justamente a visão da coordenadora do projeto, enquanto que a diretora salienta a formação e capacidade da supervisora pedagógica que assumiu a escola em setembro de 2013 que reflete a ideia de Alarcão & Tavares (2003) de que o supervisor é um professor mais experiente, um professor capaz de, com método, auxiliar os seus pares:

“... e aí eu convidei uma menina, que estava realizando um excelente trabalho, porque aqui a gente tinha uma professora de SOE – Serviço de

12 Citação direta da Diretora da Escola

13 Citação direta da Coordenadora do Projeto.

Orientação Educacional... então ela começou a trabalhar com orientação educacional, começou a realizar um excelente trabalho... e aí eu perguntei a ela se ela não queria ser... (supervisora) ...ela foi professora mentora, porque ela pegou turma no início do ano... Então esta pessoa que é a coordenadora agora... ela já tinha esta vivência...” (Informação verbal)¹⁴

Muito embora a Coordenadora do Projeto e a Diretora da Escola tinham a convicção de que a Supervisão Pedagógica estava controlada e funcionando bem na escola, na primeira etapa da pesquisa de campo, em janeiro, quando a pesquisadora deu continuidade à pesquisa de campo, em agosto do mesmo ano, a informação obtida, transmite uma percepção divergente:

“é... pelo que eu vejo os professores não estão à vontade, né, há muita reclamação de que não há suporte, não há nem formação, então há uma certa frustração...” (Informação verbal)¹⁵

“...e o detalhe mais interessante disso, nunca ninguém parou pra perguntar o que a gente achava, tu tá vendo que até o tom da gente tá mais alterado, por quê? Porque nós viemos como (não entendi) eles achavam que o professor era uma mesa, uma cadeira que, aliás, não havia pra nós...” (Informação verbal)¹⁶

É possível apreender desta última intervenção de um dos professores, que não houve a almejada construção colaborativa de Trindade, mas uma imposição que, de acordo com o Professor4, deixou o grupo desconfortável, tanto pela falta de consideração, quanto pela falta de suporte. A sensação de que, mesmo com as trocas na supervisão pedagógica, realizadas no primeiro ano do Projeto, quando a terceira Supervisora assumiu o cargo, em setembro de 2013, as dificuldades persistiram é notória e forte. Pode, hipoteticamente, considerar-se como uma das causas o que a Diretora salientou:

“...então assim, agora em 2014, primeiro que aí eu tenho uma coordenadora, aí teve problema na coordenação pedagógica... porque o primeiro não aguentou a pressão porque é muita pressão... E não é uma coordenação

¹⁴ Citação direta da Diretora da Escola.

¹⁵ Citação direta do Professor4.

¹⁶ Citação direta do Professor8.

pedagógica comum... ..porque você também não tá... não é uma coisa que você também já tenha experimentado, e aí você é o coordenador e você também não sabe...” (Informação verbal)¹⁷

Esta pressão do novo, do incomum, uma supervisão sem parâmetros e sem suporte para desenvolver suas atividades, o que deixou os primeiros coordenadores sem ação e que, pode ter levado a terceira coordenadora a pedir para sair do cargo. Mas infelizmente a pesquisadora não teve acesso aos antigos coordenadores, nem a que estava no cargo quando da visita à escola, pois pediu para não ser entrevistada porque pretendia sair também.

4.2 Categoria Mentoria

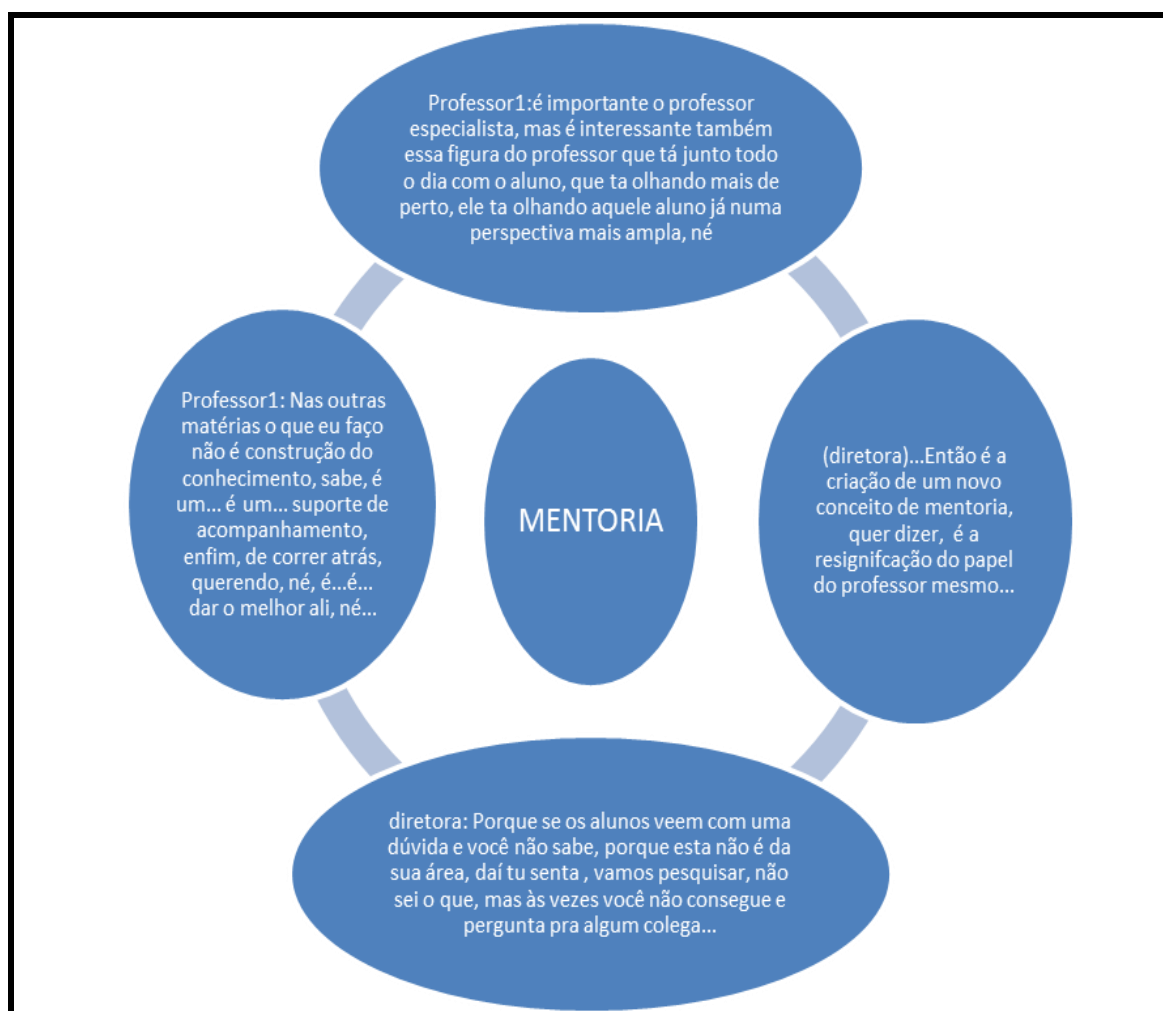


Figura 5 - Mentoria

¹⁷ Citação direta da Diretora da Escola.

Como se pode constatar a maior dificuldade da Supervisão Pedagógica concentra-se, legitimamente, no estabelecimento deste novo formato de Ensino e aprendizagem proposto pelo Gente, conforme já mencionado no item anterior, na intervenção da Diretora da Escola, um modelo nunca experimentado antes, novo para o coordenador, que deveria liderar um grupo de professores, sem ter parâmetros de comparação, embora a última coordenadora que assumiu o cargo tenha passado pela experiência da mentoria, antes de assumir o cargo, mas como a própria Diretora admitiu “não é uma coordenação pedagógica comum”.

Para os professores mentores generalistas o maior desafio está na condução da aquisição cognitiva por parte dos alunos, em áreas que diferem da sua formação:

“Nas outras matérias o que eu faço não é construção do conhecimento, sabe, é um... é um... suporte de acompanhamento, enfim, de correr atrás, querendo, né, é...é... dar o melhor ali, né... mas você não, enfim, eu tenho consciência de que, né, a diferença do profissional da área... total, assim...”
(Informação verbal)¹⁸

O que este professor chama de suporte de acompanhamento é o que Botti & Rego (2008) chamam de experiente conselheiro, guia, sábio, aquele que estimula, inspira, cria ou orienta ideias, ações, projetos e realizações.

A Diretora destaca a mentoria como sendo:

“Então é a criação de uma novo conceito de mentoria, quer dizer, é a resignificação do papel do professor mesmo. Então é muito, é...”
(Informação verbal)¹⁹

Deixando claro, bem como um outro professor, que existe a possibilidade de colaboração entre os pares para auxiliar neste papel de mentoria, onde o generalista, atende o seu grupo de alunos em diversas disciplinas e não apenas naquela em que ele teve formação acadêmica:

¹⁸ Citação direta do Professor1.

¹⁹ Citação direta da Diretora da Escola.

“...pois é, e aí assim, é engraçado porque a colaboração, ela não se dá somente com os alunos, né? (não entendi) também com os professores. Porque se os alunos vem com uma dúvida e você não sabe, porque esta não é da sua área, daí tu senta , vamos pesquisar, não sei o que, mas às vezes você não consegue e pergunta pra algum colega...” (Informação verbal)²⁰

“...é... me virar com os colegas, é... entender o que os outros colegas tão fazendo pra ve o que eu acho que vai dar certo, na parte do perfil da minha turma e...” (Informação verbal)²¹

“...o que acontece hoje é o que nós fazemos... o que que nós fazemos hoje? Nós nos unimos de alguma maneira pra tentar sobreviver, principalmente, às cobranças de que nós não temos... (não entendi)... na zona de conforto...” (Informação verbal)²²

“...é bom! Mas é assim, se o nosso professor mentor não sabe, a gente pode tirar dúvida com outro, e é isso que é bom...” (Informação verbal)²³

Os professores entendem que o mentor não deve dar a aula aos alunos, mas também salientam que o Projeto previa recursos para o desenvolvimento dos alunos que falharam na hora da execução:

“... aí o professor mentor não dá aula, não é pra da aula...” (Informação verbal)²⁴

“...o carro chefe do projeto era a máquina teste, não houve acordo com a empresa que ficou programando essa parte...” (Informação verbal)²⁵

“...na época, os professores... não, as pessoas que trabalhavam na educopédia, estavam sem receber há meses, pararam de trabalhar, já não...” (Informação verbal)²⁶

²⁰ Citação direta da Diretora da Escola.

²¹ Citação direta do Professor1.

²² Citação direta do Professor10.

²³ Citação direta do Aluno10.

²⁴ Citação direta do Professor5.

²⁵ Citação direta do Professor10.

²⁶ Citação direta do Professor7.

Como se verificou na análise documental, existia a previsão tecnológica do Projeto, mas a mesma não funcionou, a máquina teste e a Educopédia falharam, e os professores tiveram de criar iniciativas para o desenvolvimento dos seus alunos, criando exercícios, tarefas, dividindo as suas atividades com os demais generalistas. A Diretora confirma esta questão como podemos ver nesta explicação:

“...e aí a gente teve o problema da máquina de teste, né... ela tava funcionando, mas depois parou... e aí a gente faz o que? E aí começa o plano A, B, C, D, E...L J H Z... sabe, assim...” (Informação verbal)²⁷

A Diretora explica que os professores começaram a montar roteiros para trabalhar com os alunos o que a Educopédia e a Máquina Teste fariam, o que foi o início do desgaste da equipa, que diz ter sido enganada, que prometeram e não cumpriram:

“...Primeiro, o sonho era: primeiro, eu não tinha que dar aula de todas as matérias, eu teria no meu salão, um professor de história, um de geografia, um de português, um de matemática e um de ciências, tá... o aluno teria a sua máquina (*tablet*), trabalharia na máquina, lendo a Educopédia e fazendo uma coisa chamada “Máquina Teste”. A Máquina teste tinha conteúdo só para uma semana, a partir daí não houve mais conteúdo, portanto, não funcionou, tá, isso é a primeira coisa... A segunda, eu não precisaria dar aula de 5 matérias porque os especialistas estavam ao lado, se o aluno tivesse algum problema em História, ele chamaria o professor de História, se ele tivesse algum problema em Português, ele chamaria o especialista, né, então o que aconteceu foi que, a partir dessa semana que aconteceu um projeto, porque só as primeiras máquinas testes, os conteúdos estavam, hã, desenvolvidos, o resto do conteúdo não estava, a partir daí nós tivemos que se virar, rebolando, dando 5 matérias, sem material didático nenhum, eramos nós se virando e ainda jogaram nas minhas costas, 4 matérias que não são minhas, tá, e ainda me botando responsável por isso até hoje...” (Informação verbal)²⁸

²⁷ Citação direta da Diretora.

²⁸ Citação direta do Professor8.

“...antes de entrar o projeto, o GENTE , foi dito que seriam 6 salas, só que com todas as turmas misturadas, com uma mesa grande pra turma inteira trabalhar, e junto. Aí chegou no dia mesmo a gente foi ver... tava tudo diferente... foi assustador pra gente...” (Informação verbal)²⁹

Além da falta deste apoio tecnológico, que era a base do Projeto, o professor, ao assumir cinco matérias, sem as dominar, passa a sentir-se frustrado pois não se sente confiante para guiar seu aluno:

“...então há uma certa frustração, né, de não dar conta da ansiedade do aluno, das questões do aluno de um assunto que ele não domina, então é uma frustração (...) mas eu acho que as dinâmicas de disciplinas, não conseguiram encontrar lugar, então o professor generalista, as disciplinas não deixaram de existir e aí eu ouço os relatos dos alunos que o professor acaba dando mais ênfase na área que ele é formado, se o professor é formado em matemática, é o que eles mais veem, em detrimento de outras disciplinas. É isto que eu ouço de relato.” (Informação verbal)³⁰

O aluno percebe que o professor está perdido, sentem falta da escola como era antes, porque o Projeto não teve a estrutura necessária para o seu desenvolvimento:

“...eu não gostei muito, não... preferia que fosse aula fechada também, de vez em quando tem gente que falam alto, e eu queria que fosse, assim, uma coisa de série, só uma série... é muito melhor porque daí ele se liga só na gente, porque daí ele tem que explicar pra outras pessoas, explica pra outro ano, outro ano, e aí ele esquece o que era pra explicar pra gente e acaba se enrolando, eu prefiro do outro jeito (...) acho que pra ele é difícil, porque pra ele ficar ensinando toda hora uma série, tem que lembrar toda hora o que tem que ensinar pro aluno, prum ano... é bem difícil. Eu acho que também o professor, eu acho, a minha opinião, acho que eles preferiam uma sala com, fechada, só com a matéria dele.” (Informação verbal)³¹

²⁹ Citação direta do Aluno5.

³⁰ Citação direta do Professor4.

³¹ Citação direta do Aluno11.

“...bastante diferente, assim, meio...meio que, antigamente era melhor, eu acho, porque a gente aprendia mais e tinha mais atenção dos professores.”
(Informação verbal)³²

“...meu professor, ele é atrapalhado demais... acho que tipo, ele... se fosse um de cada ano ia ser bem melhor, porque... na hora assim, de explicar pra um e outro, matérias diferentes, mas aí ele pega e se atrapalha, vai cinco vez na mesma pessoa, enquanto na outra ele não explica nem a metade de uma vez... e aí a pessoa fica lá, ela se irrita, se estressa... meu professor é atrapalhado... ele se esforça, mas...” (Informação verbal)³³

No estudo teórico apurou-se que Vieira & Vieira (2005) citam o pensamento de Wassermann (1990) sobre a necessidade de criar oportunidades para as crianças desenvolverem confiança em si mesmas, para que identifiquem as suas capacidades individuais, mas ao mesmo tempo, para que tal aconteça é necessário um profissional, bem preparado, guiando este “mentorando”. Como a Diretora expôs, a preparação para a implantação do Projeto GENTE foi feita através do “Transcurso” com duração de 40 horas e os professores que entraram após a implantação não receberam nenhum tipo de treino, de orientação, conforme se constata:

“...não participei de nenhuma reunião, só sei que o MEC deu uma licença pra fazer um projeto experimental de 3 anos, eu trabalho aqui e nunca vi... quais são os pilares que sustentam o Gente? Quem foi a pessoa que criou o Gente? Que experiência educacional essas pessoas tem?” (Informação verbal)³⁴

Por outro lado, os professores são unânimes em ressaltar como aspecto positivo da mentoria o acompanhamento individualizado do seu grupo de alunos, que os capacitam a entender o aluno no seu todo, suas dificuldades, tanto cognitivas quanto atitudinais:

“...é importante o professor especialista, mas é interessante também essa figura do professor que tá junto todo o dia com o aluno, que ta olhando mais

³² Citação direta do Aluno10.

³³ Citação direta do Aluno7.

³⁴ Citação direta do Professor11.

de perto, ele tá olhando aquele aluno já numa perspectiva mais ampla, né...”
(Informação verbal)³⁵

“...eu acho assim, eu vejo que o professor generalista é... a vantagem maior é que ele tá ali com o aluno o tempo todo e ele tem condições melhores de conhecer o aluno em toda a sua essência, entendeu... é... não só dentro da disciplina em que ele é especialista, mas ele vê a deficiência de ensino nas outras.” (Informação verbal)³⁶

“...uma coisa que é positiva é a proximidade muito grande entre o professor e o aluno...” (Informação verbal)³⁷

No capítulo da fundamentação teórica, Botti & Rego (2008) falam deste profissional que, além de perseguir os objetivos traçados do curso, procura o desenvolvimento pessoal do seu “mentorando”, interessando-se pelo seu desenvolvimento interpessoal, psicossocial, educacional e profissional, ou seja, no seu desenvolvimento pleno e integral.

O questionário aplicado a 28 inquiridos revelou que 22 dos mesmos gostam da nova função do professor mentor.

Finalizando esta categoria surge novamente o pensamento de Gomes & Pavão (2013) que resume o que se percebe que falta em relação à mentoria, base do Projeto, que é a capacidade do professor de fazer um acompanhamento, um desenvolvimento com o seu grupo de alunos. Professores que tenham condições reais, com apoio técnico e pedagógico para que possam atingir os objetivos propostos:

É conhecido o esforço necessário para introjetar no mundo dos conceitos uma nova versão da realidade, considerando a sua proporção. Isso significa a quebra de um paradigma, de uma verdade estabelecida, o desmanche de uma representação mental cristalizada e tida como verdade absoluta.
(Gomes & Pavão, p.140, 2013)

³⁵ Citação direta do Professor1.

³⁶ Citação direta do Professor3.

³⁷ Citação direta do Professor10.

4.3 Categoria Autonomia

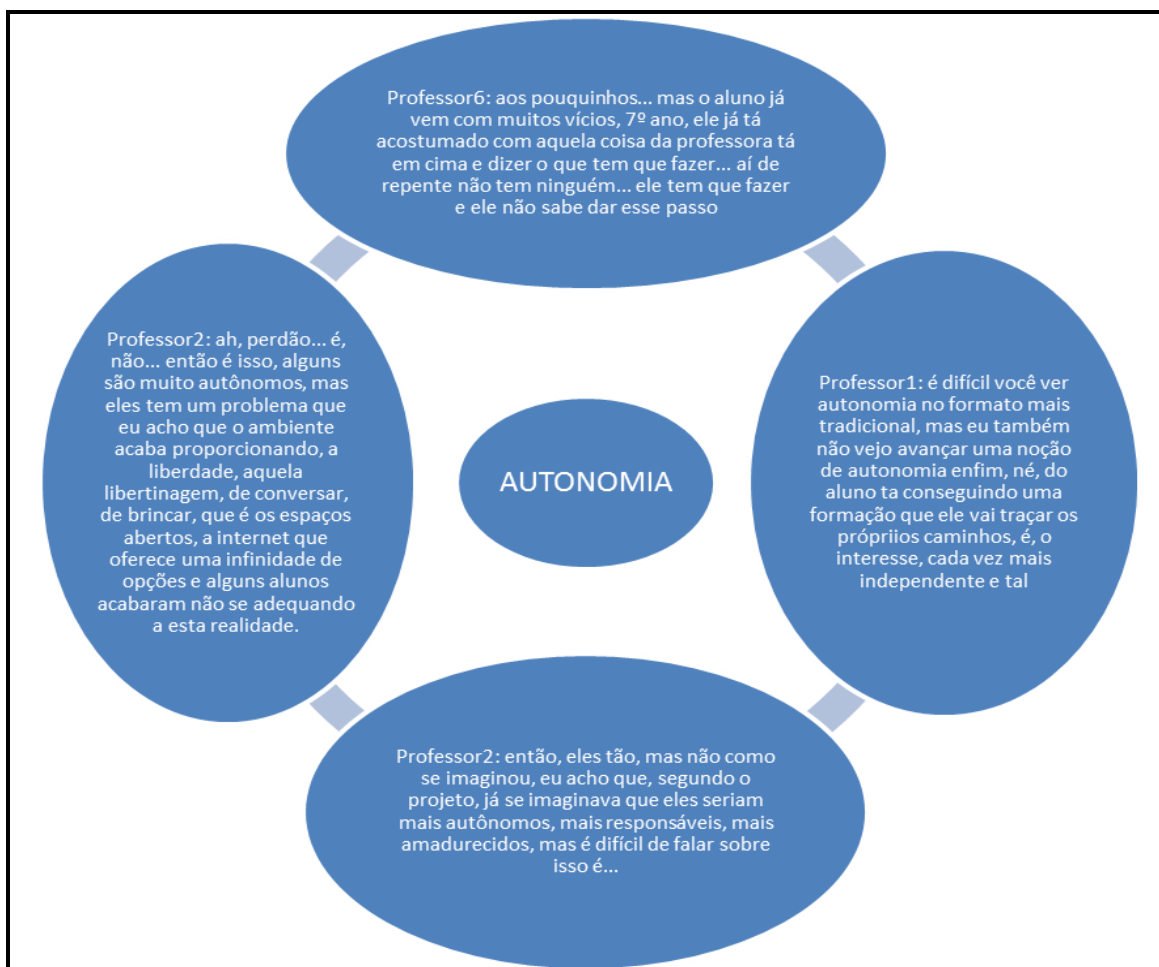


Figura 6 - Autonomia

Se os alunos são incentivados a não temer as suas próprias decisões, se tiverem uma formação que favoreça a segurança, terão melhores condições de direcionamento na vida futura, e esta é uma tarefa que a escola deve desenvolver (Alves & Dimenstein, p.10, 2003). Para Rubem Alves (2004), crianças que são incentivadas a pensar de forma autónoma, serão adultos felizes, com poder de decisão nas questões que a vida lhes apresenta.

A autonomia, dentro do Projeto GENTE, ocupa uma posição de destaque pois foi idealizado para que os alunos pudessem buscar o conhecimento, orientados pelos seus mentores, mas cada um a trabalhar no seu próprio ritmo, conforme salienta este excerto do Relatório do Marco Lógico da Escola:

Em primeiro lugar, coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem na medida em que o mesmo adquire ferramentas efetivas para administrar a forma, o conteúdo e o ritmo das diversas atividades que a escola lhe oferece.

Nas palavras do idealizador do Projeto:

Cada jovem tem um itinerário formativo, uma espécie de mapa com todas as habilidades e competências que ele deverá desenvolver. Além disso, os estudantes participam de atividades individuais ou em grupos pequenos, de acordo com seu desempenho acadêmico, sua responsabilidade e sua autonomia. **(Rafael Parente, Release do site do Projeto, www.rio.rj.gov.br/sme)**

Enquanto teóricos e idealizadores do Projeto colocam como essencial para o desenvolvimento do aluno que o professor se preocupe com o desenvolvimento da autonomia de seu grupo de alunos, nas intervenções dos professores da Escola André Urani, esta tarefa não está a ser alcançada de forma satisfatória:

“...tá, e a questão da autonomia do aluno, tu percebe que eles estão desenvolvendo autonomia?” (Informação verbal)³⁸

“...então, eles tão, mas não como se imaginou, eu acho que, segundo o projeto, já se imaginava que eles seriam mais autônomos, mais responsáveis, mais amadurecidos, mas é difícil de falar sobre isso é... quando falamos de jovens, muito novos, é...alguns são bem autônomos... eu tenho a impressão que este projeto ele é muito bom pro aluno que é responsável porque esse decola. No entanto essa não é a realidade de todos os nossos alunos, né, então alguns acabam até ficando pra trás porque viram aí nessa liberdade é... um... um, enfim, um caminho pra fazer qualquer outra coisa menos estudar...” (Informação verbal)³⁹

“...ele não consegue nem entender o enunciado que tem no livro e aí, eu não posso dizer: pega, meu amor, o computador... porque você tá numa escola

³⁸ Citação direta da Pesquisadora.

³⁹ Citação direta do Professor2.

autónoma, então tem que ser autônomo... entra no google flor, lindo do meu coração, e pesquisa aí que você vai aprender...”(Informação verbal)⁴⁰

“...hum, hum... hum, hum... então na tua opinião a questão da autonomia, que é...” (Informação verbal)⁴¹

“...ainda não aconteceu... eu acho que é uma coisa que a gente conversa muito... e se isso viesse desde lá, o primeiro ano (...) aos pouquinhos... mas o aluno já vem com muitos vícios, 7º ano, ele já tá acostumado com aquela coisa da professora tá em cima e dizer o que tem que fazer... aí de repente não tem ninguém... ele tem que fazer e ele não sabe dar esse passo.” (Informação verbal)⁴²

Após um ano da implantação do Projeto, os alunos estão no mesmo patamar em relação à sua autonomia. O Termo de Referência do GENTE indica os diversos graus de autonomia: alto, médio e baixo. Os alunos que já estão há um ano no Projeto, parecem permanecer ainda no grau baixo, posteriormente iremos ver algumas intervenções deles, relatando a falta que sentem de um acompanhamento mais de perto dos seus professores.

O aluno com nível de autonomia baixo sente muita dificuldade em interpretar e seguir seu itinerário de forma autónoma. Necessita constantemente da ajuda do mentor para organizar e orientar as suas atividades ao longo do dia. Apresenta, num curto espaço de tempo, defasagem e desvios no seu itinerário, necessitando utilizar, constantemente, o reforço para completar o que não conseguiu alcançar do que foi traçado. Cada passo é acompanhado pelo mentor, pois ainda apresenta grande dificuldade em decidir as estratégias e escolher as ferramentas para percorrer o itinerário. Além disso, diante das diversas situações do cotidiano, é passivo ou agressivo, apresentando dificuldade para se relacionar com as pessoas, impedindo-o de ser feliz e de equilibrar a sua auto-estima. (Termo de Referência do Projeto GENTE)

Os alunos relatam a necessidade ao que estavam habituados provavelmente pela falta de preparação dos professores em desenvolverem técnicas de ensino para que alcancem a

⁴⁰ Citação direta do Professor11.

⁴¹ Citação direta da Pesquisadora.

⁴² Citação direta do Professor6.

autonomia, que é um processo lento e de construção gradual. Freire (2011) fala da necessidade de reforço à capacidade crítica do aluno e, para tal, a necessidade de desenvolver estratégias de ensino que tragam à tona a autonomia dos alunos, fazendo com que os mesmos sejam “sujeitos da construção e da reconstrução do saber”. Sem esta condução, a percepção dos alunos fica distorcida, em relação à proposta do Projeto:

“...poderia voltar as salas, em salas, dividir em salas... porque, tipo, logo pra gente do 9º ano... pra mim, tem mais estudo, fica muito complicado o dia inteiro, é mais difícil, muito barulho, atrapalha.” (Informação verbal)⁴³

“...bastante diferente, assim, meio...meio que, antigamente era melhor, eu acho, porque a gente aprendia mais e tinha mais atenção dos professores.” (Informação verbal)⁴⁴

Esta visão do aluno, de querer regressar aos parâmetros tradicionais, parece que remonta à ideia expressa por Rubem Alves:

“...Aqui se encontra o perigo das escolas: de tanto ensinarem o que o passado legou – e ensinarem bem – fazem os alunos se esquecerem de que o seu destino não é o passado cristalizado em saber, mas um futuro que se abre como vazio, um não-saber que somente pode ser explorado com as asas do pensamento. Compreende-se então que Barthes tenha dito que, seguindo-se ao tempo em que se ensina o que se sabe, deve chegar o tempo quando se ensina o que não se sabe.” (Alves, p. 62, 2004)

Como visto no enquadramento teórico, Rubem Alves (2004) compara o professor a um *Chef* de cozinha que deve ter como o foco o “despertar da fome”, para depois apresentar um cardápio que atenda às expectativas de seu cliente, mas também refere que o professor foi instruído, durante a sua formação a dar respostas e não estimular o aluno a criar as perguntas e ir em busca das respostas, com o auxílio de um mentor.

Rubem Alves diz que:

...não existe nada mais fatal para o pensamento que o ensino das respostas certas. Para isto existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para

⁴³ Citação direta do Aluno4.

⁴⁴ Citação direta do Aluno10.

ensinar as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre a terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido. (Alves, p.58, 2004)

São as duas vertentes que obstroem o pensamento crítico e a autonomia, por um lado, a formação tradicional do profissional de ensino e, por outro, os alunos habituados a receber respostas e a não serem estimulados no desenvolvimento de uma “curiosidade epistemológica”, como nos diz Paulo Freire (2011), com rigor científico e através de uma postura crítica sobre o conhecimento que conquistar.

Ao estudar as linhas orientadoras da Educação viu-se que:

O ensino requer várias estratégias e diversas técnicas mas os resultados que o ensino obtém com a aprendizagem não são ditados nem por umas nem por outras nem por ambas em conjunto. A maneira como são usadas depende, sobretudo, de dois factores: um é o acto de escolha e o outro traduz-se nos atributos do professor que as utiliza ao ensinar.“ (Gaspar et al, p.3, 2008)

O desenvolvimento da autonomia está diretamente ligado ao dever do professor em estimulá-la, ao mesmo tempo, no dever de uma supervisão pedagógica de acompanhar este professor, apoiá-lo nas suas necessidades de reflexão sobre a prática e orientação sobre quais caminhos escolher na procura deste objetivo junto ao seu grupo de alunos. Conforme citado por Alarcão & Tavares (2003), e corroborado por Susan Sullivan e Jeffrey Glanz (2000):

... Effective supervision in the 21st century will have, for the most part, two crucial facets. First, it will emphasize a democratic conception of supervision that is based on collaboration, participative decision making and reflective practice – all with the goal of developing self-directed, autonomous professionals. Second, it will require visionary leaders who promote these beliefs and values and enjoin their faculties to construct together a supervisory program that will improve teaching and learning. (citado por Alarcão & Tavares, p.154, 2003)

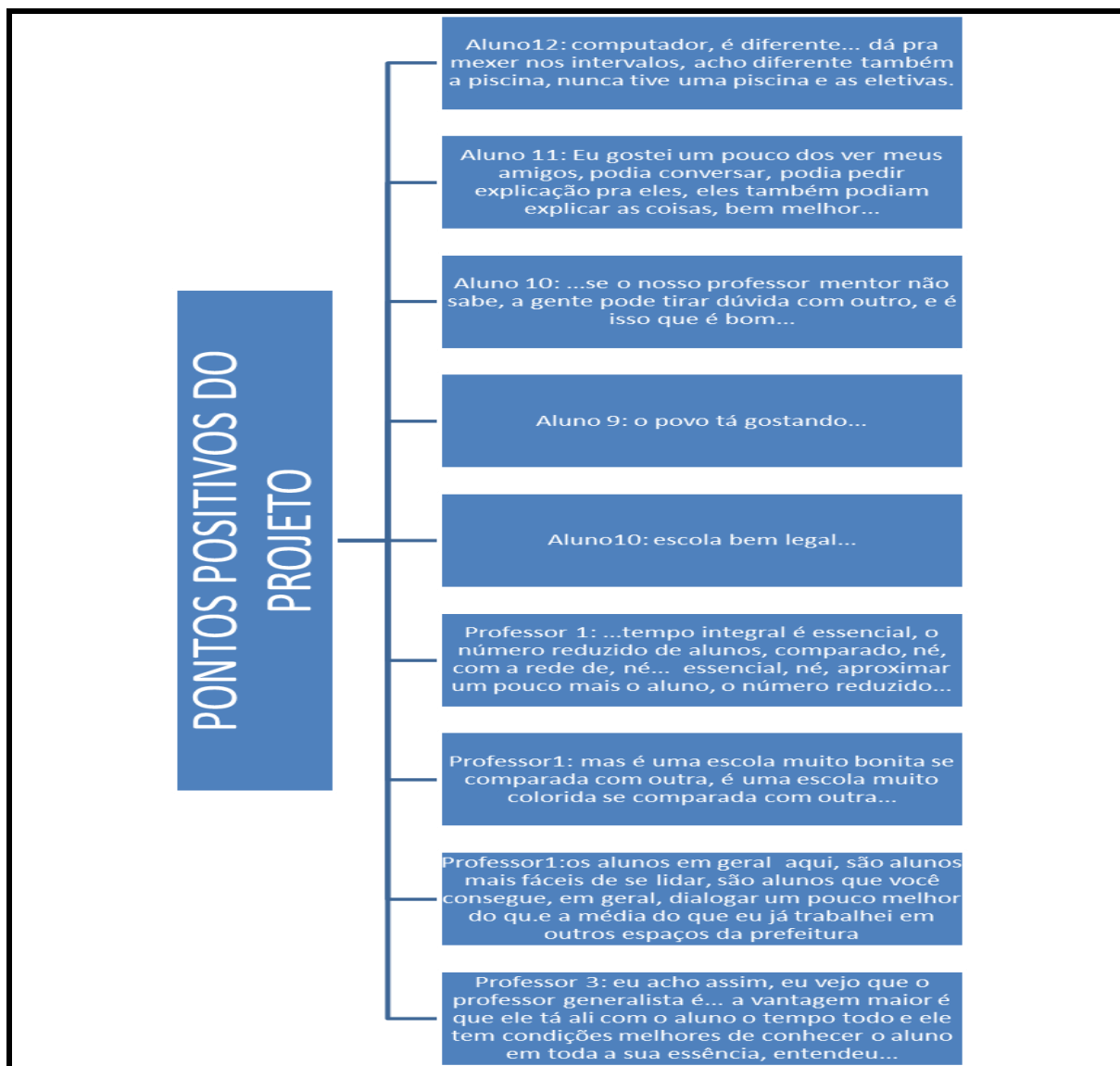
Como a Escola André Urani teve problemas desde o início da implantação do Projeto GENTE tendo mesmo tido três coordenadores pedagógicos, os professores não tiveram um direcionamento, um acompanhamento colaborativo, como citado acima, com o

apoio da supervisão para que seguissem por um caminho de desenvolvimento da autonomia.

O questionário aplicado a 28 inquiridos, mostra que 16 deles acreditam que o Projeto está a ajudar os alunos a serem mais autónomos.

4.4 Categoria Pontos Positivos do Projeto

Quadro 5 - Pontos Positivos do Projeto



Um Projeto que nasceu com o objetivo principal de repensar o que é a instituição Escola, personalizando o ensino para as necessidades de cada aluno, propondo inovações em diversas frentes na área educacional, encontrou alguns percalços pelo

caminho, mas também demonstrou que tem características positivas a serem destacadas e que podem e devem ser repetidas, objetivo final do Projeto GENTE, constante no Termo de Referência analisado.

Uma destas características é o Ensino Integral, formato criado no Brasil a partir dos CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública) numa época de crise económica e organização do crime, nos anos 80, em que conseguiam ocupar as crianças com atividades de desenvolvimento intelectual e emocional e deixá-las afastadas da criminalidade, dando oportunidades de caminhos diferentes daqueles, muitas vezes, percorridos por seus familiares.

Com a realidade já apresentada sobre a Favela da Rocinha, advém o problema de pais das crianças da Escola André Urani que são analfabetos e não conseguem ajudá-los nas tarefas da escola. Como se verificou nos pressupostos sociológicos, das linhas orientadoras da Educação, a escola e os seus modelos pedagógicos precisam adaptar-se, atendendo à escola de massas, muito diferentes dos modelos elitistas, aos quais os educadores tem ainda forte ligação. Todos estes motivos: as crianças terem uma escola que oferece alimentação adequada ao longo do dia, garante uma predisposição mental para a busca do conhecimento; e a presença dos professores mentores as ajuda a desenvolver tarefas que não teriam condições sozinhas, em casa. Ou seja, passam mais tempo na escola, das oito da manhã às quatro horas da tarde sob a responsabilidade do seu professor mentor, que acompanha os seus (24) alunos diariamente, encaminhando as necessidades individuais e ajudando na resolução das problemáticas que venham a surgir.

“... tempo integral, acho essencial, né... é um pilar do Gente, mas está dentro desta escola, tempo integral é essencial...” (Informação verbal)⁴⁵

“...bastante interessante é o horário integral, eu acho que o horário integral é uma construção importante da educação...” (Informação verbal)⁴⁶

“...o ambiente é mais agradável... eu acho que, a questão do horário, a comida que aqui é diferente, muitas coisas são diferentes de lá, das outras escolas, lá a gente não tinha frutas, não...” (Informação verbal)⁴⁷

⁴⁵ Citação direta do Professor1.

⁴⁶ Citação direta do Professor4.

“...ele tem um pai e uma mãe, hoje em dia (não entendi), então um pai e uma mãe alfabetizados que vai ajudar nesse suporte, né, (não entendi) hã... pra gente, pro nosso aluno essa não é uma realidade, muitas vezes você tem os pais que não são escolarizados, então essa continuidade fica comprometida... né, então o fato de ser integral, ele ajuda nesta questão... e o fato que, aí sim é específico do Gente, hã... de a gente ter alguém que acompanha esta turma, então, tenho uma turma que eu to todos os dias com eles, então isso você acaba suprindo e olhando o aluno um pouco mais de perto, se fosse no modelo anterior, você só tem... o professor passa pela turma, a sua matéria, mas você não tem ninguém olhando especificamente... daí aquelas deficiências, enfim, vai, aquilo vai se acumulando ao longo do processo de estudo desse aluno, a hora que você ve, ce tem um aluno no 9º ano que não tá conseguindo, é dominar aquilo que se esperava dele no 6º ou no 7º ano...” (Informação verbal)⁴⁸

Mas as crianças demonstram que não gostam do tempo integral e uma delas apontou uma justificativa plausível:

“...bom, eu acho que tem gente que tá gostando, só não muito por causa do horário...” (Informação verbal)⁴⁹

“...do horário (fala sobrepondo a fala do colega em forma de concordância)...” (Informação verbal)⁵⁰

“...que é integral...” (Informação verbal)⁵¹

“...mas fora isso...” (Informação verbal)⁵²

“...o povo tá gostando...” (Informação verbal)⁵³

“...escola bem legal...” (Informação verbal)⁵⁴

“...é... a gente só não gosta de ter aula o dia inteiro...” (Informação verbal)⁵⁵

⁴⁷ Citação direta do Professor11.

⁴⁸ Citação direta do Professor1.

⁴⁹ Citação direta do Aluno9.

⁵⁰ Citação direta do Aluno10.

⁵¹ Citação direta do Aluno9.

⁵² Citação direta do Aluno10.

⁵³ Citação direta do Aluno9.

⁵⁴ Citação direta do Aluno10.

⁵⁵ Citação direta do Aluno4.

“...uma coisa que eu achei que seria legal que de manhã a gente podia ter aula, normais, e à tarde, a gente podia fazer um curso, alguma coisa que possa ajudar a gente no nosso futuro, na carreira que a gente quer seguir...” (Informação verbal)⁵⁶

“...acho que pelo menos com o horário... eles podiam bota a gente pra fazer alguma coisa que a gente gostasse... porque se a gente for só um turno, podia pegar, sair da escola, e fazer um curso, aprimorar em outras coisas, mas com aquela rotina fica mais difícil porque, escola, curso ao mesmo tempo, fica muito cansativo, muito cansativo...” (Informação verbal)⁵⁷

Na intervenção do Aluno2 fica explícito que o tempo integral não atende às ansiedades dos alunos, como complementa este professor:

“...então eu vejo isso, não sei se é consenso, numa escola integral, caberia o espaço o aluno com o professor especialista, pela manhã, não sei se seria isso, e... mais assim, todo dia à tarde, ele teria este espaço com o professor que teve com ele todos os dias, fazendo um formato assim...” (Informação verbal)⁵⁸

Então, embora o tempo integral seja um ganho na educação, ele dá indícios, nas falas de alunos e professor que está sendo mal distribuído, mal explorado.

Outra questão que os alunos particularmente apontam como sendo positiva são os computadores:

“...computador, é diferente... dá pra mexer nos intervalos...” (Informação verbal)⁵⁹

“...hum, hum... mais alguma coisa que vocês acham legal, assim... no Projeto?” (Informação verbal)⁶⁰

“...o wi-fi...” (Informação verbal)⁶¹

⁵⁶ Citação direta do Aluno8.

⁵⁷ Citação direta do Aluno2.

⁵⁸ Citação direta do Professor1.

⁵⁹ Citação direta do Aluno12.

⁶⁰ Citação direta da Pesquisadora.

No questionário aplicado 24, dos 28 respondentes, apoiam a utilização da tecnologia no processo de ensino e aprendizagem.

Como foi abordado anteriormente, as tecnologias previstas para o Projeto GENTE falharam, não atendendo às necessidades dos professores mentores e fazendo com que a equipa tivesse de procurar planos secundários, como já relatado pela própria Diretora da Escola. A visão dos professores com relação ao uso de tecnologia contraria o que relata o Termo de Referência e o Marco Lógico do Projeto que previam a Educopédia com conteúdo alimentado adequadamente, a Máquina Teste para que o aluno e o professor mentor pudessem acompanhar o desenvolvimento do aluno, e o mentor “Tira-Dúvidas”, via skype, que também não funcionou:

“...a tecnologia ficou muito amarrada, na coisa, né, quer dizer, é... é o inovador sendo usado de forma conservadora, né, eu prefiro que o aluno tenha uma aula expositiva de ciências, com um professor de ciências, do que ele faça sozinho a aula na Educopédia...” (Informação verbal)⁶²

“...aí eles vão para o skype, com o professor tira-dúvidas, que NUNCA funcionou...” (Informação verbal)⁶³

“...aqui é a lan house... os alunos falam pra mim...” (Informação verbal)⁶⁴

“...(a professora fala que a escola teria que ensinar os alunos como usar as ferramentas do windows, não apenas oferecer a internet, fala que eles não sabem trabalhar no word, do power point...)” (Informação verbal)⁶⁵

“...não teve uma eletiva de informática...” (Informação verbal)⁶⁶

Na classificação das estratégias de ensino, uma das bases do Projeto GENTE, o ensino assistido por computador ou apostilas faz parte da categoria “abstrações da realidade” (Vieira & Vieira, 2005) , enquanto que as principais escolas que o GENTE buscou referências, apresentam um estilo de aprendizagem classificado pelo mesmo autor como “simulações da realidade”, que são os projetos. Mesmo que as famílias garantam o

⁶¹ Citação direta do Aluno1.

⁶² Citação direta do Professor1.

⁶³ Citação direta do Professor7.

⁶⁴ Citação direta do Professor8.

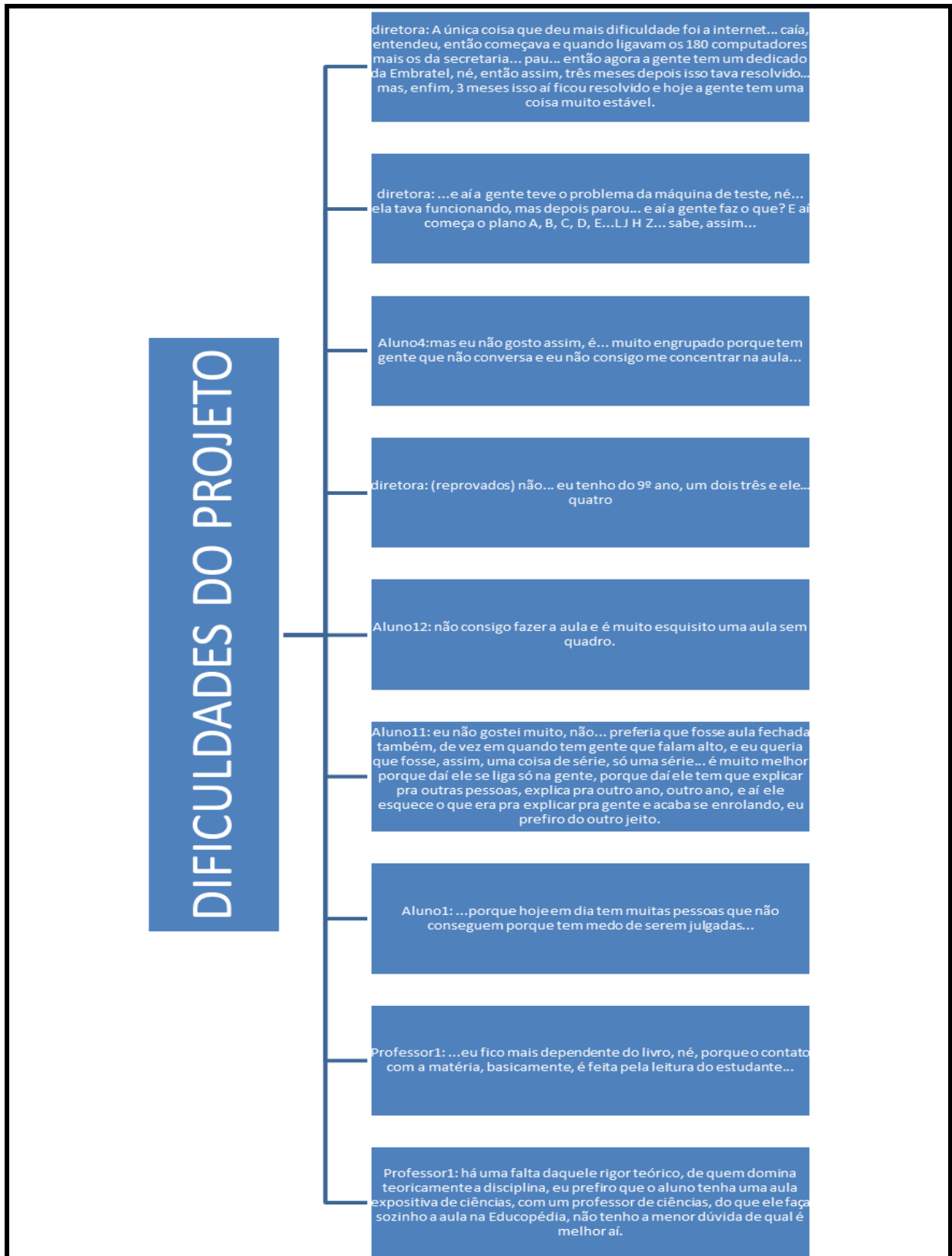
⁶⁵ Citação direta do Professor11.

⁶⁶ Citação direta do Professor7.

estudo orientado em equipas, os alunos parecem estar distantes do processo de autonomia que garanta que possam aprender através de seus pares.

4.5 Categoria Dificuldades do Projeto

Quadro 6 - Dificuldades do Projeto



A ausência de salas de aula, que, de acordo com os documentos do Projeto, são um ponto alto e permitem a independência, autonomia do aluno, geraram mal-estar, possivelmente por mau uso do espaço, porque este formato precisaria das ferramentas tecnológicas a funcionar:

“...mudou tudo, tudo, sem parede agora, antes tinha parede, antes era mais fácil pra gente, interagir com pessoas, porque hoje em dia tem muitas pessoas que não conseguem porque tem medo de serem julgadas, antigamente era mais fácil porque a gente elaborava os trabalhos com a equipe toda, formando grupos... (não consegui entender um trecho) a gente não está se sentindo bem...” (Informação verbal)⁶⁷

“...por que? Diversas, hã... os anos diferentes, né? No mesmo grupo...” (Informação verbal)⁶⁸

“...antes era separado... agora é muito mais difícil pra se trabalhar.” (Informação verbal)⁶⁹

“...um bate papo mais informal no final da aula e eles falaram bastante que tem eu não gosto mesmo de estudar não, mas se eu gostasse ia ser difícil porque eu to vendo gente que gosta e não ta conseguindo, e outros relatos foram: o professor não entende dessa matéria, o professor não sabe, nem o professor sabe o que ele ta ensinando... o que não é mentira...” (Informação verbal)⁷⁰

“O que eu não gosto... não eu não gosto, eu NÃO gosto de nada, eu gosto de muitas coisas, mas eu não gosto assim, é... muito engrupado porque tem gente que não conversa e eu não consigo me concentrar na aula (...) não consigo fazer a aula e é muito esquisito uma aula sem quadro.” (Informação verbal)⁷¹

⁶⁷ Citação direta doAluno1.

⁶⁸ Citação direta da Pesquisadora.

⁶⁹ Citação direta doAluno1.

⁷⁰ Citação direta do Professor4.

⁷¹ Citação direta doAluno12.

“...eu não gostei muito, não... preferia que fosse aula fechada também, de vez em quando tem gente que falam alto, e eu queria que fosse, assim, uma coisa de série, só uma série... é muito melhor porque daí ele se liga só na gente, porque daí ele tem que explicar pra outras pessoas, explica pra outro ano, outro ano, e aí ele esquece o que era pra explicar pra gente e acaba se enrolando, eu prefiro do outro jeito (...) todo mundo fala que também achava melhor, pergunto: como é que vocês preferiam? Ah, eu prefiro a sala daquele jeito... a opinião deles, acho, que é igual a minha...” (Informação verbal)⁷²

“...bastante diferente, assim, meio...meio que, antigamente era melhor, eu acho, porque a gente aprendia mais e tinha mais atenção dos professores.” (Informação verbal)⁷³

“...poderia voltar as salas, em salas, dividir em salas... porque, tipo, logo pra gente do 9º ano... pra mim, tem mais estudo, fica muito complicado o dia inteiro, é mais difícil, muito barulho, atrapalha.” (Informação verbal)⁷⁴

“...tem muito exercício, muito barulho... atrapalha...” (Informação verbal)⁷⁵

Verifica-se que um dos pontos altos da criação do Projeto GENTE que era a não existência das salas de aula, não foi bem assimilado, não tendo a estrutura mínima necessária para o seu funcionamento. Este é um dos fatores mais citados nas intervenções dos entrevistados e precisaria ser revisto com urgência um formato que fosse mais adequado ao ensino. Nos resultados do questionário, aparecem 14 no total de 28 dos respondentes como gostando de não terem as salas de aula tradicionais.

Nos Pressupostos Pedagógicos estudados viu-se que é de responsabilidade do professor a criação do ambiente para a aprendizagem, no caso desta desorganização clara na Escola André Urani, caberia ao Supervisor Pedagógico construir com os professores, de forma democrática, através do diálogo, uma forma que melhorasse a característica do excesso de barulho, incentivando a aprendizagem dos alunos.

⁷² Citação direta do Aluno11.

⁷³ Citação direta do Aluno10.

⁷⁴ Citação direta do Aluno4.

⁷⁵ Citação direta do Aluno2.

Salman Khan (2012) defende a aprendizagem no tempo de cada um, através do uso da tecnologia, a não existência de salas de aula. Neste caso da André Urani, houve uma falha num ponto crucial do Projeto: a tecnologia colidiu com o ensino tradicional, trazendo de novo o professor como o centro do processo, com o aluno dependendo e querendo de volta as aulas como eram antes, mas por uma falta de estrutura e uma total isenção para solucionar o problema, com uma equipa desestruturada, com ausência, inclusive, do guia do grupo de professores, que deveria ser a figura do Supervisor Pedagógico.

Almeida (2005) fala da interferência das pessoas nos sistemas educacionais, seja como coparticipantes, seja como não apoiadoras de um sistema imposto e parece que esta última característica se aplica ao grupo de professores, que na sua maioria, consideram que não fizeram parte do processo de criação do Projeto e não concordam com o que está a ser imposto.

Outra questão que envolve os professores é a necessidade que sentem em dar aulas no formato tradicional de ensino, que se torna evidente quando afirmam que não tem dúvidas que uma aula expositiva seria melhor do que uma aula orientada para a aprendizagem, por alguém que não domina o conteúdo, como é o caso dos mentores generalistas.

Eles relatam que não são polivalentes, que são especialistas, e neste ponto volta-se ao ponto de que falta ensinar o educador, que o professor em formação recebe ainda um formato tradicional de ensino como base para a sua prática futura. Roger Schank (2012) fala em professores que continuam reproduzindo o ensinar do Século XVIII. Alvin e Heide Toffler (2008) criticam o Sistema Educativo, alertando que foi criado para atender às necessidades da era industrial, com disciplinas isoladas em períodos de 50 minutos, separados uns dos outros por toques de sirenes. Também Morin (2004) acredita que exista uma tendência à especialização, no caso das disciplinas isoladas, dadas por especialistas, e que isto faz com que as pessoas se sintam parte de um quebra-cabeças, uma forma de viver desarticulada com a realidade, onde as coisas acontecem simultaneamente, fazendo-se necessário o cruzamento de dados para a resolução de problemas do dia a dia.

Falou-se anteriormente da dificuldade no acesso à internet, que é uma dificuldade do GENTE, enquanto a pesquisadora esteve na escola no mês de agosto, este facto foi

reclamação continuamente na sala dos professores, tanto para uso em sala de aula com os alunos, quanto na sala dos professores para a preparação das suas aulas. E esta também foi uma dificuldade para a própria pesquisa que previa a aplicação de um questionário *online* e não se conseguiu conexão durante o período que a pesquisadora esteve na escola, para que os 240 alunos pudessem responder.

Na verdade as dificuldades do Projeto são facilmente identificáveis ao longo de toda a análise, permeando as demais categorias.

4.6 Categoria Sugestões de Melhorias

Quadro 7 - Sugestões de Melhorias

SUGESTÕES DE MELHORIAS	
	Aluno8: uma coisa que eu achei que seria legal que de manhã a gente podia ter aula, normais, e à tarde, a gente podia fazer um curso, alguma coisa que possa ajudar a gente no nosso futuro, na carreira que a gente quer seguir...
	Professor3: mas eu vejo assim, não é uma coisa impossível, só que eu acho que ela tem que começar não nesta fase de 7º, 8º e 9º ano, tem que começar lá de baixo, entendeu... porque o aluno, ele já vem de um outro sistema, retrógrado
	Professor7: não teve uma eletiva de informática...
	Professor 4: o retorno do especialista é algo que surge muito forte... um mentor que tivesse os especialistas...
	Professor4: se o professor trabalha junto com os alunos, que tem autonomia para estudar aquilo que ele quer, o professor também devia ter autonomia de tempo... o professor poderia usar este tempo para espalhar, sair do salão, ir lá pra fora, vamos fazer a pintura...

Citou-se anteriormente a necessidade da participação de todos os atores do processo na construção de um Projeto e viu-se que este não foi o caso do GENTE, onde os professores receberam um treino de 40 horas e entraram em campo para a implementação do Projeto, com problemas sérios de Supervisão Pedagógica, deixando a equipa de docentes sem apoio.

Se a aprendizagem é um processo intrínseco, com ligação direta aos interesses do indivíduo, este momento, onde os professores estão construindo o Projeto Político Pedagógico do GENTE, é ideal para pensar em melhores condições, que recoloquem o

aluno no centro do processo, com base no seu interesse, que atenda aos pedidos dos alunos:

“...uma coisa que eu achei que seria legal que de manhã a gente podia ter aula, normais, e à tarde, a gente podia fazer um curso, alguma coisa que possa ajudar a gente no nosso futuro, na carreira que a gente quer seguir...”
(Informação verbal)⁷⁶

Um novo formato que possa também unir a ideia inicial do GENTE com as condições reais de trabalho e que traduza as necessidades tanto dos alunos, quanto dos professores:

“...o retorno do especialista é algo que surge muito forte... um mentor que tivesse os especialistas... então a gente tem uma ideia de fazer uma proposta... tem uma coisa do generalista que é interessante, que é assim, ele acompanha o percurso do aluno, o tempo todo, ele tá a semana inteira com o aluno, ele identifica as dificuldades, é... embora não tenha condições de saná-las por completo e aí a gente tava construindo algumas ideias de que a gente tivesse o especialista e um professor que acompanhe esta turma... a nossa preocupação não é descaracterizar o processo, o projeto, a nossa preocupação é que ele seja efetivo, é que a gente consiga construir ele de nova forma, de uma nova forma, é... o processo de ensino aprendizagem que não aquele tradicional, né... o professor entrando e saindo a cada 45 minutos de sala e tal, mas uma aula dinâmica, mas que esta dinâmica respeite a formação dos professores e respeite também o processo do aluno. É isto que a gente tá tentando pensar.” (Informação verbal)⁷⁷

“...mas eu vejo assim, não é uma coisa impossível, só que eu acho que ela tem que começar não nesta fase de 7º, 8º e 9º ano, tem que começar lá de baixo, entendeu... porque o aluno, ele já vem de um outro sistema, retrógrado, pra mim retrógrado, e quando chega nesta faixa de idade é muito difícil porque eles não tem só a deficiência da aprendizagem eles tem desestruturação social, família, então isso é muito, é complicado até na

⁷⁶ Citação direta do Aluno8.

⁷⁷ Citação direta do Professor4.

cabeça deles, sofrer estas mudanças, né... a formação deles em times, né, em grupos menores, ela é positiva, mas na minha opinião deveria acontecer dentro do mesmo ano escolas, tipo, nós temos dentro de uma família, alunos de 7º, 8º e 9º, né, se esta transformação já tivesse vindo desde lá eles pequenos, talvez fosse possível fazer como eles queriam fazer agora, com esta mistura, com alunos de 7º, 8º e 9º, e... ou um aluno orientador, mas eles não tão preparados pra isso...” (Informação verbal)⁷⁸

Os professores deixaram claro que não pretendem modificar o Projeto a tal ponto que o descaracterize, que também não pretendem voltar ao padrão tradicional de Ensino, mas que gostariam, através da construção do Projeto Político Pedagógico, de encontrar um meio adequado para o processo de ensino e aprendizagem, incluindo as propostas do GENTE, contrastadas com as possibilidades reais da escola André Urani.

⁷⁸ Citação direta do Professor3.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho, caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar.” (Freire, p. 213, 2011)

Já se passaram mais de doze meses desde o início deste estudo e, ao longo deste período, as perguntas da pesquisadora e os objetivos traçados foram criando forma, através de uma realidade, por vezes, amigável e noutras mostrando uma forte resistência à mudança.

Conforme se inicia esta dissertação, relata-se que se tem, até 2050, uma população mundial de 10 bilhões de habitantes, vivendo em constantes e cada vez mais atômicas mudanças, numa realidade irreal, permeada de sensações de pertencimento, sem pertencer, de um mundo virtual, que afasta sob o pretexto de unir e que marca, de uma forma inédita, a exaltação da unidade, das necessidades individuais. Por outro lado, ainda existe a sala de aula, com cadeiras enfileiradas, um quadro e um professor à frente de alunos, na maioria das vezes, sem saber o nome de cada um deles, virando as costas para a turma e concentrado nas suas teorias e especializações.

Ideias de pensadores da Educação como Paulo Freire, Rubem Alves, Darcy Ribeiro, Edgar Morin, Vygotsky, Gardner, entre outros tantos, ainda tem pouca aplicabilidade nas escolas atuais, em sua maioria tradicionais no ensino-aprendizagem.

A inquietação da pesquisadora, com estas contradições da educação frente a realidade de mundo, encontrou reverberação numa proposta de mudança, de quebra de paradigmas, nascida no Rio de Janeiro, através de um projeto idealizado por Rafael Parente.

Ao iniciar as leituras sobre o GENTE, ainda na fase do projeto de pesquisa, foi inevitável segurar a curiosidade, que caminhou para o que Freire denomina de “curiosidade epistemológica”, no início da investigação. Algumas destas inquietações, mencionadas no Capítulo I – Problemática da Investigação, prendiam-se com querer fazer-se uma leitura do Projeto, entender o que os diversos atores envolvidos pensavam, como se sentiam, resultados que já fossem visíveis, a partir do primeiro ano de implantação do GENTE e foram colocadas algumas perguntas que neste momento se

procuram responder, resumindo as análises das diversas categorias que surgiram durante a investigação. As perguntas feitas no Capítulo I, passam a elencar-se:

- Será que esta mudança no formato de ensino irá melhorar o desempenho dos alunos envolvidos no projeto?
- Como foi para o professor abandonar a frente da sala de aula, como detentor do conhecimento, e se tornar um mentor, independentemente da sua área de formação, dedicar-se a ensinar os alunos a aprenderem a aprender, a procurarem as suas próprias respostas, de forma autónoma?
- Como se sentiram os alunos que participaram deste início do projeto, convivendo nas “famílias” (grupos de projetos) com colegas de idades e séries diferentes?
- Quais as contribuições para o processo de ensino e aprendizagem trazidas pela mudança introduzida pelo projeto GENTE, na Escola Municipal André Urani?

Deixa-se para o fim a primeira inquietação, que tratava de identificar os resultados no desempenho dos alunos, que será retomada na finalização destas considerações.

Os objetivos traçados, a partir dos questionamentos anteriores, e que conduziram o desenvolvimento da dissertação foram:

- Identificar quais são as perceções dos atores principais deste processo, ou seja, alunos, professores, supervisores e direção.
- Aprofundar as perceções dos mesmos atores do processo, avaliando o que consideram positivo e negativo no projeto.
- Identificar aspetos a melhorar no projeto, através das perceções de professores e supervisores.
- Elencar os sentimentos comuns entre os professores, no abandono da tradicional forma de ensinar e na introdução do papel do professor como mentor.
- Entender de que forma o aluno passou a desenvolver mais autonomia com a aprendizagem através de projetos individuais.

A curiosidade sobre as contribuições para o processo de ensino e aprendizagem trazidas pela mudança introduzida pelo GENTE levou à formulação **dos dois primeiros**

objetivos que buscavam identificar e aprofundar as percepções dos atores do processo, avaliando aspetos positivos e negativos, além das possíveis sugestões de melhorias.

A partir desta pergunta, alicerçada por dois objetivos, foi possível identificar através das intervenções dos professores, alunos e direção, três categorias: pontos positivos, dificuldades do projeto e sugestões de melhorias.

Os professores da escola são unânimes em apreender que o ensino em tempo integral proposto pelo GENTE tem um valor indispensável na busca deste modelo de ensino e aprendizagem, que procura o desenvolvimento da autonomia e que prevê um acompanhamento individualizado por parte do professor, que além de ter um número reduzido de alunos, vinte e quatro, tem oito horas diárias com eles, podendo desta forma, acompanhar o seu desenvolvimento. O número reduzido de alunos também é destacado positivamente na intervenção dos professores, pois permite uma aproximação professor-aluno.

Outro fator importante sobre o tempo integral é que os alunos recebem neste período uma alimentação adequada e permanecem na escola, orientados por professores capazes de ajudá-los a desenvolver as suas potencialidades, principalmente por viverem numa comunidade de risco, onde, além de tudo, não podem, na grande maioria, contar com o auxílio dos pais em casa, uma vez que o tempo médio de permanência na escola, da população, na comunidade da Rocinha, é de 4,2 anos. Os alunos discordam, não gostam de passar tanto tempo dentro da escola, torna-se óbvio pelas diferentes intervenções de alunos e professores que o tempo integral poderia ser revisto quanto à distribuição das atividades, atendendo às necessidades dos alunos, motivando-os com atividades mais práticas. O que se percebeu, observando os alunos em aula, é que passam muito tempo nas salas, sem mudanças de atividades e muito tempo a realizar o mesmo tipo de tarefa.

A interação que o formato de aulas sem salas de aula permite também foi retratada como ponto forte, além da possibilidade de explorar respostas com especialistas ou mesmo com colegas que estejam mais avançados no estudo.

A utilização dos *tablets* e da internet é uma característica que o aluno gosta muito, mas pouco se observou, enquanto se esteve na escola, da efetiva utilização, com explicação possível na dificuldade de conexão.

A escola é aprazível, professores, alunos e direção, destacam este fator: cores vibrantes, limpeza, organização, uma piscina para aulas de Educação Física. Todas estas características físicas dão orgulho aos diversos atores do Projeto e tornam a permanência no local agradável.

Percebe-se que foi possível alcançar contribuições interessantes no processo de ensino e aprendizagem, introduzidas pelo GENTE e é a este facto que se cinge a observação de que as perguntas foram respondidas, bem como os objetivos alcançados positivamente ou negativamente.

No que concerne às perguntas formuladas e aos objetivos propostos, que sofreram desgaste da realidade, ou mesmo que foram “arrancados pela raiz”, obteve-se uma lista um pouco desagradável, pelo menos, para a pesquisadora, que estava iludida com o facto de um projeto escrito com base no que se faz de mais atual e diferente pelo mundo da Educação ser produtivo. **Surge assim o terceiro objetivo proposto, que era o de identificar os pontos a melhorar do Projeto.**

A começar pelas aulas, sem salas de aula tradicionais, o que foi visto pelos alunos como algo importante para a interação, propiciando trocas, tanto com professores como com outros alunos, também foi visto como causador de distúrbios de aprendizagem, devido ao excesso de barulho, que prejudica, de acordo com professores e alunos, o processo de ensino e aprendizagem. O aumento no número de alunos de dezoito, no primeiro ano do Projeto, para vinte e quatro por professor, no segundo ano, fez com que o número total de alunos na escola aumentasse dos cento e oitenta para duzentos e quarenta. Com isto o volume das conversas, nos grandes salões de estudo das famílias, aumentou.

Como os alunos não tiveram acesso à máquina de teste, e os conteúdos da Educopédia não tiveram inserção adequada ao ritmo de estudos, os professores passaram a desenvolver atividades para os alunos aprenderem os conteúdos previstos, e estas atividades foram acompanhadas sempre pelo professor, que as tinha de explicar às suas famílias. Esta atividade do professor, voltando a ser o centro do processo, é que gera ruídos, além de, é claro, o aluno que termina uma atividade e não tem autonomia de seguir os seus estudos, ficando esperando pelas próximas orientações do professor-mentor, que não demonstra a mentoria em momento algum da pesquisa.

O quarto e penúltimo objetivo era a respeito dos sentimento comuns entre os professores sobre a mentoria. Os professores carregam a palavra polivalência nas suas

intervenções e o ressentimento por não poderem exercer as suas especializações, embora o Projeto tenha a clareza no seu Termo de Referência: Professor Polivalente é o professor que atua por núcleo de conhecimento e não em disciplinas específicas. Este conceito já é utilizado nos Ginásios Experimentais Cariocas. No GENTE, este conceito vai ser extrapolado para o conceito de mentor generalista, os professores serão mentores das equipas, independente das suas especialidades, solicitando ajuda aos especialistas quando julgarem necessário. (Termo de Referência, Anexo XI)

O professor não foi devidamente preparado para atuar como um mentor generalista, claramente evidenciado na intervenção de uma das professoras quando disse que entrou para o Projeto, com ele já em desenvolvimento, e não recebeu nenhum tipo de orientação, nem teve acesso ao Projeto para leitura do mesmo. Mesmo os que receberam o Transcurso, não tiveram tempo suficiente de preparação para transformar um especialista em mentor, nas apenas 40 horas previstas. Esta questão é crucial, pois a partir do momento que os professores ainda acreditam que as salas fechadas, que o quadro, que suas especializações tem um melhor resultado, cumpre concluir que não acreditam no Projeto.

Mas, em meio a estes objetivos que tiveram uma conclusão negativa, surgiram durante a investigação, “folhas ainda verdes”, possibilidades de novos “plantios”. Entre as sugestões de melhorias feitas pelos professores e alunos, está um repensar do Projeto, uma forma que estão todos procurando para que o Projeto, necessitado das especificações tecnológicas, que apresentou desde o início, seja efetivo.

O Projeto Político Pedagógico da escola está sendo discutido e tendo a participação de todos, na busca por uma fórmula que mantenha as bases do GENTE, mas que atenda às fragilidades impostas pelas carências já citadas.

Uma sugestão que apareceu de forma bastante vincada foi a de oferecer às famílias (grupos formados por 6 alunos) auxílio dos especialistas, mas que, toda família também tivesse um destes especialistas como mentor, acompanhando o desenvolvimento do grupo de vinte e quatro alunos com proximidade. Embora não tenha sido concretizado o formato para que isto ocorresse, é uma ideia que começa a ser desenvolvida para ser apresentada à Secretaria de Educação.

Conforme já dito na categoria de análise referente às sugestões de melhorias, esta fase sugere uma atuação eficaz de uma Supervisão Pedagógica, apoiada por profissionais da

Psicologia da Educação, para que possam guiar os professores e contemplar neste documento, em fase de construção, todas as necessidades da comunidade, sem atingir de forma radical a proposta inicial do Projeto GENTE. No entanto a Supervisão Pedagógica foi, desde o início da implantação do projeto, um problema. O primeiro supervisor saiu, de acordo com a diretora da escola, devido à pressão do cargo na busca por resultados. Depois uma segunda coordenação que também não se adaptou e a terceira coordenação que era apontada, tanto pela diretora, quanto pela coordenadora do projeto na Secretaria de Educação, como sendo uma promessa, no dia em que a pesquisadora chegou à escola para a segunda etapa da pesquisa, mencionou que pediria o afastamento do cargo. Por estes motivos não foi possível investigar a supervisão, a figura deste supervisor dentro do GENTE.

Quando a curiosidade ingênua da pesquisadora, concretizada na indagação sobre como seria para o professor abandonar a frente da sala de aula, o estilo tradicional de ensino e incorporar os atributos do mentor, alicerçada no objetivo que propôs elencar os sentimentos comuns entre os professores sobre a mentoria, se deparou com a realidade na sala dos professores, nos corredores da escola, nas salas de aula, a resposta proferida não é a que se esperava, a que constava nos documentos analisados do GENTE, mas a que reflete a atual situação e que pede uma posição dos Coordenadores, Direção e demais responsáveis pelo desenvolvimento do Projeto.

Qual foi a opinião geral dos professores com relação à mentoria? A intervenção de um dos professores abaixo define de forma clara e enfática o que é um sentimento comum:

“Primeiro, o sonho era... primeiro, eu não tinha que dar aula de todas as matérias, eu teria no meu salão, um professor de história, um de geografia, um de português, um de matemática e um de ciências, tá... o aluno teria a sua máquina (*tablet*), trabalharia na máquina, lendo a Educopédia e fazendo uma coisa chamada “Máquina Teste”. A Máquina teste tinha conteúdo só para uma semana, a partir daí não houve mais conteúdo, portanto, não funcionou, tá, isso é a primeira coisa... A segunda, eu não precisaria dar aula de 5 matérias porque os especialistas estavam ao lado, se o aluno tivesse algum problema em História, ele chamaria o professor de História, se ele tivesse algum problema em Português, ele chamaria o especialista, né, então o que aconteceu foi que, a partir dessa semana que aconteceu um projeto,

porque só as primeiras máquinas testes, os conteúdos estavam, hã, desenvolvidos, o resto do conteúdo não estava, a partir daí nós tivemos que se virar, rebolando, dando 5 matérias, sem material didático nenhum, eramos nós se virando e ainda jogaram nas minhas costas, 4 matérias que não são minhas, tá, e ainda me botando responsável por isso até hoje, então isso é uma antítese aqui, na verdade nós não fomos contratados para ser polivalentes...” (Informação verbal)⁷⁹

A mentoria fez eco na categoria “Dificuldades do Projeto”, a Direção já havia dito que os professores precisaram desenvolver “Planos B” devido às falhas do Projeto, os professores sentem-se enganados porque não tiveram os recursos necessários para desenvolverem o Projeto, os alunos sentem-se perdidos porque não encontram segurança nos seus professores, não conseguem desenvolver os seus estudos de forma autónoma, como o formato propõe.

Mais do que em qualquer outro ponto da investigação, sente-se a falta da presença de um Supervisor Pedagógico, que possa analisar o andamento da mentoria, desenvolver ao lado da equipa de professores, estratégias de adaptação, que poderiam, inclusive, ter evitado que se chegasse a este ponto de insatisfação do grupo.

A ideia de mentoria em contraponto com a polivalência configura-se como uma temática a ser trabalhada com os professores, aprofundada, pois como relatado ao longo da dissertação, eles não receberam este tipo de formação nas suas licenciaturas e o curso oferecido pelo projeto, em fase de implantação, durou apenas 40 horas, que não são suficientes para modificar séculos da história da Educação Mundial.

O último objetivo proposto para o desenvolvimento desta dissertação era sobre a autonomia, queria entender-se de que forma o aluno iria desenvolver mais autonomia, através dos projetos individuais. O que se constatou foi que a autonomia dos alunos é uma outra dificuldade do Projeto, muito provavelmente uma consequência da falha das ferramentas tecnológicas, aliada à não atuação de um professor mentor, de forma efetiva, como estabelece o Termo de Referência. A máquina de testes e a Educopédia não atenderam às necessidades do GENTE, além das falhas de conexão na

⁷⁹ Citação direta do Professor8.

escola, ou seja, o trabalho individualizado do aluno foi essencialmente prejudicado e o professor ficou sobrecarregado, suprimindo estas carências.

Um dos professores destaca que possivelmente uma das causas prováveis dos alunos não estarem apresentando a autonomia que se esperava é que o Projeto foi implantado a partir do 7º ano, e sugere que estes alunos já chegaram ao Projeto com hábitos estabelecidos nos anos anteriores, dependentes da condução do professor, perdidos com a proposta do GENTE. Na opinião deste professor o ideal seria começar com o Projeto nos anos iniciais e evoluir de forma progressiva com esta metodologia que visa desenvolver a autonomia do aluno. Esta ideia é coerente e reflete o que foi estudado nos pressupostos filosóficos, nos modelos de ensino e aprendizagem, quando cita Kant e a noção de autodeterminação racional, a capacidade de tomar decisões, práticas que denotam tempo e investimento por parte do educador.

Retomemos então a questão dos resultados apresentados pelo Projeto, claro que os resultados pressupõem bem mais do que índices de testes padrão, os resultados podem ser medidos nas intervenções dos alunos quando expressam:

“...o povo tá gostando...” (Informação verbal)⁸⁰

“...escola bem legal...” (Informação verbal)⁸¹

Na intervenção deste professor, apaixonado por mudanças constata-se:

“...exatamente o que que significa essa mudança, mas é esse estranhamento que pode ser a produção de um outro conhecimento, uma outra metodologia possível... ainda tá dando certo, ainda não, ainda não, porque é uma construção, é uma construção cultural, é uma prática cotidiana de si, pra si mesmo, e para o outro, então, a coisa assim que eu vejo, da mudança, ela é física, você vê uma mudança física, provavelmente esta mudança física começa também a provocar mudanças internas ou pode se começar com uma mudança interna para se começar uma mudança física...” (Informação verbal)⁸²

⁸⁰ Citação direta do Aluno9.

⁸¹ Citação direta do Aluno10.

⁸² Citação direta do Professor5.

Além das percepções dos atores que compõem o GENTE, também foi possível medir, numericamente, o resultado da escola. Após o encerramento da coleta de dados, foi possível acompanhar, através da divulgação da Diretora da Escola, pelas redes sociais, que em 2013, os alunos conseguiram atingir um índice do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 5,1, sendo que a meta Brasil para as escolas públicas era de 4,7. O índice geral atingido pela rede pública foi de 4,9 e a André Urani chegou aos 5,1, ou seja, ficou acima das duas metas. Uma vez que a meta para 2021, é de 6,0, o Projeto GENTE está a 0,9 pontos de alcançar a meta projetada para os próximos 7 anos.

Estes dados foram alentadores, no sentido que, mesmo com as adversidades enfrentadas pelo projeto, os resultados começam a aparecer e, pode-se antecipar, que o momento atual, de repensar o GENTE, através da construção do Projeto Político Pedagógico, poderá aumentar o índice dos resultados o que servirá como incentivo e fonte de motivação para o grupo de 15 professores, alunos, direção e supervisão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica*. Coimbra: Edições Almedina
- Almeida, Ana Patrícia. (2005). *Os fluxos escolares dos alunos como analisador dos modos de regulação local do Sistema Educativo* (Dissertação de Mestrado). FPCE, Lisboa.
- Altet, Marguerite. (1997). *Les pédagogies de l'apprentissage*. Paris: PUF
- Alves, Rubem & Dimenstein, Gilberto. (2003). *Fomos Maus Alunos*. São Paulo: Papyrus
- Alves, Rubem. (2004). *Ao Professor com o meu carinho*. Campinas, SP : Verus Editora
- Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar* (7ª ed). Lisboa: McGraw-Hill
- Azevedo, Fernando de. (1932). *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Recife: Editora Massangana (2010).
- Bauman, Zygmund. (1991). *Modernidade e Ambivalência (Modernity and Ambivalence)*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press. Traduzido por Marcus Penchel. Jorge Zahar Editor.
- Berger, A.A. (2000). *Media and communication research methods. An introduction to qualitative and quantitative approaches*. Thousand Oaks, CA: Sage Publication
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994) *Investigação qualitativa em educação - uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Botti, Sérgio Henrique de Oliveira & Rego, Sérgio. (2008). Perceptor, Supervisor, Tutor e Mentor. In *Revista Brasileira de Educação Médica*. 32(03), pp. 363 – 373.
- Brearley, Michael. (2004) *Inteligência emocional na sala de aula*. São Paulo: Madras.
- Carmo, H. e Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.
- De Masi, Domenico. (2000). *O Ócio Criativo*. Rio de Janeiro: Sextante.

Delors, J. (Coord.) (1996). *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI* (9.^a Edição). Porto: Edições Asa.

Demo, P. (2000). *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas.

Farago, Cátia C., Fofonca, Eduardo. (2012). A ANÁLISE DE CONTEÚDO NA PERSPECTIVA DE BARDIN: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações. In *Linguasagem*. 1^o Edição. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/007.pdf> (acessado em 8/09/14).

Fazenda, Ivani C. A. (1985). *Educação no Brasil Anos 60*. São Paulo: Edições Loyola.

Freire, Paulo. (2006). *Grandes Educadores. [filme-vídeo]. Coleção Grandes Educadores - Paulo Freire*. Gênero: Documentário. São Paulo: Distribuidora Paulus.

Freire, Paulo. (2011) *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Ed. Paz e Terra.

Gardner, Howard (1993) *Multiple intelligences: The theory in practice*. New York: Basic Books.

Gardner, Howard. (1996). *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. São Paulo: Artmed.

Gardner, Howard. (2007). *Cinco mentes para o futuro*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed.

Gaspar, M., Pereira, A., Teixeira, A, Oliveira, I. (2008). *O modelo na relação do ensino com a aprendizagem*.

Gatto, John Taylor. (2003). *Against Schools: How public education cripples our kids, and why*. New York: Harper's Magazine

Gomes, Caio Cesar, Pavão, Silvia M. O. (2013). *Avaliação Psicopedagógica da Aprendizagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo

Gomes, Candido Alberto. (2010). *Darcy Ribeiro*. Recife: Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco.

Goswami, Amit. (2012). *Criatividade para o século 21: Uma visão quântica para a expansão do potencial criativo*. São Paulo: Editora Aleph.

JMRRF. (2008 Junho 26). Alvin e Heidi Toffler criticam o Sistema Educativo [ficheiro em vídeo]. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=__ejlrSeLbM (acessado em 28/01/2014).

Jucovy, Linda. (2007). *The Abcs OS School-Based Mentoring*. Washington: National Mentoring Center.

Khan, Salman. (2013). *Um mundo, uma escola*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca.

Maimone, Fabio. (2010 Maio 10). O que é metodologia? [ficheiro em vídeo]. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=6QLdTuh5e6s> (acessado em 17/07/2013).

Morin, Edgar. (2004). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez.

Oliveira, Marcos M.. (2011 Agosto 30). Aula inaugural Metodologia em Pesquisa Científica [ficheiro em vídeo]. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=5MIC-McqPUw> (acessado em 17/07/2013).

Pacheco, J. A. (1995). *O Pensamento e a Ação do Professor*. Porto: Porto.

PROCAM – Universidade de São Paulo. (2009). *Como elaborar seu projeto de pesquisa*. Disponível em : <http://prpg.usp.br/dcms/uploads/arquivos/procam/como%20elaborar%20seu%20projeto.pdf> (acessado em 11/07/2013).

Psathas, G. (ed.) (1973) *Phenomenological sociology*. New York: Wiley

Ramos, Maria Conceição. (2001) *Os processos de autonomia e descentralização á luz das teorias de regulação social. O caso das políticas públicas de educação em Portugal* (Dissertação de Doutoramento). Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

Rangel, Annamaria P. (2004). *Psicologia da Educação: Teorias de Aprendizagem*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Revista Digital - Buenos Aires. Ano 10 N° 69. Fevereiro de 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> (acessado em 11/07/2013).

Robinson, Ken. (2006 Fevereiro). How schools kill creativity [ficheiro em vídeo]. Disponível em: http://www.ted.com/talks/ken_robinson_says_schools_kill_creativity.html?utm_source=email&source=email&utm_medium=social&utm_campaign=ios-share (acessado em 27/01/2014).

Rothbard, Murray N.. (2013). Educação Obrigatória na Europa. In Rothbard, Murray N., *Educação: Livre e Obrigatória*. Disponível em: <http://www.mises.org.br/EbookChapter.aspx?id=568> (acessado em 27/01/2014).

Saviani, D. (2010) *Sistema Nacional de Educação articulado ao Plano Nacional de Educação*. In *Revista Brasileira da Educação*. 15(44), pp. 380-392.

Semler, R., Dimenstein, G. & Costa, A. C. G. (2010). *Escola sem sala de aula*. Campinas, SP: Papirus 7 Mares.

Sousa, Alberto B. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte

Stake, R. E. (2000). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks:Sage

The RSA. (2010 Outubro 14). RSA Animate – Changing Education Paradigms [ficheiro em vídeo]. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=zDZFcDGpL4U> (acessado em 11/07/2013).

Tokarnia, Mariana .(2013 Dezembro 4). Educação no Brasil evolui, mas resultados no Pisa não são expressivos, analisam especialistas. Educação. Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-04/educacao-no-brasil-evolui-mas-resultados-no-pisa-nao-sao-expressivos-analisam-especialistas> (acessado em 24/02/2014).

Trindade, V.M. (2007). *Métodos e técnicas de observação, extraído da obra: Práticas de Formação – Métodos e Técnicas de Observação, Orientação e Avaliação em Supervisão*. Lisboa: Universidade Aberta

Triviños, N.S. (1995). *Introdução à pesquisa em ciências sociais - a pesquisa qualitativa em ciências sociais*. São Paulo: Editora Atlas S.A.

Tuckam, Bruce. (2000). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vieira, Rui Marques, Vieira, Celina. (2005). *Estratégias de Ensino/Aprendizagem*. Lisboa: Instituto Piaget.

Yin, R. K. (2001) *Estudo de caso: planeamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

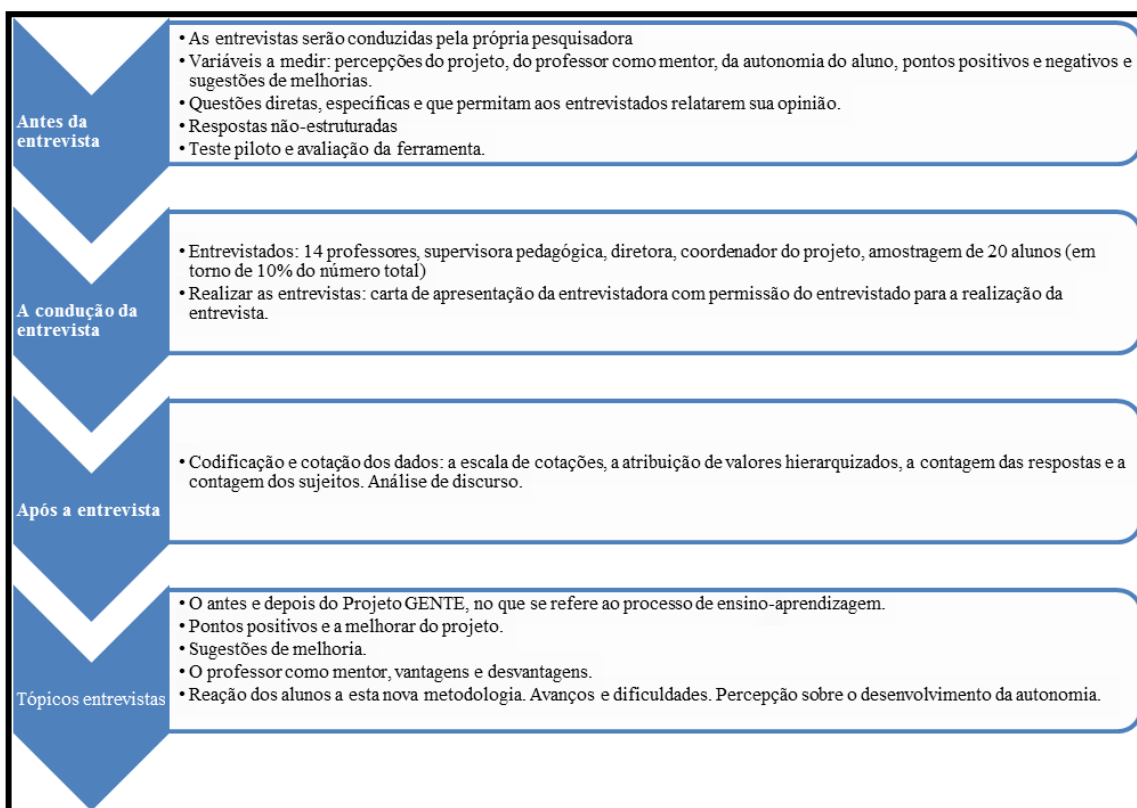
Zeferino, Joycimar L. B..(2009).A educação em Kant. In *Educação*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-educacao-em-kant/23199/> (acessado em 17/07/2013).

ANEXOS

ANEXO I - GRELHA DE ANÁLISE DOCUMENTAL

Categories	Marco Lógico	Relatório do Marco Lógico	Termo de Referência
Supervisão Pedagógica	NE	<p>Mapear as características socioeconômicas, culturais e de saúde do aluno como insumo essencial para fins de intervenção pedagógica</p> <p>Conhecer os estilos de aprendizagem e tipos de inteligência de cada aluno como insumo essencial para fins de intervenção pedagógica</p> <p>Gerar ações de melhorias na prática pedagógica a partir de avaliações e auto avaliações permanentes dos professores, no âmbito do projeto</p>	NE
Mentoria	<p>Estratégia metodológica coerente com a concepção da educação voltada para o desenvolvimento do potencial humano de cada indivíduo. Implica no ajuste de toda ação educativa às características cognitivas, socioemocionais, fisiológicas, estilos de aprendizagem, aptidões, interesses, motivações, necessidades, limitações e problemas de cada educando;</p> <p>Prática educativa de natureza relacional voltada ao desenvolvimento integral do mentorando e à interação deste com a aprendizagem. Parte da premissa de que o processo de ensino-aprendizagem é bilateral e admite em sua dinâmica acomodações e tensões próprias ao processo de aprendizagem. Sendo assim, mentor e mentorando compartilham experiências, visões de mundo, conhecimentos e saberes. Apesar da reciprocidade e colaboração inerentes à mentoria, há certa assimetria nessa relação, uma vez que o mentor assume papel de guia (conhecimento pedagógico), modelo (educação pelo exemplo), orientador e facilitador da aprendizagem do mentorando.</p>	<p>Já no que tange ao professor, no GENTE, esse profissional passa por um processo de ressignificação da sua atuação, tanto na sua prática pedagógica quanto na sua relação com os alunos. O Educador no âmbito do projeto assume o posicionamento de mentor de seus alunos. Essa atribuição transforma-o no mediador (ou orientador) da aprendizagem dos alunos como um generalista disciplinar e em suporte socioemocional, contribuindo para o desenvolvimento pessoal do educando. Co-responsabilizar os professores pelo seu processo de formação e grau de autonomia na prática pedagógica.</p>	<p>É curioso, idealista, criativo, pró-ativo, apaixonado pela construção do conhecimento e anseia por novidades;</p> <p>O Educador atua como um arquiteto da aprendizagem, um líder, um organizador e um co-autor de acontecimentos, atuando junto aos jovens, oferecendo-lhes espaços e condições para o desenvolvimento pleno de seu potencial nas dimensões da racionalidade, da afetividade, da corporeidade e da espiritualidade.</p> <p>No GENTE, esse conceito vai ser extrapolado para o conceito de mentor generalista, os professores serão mentores dos times, independente das suas especialidades, solicitando ajuda aos especialistas quando julgarem necessário.</p> <p>“PROFESSOR Professor Polivalente O QUE É É o professor atuando por núcleo de conhecimento e não em disciplinas específicas. Esse conceito já é utilizado nos Ginásios Experimentais Cariocas. COMO ATUA No GENTE, esse conceito vai ser extrapolado para o conceito de mentor generalista, os professores serão mentores dos times, independente das suas especialidades, solicitando ajuda aos especialistas quando julgarem necessário.”</p>
Autonomia	<p>Desempenha papel ativo no controle das suas próprias atividades educacionais;</p> <p>Possui voz e voto quanto aos materiais e recursos de estudo, conteúdos, atividades e ritmo de aprendizagem próprio;</p> <p>Planeja seu dia escolar de acordo com metas estabelecidas, traçando estratégias para o estudo e buscando alternativas para as dificuldades encontradas;</p> <p>Tem discernimento para procurar o mentor nos momentos adequados, visando complementar o conhecimento adquirido;</p> <p>Busca aprimorar-se também nas habilidades não cognitivas, negociando bem os seus direitos e respeitando os dos outros, comunicando-se com eficácia e tendo cuidado com a auto-estima.</p>	<p>Mesmo texto do Marco Lógico na tabela ao lado.</p>	<p>Planeja seu dia de acordo com as metas estabelecidas, traçando estratégias e buscando alternativas para as dificuldades encontradas. Tem discernimento para procurar o mentor nos momentos adequados, visando complementar o conhecimento adquirido. Além disso, busca aprimorar-se também nas habilidades não-cognitivas, negociando bem os seus direitos e respeitando os dos outros, comunicando-se com eficácia e tendo cuidado com a auto-estima.</p>

ANEXO III - GUIÃO DE ENTREVISTAS



ANEXO IV – TRANSCRIÇÃO DA CONVERSA COM A COORDENADORA

Conversa com a Coordenadora do Projeto, Alice Ribeiro, da Unesco, que assumiu o lugar de Rafael Parente, na saída dele da Secretaria de Educação no final de 2013. Ela dá todo o direcionamento para os primeiros passos da pesquisa.

Alice: É o seguinte. A escola está aberta da oito às quatorze horas. (Pergunta a hora que o Rafael vem falar com a gente). O Rafael vem conversar com a gente. Ele se desligou da secretaria, mas vem falar com você. Então, a gente só tá batendo uma bola, porque estava combinado para às onze horas. Bom, o projeto está no seguinte momento. A escola está fechada para alunos, está sem alunos, mas a diretora está lá todos os dias das oito às doze horas.

Cláudia: Tá.

Alice: Então, ela tá organizando questões do teto caído, administrativas, então ela está neste ponto. Então, uma coisa que pode valer a pena, eu posso conectar você com ela por e-mail.

Cláudia: Tá

Alice: Te dou o telefone dela, se você quiser anotar, eu já te passo, posso passar por e-mail também prá você combinar uma ida lá, porque normalmente, daí você já conhece a diretora. É de seu interesse entrevistá-la, né?

Cláudia: Claro, huum, o máximo de pessoas para mim...

Alice: Quanto mais, melhor. Acho que vale a pena conversar com a Márcia, que é a diretora da escola, então, você agenda um horário com ela, marca um dia na escola, vale muito a pena conhecer o espaço. Você vai conhecer. Ela está lá.

Cláudia: Como é esta questão de ir prá Rocinha? Eu sou bem perdida no Rio de Janeiro.

Alice: Fica tranquila. Eu sugiro que você vá de taxi, e se for o caso, dependendo do tempo que você vai levar, principalmente para a entrevista com ela, pode pedir pro taxi te esperar, porque ali é muito difícil de conseguir taxi. Mas se você não for medrosa, muita gente tem medo, não conhece, mas é muito tranquilo.

Cláudia: Não, eu não tenho medo, eu só não conheço.

Alice: É no alto da Gávea o início da Rocinha. Ao lado da Escola Americana. Não é perigoso. Então, se quiser ir de ônibus, temos ônibus da cidade prá Gávea que vão até lá. Mas se você for de taxi é mais fácil

de achar. É só um pouquinho chato, mas é fácil.

Cláudia: Claro.

Alice: Você pode pegar um ônibus prá Gávea e de lá tem uma bifurcação. Mas é fácil.

Cláudia: Tá.

Alice: Se quiser, vai de taxi e volta de ônibus. Pode descer até a estrada da Gávea e lá pegar o ônibus. É, então eu acho que a Márcia é uma das pessoas que valeria a pena entrevistar.

O Rafael Parente certamente é outra delas. Vamos ver se ele vai conseguir vir hoje. Ele está envolvido em outras questões. Eu te dou o número, se der algum problema. Mas, senão, combina por telefone, skype.

Cláudia: Sim. Onde ele estiver, eu vou.

Alice: Maravilha. Ele é o pai da criança, então ele pode te contar tudo sobre o histórico, de onde veio a ideia, entendeu? Tem uma série de informações que eu acho que são legais prá isto. Outros materiais que eu vou te passar.. Eu já te passei os materiais das parcerias?

Cláudia: Já, já. Tinha o institucional...

Alice: Ah, não. É o institucional... Não... Eu te passo este aqui também. É...outra pessoa que eu acho que vale muito a pena você conhecer é a Eloísa, que é a secretaria, porque ela é a gestora do programa institucional Carioca, do Programa Guarda-chuva, no qual o Gente se insere. Então, a Elô tem um super conhecimento de inovação, experimentação, do próprio trabalho do Gente. Ela pode te passar muita informação, então vale a pena agendar um horário com ela.

Cláudia: Huum.

Alice: É, se você tiver interesse em ter a perspectiva com os parceiros. Como você está lidando muito com a questão pedagógica, Cláudia, eu acho que vale a pena você conversar com o André Couto, marcar uma conversa com ele, porque ele hoje deve ser uma das pessoas que mais, é, sabe os desafios das perspectivas para a coordenação pedagógica e

supervisão pedagógica lá no... (não entendi)

Cláudia: Este André é...

Alice: O André é de uma parceira nossa que chama Tambor, uma empresa de inovação educacional. Mas ele esteve envolvido na criação do Nave. É uma turma que tava na criação. O André, a Samanta, a Maíra.

Cláudia: Sim.

Alice: São pessoas que tem inovação educacional na cabeça. Ele é que nos ajuda a orientar a orientadora pedagógica.

Cláudia: Ah, entendo. E tu me passa o contato dele também?

Alice: Claro. Vou te conectar com ele. É, ele vale muito a pena você conversar pelo seguinte. Este ano não sei se cheguei a comentar com você- os grandes desafios que ao Gente teve foi justamente o da adequação ao cargo na coordenação da escola. Então nós tivemos três coordenadores pedagógicos, e eu acho que agora a gente chegou na pessoa certa. É, ela é muito boa. Ela tem muito compromisso com o projeto. Tem muita vontade de desenvolver o projeto. Este é um projeto que insere várias inovações educacionais ao mesmo tempo. Tá todo mundo correndo prá todos os lados. Então a gente está assim, para direcionar junto com ele o trabalho para que os centros de estudos sejam melhor utilizados. Todos os professores nos (não entendi), já contam com um terço do tempo na escola para capacitação e formação. Então é um luxo. Porque tudo que precisa que ser feito de leitura, discussão, de estabelecimento de como que a prática deve ser, monitoramento, avaliação de como está sendo esta prática... É uma maravilha!

Cláudia: Imagino. Que ganho, né?

Alice: Verdade. Então a ideia agora é fortalecer a direção da escola, especialmente neste caso, a coordenação pedagógica, para que ela tenha instrumentos para fazer a coordenação pedagógica super amarradinha com os princípios do projeto.

Cláudia: Quando ela começou?

Alice: Ela começou em setembro.

Cláudia: E ela tem condições de falar comigo?

Alice: Ela tá de férias.

Cláudia: Ah, ela tá de férias...

Alice: Ela tá de férias...O que você pode fazer éSkype

Cláudia: Depois eu posso agendar.

Alice: Isto, isto. Ela é ótima, a Renata. Você pode, inclusive, para vocês se conectarem, possivelmente ela não vai responder e-mail agora, mas quando ela voltar, em fevereiro, vale a pena marcar, sim.

Cláudia: Sim, sim.

Alice: E se te interessar, acho que pode valer a pena também falar com..., se te interessar a perspectiva dos parceiros, eu acho que vale a pena você ver este vídeo que eu vou te mandar.

Cláudia: É Natura?

Alice: Natura. Exatamente. É, a Natura e a Telefônica, são as mais próximas no dia-a-dia com a coordenação pedagógica, participando sistematicamente, e então eles tem muito conhecimento sobre avaliação (não entendi) o projeto. Ajudaram a pensar. São algumas das mãos que ajudaram a compor este balaio de gato do Gente.

Cláudia: Sim.

Alice: É um projeto pensado por muita gente. Eu diria que hoje os principais seriam estes.

Cláudia: Tá. Em termos de aplicação de questionários, quando voltam as aulas? Eu falo com a diretora pessoalmente?

Alice: Pode falar com a diretora, com a coordenação pedagógica. A aplicação é remota?

Cláudia: É

Alice: Não tem problema nenhum. Inclusive, quando você for falar com a Márcia, pode falar com ela que gostaria de fazer isto. Se quiser já deixar com ela as (não entendi), não sei se vai ser online....

Cláudia: É online.

Alice: Problema nenhum. Para ela se planejar...

Cláudia: Até porque eu quero, não fiz ainda, está mais ou menos idealizado, mas eu quero também poder incluir uma questão que para

eles seja interessante, né, descobrir assim, o percentual, resultado que eu possa medir também as parcerias.

Alice: Muito bacana. Muito bacana. Cláudia, uma outra coisa que eu acho que vale a pena, você pode levar em consideração, ali no momento, e isto pode contaminar os seus resultados, é o seguinte, esta greve aqui deu um baque muito grande em todas as escolas, e com a gente não foi diferente. Então, assim, teve problema lá, e inclusive no final do ano uns dos professores que fizeram greve se sentiram bastante..., enfim, injustiçados, sabe, por ter de repor aulas, daí, tá todo mundo de férias, enfim, é uma situação super delicada.

Cláudia: Claro.

Alice: Nota, então, que seus resultados podem vir contaminados pelo contexto.

Cláudia: Na minha, na leitura dos resultados, a gente já inclui estes fatores, né, que envolveram este ano.

Alice: Sim. Eu acho que outro parceiro que vale a pena você entrevistar é o Maurício Blanco. Eu acho que ele vai te dar uma perspectiva bem legal.

Cláudia: Quem é ele?

Alice: O Maurício é o responsável pela avaliação do curso.

Cláudia: Ah, com certeza! E ele já fez alguma pesquisa?

Alice: Tá finalizando.

Cláudia: E ele, eu encontro aonde?

Alice: Onde ele se encontra? Vou te conectar com ele. Não sei se eu posso te chamar prá uma reunião... Deixa eu checar.

Cláudia: Claro!

Alice: Mas é na quarta-feira. A gente vai ter uma reunião executiva com todos os parceiros e o Maurício vai apresentar os resultados.

Cláudia: Ai! Sonho de consumo. Por favor!

Alice: É.. só que não....Se tiver olhos de observador...

Cláudia: É, não, eu sei. Não! Totalmente. Quietinha no meu canto. Só ouvindo.

Alice: Faz assim, vem quarta-feira à tarde. Vai ser de duas às cinco. Vai ser muito legal porque a gente vai

falar, a gente vai fazer um balanço de 2013 e vai apresentar as perspectivas de 2014 e alguns dos principais resultados. Então você vai ter super em primeira mão as informações dos resultados.

Cláudia: Posso anotar, posso...

Alice: Pode anotar, mas lembra que ali vai ser tudo a preliminar por conta do seguinte, é uma reunião prá gente apresentar ideias, para as pessoas fazerem questões e depois mandarem sugestões e a gente inclusive fechar o material de avaliação, uma série de coisas, mas de qualquer caso acho que vale a pena fazer uma entrevista individual com o Maurício. Tá sendo assim, a figura central prá retroalimentar (não entendi).

Cláudia: Quarta às quatorze.

Alice: Quarta às quatorze. Aqui na sala trezentos e cinquenta, que é a sala aqui no final do corredor. Trezentos e cinquenta e trezentos e cinquenta e um.

Cláudia: Um monte de contato prá anotar. Então, quando que eu posso ir lá na Rocinha?

Alice: É, este você pode negociar diretamente com a Márcia. Tudo que você puder fazer direto.

Autonomia. É o que a gente passa para os alunos. (Não entendi)

Cláudia: Ótimo!

Alice: Porque se eu ficar no meio, vou atrasar todo...

Cláudia: É, não, e eu vou encher tua agenda. Então faz assim, me passa os contatos que eu vou atrás.

Alice: São pessoas super acessíveis. Só agendar que são pessoa (não entendi).

Cláudia: Que bom!

Alice: E aí, o que puder te dar de informações...

Cláudia: Não, daí agora é um processo meu, de construção, de ir pegando informações e ir aprofundando.

Alice: Legal!

Cláudia: Achando caminhos, enfim... É tudo início agora. Eu tô...antes eu lia, lia, lia o professor disse agora tu senta e escreve. Eu disse, não, não vou sentar e escrever nada antes de conversar com as pessoas. Porque pode ser que eu

tenha que ler outras coisas e fazer outras coisas.

Alice: É. Eu te passei a bibliografia básica da gente?

Cláudia: Sim. Aham.

Alice: Tá. Porque isto é bom prá você ter.

Cláudia: Claro!

Alice: Tem algumas coisas muito legais. É, só agora tenho tido mais tempo de aprofundar tipo a questão dos estilos de aprendizagem

Cláudia: Sim.

Alice: Tem umas coisas muito legais. Tem o... você conhece o modelo da Fontana na Colômbia?

Cláudia: Fontana? Não.

Alice: Fontana, uma escola pública maravilhosa. Vale a pena porque é uma das escolas que inspiraram o Gente.

Cláudia: A Ponte também, né?

Alice: Isto, também. A Escola da Ponte. Tem várias iniciativas, mas acho que as principais foram a Escola da Ponte, esta Escola Fontana na Colômbia que é um espetáculo. A (não entendi)

Cláudia: Ah, sim, é, nos Estados Unidos.

Ver aquelas iniciativas que são mais focadas na centralização do processo todo no aluno.

Cláudia: Tu conheces o livro Volta ao Mundo em Três Escolas?

Alice: A gente conheceu (não entendi)

Cláudia: Eu já fui numa palestra com ele. Conversei bastante. E eu me inspirei bastante em algumas daquelas escolas dali.

Alice: Campos Sales, a...

Cláudia: A Green School.

Alice: A Green School. Gente eu adoro o Haiti

Cláudia: Green School, eu disse, eu vou prá lá, quero trabalhar nesta escola.

Alice: É tudo demais! Então, o que me ocorreu agora, é isto. Se você tiver qualquer dúvida sobre o projeto eu to à disposição.

Cláudia: Não, tá ótimo. Já to meio com o caminho trilhado. Bem legal! Agora é só correr atrás. Assim que chegar o e-mail já vou entrar em contato com as pessoas prá começar a trabalhar.

Alice: Tá ótimo!

Cláudia: Obrigada pelo teu tempo

Alice: Imagina! Eu que te agradeço. E se você precisar (não entendi)

Cláudia: Não, mas daí, depois tu me passa junto. Até o primeiro contato eu fiz com ele, depois ele me encaminhou prá ti lá no (não entendi)

Alice: Você vai adorar conversar com ele. Ele trás muito esta visão de como foi, o que ele tinha em mente. É muito bacana ver esta inspiração. E vai ter bastante (não entendi)

Cláudia: Claro! Eu assisti uma palestra dele, eu também vi um link falando sobre o projeto, mas foi bem curtinho, assim. Mas já, já tenho mais ou menos uma ideia dele, né. O estilo dele.

Alice: Maravilha! E vem cá. Você pode ajudar o Gente com a tradução, mesmo?

Cláudia: Mas é claro! O que que tu queres?

Alice: É Inglês.

Cláudia: Inglês, Inglês.

Alice: A gente podia fazer o seguinte. Eu tenho um material que tá no (não entendi). Eu preciso terminar de ajustar, ainda. Mas é um material que vai te trazer informação. É a sistematização do projeto.

Cláudia: Tá.

Alice: Então tem duas partes ali... Meu plano é conseguir ajustá-las até sexta-feira. Aí, eu te mando, porque eu acho que são informações legais prá você (não entendi).

Cláudia: Sim, sim. Com certeza. Tu achas que manda, quando?

Alice: Até na sexta.

Cláudia: Sexta...

Alice: De hoje até quarta eu to enlouquecida com este...

Cláudia: Tá. E que prazo que tu precisa desta...

Alice: (não entendi)

Cláudia: Então eu posso fazer quando eu voltar? Porque daí eu tenho o meu escritório prá trabalhar mais tranquila, porque em viagem, eu não trouxe nem o meu laptop. Eu disse, eu não vou levar porque eu...

Alice: Prá nós é bom a gente ter isto, porque a gente tá se candidatando a alguns prêmios... Com esta questão do (Catar?). Então, é bom a gente ter um material atualizado, porque o nosso material já está um pouco desatualizado.

Cláudia: Ah, não. Tranquilo! Lá eu tenho todos os meus dicionários. Fazer um trabalho legal.

Alice: Tá bom

Cláudia: Imagina! Prá mim...

ANEXO V

Conversa com a diretora da escola André Urani, Marcia Roberto, em janeiro de 2014, quando estava no Rio de Janeiro, conhecendo o projeto.

Diretora: no verão, 8 horas da noite ainda é dia...

Pesquisadora: sim, sim... é verdade, 9 horas...

Diretora: então... era 9, 8 e meia, saía daqui era 9, 10 horas, entendeu, todos os dias... a gente trabalhou no carnaval porque tava chegando o material, né, e aí, quer dizer... então o primeiro ano, foi um ano de... total... como a gente tava conversando lá...

Pesquisadora: lá na terça...

Diretora: na terça, na quarta-feira, foi o ano total da mudança, você...

Pesquisadora: mas você já pegaram, assim, quando a escola começou o ano letivo, em 2013, ela já tava toda ambientada?

Diretora: sim!

Pesquisadora: ah, então foi uma reforma a lá Luciano Huck, assim...

Diretora: foi, começou em outubro, eles derrubaram as paredes, é... mas a parte de dezembro é que eles começaram a botar, essas coisas, né, mas quando chegou janeiro, já tava tudo pronto. Entendeu? A única coisa que deu mais dificuldade foi a internet...

Pesquisadora: ah, é... eu ouvi lá vocês falando...

Diretora: é só você olhar isso aqui... isso aqui é assim, morro, morro e aqui tá a escola... é um vale...

Pesquisadora: ah, tá, bate e...

Diretora: então isso aqui é cercado de morro.

Pesquisadora: hum...hum...

Diretora: então a internet, apensar de terem feito assim, o o super, hiper, hiper, hiper, hiper, hiper...

Pesquisadora: não rolou...

Diretora: caía, entendeu, então começava e quando ligavam os 180 computadores mais os da secretaria... pau...

Pesquisadora: claro, a quantidade de conexão...

Diretora: e aí, e vai testando, e muda isso muda aquilo, faz isso, poste pra cá... porque, por exemplo, a Vivo só tinha poste até lá embaixo na, na... lá embaixo... então eles tiveram que trazer pra cá porque não tinha.

Pesquisadora: Mas... o tipo de conexão aqui é qual?

Diretora: wi-fi

Pesquisadora: wi-fi...

Diretora: então agora a gente tem um dedicado da Embratel, né, então assim, três meses depois disso tava resolvido...

Pesquisadora: sim...

Diretora: então, tipo assim, começou em fevereiro, março... porque não era que a gente ficasse sem internet, não dava pros 180, mais os professores, mais a gente

Pesquisadora: pro fluxo...

Diretora: mas, enfim, 3 meses isso aí ficou resolvido e hoje a gente tem uma coisa muito estável.

Pesquisadora: huhum... me fala assim hã... quando tu vieste pra cá tu já sabia que ia acontecer toda esta modificação...

Diretora: não, na realidade, assim, quando a gente começou aqui, teve um transcurso, no começo, foi no dia 24 de novembro, num sábado, é... de 8 horas de duração. Esse ~~transcurso~~ ele durou 40h.

Pesquisadora: tá

Diretora: então, e qual foi o mote deste transcurso? Ele foi de... é... de transmutar mesmo, né, de tá fazendo esta transformação. Foi teórico. E, em fevereiro, é que teve um segundo momento mais prático.

Pesquisadora: esse teórico com embasamento das mudanças?

Diretora: isso, com toda a base, é, é... toda a base teórica, do Gente. Com toda a base teórica do Gente. E aí a gente começou a entender algumas... um pouquinho melhor algumas coisas... só que o dia a dia... não, eu só quero te mostrar... a gente recebeu esta pastinha... aí gente... (procurando algo na pasta) aí todos nós recebemos isso aqui... com textos paralelos, onde a gente estudava e vinha montando, oh... entendeu?

Pesquisadora: nossa... huhum...

Diretora: que são os princípios do Gente, criatividade e inovação, cooperação...

Pesquisadora: ah, eu quero uma pastinha dessas...

Diretora: sabe... inteligência coletiva, juventude contemporânea, neurociência, mentoria, autonomia, autodidatismo, projeto de vida, ferramentas pedagógicas, projetos transdisciplinares, (não entendi) e avaliação... só que, ce imagina em 40h você aprender isso tudo...

Pesquisadora: (risos) não, não tem como... É que algumas questões já são parte... mas outras são muito inovadoras...

Diretora: é muito inovadora... e... todo mundo muito ansioso, em vários aspectos, primeiro, assim, como é que vai ser todo mundo tudo misturado, como é que vai ser ser polivalente geral, específico...

Pesquisadora: foram 16 professores na época...

Diretora: na época 16...

Pesquisadora: hã, hã...

Diretora: e aí, como é que tudo isso vai ser... gera uma ansiedade grande e... a gente não teve o primordial que foi... não tinha como você ter a parte teórica, ce ter a parte prática, não tem receita de bolo...

Pesquisadora: não tem o que seguir, foi tudo inovador...

Diretora: e aí a gente teve o problema da máquina de teste, né... ela tava funcionando, mas depois parou... e aí a gente faz o que? E aí começa o plano A, B, C, D, E...L J H Z... sabe, assim...

Pesquisadora: aí que deve ter surgido aquela questão que o Maurício (responsável pela coleta de dados do primeiro ano do Gente) falou de os professores começaram a implementar a visão deles, né, não a do Projeto, porque não tava funcionando o que tinha sido planejado.

Diretora: então aí eles começaram a criar... um começou a criar um blog...

Pesquisadora: hã, hã...

Diretora: pra interagir com os alunos... hoje quase todos tem blog, uns mais ativos e outros menos... é... e aí cada um começou a ter essa coisa... então a gente chama de plano A, B, C, D, E...L J H Z... é... e aí a gente começou a trabalhar... só que tem aquilo que o Maurício falou, você, você... é muito claro, você vê é que... muita coisa é, o perfil do professor...

Pesquisadora: perfil do professor...

Diretora: então assim, agora em 2014, primeiro que aí eu tenho uma coordenadora, aí teve problema na coordenação pedagógica... porque o primeiro não aguentou a pressão porque é muita pressão...

Pesquisadora: claro... a pressão que tu diz em relação à Secretaria, com relação a resultado...

Diretora: tudo! Né, tudo! E não é uma coordenação pedagógica comum...

Pesquisadora: não, com certeza...

Diretora: porque você também não tá... não é uma coisa que você também já tenha experimentado, e aí você é o coordenador e você também não sabe...

Pesquisadora: Ai, eu fá amar!

Diretora: é... então assim, tudo, tudo é novo, então, aí tem todas as pressões externas, enfim... aí ele não aguentou, saiu... e entrou um outro e também não deu certo... e aí eu convidei uma menina, que estava realizando um excelente trabalho, porque aqui a gente tinha uma professora de SOE – Serviço de Orientação Educacional...

Pesquisadora: sei...

Diretora: é...

Pesquisadora: é tu que tá fazendo...

Amiga da pesquisadora: é, eu tô...

Diretora: ah, também tá... então ela começou a trabalhar com orientação educacional, começou a realizar um excelente trabalho... e aí eu

perguntei a ela se ela não queria ser...

Pesquisadora: ótimo, porque já tava inserida...

Diretora: ela foi professora mentora, porque ela pegou turma no início do ano, porque como a gente teve testes diagnósticos a gente percebeu, além do teste diagnóstico de formar os times, mas depois que os times tavam formados, a gente percebeu que os aluno tinham uma dificuldade muito grande, é de determinados conteúdos que já deveriam estar internalizados... e não estavam...

Pesquisadora: sim, os gaps dos anos anteriores.

Diretora: então eu tinha um aluno analfabeto, a-nal-fa-be-to!, no 9º ano, ele veio do interior do Ceará, de turmas multiseriadas, se você pegar o histórico...

Pesquisadora: não era analfabeto funcional?

Diretora: não, não, ele não era analfabeto funcional, ele era analfabeto. Você pegou, se você pegar o histórico dele, a nota mais baixa dele é 7,5...

Pesquisadora: passaram...

Diretora: é, porque ele falou que ele não abria a boca, era bonzinho, então...

Pesquisadora: foi passando...

Diretora: aí a mãe dele veio pro Rio, a mãe dele também é analfabeta, quando eu cheguei aqui a escola tinha tentado no ano passado fazer um trabalho, mas não tinha nenhum alfabetizador, entendeu? Não adiantou... botaram uma estagiária, mas a estagiária não era também alfabetizadora, enfim... ele chegou esse ano analfabeto. É... uma... é 18 Meu Deus!

Diretora: Eu tenho uma professora de Língua Portuguesa que ela é alfabetizadora e ela trabalhou muitos anos com jovens e adultos...

Pesquisadora: huhum... eu comecei com 14 anos dando aula no Mobral... foi minha primeira experiência de sala de aula...

Diretora: e você sabe muito bem que a alfabetização de jovens e adultos é muito diferente da alfabetização de criança...

Pesquisadora: totalmente...

Diretora: mas ela tem esta experiência... então o que é que a gente fez... eu a retirei do time dela, criei o 11º time, que eram 10 times...

Pesquisadora: claro...

Diretora: criei o 11º time que a gente retirou esses alunos dos outros times e a Renata ficou um bimestre, sendo a professora mentora do time dela... e ela, durante um bimestre, 6h por dia, só trabalhava a alfabetização com essas crianças. E esse que é analfabeto é aluno dela, é... e quando chegou em agosto ele foi pra sala de leitura, pegou um livrinho e leu... ah, eu chorei!

Pesquisadora: hum... com certeza...

Diretora: entendeu... porque ele ficou um ano e não aprendeu, ela fez um trabalho de 6 meses e ele aprendeu, entendeu? Então assim...

Pesquisadora: ela usou a aprendizagem significativa pra ele, né...

Diretora: ele poderia estar muito melhor, ele é meio malandro... e ele tem a questão de que a família é de analfabetos... então o capital cultural e de leitores na casa dele é nenhum...

Pesquisadora: sim...

Diretora: é..., mas ele hoje escreve... ele vai ficar mais um ano, porque não teria como ele ir embora, né, ainda mais pro ensino médio, com a escrita que ele tava, ou com a leitura... então a gente conversou com a família, então ele vai ficar um ano com ela pra solidificar... porque ele sabe a matéria de tanto ouvir...

Pesquisadora: que idade ele tem?

Diretora: 14... 14 pra 15... acho que ele fez 15.

Pesquisadora: ah, então ele é novinho ainda...

Diretora: é... não, ele tava na idade correta...

Pesquisadora: é... huhum... não é... ah tá, claro, ele nunca rodou, todo mundo passava ele...

Diretora: então assim ele tem a memória auditiva, você não sabe, você escuta... então ele tem a memória auditiva. E esses 18 que ela tinha, é... ela trabalhou um bimestre e depois esses alunos voltaram...

Pesquisadora: integraram as famílias...

Diretora: integraram as famílias... por que? A grande questão é a falta da leitura e da escrita, porque se não consegue ler e interpretar, não vai aprender, então voltou... e a gente fez isso também para a alfabetização numérica e aí é o choque dos choques... gente pra caramba, tinha dois professores de matemática na escola, aí entrou eu, que sou de matemática, o primeiro coordenador era de matemática, então a gente dividiu o grupo de 108 alunos, nós éramos... a escola tem 180, 108 estavam classificados como analfabeto numérico... então a gente entrou em quatro e dividiu este grupo...

Pesquisadora: o analfabeto numérico é o que não sabe as operações básicas, não é?... bah...

Diretora: então, equação de primeiro grau, mas no final ele tem somar, dividir, multiplicar...

Pesquisadora: aí ele não sabe resolver problema nenhum, nada... nenhum tipo de problema...

Diretora: só que aí você fica achando que ele não sabe equação do primeiro grau... quando na realidade o que ele não sabe é dividir. E a gente terminou o ano com 15, ainda.

Pesquisadora: não, mas olha, de 80... 80?

Diretora: 108.

Pesquisadora: de 108, 15 só ficaram...

Diretora: só que aí a gente tem 15... 15 ainda assim sabe somar, subtrair legal, não sei o que... mas peca na divisão, peca no conceito de fração... peca no próprio conceito de números inteiros, nas regras de sinais, então eles já não são mais analfabetos digitais... mas pro ano esses 15 ainda tem deficits crônicos... porque fração, divisão e números inteiros é tudo, 8º e 9º ano. É... então assim...

Pesquisadora: mas já nivelaram muito... Agora vem uma nova leva entrando pra 7ª...

Diretora: pro 7º ano...

Pesquisadora: no 7º ano...

Diretora: entendeu... só que a gente fez o teste diagnóstico, tá corrigido, mas ainda nem vi, vou ver... mas todo mundo que corrigiu disse que eles não eram ruins... entendeu? Não tem ninguém...

Pesquisadora: não vai entrar uma turma como essas que vocês pegaram no início...

Diretora: que a gente pegou no início... então acho que dá pra fazer um trabalho legal... acho que a gente não vai ter isso... Então a Renata que é a coordenadora agora... ela já tinha esta vivência...

Pesquisadora: huhum...

Diretora: porque eu tinha uma ideia do que era ser um professor mentor, mas não vivenciava e aí eu hoje, fiquei dando aula, um mês... (falando com pessoas na rua, pela janela...) Tudo bem? Hoje, sem luz, sem nada... para aí, só um instantinho...

Pesquisadora: fica a vontade!

(a diretora saiu da sala para atender alguns homens que estavam trabalhando na manutenção da escola e a conversa foi interrompida. Na noite anterior houve um temporal no Rio e caiu uma árvore na frente da escola, derrubando fios de energia elétrica e internet)

Diretora: como professora mentora, eu vi o que é...

Pesquisadora: claro, sentiu na pele...

Diretora: entendeu, porque na realidade todo o estudo que a gente fez do que é mentoria, não sei se você já leu sobre mentoria, mas a mentoria ela consegue ser implantada num grupo pequeno, ok, mas sempre de pouco tempo e... (não entendi) a maioria destas experiências estão no nível superior

Pesquisadora: huhum...

Diretora: aí você já muda a faixa etária...

Pesquisadora: não, e... pessoas focadas...

Diretora: isso... e... os outros que não tão no nível superior são todos lá fora e voltados, assim, pra alunos com problemas, onde eles vão resolver aquilo em grupo, então eles tão muito mais voltados para uma mentoria do sócio-emocional. E

aqui, não, aqui é uma idade inicial e tem o cognitivo. Então é a criação de uma novo conceito de mentoria, quer dizer, é a resignificação do papel do professor mesmo. Então é muito, é...

Pesquisador: e o professor sai da zona de conforto da sua disciplina, é que é o que eu acho mais desafiador, porque a gente foi educado pra isso, tem a faculdade de matemática, tem a faculdade de... eu fiz Letras, na minha base, tu é educado pra dá aula praquela setor, praquela matéria, ali...

Diretora: pois é, e aí assim, é engraçado porque a colaboração, ela não se dá somente com os alunos, né? (não entendi) também com os professores. Porque se os alunos veem com uma dúvida e você não sabe, porque esta não é da sua área, daí tu senta, vamos pesquisar, não sei o que, mas às vezes você não consegue e pergunta pra algum colega...

Pesquisadora: Claro!

Diretora: aqui é assim, ou ele... ou o professor vai, ou o aluno vai para o especialista.

Pesquisadora: entendo. Eles podem trocar? Neste momento eles podem ir lá na outra família, procurar aquele professor lá...

Diretora: então na realidade. Acaba que a maioria dos alunos convivi com todos os professores.

Pesquisadora: é que eu acho assim, não sei, a minha percepção do que eu tenho lido até agora, é que esse professor é o cara que vai fazer a criança aprender a aprender, porque a gente tem recursos cognitivos hoje, né acesso, a... mas agora, claro, tem momento que tu vai precisar de uma explicação.

Diretora: tanto é que, por exemplo, é, o 9º ano, se formou, aí eu reuni todos eles, os 10 times, falhados em todos os times, porque todos os times tem 7,8 e 9º ano...

Pesquisadora: ah, isso tem que ter?

Diretora: tem que ter. E aí eu fui lá pra ver quem seria o professor é... o professor... paraninfo. E professor... é... homenageado. Aí a gente escolheu dois professores homenageados e uma professor paraninfo.

Pesquisadora: quem que escolhe?

Diretora: os alunos.

Pesquisadora: ah tá.

Diretora: E aí, um dos professores homenageados ele é de um time: Diego. Ele é professor mentor de um time, só que todos passaram por ele, era de português.

Pesquisadora: ah, sim, o mais requisitado. Não, o mais, não, mas...

Diretora: todos são, mas eu achei interessante isso, né, porque eu achei que quando juntassem todos os alunos a gente teria um professor que seria o professor mentor especialista que é Educação Física, Artes e Inglês. Ele dá aula da sua disciplina, então ele pega escola

inteira, praticamente, pra dar a sua disciplina.

Pesquisadora: e não, foi um de um grupo isolado...

Diretora: um generalista...

Pesquisadora: me diz uma coisa, naquele dia lá dos resultados da pesquisa, que na minha opinião depois de ter visto tudo aquilo lá, é que aquela pesquisa não tem como validar, né... assim, porque... por tudo que aconteceu este ano, as trocas dos coordenadores, enfim, acho que não tem como avaliar o projeto em um ano, como foi este ano, 80 dias de greve, troca de 3 coordenadores... eu acho que este projeto só vai ter um resultado daqui uns dois, três anos...

Diretora: esse projeto, eu entendo a proposta da sistematização, né, porque aquilo ali é pra criar um modelo de replicabilidade.

Pesquisadora: sei, humum...

Diretora: então eu acredito...

Pesquisadora: que é o marco zero...

Diretora: que é o Marco Zero, então eu acho que dá pra validar muito, até... mesmo com todos estas dificuldades. Por que? É... porque o que acobteceu aqui é um reflexo da rede, não a mudança de 3 coordenadores, óbvio, mas a greve...

Pesquisadora: é o todo...

Diretora: é o todo... isso é o reflexo da rede...

Pesquisadora: mas é... o que eu te falo é muito mais no sentido de... vocês tão desenvolvendo aqui muito mais que o cognitivo, tá, e aí a avaliação geral do MEC, né, é uma avaliação muito pura de cognitivo, ele não vai levar em consideração a transD, nada, nada... e aí como pe que tu vai te encaixar num modelo padrão, se tu não tá seguindo um modelo padrão? Essa é a questão, entende?

Diretora: é, mas é o que eu sempre digo para os professores...

Pesquisadora: tu tem que colocar o cara na universidade, passar no vestibular...

Diretora: a questão é o seguinte, essa escola, apesar do projeto político pedagógico dela, acho que lá eles chamam de projeto... aí, tem outro nome, mas que é o Projeto Pedagógico da escola, daqui a pouco eu vou lembrar o nome... é...ele é completamente diferente de tudo, sim, mas a escola, ela é municipal, ela faz parte, ela está dentro de um guarda-chuva...

Pesquisadora: claro, cumpre com um currículo...

Diretora: E como é que eu faço uma comparação com a rede é, se essa escola é melhor, igual ou pior do que as escolas comuns, se eu não tenho algo comum...

Pesquisadora: há, há... entendo. Sim porque não tem termos comparativos pra ela...

Diretora: pois é, porque aí você precisa ter um ponto de corte, qual é esse ponto de corte? São as

avaliações externas, são as provas bimestrais. Pra você saber se ta melhor, ta pior, tem esse ponto de corte... que é a prova bimestral, mas como aqui o aluno tá, verdadeiramente no centro da aprendizagem, e a gente faz vários testes diagnósticos e com os alunos você consegue entender e perceber e ver, a gente fez uma adaptação, que é o ir e vir, então assim, é, em matemática...

Pesquisadora: Ah, que é a máquina de teste, né, de um modelo que vocês tiveram que criar...

(tocou o telefone da diretora e ela pediu licença para atender.)

Diretora: a máquina de teste, é... a gente pegou o caderno e... matemática, ele tem que aprender isso, isso e isso nesse bimestre... ele não tem isso, isso, isso e isso... se ele estudar isso e aprender isso, ele pode estudar que neste semestre? Se ele tiver isso e aprender isso ele pode... adequação! Ir e vir... porque o município tem cadernos pedagógicos...

Pesquisadora: por disciplina?

Diretora: é história, história agora é que parou, mais era história, geografia, matemática e ciências... então assim (mostra um caderno e fala de alguns conteúdos) Então vamu lá... ele tem dificuldade disso, disso e disso... então vamu trabalhar isso... se eu trabalhei porcentagem com ele, mesmo ele tando no 9º ano, ele pode, ao invés de ta começando aqui ele vai começar aqui (mostrando no caderno). A gente foi adequando ano a ano...

Pesquisadora: e isso é uma coisa que a máquina faria... porque ele ia vencendo aqueles objetivos e automaticamente já surgiriam os novos desafios...

Diretora: isso, exato. Entendeu? Então a gente teve que fazer isso... por isso to te falando do Plano A, B, C, D, F, H, I, J...

Pesquisadora: só imagino... porque daí é um a um... não é aquela história de que tu entra numa sala de aula e, vamo lá, todo mundo segue a mesma linha.

Diretora: é a coisa individual...

Pesquisadora: Meu Deus!

Diretora: entendeu?

Pesquisadora: avaliando tudo isso...

Diretora: então foi muito ir e vir...

Pesquisadora: foi um progresso muito maior do que o esperado, muito maior do que o esperado, com todos esses desafios... Parabéns!

Diretora: por isso que eu acho que dá pra validar, sim...

Pesquisadora: claro, te entendo!

Diretora: porque...

Pesquisadora: e outra questão que ficou uma pulga na minha orelha, tu falou do inglês, que não, não, alguma coisa que não...

Diretora: sim porque o que que acontece, quando foi feito aquilo e eles pegaram um generalista é, e um

especialista, a sala de leitura não é especialista, na realidade, ela é sala de leitura, e aí ele pegou Artes e Educação Física, sala de leitura que é uma professora de educação física e que tem uma visão de leitura de produção de leitura e eles não pegaram de inglês. Que, quais são os especialistas? Os professores especialistas aqui? Artes, Inglês, Educação Física, são 3. E ela virou especialista que não é especialista, porque é sala de leitura. E, quando eu entrei aqui ela já era, mas ela é de Educação Física.

Pesquisadora: Mas o inglês é dado por quem?

Diretora: por um professor de inglês.

Pesquisadora: ah tá!

Diretora: Entendeu? Por isso que eu senti falta do de inglês (ela se refere aos dados da pesquisa apresentada na quarta-feira anterior na Secretaria de Educação que não apresentou nada sobre o especialista de inglês) Porque ele tem uma visão...

Pesquisadora: claro... não teve como medir, daí...

Diretora: não teve como medir, entendeu?

Pesquisadora: e eles falaram também da questão de dificuldade de entrevista com os pais, com os responsáveis...

Diretora: sim, porque o que que acontece... isso não é André Urani...

Pesquisadora: é a realidade da comunidade...

Diretora: municipal, do Rio de Janeiro. A gente aqui... primeiro os horários que eles marcaram... você pra te pai, ce tem que marcar 8 horas da manhã, dez horas eles já tão no trabalho...

Pesquisadora: ah, marcaram as dez?

Diretora: tinha dias que era 10, 9, entendeu? É...

Pesquisadora: e a noite, tu não consegue reunir?

Diretora: à noite? Eu nunca tentei...

Pesquisadora: à noite e, de repente, até... ah não, mas...

Diretora: eu nunca tentei porque, porque essa escola é Rocinha, que não é... meus alunos moram, 90% deles, eles moram no outro lado da Rocinha que é em São Conrado...

Pesquisadora: sei, ah eles não moram aqui na comunidade...

Diretora: nesse pedaço daqui não...

Pesquisadora: sim... lá do outro lado...

Diretora: que você chega do outro lado, tem uma escadaria aqui, são 120 degraus, você chega mais próximo de São Conrado, é onde eles pegam o ônibus pra ir pra casa. Porque não é perto. Porque o que que aconteceu... a Rocinha ela começa em São Conrado e ela vai vindo...

Pesquisadora: é que a gente veio por aqui, pela estrada da Gávea.

Diretora: quer dizer, tudo isso é estrada da Gávea, tá, ela começa

aqui e termina lá em São Conrado, tudo é estrada da Gávea...

Pesquisadora: a gente veio por esse lado

Diretora: é, mas tem que vir por aqui mesmo, porque pra vir por lá, só Combi, não tem ônibus. E aí o que que acontece, a não ser que você venha de São Conrado, que é o 538 e 539 (números dos ônibus) e aí, ela vem caindo, e aí quando ela chega no 98, 99 e que ela chega do lado de cá. Daí eu não sei se à noite, aqui desse lado de cá, eu não to no miolo de lá eu to no miolo de cá, então eu também não sei... mas assim, uma das nossas estratégias de 2014, que já tá no nosso plano, que já estava no meu plano de... quando eu apresentei, é... a gente ta trabalhando com isso, com esta questão do espaço...

Pesquisadora: aproximação...

(toca o telefone e ela atende)

Diretora: bom, aí... a ideia é... da gente ta... a gente fez uma pesquisa, um levantamento das profissões... a gente fez uma feira das profissões aqui, só que esta feira de profissões, ela foi feita por pessoas, até, tudo daqui, profissionais que atuam na Rocinha, ou moram na Rocinha, ou são da PUC, talvez jogador de futebol do Flamengo, é... veio Antropólogo, Assistente Social, porque a gente fez um levantamento com todos os alunos, dentro do projeto de vida, o que que eles gostariam de ser. E a partir deste levantamento a gente mapeou por área, de saúde, de humanas... e saímos convidando Deus e o mundo e mais alguém...

Pesquisadora: (risos)

Diretora: e aí, a gente fez esse levantamento e teve.. o que que aconteceria no segundo semestre, a gente faria uma feira das profissões, só que com os pais, os pais seriam os palestrantes. Então a gente fez o levantamento e aí estorou a greve, no que estorou a greve, né... então em 2014 a gente vai fazer isso. Que é uma forma de ta trazendo os pais, e, a partir daí, ta criando dias , porque eu vou fazer assembleias, que eu tenho reunião do SEC, primeira terça feira de cada mês, mas eu vou intensificar isso pras famílias... entendeu?

Pesquisadora: tem muitas coisas legais, agora fazendo meus estudos, tava lendo, tem uma escola na Europa que nas sextas-feiras, eles deixam o turno inverso, para que os próprios alunos ou os pais dos alunos ou alguém da família dos alunos, dê aula... achei aquilo tão legal... que dá super certo, assim, então ah a criança... ah eu já tive um aluno uma vez ma 4ª série e a criança era enlouquecida por pedras preciosas e a gente tinha esse... eu fui na casa dele,, e ele disse, não professora, vai lá conhecer minha coleção... o cara... ele deu uma aula de pedras preciosas que eu jamais

daria, porque o guri com aquela idade, 9 aninhos, sabia tudo, tudo, absolutamente tudo e aí aconteceu isso nessa escola, nas sextas-feiras, aí um pai e uma mãe que sabe dar aula de croche, né, de lá sei eu o que...

Diretora: pois é, porque a ideia é que a gente ta fazendo isso, essas assembleias, é... com os pais e os alunos, minis assembleias, mas ter um dia onde esse pai vai ensinar o outro pai... isso a gente ta pensando numa forma de ta atraindo mais esta família.

Pesquisadora: claro... inserir...

Diretora: inserir mais na escola, entendeu? Não sei se vai dar certo. Isso eu quero começar a partir de março.

Pesquisadora: é um processo, não é uma coisa que vai magicamente acontecer.

Diretora: eu faço toda segunda-feira com os alunos, a gente tem o nosso bate papo, né... toda segunda...

Pesquisadora: ah, é? Como é que é?

Diretora: é... a gente tem o hino e aí a gente... eu converso com eles, com todos eles... tá, vamos supor, algum aluno ganhou medalha não sei aonde e eu mostro esses alunos, né, pra todo mundo aplaudir... eu digo que tem o momento, é... das coisas boas... e tem o momento dos acertados... do tipo... vou te dar um exemplo só, né? Quando eu entrei aqui as alunas tinham o hábito de beijar as paredes...

Pesquisadora: hã?

Diretora: é... elas passavam batom e beijavam a parede...

Pesquisadora: a, a marca...

Diretora: menina, era o caos, era o caos, o caos...

Pesquisadora: tinha toda a cartela de cores... (risos)

Diretora: cores... daí conversei com elas, parara pereré, contei a historinha da barata e hoje ao final do ano, isso foi desde o início do ano, comecei a falar em março, ao final do ano eu tenho um beijo. Então é assim, a gente, vai pontuando nos momentos... toda segunda-feira.

Pesquisadora: que legal! Aí tu pega ali no momento que ta acontecendo e já começa a trabalhar...

Diretora: isso! Pontualmente! E tem o lado da... valorização de quem se destacou fora, todo mundo bate palma... é bem legal isso. E toda comunidade escolar fica sabendo o que tá acontecendo na escola. Que esse é um dos grandes problemas da maioria das escolas.

Pesquisadora: Aí vocês tem um espaço pra reunir todos...

Diretora: lá embaixo...

Pesquisadora: ali no hall...

Diretora: que é o melhor... é, mas eu vou mudar esta estratégia pro ano que vem, mas este ano eu fiz dessa forma... É... que mais diferente assim, que a gente faz... tem a ação do Grêmio aqui, tem o Grêmio, ele

organiza o recreio, então tem ali um local, eu comprei vários jogos, então o Grêmio vem, prega esses jogos, tem um caderninho onde a pessoa botra o nome, que pegou... aí... eles jogam, eles tomam conta do ping-pong na hora do almoço aqui tem, eles tomam conta do ping-pong...

Pesquisadora: que horas é?

Diretora: esse ano vai mudar, mas ano passado era de 12h40 à 1h40... aí, é... a gente tem o grupo de alunos que mostram a escola...

Pesquisadora: ah, ei vi...

Diretora: são eles mesmos que mostram a escola...

Pesquisadora: pra fazer a visita aquela...

Diretora: pra fazer a visita, então a gente não tem um grupo fixo... porque aqui a gente tem muita visita, se tiver um grupo fixo, vai perder muita aula...

Pesquisadora: sim...

Diretora: então, cada dia é um...

Pesquisadora: isso valoriza também...

Diretora: e foi muito legal porque isso os pais que fizeram a inscrição pela internet e os pais dos alunos que vem de duas escolas, uma daqui de cima e outra de São Conrado, eles foram apresentados pelos...

Pesquisadora: aquela Sabim...

Diretora: não Paula Brito e a outra é Lucia Miguel Pereira... a Paula Brito é dentro da Rocinha mesmo e a Lucia Miguel Pereira é em São Conrado, perto da Rocinha, mas por trás assim... e aí é o maior barato porque eles apresentaram a escola tanto pros pais quanto pros alunos, entendeu...

Pesquisadora: eles se sentem valorizados...

Diretora: elas estavam lá esperando... aí eu falei, falei, falei, aí eu... meninos, eu esqueci de alguma coisa? Não Márcia, esqueceu isso, isso e isso... ah, é verdade... aí...

Pesquisadora: eles tão sabendo...

Diretora: eles tão sabendo, a escola é deles e a gente quer intensificar isso...

Pesquisadora: isso é importante, que eles possam se apropriar...

Diretora: eu quero ver, mas aí eu vou fazer por eleição, além do Grêmio, eu quero criar equipes, é um dos caminhos pra ta melhorando...

Pesquisadora: pra eles criarem mais vínculo...

Diretora: é, então o Educogente é o seguinte, são...

Pesquisadora: e esses professores vem de longe pra dar aula aqui?

Diretora: eu tenho 3 que moram, 4 que moram perto... o restante... eu tenho 1 em São Gonçalo, ela é também de São Gonçalo, eu tenho também de Santa Rosa, a maioria mora na Tijuca, Grajaú...

Pesquisadora: e atravessa...

Diretora: atravessa, eu moro na Abolição... é bem distante, não é

perto não... assim, é um ambiente virtual, a gente vai fazer tipo, aulas, só que essas aulas vão ta associadas às... habilidade que constam no mapa de habilidades e nos descritores, é... então o aluno vai ter lá uma explicação sobre aquele conteúdo, vai ta vendo as áreas do conhecimento, a Educação Física, Artes, Geografia... todo mundo vai ter que fazer, então eles vão criar essas aulas, aí vão ter perguntas, respostas, é... pesquisa pra eles tarem fazendo, a ideia é ta melhorando a leitura e a escrita, a produção textual em todas as áreas do conhecimento, por isso Educação Física, Artes e inglês não tá. Então a ideia é ta fazendo questionários, tá criando itens abertos, ao invés de ser objetivos...

Pesquisadora: perguntas abertas...

Diretora: perguntas abertas, pra ta melhorando esta escrita deles. Então ao final, isso eles vão receber por bimestre, então primeiro bimestre, quais são os descritores do primeiro bimestre (cita todas as disciplinas) então eles vão trabalhar... e aí a gente vai ter o professor, mentor dos mentores. Então eu tenho dois de cada, eu não tenho dois de cada porque uma professora pediu exoneração da rede, então eu fiquei sem um e uma que tá saindo que é de história, então eu to vendo aí se eu consigo estes dois professores. Aí, mas teoricamente, eu tenho dois de cada, então eles vão fazer estas aulas, que estas aulas, este ambiente virtual será feito por especialista, mas, a cada bimestre de um professor especialista vai se transformar no responsável por passar para os colegas. Tá eu criei, criei eu e você, mas num bimestre, eu explico, no outro bimestre, você explica...

Pesquisadora: aí todo mundo domina...

Diretora: todo mundo domina... a ideia disso é pra ta fortalecendo essa questão do especialista, generalista, né... porque como você disse o professor é formado em matemática... então se a gente ta fazendo isso... e é uma forma de...

Pesquisadora: instrumentaliza, né...

Diretora: e é uma forma também do que a gente chama de apropriação da apostila, é uma aposta também, de repente, às vezes você é professor e você monta uma aula que o aluno não entende, como isso vai ser passado primeiro pro colega o colega vai visualizar, né, pô, mas olha só se eu não de matemática não to entendendo isso, imagina o aluno...

Pesquisadora: já testa, né.

Diretora: é tipo um pré-teste, e uma interação melhor...

Pesquisadora: que esse é um problema do especialista, quando tu domina um assunto, às vezes a pessoa não se dá conta que o outro não sabe nada...

Diretora: então a ideia desse Educogente é essa, a gente vai usar powerpoint, excel, word, a gente tem uma mesa digitalizadora, então dá pra usar também, aí você cria, joga né... ah esqueci... é movie maker. Porque muitos professores aqui eles criam, os alunos criam filminhos de ciências, de história, de geografia, entendeu? Então a ideia é esta, da gente dar autoria e... assim, ele vai ter indicação de que ele tem que pesquisar, sem indicação do site, é ele que tem, que vai ter que ir à luta, mas ele também vai ter, olha só, este conteúdo você vai encontrar na apostila página tal, no livro didático página tal... isso é um mapa. E aí ele vai ter que sempre... como que vai ser feita esta avaliação, né, ao final de cada tarefa vai ser construído, itens, pra avaliar esta compreensão. Então o aluno vai fazer e vai entregar. Quando chegar mesmo no final do final, o aluno vai ter que montar um portfolio, ele tem que fazer uma grande redação de todos os objetivos se ele atingiu os objetivos e o que que ele aprendeu de cada objetivo, uma síntese...

Pesquisadora: este portfolio é virtual?

Diretora: este portfolio é virtual...

Pesquisadora: é tipo um blog...

Diretora: é ele já tem, só que a gente vai botar, vai especializar mais, entendeu? Só que eu tenho que fazer duas coisas. A gente no início era virtual, os pais começaram a reclamar...

Pesquisadora: não tavam conseguindo tangibilizar o negócio...

Diretora: então a gente tem o virtual mas tem no papel...

Pesquisadora: qual é a realidade deles em casa? Eles tem acesso em casa, ou eles acessam só aqui?

Diretora: não, 70%, não 60, não antes da UPP, todos tinham acesso em casa, com a entrada da UPP isso caiu muito... 98% tem computador em casa, mas nem todos tem acesso... isso diminuiu...

Pesquisadora: teve que regularizar o negócio...

Diretora: entendeu? Então muitos acessam só aqui. E aí eu tenho uma quantidade interessante, que é uma pesquisa que a gente vai fazer, que eu quero fazer. É... eu acho que 70% dos meus pais são analfabetos. Analfabetos funcionais... a gente tem 110 aí, mais ou menos, a maioria estudou até o terceiro ano... Pesquisadora: sim aquele dado lá do tempo de médio de estudo 4,2 anos...

Diretora: 78%... então até pra entender este mecanismo de blog...

Pesquisadora: com certeza eles não tão entendendo o que que tá acontecendo, se tem este realidade...

Diretora: então eles pediram que eles queriam é... então a gente começou a mudar, é... os alunos recebem as informações pelo meio

digital, mas agora eles estão escrevendo no caderno... então, Rio de Janeiro, data tal...

Pesquisadora: fazem o portfolio ali...

Diretora: o... a agenda semanal era feita no virtual, agora não ela é feita no papel e depois ele repassa pro virtual, entendeu?

Pesquisadora: é que tem que atingir o público...

Diretora: e uma coisa que esta agenda vai ter que modificar é um pedido dos pais... porque se o aluno não atinge o objetivo, antes era semanal, agora é de 15 em 15 dias... então o pai pediu que a gente botasse nessa folha que ele está em reforço de história, geografia...

Pesquisadora: sim porque eles não acessam... se ele não tem condições de acessar, tem que estar por escrito mesmo...

Diretora: isso não tem na nossa, nesse ano, não tem, mas isso é um pedido deles.

Pesquisadora: e as famílias, lá são 18?

Diretora: são 18, mas vão passar a 24, esse ano são 24... Por que? Porque é, se eu quero que isso aqui seja replicável...

Pesquisadora: quem é que ficou que reprovou, que fica mais, que não foi pro ensino médio, só aquele que tu me falou?

Diretora: não... eu tenho do 9º ano, um dois três e ele... quatro

Pesquisadora: quatro só...

Diretora: e isso dois porque rodaram por falta. E os outros dois... rodaram por falta e não apareceram pra segunda época, foi uma menina, ela apareceu num dia...

Pesquisadora: um dia?

Diretora: é, um dia... o outro apareceu dois dias, de oito e apareceu logo no início então não

fez avaliação, não fez nada... fica difícil, né...

Pesquisadora: e eles tavam numa mesma família?

Diretora: não, o meu total de alunos reprovados, eles não são da mesma família não. É tudo família diferente. Eu tenho assim duas da mesma família, duas da mesma família, o restante, não, são times e famílias diferentes.

Pesquisadora: não configura uma...

Diretora: quer dizer. Eu nem posso dizer que é da mesma família, eu posso dizer que é do mesmo time, porque é assim, porque não tem família de 9º ano, se entendeu né? São 3 famílias, só que estas famílias são misturadas, a gente misturou...

Pesquisadora: que é o time...

Diretora: que é o time...A gente misturou tanto o time quanto as famílias, então tanto os times como as famílias tem 6, então aqui pode ter um do 9º ano, dois, de não sei o que, três de não dei o que... entendeu? Então eles podem ser do mesmo time, agora eu não sei se elas são da mesma família. Falei a informação errada, não sei. Então o Educogente é isso a ideia é esta, estar trabalhando com as expectativas de aprendizagem que são as orientações curriculares e a avaliação sendo feita desta forma, tendo um quizzinho e tendo pergunta, porque tudo é pergunta, pra ele responder e o professor vê a que ponto eles estão caminhando... pra que? Pra que depois a gente possa ter, com estes resultados, ou o aluno pode ter mais coisas complexas, ele pode ir para um outro, eu tenho aluno que está no 7º ano, mas que estuda matéria do 9º já... em algumas matérias...

Pesquisadora: porque ele já atingiu o objetivo...

Diretora: porque ele já atingiu o objetivo e ele aí, ele vai além...

Pesquisadora: isso é ótimo, né?

Diretora: e, ou reforçar os resultados iniciais...

Pesquisadora: que é o voltar...

Diretora: o vai e vem, entendeu? Então a proposta do Educogente é essa. Eu to até aqui acabando de escrever, mais fácil assim, porque antigamente eu não sabia escrever assim...

Pesquisadora: (risos) ...mas sabe que eu adoro passar a limpo no computador, que eu sou mais criativa no papel... o computador parece que ele bloqueia a minha criatividade...

Diretora: olha a minha primeira pós no computador, fiz de matemática, aprendizagem de matemática lá na UERJ... gente, eu escrevendo o meu TCC todo no caderno...

Pesquisadora: (risos) ah, não aí também não, passar a limpo...

Diretora: depois digitei tudo, meu pendrive pegou vírus, eu perdi tudo, naquela época eu não botei nada em lugar nenhum. Só no pendrive, não era nem pendrive, era disquete...

Pesquisadora: disquete, é, há, há...

Diretora: enfim... na minha segunda pós, eu não vou, vou ter que começar a ser criativa no computador, não vou ficar...

Pesquisadora: é, eu gosto muito de desenhar, de fazer um monte de seta e isto e aquilo... e aí depois eu escrevo mesmo no computador...

Diretora: e aí eu comecei a fazer isso a digitar direto... (ela fala nas pós... falou que fez 3)

Pesquisadora: Te agradeço teu tempo...

Diretora: chegou a luz... (logo ela saiu comigo e minha amiga para fazer a visita à escola...)

ANEXO VI

Entrevistas realizadas de 05 a 30 de agosto de 2014 na Escola Municipal André Urani, Rocinha, Rio de Janeiro, sobre o Projeto Gente.

Nº total de alunos no projeto = 240 / entrevistados 5%

Nº total de professores = 15 / entrevistados 73%

Entrevista com diretora da escola, supervisora pedagógica (não quis gravar a entrevista, mas aceitou conversar), coordenadora do projeto, 1 de 3 supervisoras de andar (não quis gravar a entrevista, mas aceitou conversar)

Entrevista aluno 12 – 4’37”

Pesquisadora: Então, tu já tava aqui na escola antes do projeto ou tu já entrou direto no projeto GENTE?

Aluno12: Não, eu entrei esse ano. Não tava no Projeto GENTE não.

Pesquisadora: Tá, e antes do Projeto Gente tu tava numa escola normal, assim, sala de aula, um sentadinho atrás do outro, o professor lá na frente... O que que tu acha melhor? O que que tu gosta mais, qual o modelo que tu gosta mais? O que era antes ou o que está sendo agora?

Aluno12: O que era agora, o que estava sendo antes.

Pesquisadora: O que era antes tu prefere? O que que tu acha que, que podia muda aqui no Projeto GENTE?

Aluno12: Como assim?

Pesquisadora: Se tu tivesse alguma ideia, assim, pra muda alguma coisa pra melhora o projeto... já pensou nisso? Ou já ouviu teus colegas comentando, conversando sobre isso?

Aluno12: É... tudo bem, ai meu Deus! Eu to cansada, agitada.

Pesquisadora: hã, hã...

Aluno12: É, ai...

Pesquisadora: Tá, o que que tu não gosta no Projeto, me diz.

Aluno12: O que eu não gosto (sussurrado) Tipo assim, eu... não é querer dizer não gostar, mas, tipo assim eu não participo, não faço parte do projeto GENTE porque muitos tão dizendo, o Projeto GENTE que eu digo, se diz, em conjunto?

Pesquisadora: É... hum, hum...

Aluno12: O que eu não gosto... não eu não gosto, eu NÃO gosto de nada, eu gosto de muitas coisas, mas eu não gosto assim, é... muito engrupado porque tem gente que não conversa e eu não consigo me concentrar na aula...

Pesquisadora: hum, hum...

Aluno12: não consigo fazer a aula e é muito esquisito uma aula sem quadro.

Pesquisadora: hum, hum... E o que que tu gosta, que tu acha legal aqui na escola?

Aluno12: computador, é diferente... dá pra mexer nos intervalos, acho diferente também a piscina, nunca tive uma piscina e as eletivas.

Pesquisadora: As eletivas? Qual que tu mais gosta?

Aluno12: A do Claudio.

Pesquisadora: o que que é a dele?

Aluno12: É Natação.

Pesquisadora: hum, hum... e o professor? Esse professor que fica com vocês o tempo inteiro, que é o mentor, ali, do grupo? Como é que tu acha que é pra ele?

Aluno12: não sei... acho que deve ser legal pra eles, não sei acho que são um pouco...

Pesquisadora: porque vocês ficam o tempo todo com o mesmo professor, né? Diferente de outras escolas que troca, cada matéria um professor.

Aluno12: Não eu nunca tive troca, trocagem de professor...

Pesquisadora: tu ta no 5º agora?

Aluno12: não, to no 7º... não é porque na minha escola passada não tem troca, faltava professor, aí eu não senti muita diferença. Só porque, tipo, não tem quadro. Disseram que vão fazer quadro novamente, não sei...

Pesquisadora: E o que que tu ouviu, assim, dos alunos em geral, eles gostam ou não gostam do projeto? Teus colegas...

Aluno12: devem gostar, eu... acho que sim...

Pesquisadora: não ouviu muita coisa ainda?

Aluno12: sim, eu ouço, escutei: é legal, antes de eu entrar aqui: muito bom... outras pessoas falavam que não, que, não ensinavam muito...

Pesquisadora: tu mora aqui na comunidade, na Rocinha?

Aluno12: hum, hum... que não ensinavam muito... mas eu fiquei com medo... aí eu, aí eu... vim, mas, é... difícil aprender sem quadro, sinto muita falta de quadro, quadro que explica muito...

Pesquisadora: tem alguma sugestão pra dar? Que falar mais alguma coisa do projeto que eu não tenha te perguntado?

Aluno12: eu queria, não sei, eu queria, não sei, eu queria fazer uma pergunta, se nesse projeto GENTE tivesse esse negócio de Chapa, eleição de alunos...

Pesquisadora: ah, pra Diretório Acadêmico...

Aluno12: É, tipo isso... não sei se tem... seria legal...

Pesquisadora: ah, tá... uma sugestão, cou tentar... agradeço a tua participação!

Entrevista aluno 11 - 4’01”

Pesquisadora: Tá, a primeira pergunta que eu queria te fazer é sobre a tua ideia do Projeto GENTE... antes tu estudava com outro modelo e agora tu ta estudando no Projeto GENTE, como

é que tu compara, assim, como é que tu viu a mudança?

Aluno11: eu não gostei muito, não... preferia que fosse aula fechada também, de vez em quando tem gente que falam alto, e eu queria que

fosse, assim, uma coisa de série, só uma série... é muito melhor porque daí ele se liga só na gente, porque daí ele tem que explicar pra outras pessoas, explica pra outro ano, outro ano, e aí ele esquece o que era pra

explicar pra gente e acaba se enrolando, eu prefiro do outro jeito.

Pesquisadora: Tá, o que que pra ti foi positivo, teve alguma coisa positiva nessa mudança do GENTE?

Aluno11: Eu gostei um pouco dos ver meus amigos, podia conversar, podia pedir explicação pra eles, eles também podiam explicar as coisas, bem melhor, porque toda hora sair da sala, entrar na sala, com as pessoas... então podia falar assim, vem aqui, explicar isso aqui e eu também aprendi um pouquinho...

Pesquisadora: com os próprios colegas?

Aluno11: com os próprios colegas...

Pesquisadora: e tu já teve alguma ideia, assim, em algum momento, bah, se o GENTE fizesse tal coisa iria melhorar... chegou a pensar ou discutir com teus colegas... alguma que podia, assim, pra melhorar o projeto...

Aluno11: podia, voltar as salas daquele jeito... ia ser melhor...

Pesquisadora: e o professor, que dá aula pra várias sé... vários anos, com

Entrevista Alunos 9 e 10 2'57"

Pesquisadora: Fiquem bem tranquilos porque depois eu tenho que pegar esta gravação, ouvir e escrever no meu trabalho (alunos estavam com medo de serem gravados), tá bom? Há... primeira pergunta... vocês já estavam aqui na escola antes do projeto Gente?

Aluno9: Não

Aluno10: Não

Pesquisadora: não?, da forma como vocês estudavam antes, há... e da forma como aqui, há, no projeto Gente estão estudando, o que que vocês acham assim? Qual é a...

Aluno9: bastante diferente...

Pesquisadora: bastante diferente?

Aluno10: bastante diferente, assim, meio...meio que, antigamente era melhor, eu acho, porque a gente aprendia mais e tinha mais atenção dos professores.

Aluno9: é...

Pesquisadora: o que que... tem alguma coisa, assim, que vocês destacariam como sendo muito legal no Projeto?

crianças misturadas, sem as paredes na sala de aula... como é que tu ve o professor desempenhando o papel dele, dando aula?

Aluno11: acho que pra ele é difícil, porque pra ele ficar ensinando toda hora uma série, tem que lembrar toda hora o que tem que ensinar pro aluno, prum ano... é bem difícil. Eu acho que também o professor, eu acho, a minha opinião, acho que eles preferiam uma sala com, fechada, só com a matéria dele.

Pesquisadora: E as disciplinas com os professores especialistas? Artes, , inglês... como é que são essas aulas?

Aluno11: Essas aulas são ótimas, eles ensinam direitinho, eu gosto, às vezes, eu faço bagunça, mas o ensino deles, é muito legais, eu aprendi muito...

Pesquisadora: e como é que tu ve a reação... tu ta me dizendo que prefere do outro jeito, né? E a reação dos alunos em geral, que tu ouve falar...

Aluno11: todo mundo fala que também achava melhor, pergunto: como é que vocês preferiam? Ah, eu prefiro a sala daquele jeito... a

Aluno10: eu acho que a convivência com as pessoas...

Aluno9: é... (não consegui entender o que disse...)

Pesquisadora: mais alguma coisa, assim, que vocês achem legal na escola?

Aluno9: as atividades extras...

Aluno10: é...

Pesquisadora: as eletivas?

Aluno9: TransD...

Pesquisadora: TransD, tá certo... e se vocês tivessem que melhorar, assim, se vocês tivessem que falar para a pessoa que fez este projeto... ah, eu acho que poderia melhorar tal coisa... o que que seria... pra melhorar?

Aluno9: não sei, eu acho que... mais trabalho... mais trabalho em grupo...

Aluno10: é, trabalhos em grupo é bom!

Aluno9: e mais desenhos também, no quadro...

opinião deles, acho, que é igual a minha...

Pesquisadora: e outra questão assim, antes vocês ficavam lá na sala de aula fechada, sentado em classes, um atras do outro, era assim que funcionava? E o professor lá na frente... tu acha que agora vocês sentando em grupos com várias idades e tendo acesso aos colegas, os próprios colegas pra explicar pra vocês, tu acha que com isso vocês ficaram mais autônomos? Assim, mais... conseguem fazer as coisas vocês sozinhos... batalhando atrás, correndo atrás...

Aluno11: ah, sim, o professor tá explicando pra outras pessoas e a gente tem que ta focado, le e rele mil vezes até entender, então sim.

Pesquisadora: alguma coisa que tu queria acrescentar assim, me contar sobre o projeto que eu não tenha te perguntado... alguma curiosidade...

Aluno11: não...

Pesquisadora: então tá bom, muito obrigada!

Aluno10: é porque a gente não estuda direito no quadro...

Aluno9: a gente tá estudando, geralmente, é na Educopedia e na apostila...

Pesquisadora: na apostila... hum,hum... há... e o professor? O que que vocês acham, assim, de ter um professor que lida com todos os anos, com as disciplinas diferentes, as matérias diferentes...

Aluno10: é bom! Mas é assim, se o nosso professor mentor não sabe, a gente pode tirar dúvida com outro, e é isso que é bom...

Pesquisadora: hum, hum... vocês tem o apoio dos outros que não sejam os de vocês, né?

Aluno9: é...

Aluno10: é...

Pesquisadora: mais alguma coisa, assim, dos professores?

Aluno10: não...

Aluno9: não (risos)

Pesquisadora: não? E... e como é que vocês acham que os colegas de

vocês e vocês, hã, tão se sentindo, participando desse projeto?

Aluno10: eu to gostando...

Aluno9: bom, eu acho que tem gente que tá gostando, só não muito por causa do horário...

Aluno10: do horário (fala sobrepondo a fala do colega em forma de concordância)...

Entrevista alunos 1,2,3,4,5,6,7,8 – 8º22”

Pesquisadora: Eu só peço que a gente tente não falar um em cima do outro porque depois vai ser difícil pra eu ouvir e escrever o que vocês disseram... tá? Quem é que tava aqui antes do Projeto Gente?

Aluno1: (levantou a mão)

Aluno2: (levantou a mão)

Pesquisadora: vocês os dois, só? Tá, então a primeira pergunta vai ser mais fácil pra vocês, assim, poderem responder... Eu queria que vocês me explicassem, assim, o que que vocês notam de diferente, de como era antes e como é que é agora com o Projeto Gente... se vocês quiserem falar também, do que vocês sabem, o que as pessoas comentam, também podem falar...

Aluno1: mudou tudo, tudo, sem parede agora, antes tinha parede, antes era mais fácil pra gente, interagir com pessoas, porque hoje em dia tem muitas pessoas que não conseguem porque tem medo de serem julgadas, antigamente era mais fácil porque a gente elaborava os trabalhos com a equipe toda, formando grupos... (não consegui entender um trecho) a gente não está se sentindo bem...

Pesquisadora: por que? Diversas, hã... os anos diferentes, né? No mesmo grupo...

Aluno1: antes era separado... agora é muuito mais difícil pra se trabalhar.

Pesquisadora: e, assim, se vocês tivessem que destacar uma coisa que vocês gostaram... do Projeto Gente, o que que seria, ou mais de uma, não sei...

Aluno 1: que antes a escola era mais... agora tem bem mais cores...

Pesquisadora: hum, hum... mais alguma coisa que vocês acham legal, assim... no Projeto?

Aluno 1: o wi-fi

Aluno9: que é integral...

Aluno10: mas fora isso...

Aluno9: o povo tá gostando...

Aluno10: escola bem legal...

Pesquisadora: hum, hum... mais alguma coisa que vocês queriam contar, assim, para eu escrever no

(risos de todos)

Pesquisadora: tá certo! E... o que que vocês acham que poderia melhorar? Pode, pode falar...

Aluno 3: o modo do estudo, que, tipo, estudar com o professor, explicando matérias, de manhã, 7º, de tarde, 8º ou 9º, é difícil porque o barulho atrapalha, não só o barulho, como vem muita pessoa... e também alguém da nossa turma sai, da nossa turma pra ir para outro lugar, prejudica demais...

Pesquisadora: hum, hum...

Aluno 3: (não entendi porque bateram na porta no momento que a aluna falou)

Vice-diretora: tem mais dois aqui... (neste momento ficamos com 8 alunos, quando a ideia era entrevistar, no máximo 6 alunos de cada vez... mas não tinha como deixá-los de fora, pois já tinham deixado suas aulas...)

Pesquisadora: ah, entrem, achou?(uma aluna que tinha esquecido a autorização)... podem entrar, não tem problema... a gente tá na primeira pergunta... deixa eu ver, tem uma cadeira aqui, outra lá... perafá... vou sair daqui pra você passar... eu tava conversando com eles o que que... como é que eles sentem, quem já tava aqui antes do Projeto Gente e agora que, modificou, né, com as modificações... e agora tava perguntando o que que é bom no Projeto Gente e o que que poderia melhorar... e eles falaram que o bom é a questão do, da, do colorido da escola, da escola ter ficado bonita, hã... e que poderia melhorar a questão de ser difícil concentrar, né, com tanta gente junto... de repente, falando junto, de grupos diferentes... e o que mais que vocês acham, assim, que poderia melhorar ou que seja um ponto positivo, tanto faz?

Aluno4: poderia voltar as salas, em salas, dividir em salas... porque, tipo, logo pra gente do 9º ano... pra

meu trabalho sobre o projeto, sobre a escola?

Aluno9: não...

Aluno10: não...

Pesquisadora: então tá, muito obrigada!

mim, tem mais estudo, fica muito complicado o dia inteiro, é mais difícil, muito barulho, atrapalha.

Aluno2: tem muito exercício, muito barulho... atrapalha...

Aluno5: antes de entrar o projeto, a gente, foi dito que seriam 6 salas, só que com todas as turmas misturadas, com uma mesa grande pra turma inteira trabalhar, e junto. Aí chegou no dia mesmo a gente foi ver... tava tudo diferente... foi assustador pra gente...

Pesquisadora: vocês não... foram pegos de surpresa... com essa, sem parede

Aluno5: a gente pensou que ia ser dum jeito, chegou na hora, outro... a gente soube que seria estudado assim... aquelas pessoas novas, meio que foi assustador e, ao mesmo tempo, legal...

Pesquisadora: por que que foi legal?

Aluno5: foi legal porque a gente pode conhecer pessoas novas, ampliar as nossas amizades...

Pesquisadora: Se vocês pudessem escrever, assim, pra essas pessoas que tão coordenando o projeto, que que vocês escreveriam pra elas? Pra elas, assim, que vocês tem uma ideia de melhorar... Tu já falou de construir parade, né, mais alguma coisa que vocês...

Aluno6: não mudar, tipo, 7º, 8º, 9º, numa sala só, só isso...

Aluno7: é...

Aluno8: uma coisa que eu achei que seria legal que de manhã a gente podia ter aula, normais, e à tarde, a gente podia fazer um curso, alguma coisa que possa ajudar a gente no nosso futuro, na carreira que a gente quer seguir...

Pesquisadora: hum, hum... mais alguma ideia? E o professor? O jeito que ele tá dando aula... tem que dar

aula de diversas matérias, né, como é que vocês veem este papel do professor?

Alunos: (risos)

Aluno2: olha o meu professor eu acho nota 10, ele é de matemática, mas ele se esforça ao máximo pra tentar ajudar a gente nas matérias, tipo...

Aluno3: como eu disse, fica de manhã 7°, 8° e 9°...

Aluno8: ele pega um grupinho pra dar aulas separadas, da mesma série...

Aluno3: isso... outros grupos ficam estudando ou ciências ou português...

Pesquisadora: entendi...

Aluno7: meu professor, ele é atrapalhado demais... acho que tipo, ele... sse fosse um de cada ano ia ser bem melhor, porque... na hora assim, de explicar pra um e outro, matérias diferentes, mas aí ele pega e se atrapalha, vai cinco vez na mesma pessoa, enquanto na outra

ele não explica nem a metade de uma vez... e aí a pessoa fica lá, ela se irrita, se estressa... meu professor é atrapalhado... ele se esforça, mas...

Pesquisadora: e vocês (dois que estavam mais quietinhos)... qual a impressão de vocês? Gostam do Projeto Gente?

Aluno4: é... a gente só não gosta de ter aula o dia inteiro...

Aluno2: acho que pelo menos com o horário... eles podiam bota a gente pra fazer alguma coisa que a gente gostasse... porque se a gente for só um turno, podia pegar, sair da escola, e fazer um curso, aprimorar em outras coisas, mas com aquela rotina fica mais difícil porque, escola, curso ao mesmo tempo, fica muito cansativo, muito cansativo...

Pesquisadora: e as eletivas?

Aluno2: nossa, eu adoro a minha...

Aluno8: o único problema é, tipo, uma hora é um salão e, no outro turno, é outro, isso é meio... pra mim é chato...

Pesquisadora: não te entendi, explica um pouquinho mais...

Aluno8: tipo... de manhã eles reúnem um grupo e falam sobre as comidas e, de tarde depois do almoço, outro grupo de outro salão...

Pesquisadora: ah, tá... hum, hum...

Aluno8: isso é chato, tipo, era pra ser todo mundo misturado...

Pesquisadora, tá, hum, hum... mais alguma coisa que vocês gostariam de me falar do projeto, algum sentimento que vocês tem?

Aluno1: sono...

Aluno2: é, sono...

Pesquisadora: (risos) esta hora depois do almoço é normal... não precisam de prescrição médica...

(risos de todos)

Pesquisadora: mais alguma coisa? ... então, muito obrigada!

Entrevista Professor1 – 20*26**

Pesquisadora: A primeira pergunta então, hã... tu já tava aqui antes do projeto Gente ou tu já pegaste o projeto em andamento?

Professor1: em andamento, inclusive eu sou o que entrou mais recentemente, na escola, com a turma, com a mentoria, no início deste ano.

Pesquisadora: tá, e como é tu sentes então a diferença na tua experiência, né, como professor, assim, de antes de trabalhar no projeto Gente e agora?... com relação ao processo de ensino-aprendizagem, né, como é que acontecia antes e agora no projeto...

Professor1: é... basicamente a metodologia, é... espaço, todos os meios aí, hã, são bastante diferentes do que, basicamente, o que eu fazia antes... é...

Pesquisadora: hum, hum... tu tava numa escola tradicional? Anteriormente...

Professor1: isso... escolas tradicionais, dava aula de história, hã... sempre tive uma aula... bastante exposição e diálogo coletivo, basicamente as minhas aulas sempre foram muito voltados nesse formato, né... é... sobre... eu vejo... história... eu preciso muito do contato, né, do falar, do se expressar, e, sempre

tentei muito trazer... é... o estudante (não entendi o que ele falou)... a aula sempre pensada muito nesse viés, é... aqui eu já... hã... quer dizer, o próprio formato da escola, né, a estrutura física da escola, ela já, né, não... ela já quebra completamente esse modelo de aula... eu já não tenho a... a fala com a turma toda num mesmo momento... né... então já quebra por aí, quer dizer... então eu não tenho nem... hã... a diferença já é pressuposto inicial, é... da aula... isso né. Tem a questão que eu não to trabalhando a minha matéria, mesmo com o espaço... se eu tivesse o espaço fechado, com todas as matérias, é... provavelmente, não seria a mesma coisa, do outro... até porque, né... uma coisa é a minha matéria que eu domino, eu sei o que to falando, fazendo e, com segurança, e sei aonde eu vou chegar em cada aula, né... é... e você tem, né... muito esta questão de que eu to trabalhando com outros temas, é... então vou te que, é... me virar com os colegas, é... entender o que os outros colegas tão fazendo pra ve o que eu acho que vai da certo, na parte do perfil da minha turma e... e... enfim aqui tem este caráter um pouco maior, não que o outro não tem, de experiência o tempo todo, é... é... porque ele é um modelo completamente diferenciado, né, se eu for olhar, principalmente da minha disciplina, né, já que a pergunta é o antes e o depois, acho

que olhando a... eu consigo responder isso assim com mais clareza, ah... basicamente acaba se tornando um mecanismo de aula aqui, isso na maioria do tempo, porque em alguns momentos eu consigo a sala fechada, com projeção de imagens, vídeos e consigo fazer a fala com todo mundo...

Pesquisadora: ce tava assim ontem... quando eu entrei na sala... hã, hã...

Professor1: é, eu consegui, mas a maioria do tempo é, é, isso não existe... então, basicamente, vamo pensar... trabalhar o conteúdo de história, hã... o que antes a aula era iniciada com uma problemática sobre o tema, tentando sempre uma problemática que tivesse uma relação com o cotidiano do estudante, aí, a partir daí, uma aula que ao mesmo tempo ela é expositiva e dialógica, que antes era isso, é, nesse momento é, basicamente, ter o material didático, livro didático aqui, né, então o livro didático ele é muito mais presente da minha aula daqui do que era na minha aula anterior, né, os outros materiais didáticos também, mas, o livro assim principalmente, né, eu fico mais dependente do livro, né, porque o contato com a matéria, basicamente, é feita pela leitura do estudante...

Pesquisadora: hum, hum...

Professor1: né... é... então o que antes era exposição, discussão coletiva... ele vai para o viés mais individual do estudante, com a leitura do conteúdo, o primeiro contato e aí, a partir dali eu vou elaborando, enfim, questões, é, que tenham a ver com aquela matéria, tentando, é, fazer o aluno perceber o que eu acho importante naquela disciplina, é... é... mas... eu acho pra mim é uma dificuldade, assim, olhando a minha matéria.

Pesquisadora: este seria um ponto a melhorar, assim, do projeto na tua opinião... esta questão do...

Professor1: sem dúvida...

Pesquisadora: da polivalência...

Professor1: sem dúvida, sim... assim a... até porque a gente tem, né, na própria escola, os professores, em cada área, se poderia pensar, assim em modelos, e a gente tem discutido isso bastante, né, o corpo docente...

Pesquisadora: na construção do projeto?

Professor1: isso, isso... a gente tem discutido entre a gente, bastante essa questão que, é... toda aula a gente sente que o aluno, ele, precisa de um... há uma falta daquele rigor teórico, de quem domina teoricamente a disciplina, é, pra trabalhar, enfim, todas estas questões que são inerentes a cada área do conhecimento, né, então, é... o aluno vem perguntar pra mim uma questão de ciências, é... eu não domino isso, eu não... enfim... não foi a minha opção de estudo, assim, aí o que que eu vou responder, eu vou tentar buscar no material didático e trazer esta resposta, é quando, obviamente, se ele é... for professor da área, ele vai, né, a partir daquela pergunta do aluno ele já consegue até pensar o que que o aluno ta querendo saber disso, o que é interessante ele saber disso e, enfim, e construir daquela pergunta o conhecimento. Nas outras matérias o que eu faço não é construção do conhecimento, sabe, é um... é um... suporte de acompanhamento, enfim, de correr atrás, querendo, né, é... é... dar o melhor ali, né... mas você não, enfim, eu tenho consciência de que, né, a diferença do profissional da área... total, assim...

Pesquisadora: e o que que tu enxerga de positivo do projeto...

Professor1: deixando... olha, assim... seria interessante você... eu vou falar no geral, de algumas coisas que nem são específicas do Gente, tempo integral, acho essencial, né...

é um pilar do Gente, mas está dentro desta escola, tempo integral é essencial, o número reduzido de alunos, comparado, né, com a rede de, né... essencial, né, aproximar um pouco mais o aluno, o número reduzido...

Pesquisadora: de 40 cai para 24...

Professor1: 24... o ano passado o pessoal trabalhava com 18, já era uma coisa mais ainda, né...é... então, 24, se já começa a formatar um ambiente um pouco mais propício para o processo de ensino-aprendizagem. A... a coisa que eu acho interessante, a gente trabalha com o alunos que tem, em geral assim, uma ausência da família, né... e... e isso tem até a ver com a importância do ensino integral, aí, que o... o... escola, eu vejo a escola que a gente tem hoje formulada de meio período, é uma escola pensada para a classe média que o aluno estuda um período, manhã, e à tarde ele tem há... aula de inglês... ele tem outras aulas, enfim, em outros espaços, ele tem um pai e uma mãe, hoje em dia (não entendi), então um pai e uma mãe alfabetizados que vai ajudar nesse suporte, né, (não entendi) há... pra gente, pro nosso aluno essa não é uma realidade, muitas vezes você tem os pais que não são escolarizados, então essa continuidade fica comprometida... né, então o fato de ser integral, ele ajuda nesta questão... e o fato que, aí sim é específico do Gente, há... de a gente ter alguém que acompanha esta turma, então, tenho uma turma que eu to todos os dias com eles, então isso você acaba suprindo e olhando o aluno um pouco mais de perto, se fosse no modelo anterior, você só tem... o professor passa pela turma, a sua matéria, mas você não tem ninguém olhando especificamente... daí aquelas deficiências, enfim, vai, aquilo vai se acumulando ao longo do processo de estudo desse aluno, a hora que você ve, ce tem um aluno no 9º ano que não tá conseguindo, é dominar aquilo que se esperava dele no 6º ou no 7º ano... que que a gente tem até discutido aqui... é importante o professor especialista, mas é interessante também essa figura do professor que tá junto todo o dia com o aluno, que ta olhando mais de perto, ele ta olhando aquele aluno já numa perspectiva mais ampla, né, então eu vejo isso, não sei se é consenso, numa escola integral, caberia o espaço o aluno com o professor especialista, pela manhã, não sei se seria isso, e... mais assim, todo dia à tarde, ele teria este espaço com o professor que teve com ele todos os dias, fazendo um formato assim...

Pesquisadora: é uma sugestão de melhoria que vocês estão pensando...

Professor1: eu acho que, teria que pensar e discutir o que seria o papel deste professor, não seria um estudo dirigido só, seria alguma coisa enfim, um espaço que daria até mais criatividade pra gente trabalhar, porque quando eu to muito tempo com o aluno só que eu sou seguro na minha matéria, mas eu não sou seguro nas outras que ei fico responsável, eu não sei praquela idade, praquela série, o que eu deveria ensinar pra cada uma, at'onde eu chego, até onde eu, né, não preciso disso, daquilo, posso abrir mão, eu não tenha esta convicção, né, então seria até uma maneira, é, eu vou dar aula de história pros meus alunos, mas eles vão ter aula de matemática com a professora, aí ce tem uma segurança pra, um tempo mais livre e aí seu tempo até mais criativo e aí o proprio projeto ganharia mais sentido, porque você ganharia mais criatividade para usar as tecnologias que são colocadas como uma das premissas do colégio. Ce teria, porque senão no geral... caso contrário a tecnologia ficou muito amarrada, na coisa, né, quer dizer, é... é o inovador sendo usado de forma conservadora, né, eu prefiro que o aluno tenha uma aula expositiva de ciências, com um professor de ciências, do que ele faça sozinho a aula na Educopédia, não tenho a menor dúvida de qual é melhor aí, então o uso acaba sendo é, é... dessas diversas possibilidades que a gente tem, menos criativo do que se... a gente tenta menos, a gente arrisca errar menos porque ce ta amarrado com a... né...

Pesquisadora: e a reação dos alunos com o Projeto Gente, os avanços, as dificuldades, existe uma percepção de ganho em termos de autonomia com o Projeto Gente?

Professor1: é... assim, difícil de responder isso, porque, comparando com outros alunos da própria rede, também é difícil você ver autonomia no formato mais tradicional, mas eu também não vejo avançar uma noção de autonomia enfim, né, do aluno ta conseguindo uma formação que ele vai traçar os próprios caminhos, é, o interesse, cada vez mais independente e tal, eu não vejo assim uma mudança substancial, de um modelo pro outro, eu não vejo, é, eu não tenho alunos, vou dar o exemplo do livro de história e tal, que, olha, você falou e tal, a discussão agora é história e tal, é esse aluno ele não vai pegar o livro, beleza, ele vai ter uma noção do que ele vai traçar ali é, ele, quer dizer, eu tenho que ficar

em cima desse aluno o tempo todo, porque ele vai dispersar, com coisas muito parecidas que ele dispersa em outros... em outro espaço escolar, ele, eu não vejo nesse modelo é, nenhuma, assim avanço de autonomia, se comparado com um outro modelo, assim, eu não vejo... o que eu vejo é o seguinte, às vezes, é, até porque a gente é muito condicionado a comportar conforme regra de determinado lugar é, eles são condicionados de outra maneira... né, então eles são condicionados para sentar de uma determinada maneira, a saber que, talvez, o início ali ele não vai esperar uma aula expositiva do professor porque ta sendo condicionado àquilo... da mesma maneira se chegar um aluno de uma hora pra outra, ce vai assustar... o que que eu tenho que fazer, eu tenho a apostila aqui, o que que eu tenho que fazer porque no outro modelo ele fica esperando o pontapé inicial ali, geralmente, não é dele... é... mas não que isso tenha se caracterizado em autonomia, pelo menos não naquilo que eu entendo como autonomia.

Pesquisadora: e tu acha que eles gostam do projeto Gente?

Professor1: acho que tem alunos que gostam, né, que, enfim, se identificam, a própria escola assim ela, a estrutura da escola, né... tem os seus problemas, os espaços abertos, eu sei que tem algumas questões, mas é uma escola muito bonita se comparada com outra, é uma escola muito colorida se comparada com outra, né, é uma escola que tem... uma... um chamativo, já que ela agrada mais do que desagrada e, aí eu tenho alunos, assim, das mais diversas características, tenho aluno que já chegou em mim e falou: pô professor porque que esta escola não tem um quadro, pra gente aprender, não tem aula aqui? Né, e questionando realmente as premissas do projeto. Então, eu tenho este aluno que sei lá percebe que, talvez, aquele não está sendo o melhor caminho, né, é, mas ao mesmo tempo, aí eu não sei se é a característica do aluno que vem pra cá, ou se isto já pode ser considerado até resultado do projeto, eu não sei, eu to novo na escola, não consigo, né... mas em geral eu tenho alunos é, nesta escola, um pouco mais, como eu vou falar, que aparentam gostar mais do espaço do que de outras escolas, no sentido de

gostar mais que eu vejo determinados conflitos que eu vivencio em outras escolas, aqui em vejo menor, mas eu não sei se está relacionado com a quantidade de alunos da escola, é uma escola de 200 e poucos alunos, a explicação pode ser por aí, é, eu não sei qual o tipo de seleção que se faz pra chegar aqui, né às vezes você acaba selecionando... trabalhei numa escola, em outras escolas que eram geralmente, os alunos que nenhuma escola queria, iam pra lá, aí já é o perfil da chegada, não tem muito a ver com o que a escola está fazendo, é um público que requer um outro tipo de trabalho, eu não sei o que seria, mas comparando, em termos comparativos, aí, é... os alunos em geral aqui, são alunos mais fáceis de se lidar, são alunos que você consegue, em geral, dialogar um pouco melhor do que a média do que eu já trabalhei em outros espaços da prefeitura, mas eu não consigo explicar isso, eu não sei se isto é resultado do projeto ou se isso é, enfim, teria que avançar pra... entender melhor isso...

Pesquisadora: agradeço a tua participação!

Entrevista Professor2 – 1'50"

(devido a problemas técnicos, esta entrevista foi captada apenas no final.)

Professor2: isso pra gente e pra eles. Eu acho que de forma geral eles não acreditam tanto no projeto como eu acredito. Pô professor, mas aqui a gente ta muito carente de uma formação mais embasada, não dizem assim, mas eles querem dizer exatamente isso, ai eu preciso que se escreva no quadro, enfim, pode ser até que eles estejam corretos, sinceramente eu não sei...

Pesquisadora: tá, e a questão da autonomia do aluno, tu percebe que eles estão desenvolvendo autonomia?

Professor2: então, eles tão, mas não como se imaginou, eu acho que, segundo o projeto, já se imaginava que eles seriam mais autônomos, mais responsáveis, mais amadurecidos, mas é difícil de falar sobre isso é... quando falamos de jovens, muito novos, é...alguns são bem autônomos... eu teho a impressão que este projeto ele é muito bom pro aluno que é responsável porque esse decola. No entanto essa não é a realidade de todos os nossos alunos, né, então alguns acabem até ficando pra trás porque viram aí nessa liberdade é... um... um, enfim, um caminho pra fazer qualquer outra coisa menos estudar, mas assim, ah, desculpa, perdi o foco, a pergunta qual era?

Pesquisadora: é sobre a autonomia deles...

Professor2: ah, perdão... é, não... então é isso, alguns são muito autônomos, mas eles tem um problema que eu acho que o ambiente acaba proporcionando, a liberdade, aquela libertinagem, de conversar, de brincar, que é os espaços abertos, a internet que oferece uma infinidade de opções e alguns alunos acabaram não se adequando a esta realidade.

Pesquisadora: obrigada, professor.

Entrevista Professor3 – 9'30"

Professor3: desde que a escola foi elaborada, foi implantada, né, inicialmente ela foi implantada como Ginásio Experimental...

Pesquisadora: o GEC, né?

Professor3: o GEC... e eu tava desde o início desta formação.

Pesquisadora: certo, então, tu pegou bem a transição. A primeira pergunta é o antes e o depois do

Projeto GENTE no que se refere ao processo mesmo, deles, de ensino aprendizagem, como é que tu ve esta mudança?

Professor3: inicialmente é... como GEC, até pra dar uma referência, é... eu já tava buscando uma maneira nova, né, de ver, novos métodos de ensino a serem aplicados porque eu tava vendo a educação já, os métodos utilizados bastante saturados, né, é... e um novo

caminho em busca do conhecimento, não só nosso, como dos alunos também. Então o GEC pra mim já foi uma grande evolução. É... inicialmente eu não tive problema porque o GEC trabalha com polivalência, eu não tive problema com isso, é... atpe foi uma experiência muito boa, eu, na época, embora minha formação seja educação física, eu aceitei o desafio do antigo diretor que foi em assumir umas turmas em exatas e... assim,

gostei, né... e tanto que eu tive bons resultados dos alunos e isso também estava me dando grande estímulo também, né,, e aí depois veio a transformação que eu achei, a transformação do GEC para GENTE, eu achei assim... é... inicialmente, muito... muito abrupta, muito repentina, porque é... já estava na transição e veio uma outra em sequência, né, em que, tudo bem, eram coisas novas, né, tivemos aí a capacitação pra isso, mas eu achei, assim, é... que deveria ter sido ou anterior ou posterior ao GEC, entendeu... mas eu vejo assim, não é uma coisa impossível, só que eu acho que ela tem que começar não nesta fase de 7º, 8º e 9º ano, tem que começar lá de baixo, entendeu... porque o aluno, ele já vem de um outro sistema, retrógrado, pra mim retrógrado, e quando chega nesta faixa de idade é muito difícil porque eles não tem só a deficiência da aprendizagem eles tem desestruturação social, família, então isso é muito, é complicado até na cabeça deles, sofrer estas mudanças, né. Uma coisa que existia, existe nos GECs que são as disciplinas de protagonismo juvenil, projeto de vida, é... eu acho que deveriam ter sido continuadas e, de certa forma elas foram interrompidas, é... então essa foi a grande diferença que eu achei, a formação deles em times, né, em grupos menores, ela é positiva, mas na minha opinião deveria acontecer dentro do mesmo ano escolas, tipo, nós temos dentro de uma família, alunos de 7º, 8º e 9º, né, se esta transformação já tivesse vindo desde lá eles pequenos, talvez fosse possível fazer como eles queriam fazer agora, com esta mistura, com alunos de 7º, 8º e 9º, e... ou um aluno orientador, mas eles não tão preparados pra isso, entendeu, então eu acho que aí... tá um grande "x"

Entrevista Professor4 – 9'58"

Pesquisadora: a primeira pergunta que eu tenho pra te fazer é sobre a tua experiência, né, há, antes e depois de trabalhar no Projeto GENTE. Em termos de ensino-aprendizagem, assim né, desse processo, o que tu via antes de resultados...

Professor4: não é sobre o local de trabalho...

Pesquisadora: não, não...

Professor4: bom, eu não to com turma e também não estou com é... na minha área específica de formação, né, eu trabalho na sala de leitura, é... é uma experiência nova, eu nunca tinha trabalhado na sala de leitura, então, né... tu vir pra uma

da questão, que todos nós temos aqui, e os alunos, né... então em termos de aquisição do conhecimento, lógico tem alguns alunos que conseguem absorver, né, mas poderia ser um percentual muito maior, entendeu...

Pesquisadora: há... o professor, como mentor, né, como generalista, quais as vantagens e desvantagens, assim, que tu enxergas?

Professor3: eu acho assim, eu vejo que o professor generalista é... a vantagem maior é que ele tá ali com o aluno o tempo todo e ele tem condições melhores de conhecer o aluno em toda a sua essência, entendeu... é... não só dentro da disciplina em que ele é especialista, mas ele vê a deficiência de ensino nas outras. Então, assim, daria pra perceber em que o aluno realmente tem a deficiência, ou até qual o dom que ele tem, entendeu... então eu acho que a vantagem está aí, né, mas a vantagem em termos de aquisição de aprendizado eu acho que não chegou no seu objetivo.

(interrupção de uma outra professora procurando o banner do cine clube)

Pesquisadora: pode ficar a vontade (falei para a professora que entrou na sala)

Pesquisadora: há... e como é que tu percebe, assim, a reação dos alunos a esse projeto a partir, desde o ano passado, ter mudado de GEC pra GENTE.

Professor3: é, assim... como foram uma coisa de um ciclo quebrado, poucos alunos pegaram a escola como GEC, né... porque a cada ano se renova, entra um 7º ano novo, né... o primeiro 9º ano que se

formou, né, ele só pegou um ano de GEC, uma coisa muuito nova, eu vejo muita dificuldade, mas eu vejo que é justamente nesta questão estrutural, de ter começado no 7º ano, então eu acho que aí, na minha opinião, tá o grande "x" da questão.

Pesquisadora: mais alguma questão que tu gostaria de abordar com relação ao projeto?

Professor3: não é, assim, no geral é isso... eu vejo que é viável? É viável! É, mas existe um abismo muito grande de defasagem deles, né, é... a gente não pode culpar x, y, porque isso é uma soma de políticas educacionais. Então cada mudança ou de projeto ou de governo, você tem uma transformação, né, positiva ou não... a gente tá agora... você vê a defasagem muito grande deles, é... teve uma época em que existia aquela aprovação automática, e eu acho que isso aí declinou muito, né, tem alunos na rede que tem, que tá no 9º ano e tá praticamente analfabetos, entendeu...

Pesquisadora: analfabetos funcionais, né...

Professor3: funcionais... então, quer dizer... é triste a gente ver isso, então isso aí é uma coisa muito... descaracteriza um pouco, qualquer coisa que se queira fazer, né, que surja de repente... né, não vai ser um resultado em 1, 2, 3 anos, né... Aí é política pública, a gente não tem o que fazer, né...

Pesquisadora: agradeço, professor, pela contribuição!

Professor3: nada, de nada!

escola que não tá dentro do padrão da rede, ou não é a mesma experiência de todas as escolas em que eu trabalhei e também uma nova função... também da história nova do GENTE, né, diferente, ou diferente do GENTE... é... o que eu busquei construir, eu tenho um pouco da experiência do que é a mentoria, dos salões, do que são os times porque eu trabalho, o que tem de similar é que eu trabalho com os grupos seriados, são as turmas que vem pra mim, mas eu faço um trabalho de incentivo à leitura que é similar com o que tem na rede, né, a escola, a sala de leitura aqui não funciona diferente do que funciona no restante... tem um projeto que é diferente do restante que é o projeto leitura em movimento, o restante

são projetos correntes na rede, são atividades de incentivo à leitura, corrente na rede. Então esta não é uma diferença, um diferencial, eu estar aqui, é... o que podia ser uma diferença é ter livros, né, o acervo da sala de leitura, não estar apenas na sala de leitura, porque a gente tem estantes que ficam nos salões com livros, do acervo, mas que estão disponíveis lá pro aluno com maior facilidade de acesso são obrigatórias acontece de uma outra forma em outras escolas também através de cestas de livros que são renováveis de tempos em tempos, então isso também te uma similaridade, acho que como questão é que a sala é dividida hoje, não era no ano passado, pelo que me contaram, a sala de leitura é dividida

com times que funcionam ali cotidianamente, então não existe uma sala só da sala de leitura e de atividades da sala de leitura, então tem a sala de leitura e a sala multimídia, a sala roxa, que agora tem dois times, eles tiveram que descer porque lá em cima tava muito cheio, o barulho tava demais, porque aumentou o número de alunos pra esse ano também e foi feito um rearranjo e isto causa também uma mudança na dinâmica da sala de leitura...

Pesquisadora: entendi... o que que tu vê de ponto positivo, da tua observação, mesmo que tu não esteja trabalhando com os times, tu consegue observar alguns pontos positivos do projeto?

Professor4: então, estamos num momento bastante complicado porque a gente tá revendo isso tudo...

Pesquisadora: estão escrevendo o projeto...

Professor4: o projeto político pedagógico, também... estamos na fase de avaliação do que que era o primeiro momento, o que eram as primeiras ideias e do que foi a prática... é... eu ach que assim, bastante interessante é o horário integral, eu acho que o horário integral é uma construção importante da educação, mas que há... tá limitado por problemas aqui no GENTE, eu acho que tem, há... poder funcionar com eletivas, acho interessante, mas eu acho que as dinâmicas de disciplinas, não conseguiram encontrar lugar, então o professor generalista, as disciplinas não deixaram de existir e aí eu ouço os relatos dos alunos que o professor acaba dando mais ênfase na área que ele é formado, se o professor é formado em matemática, é o que eles mais veem, em detrimento de outras disciplinas. É isto que eu ouço de relato. Então assim, como ponto positivo, eu acho que a eletiva é um, uma dinâmica interessante, mas assim, cada aluno só tem direito a fazer uma eletiva, não uma troca, não há uma troca, ou já eu eles ficaram o dia inteiro na escola, esta dinâmica fosse maior, que eles pudessem escolher duas

disciplinas que fossem pra além das disciplinas obrigatórias, mas inglês, artes e educação física, assim acho que seria algo interessante...

Pesquisadora: e essa... a tua visão do professor como mentor, nessa função do generalista...

Professor4: é... pelo que eu vejo os professores não estão à vontade, né, há muita reclamação de que não há suporte, não há nem formação, então há uma certa frustração, né, de não dar conta da ansiedade do aluno, das questões do aluno de um assunto que ele não domina, então é uma frustração que a gente tem ouvido, é e que esta frustração ela encontra mais reverberação porque não tem suporte, de uma coisa que parece que foi prometida anteriormente, que houvesse uma série de metodologias que dessem mais suporte....

Pesquisadora: tá... a reação dos alunos no projeto...

Professor4: então, hoje eu tive um papo com os alunos que eles estão com muita dificuldade de estudar... porque a gente tava, eles... hoje a gente fez uma série de empréstimos, a gente tava perto de uma prova de produção textual e aí eu fui conversando com eles, de mesa em mesa, eles foram me contando um pouco a história e eu ajudando alguns que estavam com dificuldade em determinado texto de um livro... aí eles foram... um bate papo mais informal no final da aula e eles falaram bastante que tem dificuldade pra estudar porque é um barulho muito grande, muito confuso, eles disseram: eu não gosto mesmo de estudar não, mas se eu gostasse ia ser difícil porque eu to vendo gente que gosta e não ta conseguindo, e outros relatos foram: o professor não entende dessa matéria, o professor não sabe, nem o professor sabe o que ele ta ensinando... o que não é mentira...

Pesquisadora: hum, hum... tu enxerga, assim... uma sugestão de melhoria, alguma coisa que já passou na tua cabeça, neste espaço... o que daria pra fazer... pra melhorar um pouco...

Professor4: é... a gente nessa construção, nessa conversa que a gente tem tido nestas últimas semanas, o retorno do especialista é algo que surge muito forte e uma outra coisa que a gente já conversou é que se contruam mecanismos, que a gente não sabe se tem como, se será possível na secretaria, de uma redução de mão de obra na escola com esta introdução, então, do generalista, então a gente tem uma ideia de fazer uma proposta... tem uma coisa do generalista que é interessante, que é assim, ele acompanha o percurso do aluno, o tempo todo, ele tá a semana inteira com o aluno, ele identifica as dificuldades, é... embora não tenha condições de saná-las por completo e aí a gente tava construindo algumas ideias de que a gente tivesse o especialista e um professor que acompanhe esta turma...

Pesquisadora: um mentor que tivesse os especialistas...

Professor4: exatamente! Todos são daquela turma, mas um dos especialistas daquela turma acompanha, pra além das suas aulas, outros tempo, mais tempos com aquela turma, portanto ele é alguém que vai trabalhar o itinerário formativo, aquele que vai tá auxiliando nas dificuldades e conectando os outros professores: Olha, ele ta muito muito bem nesta disciplina, mas talvez a dificuldade dele neste ponto possa ser suprida por uma outra, com esta interação que é importante... então eu acho que é... é o que a gente tem pensado, que não descaracteriza totalmente o processo, não é que não descaracteriza, a nossa preocupação não é descaracterizar o processo, o projeto, a nossa preocupação é que ele seja efetivo, é que a gente consiga construir ele de nova forma, de uma nova forma, é... o processo de ensino aprendizagem que não aquele tradicional, né... o professor entrando e saindo a cada 45 minutos de sala e tal, mas uma aula dinâmica, mas que esta dinâmica respeite a formação dos professores e respeite também o processo do aluno. É isto que a gente tá tentando pensar.

Pesquisadora: pronto... obrigada!

Entrevista Professor5 – 15'39"

Pesquisadora: Bom, a primeira questão, assim, é a tua experiência antes e depois do Projeto Gente... relatar um pouquinho das diferenças, como é que tu percebe, né, esta relação do aluno com o professor...

Professor5: Bom, eu entrei pro município tem 3 anos, eu to terminando meu regime probatório agora... então eu venho assim de uma... formação acadêmica, de pesquisa, acadêmica, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, me formei em Artes Cênicas, e trabalhei lá num projeto

de extensão durante 10 anos que era uma experiência pedagógica dentro de uma penitenciária Demis Brito, que era aqui no Centro. Então a minha experiência é dentro de um espaço físico que de alguma forma tem similaridades de... transformar corpos em corpos dóceis, obedientes, que recebem ordens...

então eu venho desta experiência de aprendizagem que eu olho e digo... é isso que eu não quero, é isso que eu não pretendo multiplicar, trabalhar... minha formação sempre foi nesta contracorrente de um sistema que... que a gente vê numa escola normal que é uma escola tecnicista, é uma escola preocupada só com o conteúdo... e o ser humano...

Pesquisadora: que é a base da nossa educação...

Professor5: bla,bla,bla... não serve pra nada! Então quando eu passei pro concurso público aqui e fui fazer, fui entregar meu material na CRE, eles me falaram desta escola, que não era GENTE ainda, era um Ginásio Experimental Carioca, e uma escola que era período integral, que era um experimento, onde o professor, ele trabalharia com projeto de vida, protagonismo juvenil, trabalharia com os quatro pilares da educação para o século XXI, que é olhar voltado para o ser humano nas suas relações de aprender a aprender, aprender a ser, aprender a fazer e aprender...

Pesquisadora: a conviver...

Professor5: a conviver. Então é um outro olhar... e eu poxa, que legal, então como eu vim da prisão onde o ser humano já cometeu o delito e está agora sem direito de ir e vir, vir pra cá significou então o ver a educação como prevenção... Opa, então dá pra pensar na... na... nas possibilidades de ações que eu posso evitar, é mais legal fazer isso, é bom, daí então despertar valores, né... valores da vida, valores da convivência e aí criar uma outra relação com a vida. E vir pra essa escola significou isso de mim, opa, então vou investir, cada vez mais agora, como eu sempre investi, no ser humano, na formação do ser humano, não to preocupado se ele vai tirar 10 em matemática, 10 em Português, isso vai depender dele, se ele quiser, pode, vai ser ótimo se ele quiser... mas não é o meu objetivo, o meu objetivo é que ele se interesse por ele mesmo e tudo que pode vir daí. Acho que isso é que tá dentro do meu pensamento e do desejo. Outra coisa que depois aconteceu aqui foi que o GEC Experimental Carioca deixou de ser GEC Experimental e depois se transformou em Ginásio Experimental de Novas Tecnologias, né, o que diferencia é pouco, não é tanto assim, mas o projeto de vida, por exemplo, o GENTE não tem mais, não tem, assim, oficialmente, mas continua como uma corrente subliminar, um, é como se fosse um lençol de água por baixo da terra, que continua ali, atravessando, né, os caminhos

possíveis que o ser humano quer traçar pra ele... Olha, o que que você quer fazer? O que que você quer? Qual que é o seu projeto de vida? Só não tá mais assim, institucional, não é uma matéria, que você vai fazer... não, acabou isso... O protagonismo juvenil também não tem... que era, então, o momento em que o aluno poderia criar o projeto dele, trabalhar em cima desse projeto, sozinho, ele com uma equipe que ele quisesse formar... mas ele tem toda a autonomia pra poder realizar o seu projeto pessoal... aí o protagonismo não aconteceu mais por causa da mudança do GEC pro GENTE, mas eu ainda percebo que continua reverberando esta possibilidade de tanto do projeto de vida, quanto do projeto de vida, que era da escola GEC, que continua reverberando, agora, no GENTE, mas de uma outra forma, não é tão direto, é mais indireto...

Pesquisadora: é... hã, o que que tu enxerga como ponto mais positivo do GENTE?

Professor5: eu acho que fisicamente falando, e fisicamente falando ele significa também pensar na sua intersubjetividade dessa relação com o espaço físico da escola, eu acho que é a ausência de paredes. Essa ausência de salas de aula, fechadinho, formal, né, esse sentar em fileira, um atrás do outro,,, acho que esse rompimento espacial, ele provoca um rompimento corporal, físico... isso muda a atitude do olhar, eu passo a ver as coisas de uma outra forma, ainda que causa espanto, estranhamento, eu não entenda... exatamente o que que significa essa mudança, mas é esse estranhamento que pode ser a produção de um outro conhecimento, uma outra metodologia possível... ainda tá dando certo, ainda não, ainda não, porque é uma construção, é uma construção cultural, é uma prática cotidiana de si, pra si mesmo, e para o outro, então, a coisa assim que eu vejo, da mudança, ela é física, você vê uma mudança física, provavelmente esta mudança física começa também a provocar mudanças internas ou pode se começar com uma mudança interna para se começar uma mudança física... a ordem não é, assim, uma coisa mais importante, mas essa mudança ela sempre acontece dos dois lados, ou de fora pra dentro, ou de dentro pra fora, vai depender do método de cada um, tem gente que aprende mais vindo de fora pra dentro, como eu sou professor de teatro, por exemplo, tem gente que vai construir um personagem, vai começar a construir pelo, pela, pelos esteriótipos, né, então de fora pra dentro vai pegar um chapéu, um caleidoscópio, até o momento que

ele começa então a entrar em contato em relação com esse, aí ele começa a entrar em contato com o ser dele... ou tem ator que, ao contrário, vai pegar tudo que ele entende, por ele mesmo, de dentro e vai aos poucos trazendo essa figura do médico, e vai externando e vai materializando esta subjetividade... então o caminho, como, se é de fora pra dentro, se é de dentro pra fora, não é o mais importante... o que é mais importante é que isso tá acontecendo de fato e provoca estranhamento, desconforto, se pro bem, se pro mal, o tempo vai dizer.

Pesquisadora: certo! Tu tem alguma sugestão de melhoria, alguma coisa que tu enxerga, assim, até por conta das questões, dos pontos a melhorar do projeto que tu enxerga, ah, daria pra fazer tal coisa, que tu já tenha pensado, que seja viável, assim... não alguma coisa que demande muita implementação.

Professor5: olha, a curto prazo eu acho que a coisa mais importante pra se mudar aqui na escola, eu acho que é a questão do tempo, né... a administração do tempo que nós temos. O tempo ele poderia ser menos linear, podia ser mais quebrado, mais movediço, mais flexível, que o professor possa ter mais autonomia pra poder tá trabalhando efetivamente o afeto pedagógico.

Pesquisadora: me exemplifica um pouco isso...pra ver se eu entendo...

Professor5: hã... por exemplo, o professor aqui que é mentor, ele é mentor, ele tem que dar conta de várias disciplinas, de várias áreas do saber, né, aí o aluno chega no salão de aula, ele pode fazer o itinerário formativo dele, esse itinerário formativo dele pode dizer, ah, eu vou estudar, hoje eu vou estudar português, vou estudar geografia e depois eu vou estudar história, ele começa assim... aí o professor mentor não dá aula, não é pra da aula, o que ele poderia fazer, o que que eu vejo que ele tem que fazer... ele poderia, isso é muito difícil, porque o pensamento ele tem que ser colaborativo, e isso deve ser discutido entre pares, portanto o que eu to dizendo aqui não é uma verdade, não é que vai dar certo, não é isso, mas a minha percepção diria assim, se o professor trabalha junto com os alunos, que tem autonomia para estudar aquilo que ele quer, o professor também devia ter autonomia de tempo para, por exemplo, hoje vou ficar com os alunos que já estão cansados, ah, professor, to estudando não, tô cansado, não quero fazer, o professor poderia usar este tempo para espalhar, sair do salão, ir lá

pra fora, vamos fazer a pintura de um quadro hoje, vamos pintar a paisagem que estamos vendo hoje, e depois desta pintura ele pode então, vamos voltar lá pro salão e vamos falar da geografia, vamos falar então do clima...

Pesquisadora: respeitando o tempo de cada um...

Professor5: e essa flexibilidade esse tempo que não é pra ser cronológico, cronológico linear, da de uma até às duas português, mas isso aí pode ser que de certo, pode ser que não, mas talvez dentro de uma escola que se propõe experimental, que a gente ta buscando o, exatamente esta ciência do que da certo, do que não dá certo, vamo tenta, sem nenhum preconceito, tem que tentar, vamo ve como é que funciona essa atividade... aí o aluno vai desenhar, olha pras montanhas, pinta, sol tropical, onde fica o Rio de Janeiro, onde fica este lugar e o professor pode a partir daí redimensionar o pensamento, quer dizer, ele vai criar uma rede de conhecimento, ele vai poder, ele poderia, isso vai depender também de uma coisa importante, que é a criatividade, o professor tem que ser muito criativo, tem que ta ali, tem que pensar quase que no tempo do *clown*, o tempo do palhaço, ele consegue resolver os problemas, e ele sabe que depois que ele resolver aquele problema, vai surgir um outro, muito rápido, é uma presença de espírito do tempo, ele tem que ta articulado, num estado de prontidão, disponível, ele não pode ta num espaço, no lugar de um acomodado, um esperar e fica ali... é um outro lugar pro professor também, é o professor que mexe,

que roda, que volta, que sobe, que senta, que pula, que... outro professor, senão o professor fica parado, passivamente, né... aliás essa coisa do passivo já quebra também porque esse espaço tira a passividade do aluno e o professor também não tem aquela facilidade, ele tá em outro lugar... então criam-se ao invés de reagentes, agentes, né... acho que é difícil mesmo te dar uma resposta, eu não tenho uma resposta, assim, de tempo, como é que eu faria isso, mas eu tenho assim vontade de experimentar, vamos fazer isso dar certo? E sem se preocupar em resultados, aí eu tenho que dar nota, a prova Brasil, aí eu tenho que dar um feedback positivo, obrigatoriamente positivo pro, quer dizer, essa visão do resultado... de medida, isso castra, castra a vontade de fazer coisas que possa trabalhar com a interdimensionalidade humana, o aluno como pessoa que tem desejo, o aluno como uma pessoa que tem vontades, tem sonhos, tem o seu pensamento e tem esta possibilidade de transcender...né, trabalhar nessas dimensões.

Pesquisadora: hã, a reação do alunos, que tu consegue constatar, em relação ao Projeto Gente?

Professor5: é de estranhamento, é de estranhamento que vai do maravilhamento ao horror, da atração a repulsa, da capacidade de se adaptar ao tempo integral na escola ao aposto disso completamente...

Pesquisadora: e tu acho que isso numa mesma pessoa ou, dependendo da personalidade...

Professor5: dependendo da personalidade de cada um... isso vai variar... eu acho que isso faz parte...

Pesquisadora: tu acredita que eles estejam num caminho de desenvolvimento da autonomia deles com este projeto?

Professor5: olha, teve dois alunos aqui na escola, dois antigos alunos, que agora já estão no ensino médio, aí tava esses dois alunos e uma aluna daqui e aí eu fiz a seguinte pergunta pros alunos, e aí como é que é, uma escola que tem salas fechadas e essa escola é toda aberta... como é que você percebe essa diferença... ah, professor aqui é muito melhor, eu gostei demais dessa nova metodologia e a outra aluna que estudou aqui disse, eu não gosto, eu prefiro o espaço da salinha fechada, sentado, um atrás do outro... aí eu olho assim duas... mesma idade, passando por esta escola e tendo visões diferentes, aí a pergunta é, será que ela já tá bem no tradicional, numa escola fechadinha, aí eu fico me perguntando se ela está acostumada com este conforto, com este espaço passivo, onde o aluno agora é provocado e ela quer ficar nisso, assim como tem professores que querem ficar nisso, ficar nesse lugar do conforto, eu não quero trabalho, dá trabalho, pô, conquistar o seu projeto de vida, dá trabalho, eu acho que as pessoas estão desacostumadas a ir, buscar por si próprio os seus caminhos, os seus sonhos, as suas satisfações, até suas próprias frustrações também, pra não ter frustração, então eu não faço nada, chega a ser até covarde...

Pesquisadora: é isso!

Entrevista Professor 6 – 10'42"

Pesquisadora: Como é que tu enxerga a tua experiência antes do Projeto Gente, e como que tá sendo agora a tua com o projeto piloto que foi o ano passado e a sequência do projeto que tá sendo este ano?

Professor6: eu sou novo no município, vou fazer 3 anos agora no final do ano, quando eu comecei aqui, comecei nessa escola, era um GEC, então tinha o formato de sala de aula, cada disciplina tinha a sua sala, então foi interessante por ter este espaço e a gente podia ter os alunos, nós decorávamos a sala com uma temática, *Halloween*, Bruxa, fora as expressões que a gente colocava em inglês e a gente transformava aquilo num mini Estados Unidos, Inglaterra, era legal isso. O que não era legal era a quantidade de alunos, era uma escola pequena e nós tínhamos 7

turmas num total, um nono ano, 3 oitavos anos, 3 setimos anos, é tinha turmas grandes, tinha turmas pequenas, eu gostava desse formato, não gostava de dar aula pra uma turma do oitavo ano, a 803 talvez, com 40 alunos, mas também pegava um setimo ano, por exemplo, o 702, que tinha 20 alunos, então era bom... esse espaço onde eu tinha um armário, tinha onde guardar o material, tinha onde guardar o projetor que eu usava muito em sala a questão do projetor, som, tinha um sonzinho guardado ali, era legal. Ano passado, nós de inglês também tínhamos uma sala, também foi muito bom, também tinha onde guardar todos estes equipamentos e decorar a sala dessa forma temática... e com a ajuda da Cultura Inglesa, que ajuda os GECs, a gente recebia a visita semanal deles e a gente via o programa, as atividades

que a gente tava usando em cada situação do livro e este espaço ajudou muito e o número reduzido de alunos também, ajudou bastante. Então tinha mais ou menos este formato de cursinho, é eles se envolviam muito mais, tinham que se envolver muito mais, pela quantidade reduzida de alunos, que ta naquele espaço ali, então isso foi muito legal ano passado, a participação oral deles foi muito constante, em todas as aulas, eles tinham que falar direitinho, as situações, e foi interessante neste aspecto. Neste ano mudou, nós perdemos nossa sala... em função do que é de Artes, ano passado ficou sem sala, e ele também precisa de um espaço, ele tem muito mais coisas que eu, quer dizer, tem roupas, coisas, muitas coisas... e ele queria dar aula aqui embaixo e não tinha espaço pra ele, a aula dele, um

pouco a aula de inglês também é, muito sonora, a dele ainda mais, ele trabalha com música, ele toca instrumentos, tambores, encenações, tudo mais, e não tem como fazer isso aqui em cima e ele ficou aqui embaixo, tinha que dar aula sem ar condicionado, no calor, no sol, pra ele foi um ano muito difícil e aí nesse ano invertemos, ele ficou com a sala e nós fomos pros salões, eu e a outra professora, e mudou um pouco, porque não tem quadro, eu não tenho como escrever, então não ficou mais aquela aula, ficou aula de grupinhos... e alguém sempre, não se envolve, minha aula é 40 minutos de aula, então eu tô dando atenção pra um povo aqui, ensinando, eles são muito dependentes, eles não conseguem dar um passo sem a sua ajuda, ele precisa tá ali do seu lado, a maioria é assim, aí, um fica de fora, aí no dia seguinte eu tento chamar aquele que tá de fora, aí ele não vem à aula ou sei lá, essa dinâmica nova não tá melhor não, de dar aula... aí não tem aquela questão da repetição, você tem outras pessoas, tem outro professor ali, o ambiente é gigante, não tem parede para eu projetar as coisas, não tem um armário para eu guardar minhas coisas, só aqui embaixo, eu tenho que subir com os livros de todos os times, eu vou fazer isso amanhã que vou dar uma eletiva de música, quer dizer esta dinâmica eu não gostei.

Pesquisadora: hum, hum... isso é um ponto a ser melhorado no projeto... o que que tu vê de ponto positivo?

Professor6: o que foi no ano passado pra minha disciplina...

Pesquisadora: funcionou bem...

Professor6: funcionou bem! Ter o lugar pra você dar sua aula de inglês porque é sonora, você fala, há uma repetição, eu fazia questão que eles falassem alto, gente falem essa palavra alto, vamos exercitar esses músculos, então, ter este lugar é muito bom, pra dar sua aula, o número reduzido de alunos é muito bom, ter o material que nos foi dado, como o projetor, o som, ter um livro, o livro do aluno, ter no pendrive o livro do aluno, você pode projetar e acompanhar junto e tal, isso foi muito bom...

Pesquisadora: hã, que sugestão de melhoria tu teria pra dar, já que aqui também tem um professor que precisa desse espaço fechado, que é o de Artes, tu já pensou em alguma coisa, tu tem uma ideia do que poderia ser feito, em relação ao

espaço físico que é o principal, eu acho, pra ti?

Professor6: uma coisa que seria possível de fato, ou...

Pesquisadora: que seria possível, com o que se tem hoje.

Professor6: hum... ah não ser que fizesse outra sala. Não sei como... o pessoal ali tava falando de uma sala que era de uma servente residente... qual é o objetivo... eu não sei direito, se se pode usar, toda a escola tem um morador...

Pesquisadora: ah, sim!

Professor6: normalmente alguém que trabalha na escola e vigia a escola, a nossa escola teve durante um período, não me lembro quando foi, acho que foi no começo do ano passado...

Pesquisadora: hum, hum...

Professor6: existe esta casinha, um kitnet, eu não sei se pode usar...

Pesquisadora: ah, sim.

Professor6: quem cuida, quem limpa. Eu não sei...

Pesquisadora: mas a tua sugestão pra melhoria seria ter um espaço pra...

Professor6: mais espaços...

Pesquisadora: laboratórios, né...

Professor6: existe o laboratório de ciências, tem uma bancada no meio, e bancadas laterais, não dá pra...

Pesquisadora: teria que ser um laboratório de idiomas...

Professor6: ou uma sala vazia... se você quisesse usar aquilo, usava as cadeiras, pra projetar um filme, pra fazer alguma coisa, pra desenvolver, pra conversar com certos alunos, pra desenvolver um projeto. Às sextas-feiras, no nosso TransD eu faço, eu resolvi trabalhar com eles reciclagem de lixo, trabalhar com sucata, e eu não tenho onde guardar as coisas, guardo na sala do Wagner, são vários sacos de lixo, onde quando a gente começa a aula, leva tudo, depois devolve tudo pra lá e eles vão produzindo as coisas... então esta questão do lugar, de salas, não salas de aula, mas salas pra projetos específicos.

Pesquisadora: A tua visão sobre o *mentoring* né, o professor como mentor, assim, as vantagens e desvantagens...

Professor6: tem dois mentores, o mentor, no nosso caso, do G3...

Pesquisadora: o generalista...

Professor6: eu nunca fiz, eu não sei, mas quem eu conheço que faz, não gosta.

Pesquisadora: e o mentor especialista?

Professor6: é tudo de bom, porque a gente trabalha dentro da nossa área, né.

Pesquisadora: hum, hum... a reação dos alunos, na tua opinião, com esta nova metodologia?

Professor6: a gente recebe muita visita do pessoal que se formou... e eles...

Pesquisadora: que se formaram o ano passado?

Professor6: isso. E a gente pergunta, como é que está na escola nova? É difícil! Pra aprender, o que tem lá eu aprendo mais... mas por quê? Porque lá eu to frente a frente com o professor e ele tá me ensinando, aqui é meio que, aprende aí... obviamente a ideia não é esta... é aquilo que eu lhe falei, o aluno tem que, ele tem uma necessidade muito grande de que alguém tem que tá ali do lado deles, nem que seja pra apontar, lê aqui, agora lê aqui... parece que eles não fazem isso se você não apontar ali assim...

Pesquisadora> hum, hum... hum, hum... então na tua opinião a questão da autonomia, que é...

Professor6: ainda não aconteceu... eu acho que é uma coisa que a gente conversa muito... e se isso viesse desde lá, o primeiro ano...

Pesquisadora: aos poucos...

Professor6: aos pouquinhos... mas o aluno já vem com muitos vícios, 7º ano, ele já tá acostumado com aquela coisa da professora tá em cima e dizer o que tem que fazer... aí de repente não tem ninguém... ele tem que fazer e ele não sabe dar esse passo

Pesquisadora: hum, hum... entendo! Obrigada! É isso!

Entrevista Professores 7, 8, 9, 10, 11 – 1h03'30"

Pesquisadora: Então, a intenção, assim, é analisar um projeto que eu comecei a pesquisar em 2013, com Rafael Parente, com a Alice, da Unesco, acompanhei todos aqueles apoiadores, Natura, enfim, hã... e o que eu queria saber de vocês, é... a primeira parte o antes e o depois do Projeto Gente, se é que vocês conseguem fazer esta comparação, se estavam aqui antes, né, no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem, qual é a percepção de vocês, que vocês tem de sala de aula, de acompanhamento das famílias, dos grupos, dos projetos...

Professor7: eu não estava aqui...

Professor8: mas a gente tava em outras escolas...

Pesquisadora: não, mas pode ser a questão do fazer, vocês antes, e como é que é o fazer depois de integrarem o projeto.

Professor8: eu queria colocar uma parte pra você primeiro, primeiro porque eu acho que isso aqui foi uma grande enganação porque tudo que tinham prometido inicialmente, não foi cumprido, a verdade: o Projeto Gente funcionou apenas uma semana, a partir daí ele não funciona mais, tá, então esse é o primeiro ponto que eu acho bom pra ser esclarecido, Rafael Parente sonhou, sonhou e não realizou, tá, ele foi construir um sonho que só durou uma semana porque na prática isto aqui não ta funcionando de verdade...

Pesquisadora: uma semana que tu diz de sala de aula ou uma semana...

Professor8: uma semana que estava funcionando como ele queria...

Professor7: mas uma semana é relativo...é que não funcionou...

Professor8: não funcionou, por quê? Primeiro, o sonho era: primeiro, eu não tinha que dar aula de todas as matérias, eu teria no meu salão, um professor de história, um de geografia, um de português, um de matemática e um de ciências, tá... o aluno teria a sua máquina (tablet), trabalharia na máquina, lendo a Educopédia e fazendo uma coisa chamada "Máquina Teste". A Máquina teste tinha conteúdo só para uma semana, a partir daí não houve mais conteúdo, portanto, não funcionou, tá, isso é a primeira coisa... A segunda, eu não precisaria dar aula de 5 matérias porque os especialistas estavam ao lado, se o aluno tivesse algum problema em História, ele chamaria o professor de História, se ele tivesse algum

problema em Português, ele chamaria o especialista, né, então o que aconteceu foi que, a partir dessa semana que aconteceu um projeto, porque só as primeiras máquinas testes, os conteúdos estavam, hã, desenvolvidos, o resto do conteúdo não estava, a partir daí nós tivemos que se virar, rebolando, dando 5 matérias, sem material didático nenhum, eramos nós se virando e ainda jogaram nas minhas costas, 4 matérias que não são minhas, tá, e ainda me botando responsável por isso até hoje, então isso é uma antítese aqui, na verdade nós não fomos contratados para ser polivalentes e eu cheguei a falar isso com ele aqui, no primeiro dia que eu cheguei eu falei, olha polivalência não me agrada, eu não sei, eu não posso me responsabilizar, por matéria que eu não sou uma especialista, eu sei a minha matéria, e ele disse: não precisa se preocupar que isso não vai acontecer... então eu te digo, você quer a verdade ou a mentira? Porque a mentira é que a coisa funciona e a verdade é que não funciona. Isso em primeiro lugar e, em segundo, os alunos deviam se ajudar, por isso as séries misturadas, o que pra nós, além de dar aula das cinco matérias eu ainda tenho 3 anos diferentes, em séries diferentes, e isso me dá mais trabalho ainda... porque se eu tivesse só o 7º ano, de matemática e história, seria uma coisa, mas eu tenho que saber dos 3... então é muito complicado, tá... O que eu sinto: é que não é que a matéria é difícil, porque nós aprendemos, obviamente nós já sabemos, a maior parte das coisas, mas eu não me lembro e, pra te falar a verdade, nem quero me lembrar, porque eu passei por aquilo e não usei na minha vida, porque tudo que a gente utiliza na vida ta presente na vida de todos nós, né, então é... o projeto virou um... (não entendi), com um barulho infernal porque no ano passado eram 18 alunos por time, então com 18 o salão ficava até razoável, mas com 24 desse ano é impossível...

Professor7: no salão cada um recebeu mais 6...

Professor8: mais 6, o barulho triplicou, inclusive problemas de o aluno se concentrar nas atividades porque o barulho é enorme, um barulhão, realmente, e não é dizer que é o meu time ou o dela ou o outro que é culpado, na verdade, os quatro times juntos, viram um barulho, um barulhão, às vezes o meu time tá calado, o dela pegando fogo, às vezes o dela tá calado, o meu tá pegando fogo, e isto é natural...

Professor7: não é questão de pegando fogo, o aluno tá estudando... ele tá ali e você dizendo que ele tem que cooperar, ele vai parar e pedir pra eu explicar e o dela também tá perguntando, a gente fala, é a idade, tá em ebulição, além disso tem, eu to, igual a hoje, os alunos da Lucia estavam falando eu tive que esperar, em não consigo, tem que esperar, os turnos de fala, porque, porque o barulho é 24 vezes 4, professora, quanto dá? (não entendi) ... nós tentamos botar o 5º time lá em cima... ficou tão apertado e o problema do barulho...

Professor8: o problema do barulhão... se o time do Gilberto descer, fico um pouco menos barulho, mas é tão pouco, sinceramente (não entendi)

Professor9: e a Prefeitura explicou que isso daqui é uma escola cara e tem que ter mais alunos...

Professor8: na verdade, vamo combinar, a escola não é cara não... porque uma turma de 40 alunos tem 8 professores, então você colocar 18 com 1 professor, não poderia ser mais caro entendeu, então tudo é uma mentira, vamos combinar... que a mentira é grande, não é pequena não, então acho ridículo o que nós temos hoje a respeito do Projeto Gente, em primeiro lugar ele não funcionou da forma como ele foi concebido e virou isso aqui, um Deus nos acuda... tá, então eu sou responsável por matérias que não são minhas, claro que nós aqui nos ajudamos muito, nós somos profissionais competetíssimos, e, levar esta escola nas costas na forma como nós levamos, tínhamos que, no mínimo, ser condecorados, meu bem, porque rebolamos e estamos rebolando até hoje pra conseguir chegar aonde estamos e com um detalhe, (não entendi) Então, o que que tá acontecendo, é , o Projeto é uma mentira, tudo foi mentiroso, porque nós nos empolgamos quando chegamos porque era uma coisa nova, tá, e estamos provando que ele não funciona, não deu certo, e outra coisa, fazendo a crítica lá quando ele foi concebido, e Educopédia é muito fraca, saber só aquele conteúdo da Educopédia não leva ninguém a lugar nenhum...

Professor7: (não entendi)... que nós tivemos logo no início foi computador, a internet...

Professor8: primeiro a internet não caía...

Professor7: a internet não funcionava, nós não tínhamos livros, não tínhamos quadro, pra nós

trabalharmos e, simplesmente, não chegaram os cadernos pedagógicos inicialmente... porque como a escola era nova, né...

Professor8: não ía trabalhar com prova bimestral porque a ideia era o aluno ter seu tempo de estudo, cada aluno demoraria (não entendi) o seu tempo, O que acontece, a prova bimestral é um niveladora e a (não entendi)... e ele não conseguiu também... o maior problema no início do ano passado, no momento da...

Professor9: da verificação...

Professor8: não, não, da implantação do projeto... por quê? Porque a secretaria de educação não permitiu que a gente não fizesse a prova bimestral, então ela quebrou o projeto pela prova bimestral...

Professor7: porque você tem que dar os conteúdos que são verificadores... da... prefeitura...

Professor8: se o aluno tem um tempo diferente, como é que eu vou nivelar?

Professor7: e além do mais pra nós também havia consequências, o nosso aluno ir mal nas provas da prefeitura, cada um de nós fomos expostos a gráficos – o seu time foi mal, o seu time foi assim, entende?

Professor8: *Bullying*, eu diria, aos montes... nós nos virando aqui, nos 30, entendeu? Então a gente... e o detalhe mais interessante disso, nunca ninguém parou pra perguntar o que a gente achava, tu tá vendo que até o tom da gente tá mais alterado, por quê? Porque nós viemos como (não entendi) eles achavam que o professor era uma mesa, uma cadeira que, aliás, não havia pra nós...

Professor7: não foi previsto uma mesa...

Professor8: mesa e cadeira pra professor, tá! Então...

Professor7: se todos viessem (alunos), não tinha onde sentar...

Professor8: nós fomos maltratados, vamos combinar, que o professor aqui, não foi, não foi... é... valorizado como deveria, não estamos valorizados até hoje, apesar de levarmos esta escola nas costas, todos, agora, tem um grupo aqui que é puxa-saco, e que fala bem do projeto, o outro...

Professor10: não, não tem nada disso...

Pesquisadora: tá, e os professores que não falaram nada, querem dizer alguma coisa?

Professor8: eu falo mesmo, porque vai chegar aqui o outro grupo e vai falar que é tudo maravilhoso...

(todos falando juntos, não entendi)

Professor8: imagino não, eu vi os textos escritos aqui no PPP (Projeto Político-Pedagógico)...

Professor7: tá bom, tá bom...

Professor10: não, eu concordo com tudo que ela falou...

Professor8: se quiserem botar mais alguma coisa...

Professor10: a gente começou a fazer um rodízio, né, (não entendi) eu dei aula de matemática (não entendi)... que o próprio especialista tem que tá com o aluno, dando a sua matéria, não pode existir a polivalência, eu tenho que tá com matemática, ela tem que tá com ciências, a prova é que com o rodízio, os alunos melhoraram muito em ciências (não entendi)...

Pesquisadora: professor, quer falar alguma coisa?

Professor10: eu concordo, com a questão de... eu só queria explicar a questão, entendeu... basicamente (não entendi) ... nos prometeram uma coisa, uma escola muito mais voltada para a tecnologia, essa tecnologia, obviamente, não é só a questão da máquina de teste, mas o suporte principal para o nosso trabalho é (não entendi)... e quando a gente argumentava, mas eu não sou professor de matemática, eu sou professor... (não entendi) ...ah, mas isso você não precisa, você vai ser o mediador dos conteúdos porque você vai ter todo um suporte pra isso, como: nas reuniões com os seus colegas... você vai ter condições...

Professor7: aí eles vão para o skype, com o professor tira-dúvidas, que NUNCA funcionou...

Professor10: o carro chefe do projeto era a máquina teste, não houve acordo com a empresa ficou programando essa parte...

Professor7: na época, os professores... não, as pessoas que trabalhavam na educopédia estavam sem receber há meses, pararam de trabalhar, já não...

Professor8: a empresa virou... (não entendi) deixa o professor acabar de falar!, enfim...

Professor10: o que acontece hoje é o que nós fazemos... o que que nós fazemos hoje? Nós nos unimos de alguma maneira pra tentar sobreviver, principalmente, às cobranças de que nós não temos... (não entendi)... na zona de conforto... e na verdade tudo que nós não temos aqui é conforto... o que, na minha visão, eu vejo que é um trabalho que para o aluno, aí olhando o lado do aluno, ele é... perda de tempo... porque o aluno não consegue... (não entendi) e não é só a questão de... o aluno sempre foi assim... vamos fugir do tradicional, porque o professor fica lá na frente, todo mundo voltado pra ele e recebendo as informações e você só avalia o que ele aprendeu... normalmente para atender aquele professor, a linha de raciocínio que eles usavam, que eles usam ainda, o professor pega aqueles que estão interessados, e aqueles que não estão interessados, ele abandona... eu não vejo resultado, eu vejo o seguinte (não entendi)... é, o inovador significa não que tudo vai ser uma maravilha...

Professor7: tem suas qualidades...

Professor10: o resto é uma porcaria, eu acho que seguinte, (não entendi) todos vão ser especialistas, em concurso público, em vestibular, uma das primeiras orientações que eles dão, olha, procura um lugar reservado pra você, pra estudar... a gente procura estabelecer uma rotina, naquele mesmo ponto, (não entendi) coisas que você perca o foco para o conteúdo e aqueles também que a gente não tem... é impossível (não entendi) eu desci, eu trabalho aqui embaixo, o Diego, por uma postura, cada um tem um jeito, ele é de falar, e quando ele fala, fala muito alto, é a maneira do professor (não entendi)...é o jeito dele trabalhar... às vezes eu, do lado do meu aluno, com atividades com ele, tenho que repetir duas três vezes e aí eu mesmo me perco...

Professor8: é a extensão do barulho...

Professor10: então essas situações todas do projeto, precisa ser ajustada... a gente vê, claramente, que não vai dar certo (não entendi)

Professor8: e como a prova é de múltipla escolha, é "X"- "X"- "X" e acabou... (não entendi)

Professor10: o que eu posso acrescentar à fala dela, que tem muita lógica é o seguinte, o aluno, por exemplo, as provas bimestrais que vem de fora, da prefeitura, nós recebemos, mas não conseguimos treinar o aluno, tivemos a iniciativa ontem de fazermos uma espécie de

simulado, pra poder treinar o aluno de como responder... e é o que ela fala, o aluno ele não acerta. a gente nunca sabe se o aluno acertou porque realmente aprendeu...

Professor8: sabe a matéria...

Professor10: ou porque ele realmente chutou...

Professor8: CHUTOU!

(não entendi)

Professor8: não existem provas dissertativas...

Professor10: vamos ver assim, por exemplo, eu tinha feito uma outra atividade pra eles e ela colocou, isso aqui tá errado... eu falei pra ela, sabe daonde eu tirei isso? De uma prova anterior... Então, o que que acontece, a figura do especialista no olhar (não entendi) é diferente, ah, mas eu quero ficar só trabalhando assim, mas é o seguinte, num dá pra... eu sou professor de história, to aqui ensinando matemática, daqui a pouco, qual era a minha ideia, se fosse agora eu ia sentar com ela para entender... (não entendi)

Professor7: Matemática, por exemplo, nas outras disciplinas nós podemos ainda enganar, mas na matemática é impossível... Eu não tenho condições de ajudar o meu aluno do 9º ano... o de 7º eu ainda vou indo bem, mas do 9º já não consigo, então eles ficam, realmente, sem assistência...

Professor8: o professor especialista, ele não tem só esta visão (não entendi) ela está na média da prefeitura em todos os níveis, por causa de nós, e somos nós os massacrados, tem uma lista de defeitos que colocam na gente, isso fora a cobrança, então tem várias coisas aí que batem de frente uma com a outra... primeiro, o tempo do aluno... quando eu dava aula na escola tradicional, quando eu tinha uma prova bimestral, eu tinha turmas que eu acelerava o processo de aprendizagem e outras turmas que caminhavam mais lentamente porque eram turmas mais problemáticas mesmo... às vezes, isso não é por causa de inteligência, isso é por causa das bases, ou com um emocional difícil, muitas vezes, uma turma minha, 705, e 6, podia se esperar uma bomba, eram crianças problemáticas, que vem de uma série de repetências e chegam aqui também com uma defasagem na aprendizagem...

Professor7: que é da rede...

Professor8: que é da rede... é da rede... então o que que acontece,

você botar o garoto encaixotado, num projeto que encaixota ele, que ele tem que aprender aquilo, naquele tempo e naquela forma, se ele não tem base lá atrás, ele não anda pra lugar nenhum, e você não vai chamar o garoto de burro, porque ele não é burro, ele não tem base, então é,, foi nos sobrado no ano passado, viu Gilberto, que nós ainda por cima, tirássemos a defasagem do moleque, entendeu?

Professor7: se ele precisasse, havia uma máquina de teste em níveis anteriores... nem tempo hábil pra isso existe, porque as aulas são imensas...

Professor8: o conteúdo é grande... (não entendi) então, quer dizerm nós ficamos, não estamos ainda numa saia justa, porque estamos num projeto que imaginou, sonho e que não realizou... e tem outro detalhe... eu, na minha matéria, se ela tem uma dúvida, eu tenho um leque de opções para fazê-la, enquanto especialista, pra fazê-la entender, assim como cada um de nós, na excelência dos professores daqui, eu vejo o Gilberto dando aula de história, eu babo, eu vejo a Lúcia falando sobre (não entendi)... A Luana, então, com esta empolgação toda, a gente baba... né, essa aqui com a rapidez do raciocínio matemático (não entendi)

Professor9: o ideal pra essa escola, é o especialista e o computador (não entendi) a minha filha estuda num colégio, ela estuda história no prezi, que é computador, imagina o Gilberto, história, e o prezi, há uma... (não entendi)

Professor8: eu dei uma aula de revisão de (não entendi) aqui embaixo (não entendi) mas eu falando nos cefaló(não entendi), eu mostrei uns quantos corais pra eles, galera, bota aí, recifes de corais, as crianças babaram, até hoje me falam dessa aula, aí... lá no Taiti, que é meu sonho de consumo, eu falei, aí galera vamo bora pra bora bora... eles até hoje passam por mim e dizem: aí professora, vamo embora pra bora bora, eles brincam comigo assim, quer dizerm eles passaram (não entendi) então eu tenho um leque de opções pra fazer aprender, com uma máquina na frente, minha filha, eu vou à lua... (não entendi)... agora eu dando aula de uma matéria que não é minha, eu não sei... (não entendi)... olha aqui, o garoto tem uma dúvida, se somar estas duas frações... eu vou dizer pra ele, pra mim isso é sete quartos, tá certo? Agora o porquê, como eu vou chegar nesse raciocínio, eu não sei, eu preciso da professora de matemática, eu preciso de

argumentos, porque se ele falar eu não entendi (não entendi)

Pesquisadora: só um pouquinho...

Professor7: eu só queria o seguinte... voltando a história do que ela já comentou sobre a defasagem... eu acho que a prefeitura, assim, eu poderia ter evitado, pelo menos, com esta experiência inicial, selecionando alunos, sim, com experiência... por que? Mesmo porque a prefeitura não contempla o bom aluno com nada, a prefeitura se ocupou nos últimos anos, exclusivamente com alunos ruins, muito ruins e analfabetos, e tratou de coloca-los pra fora da escola... eu tive dois anos de alfabetização, então eu sei o que é isso, e eles querem colocar o aluno pra correr, porque eles já tem 15, 16 e 17 anos... então, quando ele vai chegar no ensino médio, só Jesus na causa, né, eles poderiam ter aproveitado este projeto, isso é sugestão minha, contemplando o aluno bom da rede que fica perdido e não recebe, seria uma premiação, sim, eu já contei pra eles aqui que o meu irmão mora nos Estados Unidos, e a faxineira dele, diarista, brasileira, saída aqui da comunidade da Zona Sul, não sei exatamente de onde... quando ela chegou lá, ela foi diagnosticada como super dotada e ela foi pinçada da rede e colocada em situação que pudesse fazê-la crescer... e nós encontramos também na nossa rede alunos fantásticos, responsáveis, autônomos, que mesmo diante do caos, eles conseguem sobreviver e eles poderiam ter contemplado estes alunos em pelo menos numa fase inicial para ajustar os problemas, aprender, pra que todo mundo aprendesse a trabalhar com um aluno que já tem alguma situação favorável... porque colocou todo mundo... os que se perderam no caminho, se perderam que nem aula, mínima, ele teve... ele não teve aula mínima de nada...

Pesquisadora: vocês enxergam mais alguma sugestão de melhoria?

Professor11: eu cheguei este ano aqui na escola, não peguei este início, eu já era rede, mas numa escola do mesmo seguimento, era o 5º ano...

(Não entendi)

Professor11: e vom parar aqui (não entendi) eu trabalhava aqui em cima, na Rocinha, numa escola (não entendi), e aí a pessoa lá disse (não entendi)... eu tava lá no alto do morro, já conhecia o Gente, já tinha ouvido falar, (não entendi)... recebi um curso de formação na escola que eu entrei, que é obrigatório e alguns (não entendi) tiveram lá pra falar do

Gente, mas muito *en passant* e não sabiam responder muitas das perguntas dos concursados, mas eu já sabia, passava aqui quando subia na van, a escola eu via, os alunos, (não entendi) e eu não queria vir pro Gente porque (não entendi) sou uma especialista, fiz um mestrado (não entendi), então não acredito, não acreditava na polivalência, (não entendi) e agora vivendo esta experiência acredito menos ainda... ou nada e, segundo, porque eu acho que quebrar paradigmas, engraçado, a língua portuguesa é muito interessante, (não entendi)... eu não se, reinventar a roda é quebrar um paradigma, porque a roda, ela já existe, alguém já inventou... (não entendi) não é simplesmente pegar isso aqui e dar (não entendi) ... eu não se as pessoas que criaram o projeto Gente, levaram em consideração, e acho isso muito importante na pedagogia, apesar de eu não concordar com muitas coisas da pedagogia, mas é muito importante o *locos* aonde, até porque, o que eu entendi, o normal depois de uma faculdade (não entendi) ... a minha comunidade, tem que ser levada em consideração pra eu criar o projeto pedagógico, pra eu criar, pra eu entender, qual é o objetivo da minha escola, da minha comunidade... eu trabalho aqui e trabalho (não entendi) o objetivo no (não entendi) não será nunca o mesmo o objetivo meu aqui no Gente, porque são comunidades diferentes, são locais diferentes, (não entendi), são totalmente diferentes, apesar de estar no mesmo estado, porque o Brasil é diferente, então, assim, isso tinha que ser levado em consideração, antes de qualquer (não entendi), principalmente (não entendi) de se quebrar um paradigma de educação (não entendi) porque a palavra é linda...

(não entendi)

Professor8: porque trabalhar com afetividade do aluno, cinco matérias, mais afetividade...

(não entendi)

Professor11: eu não estava... (não entendi) ...as coisas não são bem assim... É uma escola bonita? Sim, é uma escola bonita... sim, sim... a minha escola lá no alto também é bonita... (não entendi) quebra o paradigma da educação... é porque é no último (não entendi)... depois vem a Mata Atlântica... a internet não pega lá, pega muito mal na sala da direção (não entendi) ...sabe por que? Porque, e aí é um achismo meu, se eu partir do que eu já estudei, já vi, depois de ter vivido esta experiência, não é a máquina, papel também é tecnologia (não

entendi) ...não é a tecnologia, é o lugar da tecnologia, entende? Então eu não sei se o Gente, a escola onde eu trabalhei, eu acho que tinham coisas muito mais interessantes e que fluiriam melhor se tivessem esse aparato que a gente tem ... porque é injusto ter uma escola na rede, aí a gente vai falar, porque o aluno de lá de cima (não entendi) e o aluno de Campo Grande também... tem uma escola bonita, tem um quadro digital, tem ar condicionado,

Professor8: no verão 40 graus, 50 à sombra...

Professor11: então assim, eu acho que algumas coisas da experiência do Gente são interessantes (não entendi) não é que são aplicáveis, se são realmente paradigmas, quabra de paradigma, entende? Sabe por que, porque noutras que custam muito menos, muito menos, até com nada, (não entendi) uma mudança no pensamento do aluno, de olhar a escola, de fazer os pais participarem da escola, pra o aluno entender que aquilo ali faz parte da sua vida, esse Gente ninguém me apresentou, eu nunca peguei os papéis (não entendi) ...não participei de nenhuma reunião, só sei que o Mec deu uma licença pra fazer um projeto experimental de 3 anos, eu trabalho aqui e nunca vi (não entendi) ...todos os professores e funcionários... (não entendi) ...a comunidade toda, quais são os pilares que sustentam o Gente? Quem foi a pessoa que criou o Gente? Que experiência educacional essas pessoas tem?

Professor7: NENHUMA!

Professor8: ZERO!

Professor 11: elas já deram aula? Elas já ouviram pessoas que estavam em sala de aula? Eu via isso muito antes de entrar no Gente, e agora, mais ainda depois de ter entrado no Gente... (não entendi) ...aí eu pergunto pra você (não entendi)... o que que eles querem com isso, quais são os objetivos deles? Qual o nosso objetivo nessa escola? Eu quero (não entendi) ... eu quero mostrar que a tecnologia é boa? Isso me incomoda, sou uma profissional da educação! E aí, tudo isso que eles falaram, eu concordo, (não entendi) ...eu sou professora de Língua Portuguesa, mas eu (não entendi) ...algébricas... por que? Acho que meu aluno (não entendi) porque ele é favelado, porque é uma favela eu vou jogar o projeto experimental... (não entendi) ...será que o Rafael (não entendi)... será que a Alice? Será que essas pessoas experimentaríamos nos seus filhos, porque eu não experimentaríamos no meu filho, eu não tenho filho

ainda, mas não experimentaria... Sabe por quê? Porque eu acho justo a rede, no Rio de Janeiro, ela já tem um abismo enorme de leitura, os alunos chegam muito defasados, em português e matemática... aí você traz o aluno pra essa escola, (não entendi) vou te dar computador!... eles acham muito legal, mas o principal, a orientação pedagógica, aqui é uma escola, e como uma escola ela tem... (não entendi) ...porque meu aluno que sai daqui e vai pra outra escola da rede, ele tem que ser capaz de acompanhar, ah, a prova bimestral...(não entendi) então é injusto eu jogar a prova pro meu aluno, o meu aluno não estudou esse conteúdo, ele tá no Gente (não entendi)

Professor7: isso pra não falar que, se o nosso aluno não for bem, nós não recebemos o 14º salário...

Professor8: as duas matérias muito importantes (não entendi) ...cidadão, e que, está dentro do estatuto (não entendi) porque não tem prova bimestral... (não entendi)... não tem apostila, não tem caderno pedagógico, eu preciso dos escritores que ele tem que estudar pro bimestre, eu sou responsável por isso...

Professor9: aí você pega o aluno que já vem com uma defasagem na escrita, aí eu coloco na mão da Luana, só que a Luana, além de ela ter ido fazer Letras, ela é da área de humanas ou que ela não queria nada com as Artes, porque aquilo não foi o que chamou a atenção da Luana...

Professor8: e até o que você espera do aluno que ele também... porque ele tem, o ensino fundamental, mesmo que ele conheça todas as áreas, ele pode escolher... então dizer que todo mundo, no mundo, tem que ser polivalente, não é verdade!

(não entendi)

Professor11: ele não consegue nem entender o enunciado que tem no livro e aí, eu não posso dizer: pega, meu amor, o computador... porque você tá numa escola autônoma, então tem que ser autônomo... entra no google, lindo do meu coração, e pesquisa aí que você vai aprender (não entendi) ...quando eu fiz vestibular, fiz faculdade, fiz meu mestrado, tive que sofrer (não entendi) ...eu não quero que meu aluno de 12 anos entre no google e consiga isso, se eu não consigo... a gente tem que ter (não entendi) só que eu não sei explicar... a raiz quadrada ao cubo... ela me explicou... só que eu não sei como explicar isso, eu não sei... aí eu peço

esse aluno que ama matemática, mas não sabe escrever, não sabe ler, e aí eu tenho que trabalhar isso... e, eu pego esse aluno e... (não entendi) ... uma proposta pedagógica, sabe por que? Porque isso ... (não entendi) será que ele já conquistou essa autonomia? (não entendi) ... só que essa coisa é capengam porque a gente tá preso a um sistema e você tem que dar, infelizmente, o resultado... (não entendi) ... resultado, resultado, resultado... só que te gente que chuta e que vai super bem... ele não sabe fazer um texto, ele não sabe escrever, ele não sabe colocar “m” no meio de... ele não sabe botar o “r” no final... ele escreve sabemo, tamo...

(não entendi)

Professor8: um aluno falou pra ela: é pra bota está, ele nunca tinha ouvido falar está... eu fiz Biologia por causa de um professor, porque eu me encantei com a aula dele... então eu queria saber o que ele sabe, então eu acho que o que falta muito, na minha concepção é a valorização... porque eu vejo a Luana, com a paixão que ela tem com a Língua Portuguesa, que pra mim é uma matéria chata, chatíssimo, tá, eu, mas cada um com seu cada um, mas eu acho, quando eu vejo a Luana falar eu até me interesso, por que? Porque ela (não entendi) ... O Gilberto ele conversa com você, como se ele tivesse contando o caso do amiguinho ali da esquina, mas é aula de história, então, tem que tirar isso do aluno, isso é um crime... UM CRIME! De ele não poder passar pela Luana, passar pelo Gilberto, passar por mim na minha matéria, aprender com facilidade com ela, entendeu? Isso é um crime...

(Não entendi)

Professor11: isso na PUC, tem muitos professores que já não estão mais em sala de aula, aí eles falam, ah, a escola ideal... (todos falando ao mesmo tempo)... a escola ideal e o aluno ideal, num local ideal, mas o aluno que você recebe aqui não o aluno da idealização, isso pode acontecer com qualquer um, (não entendi) aas ideias tem que ser flexíveis, ce não pode chapar a escola, tem coisas que não estão fluindo, o que que eu tenho que fazer? Vamo rever tudo, vamos ajudar estes alunos, ah o projeto, isso aqui tudo é em prol do aluno, como aprender melhor, num processo de ensino aprendizagem... só que aí, a gente tá aqui se desgastando (não entendi) ... nós estamos com estas falas e não tem eco... a escola está aí, a gente não sabe o que vai acontecer ano que vem...

Professor8: e ainda tem os números do Ideb, a secretaria de educação que tem a coragem de chegar aqui, ainda bota... projetar na parede os nossos times e dizer assim... olha este time da Flavia está uma porcaria em matemática, mas a Flávia é professora de ciências, tá certo? O time da Gisele, olha aqui, ele não tá bom em História (não entendi)...

Professor11: o que que tá dando certo e o que não tá? (todos falando juntos) quebrar paradigma pra mim é eu repensar, repensar as práticas... esse caminho aqui funciona pra esses alunos aqui, mas pra esses não...

Professor7: nós recebemos um formato o ano passado, é... o ano passado... inicialmente foi uma cobrança tão grande em cima do tal acolhimento, que eram os 15 minutos iniciais previstos... era tanta cobrança... era a desaceleração e o acolhimento...

Professor8: a afetividade...

Professor7: os minutos iniciais e os minutos finais do dia... aquilo é alguma coisa que é totalmente irreal... principalmente nesta comunidade... o aluno aqui é debochado, crítico, não está nem aí... tem características próprias... eu presenciei um professor tentando fazer o tal acolhimento que está previsto no projeto, e que nos pressionavam muito nisso...

Professor8: isso era coisa da psicopedagoga...

Professor7: não! O professor tentando fazer o acolhimento e não tinha UM olhando pra ele, UM interessado, um de costas...

Professor8: por causa daquelas chatices, daquelas coisas que não levam você a nada, nem a lugar nenhum e eu ainda tinha que chegar lá... (não entendi) ... que que tem que dar abraçinho... risos ... isso é mudança na educação, quebra de paradigma? (não entendi) (risos, debochados)

Professor7: esse acolhimento que eles chamavam... parecia aqui no projeto que haviam descoberto a roda, porque, por exemplo, qualquer professor, principalmente P2, eu também já fui P2... é... você quando chega e você pega uma turma, a primeira que você faz é conversar, hoje vai acontecer isso, vai acontecer aquilo, ontem aconteceu isso, o que que vocês fizeram no fim de semana, foi bom ou não foi. O acolhimento... que isso é natural, forçar a barra, distribuindo

cartinhas... eu tenho aqui guardado no armário ...

Professor8: joguinhos... em 15 minutos??? Só o tempo que eu levo para entrar na sala de aula e distribuir o material acabou, acabou o tempo... (risos)

Professor7: e no final você tem que fazer a desaceleração... isso é a coisa mais natural do mundo, no final do dia, isso que eu to te falando, isso foi concebido por uma pessoa que jamais pisou em sala de aula... então tá achando que tá descobrindo a roda... porque o final do dia... todo o professor faz isso... olha, vamos começar agora, vamo parar, vamos conversar... olha, amanhã a gente vai ter isso, vai ter aquilo... olha aí os compromissos de vocês, tão prestando atenção? Isso tudo é rotina de professor, agora isso colocado no papel, por uma pessoa que nunca trabalhou, nunca pegou aluno, porque a impressão que eu tenho é que quem concebeu isso jamais entrou numa sala de aula, entendeu?

Pesquisadora: pessoal, uma última pergunta, com relação à reação dos alunos, nesse... um ano e meio de projeto...

Professor8: aqui é a *lan house*... os alunos falam pra mim, eu já ouvi de alguns assim: ah professor, professor, eu to no 9º ano... essa escola... (não entendi)

Professor11: ah tá chovendo, quando tava chovendo muita gente não subia lá em cima, não... eu perguntava: por quê? Ah, tava chovendo muito, fico morrendo de frio... que não sei o que... e aqui? Como vocês vem? Ah, aqui tem *wi-fi*... aqui tem um fenômeno chamado *wi-fi*... sabe, eu acho que nós temos alunos muito bons... eu então tenho 3 alunos que, se eu pudesse, (não entendi, algo a ver com levá-los para a PUC), porque eles são MUITO bons e eu acho que é uma pena eles estarem aqui, apesar de todo este aparato, (não entendi) de tudo que eles já sabem e onde eles poderiam ir mais... por exemplo, ela pegou a apostila de ciências, ficou um dia naquela apostila e já tá explicando para os colegas... tá dando show...

Professor8: então, no fundo, no fundo, eu vou te falar, o aluno gosta... quebrar paradigma não é tirar o professor de sala de aula e nem tirar um professor da... e nem se ele desse aula particular pra 18, particular, por um, por um... esqueceu do porquê qua a sala de aula existe, a sala de aula existe porque, (não entendi) economicamente inviável você trabalhar dessa forma, então isso já

era além da conta... mas o que eu acho é que: podemos mudar? Sim, podemos mudar... assim, a fala da Luana, na prática, tá, como você faz e não botando esse equipamento, é claro, que os equipamento hoje em dia ajudam... eles disputam com a gente na vida da criança, a atenção, né, então trabalhar com... mas, agora, cadê uma psicopedagoga, uma psicóloga na escola? Não tem, tá, não tem! Quer dizer, (não entendi) o menino tem uma família problematíssima, de ter pais e irmãos drogados, com todos os defeitos que decorrem disso, essa criança, que a gente achava péssima, é o melhor da família dele, vamos deixar isso claro, inteligentíssimo, um menino que botava ele pra fazer o dever, quando ela ficava irritada... vem cá, vem cá, senta aqui, abria os livros de ciências e dizia, estuda isso aqui,, o garota levava 5 minutos, e quando eu pegava pra corrigir, pra dar uma bronca nele, estava tudo correto, de cabo a rabo... esse menino problematíssimo, um menino que aprontou tudo que você pode imaginar, a última ele tava sapateando em cima da mesa do refeitório, tá, ponto, fora xixis no banheiro, tocar em aluno, quer dizer, um menino problematíssimo, inteligentíssimo e sem UM, UM profissional que de suporte ao professor, com casos desse... quer dizer, era um menino que nós levamos com muito carinho, que tá aqui todo mundo dizendo que ele é um menino inteligente, que teria muita salvação, mas não conseguimos salvá-lo porque não temos suporte e ele não é filho único, na escola, porque se eu tivesse só ele, eu garanto que a gente (não entendi)... mas eu tenho 24, ela tem 24, no final, hoje são 240...

Professor7: eles, não...

Professor8: querida, eu vou almoçar...

Pesquisadora: muito obrigada!

Professor7: eles, não, eles não...

Professor8: espero não ter te desencantado...

Pesquisadora: não, mas eu to aqui pra isso... pra ouvir a realidade...

(todos falando juntos, querendo que o professor8 saísse...)

Professor7: tchau!

(risadas)

Professor10: vamos imaginar que você queira que a gente fale alguma coisa positiva...

Pesquisadora: sim, eu tenho que ouvir...

(risadas)

Professor10: uma coisa que é positiva é a proximidade muito grande entre o professor e o aluno, mas isso em função também de uma situação que só acontece aqui... (não entendi) ...eu li livros de história, educadores falando sobre isso... (não entendi) a gente tem condições de chegar, cada professor, como ele só trabalha com uma turma, um time, a gente conhece... (não entendi, barulhos de pratos, os professores estão já na hora do almoço) ... eu tenho uma aluna, ela é extremamente difícil, e quando eu sentei pra conversar com ela, aí em percebi, olha realmente ela não vai prestar atenção em história, matemática, porque a vida fora daqui é completamente desestruturada, então, essas coisas, é, existe uma qualidade nesse projeto, é a questão de focar no aluno, todos alunos com 1 professor...

Professor7: sabe uma coisa interessante, é que, eles não, eles escorregaram em coisas mínimas, como por exemplo, (não entendi) um quadro...

(entra na sala dos professores a supervisora pedagógica)

Supervisora Pedagógica: eu tenho a 1:30 uma reunião lá na CRE, eu não volto mais hoje, amanhã eu não estou aqui, eu to num evento de 8 às 4 na cidade, essa é a chave que abre a minha sala, eu vou trancar e deixo com você...

Pesquisadora: tá ta bom...

Supervisora Pedagógica: esta chave tem que estar na direção, antes das 4 da tarde...

Pesquisadora: pode deixar, sou responsável por isso...

Supervisora Pedagógica: Vou trancar só quando eu sair...

Pesquisadora: tá...

Professora7: o que acontece é o seguinte, eles não imaginaram que o professor precisava guardar alguma coisa, coisas práticas, por isso que eu digo, esse projeto foi concebido por quem nunca pisou em sala de aula, por exemplo, um quadro branco, ou um quadro de giz, evitaria repetir 7 vezes a mesma coisa...

(não entendi...)

Professora7: era tantas vezes que eu já não aguentava mais, pra fazer o mesmo exercício... por que? Eles faltam muito e cada vez que, no dia seguinte, o outro grupo que não estava na véspera, eu tive que sentar com eles, praticamente, repetindo a mesma coisa, simples, bastava ter um quadro ali, depois quem tivesse com dificuldade eu sentaria... mas teria evitado, eu fazer 7 vezes o mesmo exercício, quer dizer, isso é típico de quem não conhece...

(não entendi)

Professor11: então assim, é uma postura... (não entendi) então assim, a escola é muito pequena, muito gelada, na no pico do morro (ela se refere a outra escola onde trabalhou antes, no alto da Favela da Rocinha, faz uma descrição dos aspectos físicos, que eram desfavoráveis, mas não é possível entender as palavras na gravação...) Se lá eu tivesse 18, como era aqui, sabe, show de bola, o trabalho era muito melhor... isso é legal, olha o curso de inglês, curso de inglês tem que ter o tablet, se desse certo eles botariam 30, mas eles não botam 30, porque o aluno não vai aprender, ele precisa desse feedback, eu preciso ta perto, eu preciso ouvir meu aluno, eu preciso ver... (não entendi) ...então isso é legal... (não entendi) ...eles terem esta relação (não entendi)

Pesquisadora: e os alunos, eles tiveram, assim, um crescer de autonomia? Que era um grande objetivo?

Professor11: eu acho que...

Professor7: tem um grupo que faz, tem um grupo que não faz...

(não entendi)

Professor8: eu acho que você tá dando muita responsabilidade pra uma criança, entendeu, foi o caso da aprovação automática, você tá dando uma responsabilidade para uma criança, responsabilidade que você não teve na idade dele, entendeu? Porque estudar é chato pra eles... depois... eu amo estudar!

Professor7: eu adoro!

Professor8: mas a gente com 10 anos, 11 anos... agora... não que... aí depois que você dá o primeiro beijo na boca, daí... que o bicho pega! Aí que eu quero ver... como é que você faz este aluno... o pessoal só pensa em... eu fui reprovada, eu! (não entendi) ...eu só queria isso... a professora ficava falando e eu ficava sonhando... olhando pra ela... não tava ouvindo uma palavra do que a professora dizia... porque eu só queria... reprovada, estudando em

colégio particular (não entendi)... diferente dela que vem de escola pública, mas os alunos são iguais... as pessoas são iguais, em tudo, na minha opinião... só muda a classe social, mais nada além disso...eu não vejo que vem pra mim crianças errantes... não vejo...

Supervisora Pedagógica: (entra na sala novamente pra trazer a chave da sala dela que eu iria usar para as entrevistas)... aqui tá a chave, em cima da mesa tá o controle do ar condicionado se você quiser usar...

Professor8: como é que eu vou dar uma responsabilidade para o aluno e ele ainda não tem maturidade pra isso, tá entendendo? E segundo, nós temos a questão das defasagens, então (não entendi) ... vou te dizer uma coisa, se essa escola aqui pegasse, como a Lúcia falou, os melhores alunos da rede e botassem aqui, aí nós seríamos outro tipo de...

Professor11: eu não acho que seja uma questão dos melhores ou piores, mas eu vejo (não entendi) ... olha só, autonomia é o ideal de toda escola

(todos falando juntos, não foi possível entender)

Professor11: eu não sei dizer pra você se o projeto contribui ou não para desenvolver a autonomia, isso é...

Professor8: individual...

Professor11:(a professora fala que a escola teria que ensinar os alunos como usar as ferramentas do windows, não apenas oferecer a internet, fala que eles não sabem trabalhar no word, do power point... não tem como entender cada palavra por causa do barulho dos professores almoçando...)

Professor7: não teve uma eletiva de informática...

Professor11: este projeto é pra mim uma colcha de retalhos de várias escolas que são interessantes pra ele (referindo-se ao criador do projeto Rafael Parente)

(Não entendi)

Professor11: a internet, a questão da beleza da escola... porque é óbvio... (não entendi) ...se é mais bonita, claro que é mais agradável, o ambiente é mais agradável... eu acho que, a questão do horário, a comida que aqui é diferente, muitas coisas são diferentes de lá, das outras escolas, lá a gente não tinha frutas, não...

(não entendi)

Professor7: vamos chagar nas incoerências do projeto... por que que inglês tem aula normal, pode ter aula normal... e matemática não? Inglês, colocariam fone no ouvido, tem milhões de cursos online... seria muito mais lógico, por que que inglês pode? Pode ter um professor especialista e matemática não... qual é a lógica? Aquilo que a gente já comentou... não foi feito por quem trabalha em escola...

Pesquisadora: gente, agradeço a participação de vocês!

ANEXO VII

**Faculdades Integradas de Taquara**

Credenciada pela Portaria Nº. 921, de 07/11/07, D.O.U. de 08/11/07

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)****1 Dados gerais:**

Título da pesquisa: “Transformação pela experiência: estudo de caso da Escola Municipal André Urani no Rio de Janeiro, Projeto GENTE”

Nome do acadêmico pesquisador: Claudia Jahnke

Fone: 54 8117-5361

Nome do orientador: Profª Dra. Susana Henriques Susana.Henriques@uab.pt Fone:00 351 21 300002805

2 Informações ao participante ou responsável:

a) Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa, que tem como objetivo fazer um estudo de caso sobre o Projeto Gente, na Escola André Urani, na Favela da Rocinha, e os resultados obtidos no primeiro ano de sua aplicação, identificando quais são as percepções dos atores principais deste processo, aprofundando as percepções dos mesmos atores no que consideram positivo e negativo no projeto, identificando pontos a melhorar e sugerir, através das percepções de professores e supervisores, melhorias a serem implementadas para os próximos anos de aplicação do projeto, elencando os sentimentos comuns entre os professores no abandono da tradicional forma de ensinar e na introdução do papel do professor como mentor e entendendo de que forma o aluno passou a desenvolver mais autonomia com o aprendizado através de projetos individuais.

b) Cada participante irá responder um questionário e participar de uma entrevista. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

c) Você poderá recusar-se a participar da pesquisa e poderá abandonar o procedimento em qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Durante a entrevista, onde serão feitas perguntas abertas para que o entrevistado tenha condições de relatar sua experiência, você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta que lhe cause algum constrangimento.

d) A sua participação como voluntário, ou a do menor pelo qual você é responsável, não lhe trará nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza.

e) A sua participação ou a do menor sob sua responsabilidade poderá envolver os seguintes riscos: não existem riscos por se tratar de uma entrevista ligada à educação e a percepção dos alunos sobre a nova metodologia adotada pela escola.

f) Serão garantidos o sigilo e a privacidade de sua identidade e das informações que você fornecer, sendo-lhe reservado o direito de omissão de dados.

g) Na apresentação dos resultados, não serão citados os nomes dos participantes.

Confirmo ter conhecimento do conteúdo desse termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar dessa pesquisa e por isso dou meu consentimento.

Rio de Janeiro, _____ de agosto de 2014.

Acadêmico pesquisador

Participante da pesquisa
Ou responsável pelo menor

ANEXO VIII

**Faculdades Integradas de Taquara**

Credenciada pela Portaria SESu/MEC N° 921, de 07/11/07, D.O.U de 08/11/07

Comitê de Ética em Pesquisa**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

Título da Pesquisa: Transformação pela experiência: estudo de caso da Escola Municipal André Urani no Rio de Janeiro, Projeto GENTE.

Pesquisadora: Cláudia Medeiros Jahnke

Orientadora: Susana Henriques

Instituição de Ensino Superior: Universidade Aberta de Lisboa – Portugal

Curso: Mestrado em Supervisão Pedagógica

N° do Processo do Projeto de Pesquisa no CEP: 712


Considerações sobre o Projeto de Pesquisa:

Em conformidade com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, e com as normas internas do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) das Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT – todos os documentos necessários à análise do Projeto acima referido foram apresentados e são adequados.

Este Projeto de Pesquisa preserva os aspectos éticos dos sujeitos da pesquisa, sendo, portanto, APROVADO pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FACCAT.

Reiteramos que o Comitê de Ética da Instituição encontra-se a sua disposição para equacionar eventuais dúvidas e/ou esclarecimentos que se fizerem necessários.

Taquara, 29 de julho de 2014


Aneli Paaz
Coordenadora do CEP/FACCAT.

ANEXO IX - MARCO LÓGICO DO PROJETO GENTE REALIZADO PELA EMPRESA IETS – INSTITUTO DE ESTUDOS DO TRABALHO E SOCIEDADE



Sumário

- I. Objetivo
- II. Metodologia
- III. Resultados
 - i. Público alvo
 - ii. Missão
 - iii. Objetivo Geral
 - iv. Objetivos específicos
 - v. Indicadores
 - vi. Componentes centrais (Núcleo-duro)

Objetivo

Por meio de uma matriz lógica, objetiva e sistemática, apresentar o propósito e os elementos principais do projeto G.E.N.T.E.

Constitui-se do primeiro estágio para o desenvolvimento do sistema de monitoramento e avaliação baseado em resultados (SM&A-R)

Metodologia

1) Referencial Teórico
Metodologia desenvolvida pelo Banco Mundial apresentada no documento *Handbook for Development Practitioners (World Bank, 2004)*

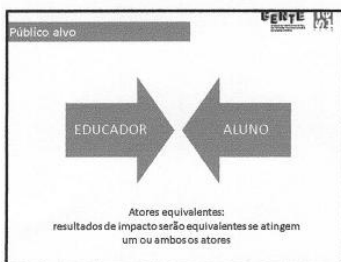
2) Dinâmica de construção participativa
Realização de entrevistas (9 presenciais e 4 não presenciais) com os stakeholders principais
Realização de três oficinas de trabalho com os responsáveis e atores envolvidos

Metodologia

Elementos constituintes do Marco Lógico

Alimentados	Definição
Público alvo	a quem as atividades do projeto estão destinadas
Missão	a meta mais ampla que o projeto visa atingir
Objetivo Geral	mudança tangível que o projeto visa alcançar (propósito)
Objetivos Específicos	subcomponentes do propósito do projeto
Indicadores	parâmetros de resultados
Componentes centrais	os valores, as práticas educativas e as competências visados no projeto

- Resultados**
- I. Público alvo
 - II. Missão
 - III. Objetivo Geral
 - IV. Objetivos específicos
 - V. Indicadores
 - VI. Componentes-chave (Núcleo-duro)



- Resultados**
- I. Público alvo
 - II. Missão
 - III. Objetivo Geral
 - IV. Objetivos específicos
 - V. Indicadores
 - VI. Componentes-chave (Núcleo-duro)

Missão

Conceber e implantar modelo inovador de escola que se apropria integralmente de tecnologias educacionais adequadas ao mundo contemporâneo, colocando o aluno no centro do processo de aprendizagem e o professor como mentor, com vistas a ganhar escala.

- Resultados**
- I. Público Alvo
 - II. Missão
 - III. Objetivo Geral
 - IV. Objetivos específicos
 - V. Indicadores
 - VI. Componentes-chave (Núcleo-duro)

Objetivo Geral

Criar um modelo escalável que inova em conteúdo, método e gestão, de modo a formar jovens autônomos, solidários e competentes e, para isso, ressignificando o papel do educador no processo de aprendizagem.

- Resultados**
- I. Público alvo
 - II. Missão
 - III. Objetivo Geral
 - IV. Objetivos específicos
 - V. Indicadores
 - VI. Componentes-chave (Núcleo-duro)

Objetivos específicos

Parâmetros

Palavras-chave da Missão do projeto

- a. Modelo inovador
- b. Tecnologias educacionais
- c. Aluno no centro do processo de aprendizagem
- d. Professor como mentor
- e. Escalabilidade

Consonância com o Objetivo Geral

- Inova em conteúdo, método e gestão
- Formar jovens autônomos, solidários e competentes
- Ressignificando o papel do educador no processo de aprendizagem
- Modelo escalável

Objetivos específicos

a. Modelo inovador

Objetivo	Descrição	Comunidade escolar		
		Alunos	Professores	Gestores
1	Definir o conteúdo curricular	X		
2	Garantir e avaliar o acesso contínuo do aprendiz para os alunos	X		
3	Garantir o processo de aprendizagem individualizado para cada aluno	X		
4	Garantir inovação na organização do tempo e espaço de aprendizagem	X	X	
5	Garantir a autonomia do professor no seu planejamento			X
6	Garantir estratégias pedagógicas voltadas para a aprendizagem socioemocional de cada aluno	X		
7	Assignar e criar oportunidades para que os alunos aprendam de forma colaborativa	X		
8	Garantir a troca de experiências entre os alunos e que eles aprendam entre si	X		
9	Garantir a troca de experiências entre os professores e que eles aprendam entre si		X	
10	Garantir a diversidade de intersetores no processo de construção do conhecimento	X	X	X
11	Garantir a constante inovação de ferramentas tecnológicas para proposta curricular e pedagógica		X	X

Objetivos específicos

a. Modelo inovador

Objetivo	Descrição	Comunidade escolar		
		Alunos	Professores	Gestores
12	Garantir inovação na organização do tempo e espaço da escola			X
13	Institucionalizar um ambiente escolar favorável para o desenvolvimento das atividades do educador			X
14	Garantir o funcionamento e o uso de ferramentas tecnológicas na proposta curricular e pedagógica			X
15	Garantir tempo de trabalho específico aos professores para dedicação à prática		X	X
16	Garantir tempo de trabalho específico aos professores dedicado ao compartilhamento, avaliação e planejamento de práticas colaborativas		X	
17	Desenvolver e implantar estratégias que contribuam para maior interação social com a comunidade escolar e sua entorno			X
18	Assignar uma gestão compartilhada e estratégica entre a equipe gestora, educadores, alunos e a comunidade escolar acerca da transparência dos objetivos, processos e resultados do projeto		X	X
19	Implantar a cultura de avaliação e monitoramento na escola	X	X	X

Objetivos específicos

b. Aluno no centro do processo de aprendizagem

Objetivo	Descrição	Competência escolar		
		Alunos	Meestros	Centros
23	Mapar as características socioeconômicas, culturais e de saúde do aluno como elemento essencial para fins de intervenção pedagógica			X
24	Conhecer os estilos de aprendizagem e níveis de inteligência de cada aluno considerando especial para fins de intervenção pedagógica	X	X	
25	Avaliar continuamente os alunos em termos cognitivos e socioemocionais considerando especial para fins de intervenção pedagógica	X		
22	Elaborar métodos de aprendizagem claros para cada aluno	X	X	
26	Estimular cultura e resiliência, agir responsabilizando por seus próprios atos e comprometendo em diferentes situações oportunizadas em seu processo de aprendizagem	X	X	
25	Construir o protagonismo do aluno no planejamento, na sua prática e na sua pedagogia	X	X	X

Objetivos específicos

c. Tecnologias educacionais

Objetivo	Descrição	Competência escolar		
		Alunos	Meestros	Centros
26	Dotar os alunos de habilidades digitais, tornando-os capazes de utilizar aplicativos educacionais e tecnológicos de forma crítica e segura	X	X	
27	Garantir o uso pelas salas de aula de práticas tecnológicas	X		X

Objetivos específicos

d. Novo modelo de professor

Objetivo	Descrição	Competência escolar		
		Alunos	Meestros	Centros
28	Garantir incentivos e condições para professores desenvolverem práticas relacionadas à prática pedagógica do G.E.N.T.E.			X
29	Prover formação inicial aos professores focada no aprendizado teórico e prática dos objetivos e componentes-chave que fundamentam o projeto	X	X	
30	Prover formação inicial aos professores sobre a instrumentalização dos fundamentos pedagógicos educacionais		X	X
31	Prover formação continuada aos professores focada no aprendizado teórico e prática dos objetivos e componentes	X	X	
32	Garantir incentivos necessários para a formação dos professores G.E.N.T.E.		X	X
33	Garantir as condições de colaboração entre os professores dentro o processo pedagógico		X	X
34	Corresponsabilizar os professores pelo seu processo de formação e garantir autonomia na prática pedagógica	X		
35	Garantir a melhoria na prática pedagógica a partir de avaliações e autoavaliações dos professores, no âmbito do projeto			X

Objetivos específicos

e. Escalabilidade

Objetivo	Descrição	Centros	Meestros
37	Instituir um Comitê Formador de Aprendizagem para dar condições curriculares, metodológicas e práticas, tempo de trabalho específico dedicado à pesquisa e ao planejamento coerentes com os princípios do projeto	X	X
38	Institucionalizar ao professor, tempo de trabalho específico dedicado ao planejamento da sua prática pedagógica	X	
39	Articular o projeto G.E.N.T.E. com todo o sistema educacional do município	X	
40	Desenvolver estratégias de replicabilidade que sejam eficazes e viáveis, para as práticas de implementação em nível local de educação básica	X	
41	Garantir a adaptação e a adequação dos conteúdos da infraestrutura física necessária para a implementação das práticas	X	
42	Institucionalizar de forma clara e transparente o critério de seleção dos alunos, garantindo a igualdade de oportunidades	X	X
44	Institucionalizar de forma clara e transparente o processo e critérios de seleção dos professores	X	

Objetivos específicos

e. Escalabilidade

Objetivo	Descrição	Centros	Meestros
46	Identificar e fornecer informações precisas sobre os componentes adaptativos do projeto	X	
47	Asegurar que a replicabilidade dos componentes que compõe o núcleo-duro (componentes centrais) seja afetada de forma mínima no projeto	X	
48	Elaborar e manter em dia os instrumentos de apoio à implementação prática de elementos e conteúdos	X	
49	Formar a produção de materiais formativos para consultoria e subsídios técnicos aos gestores G.E.N.T.E.	X	
50	Asegurar análises específicas que levem em conta aspectos locais de replicabilidade do projeto	X	
51	Garantir a avaliação sistemática de todos os ecossistemas do projeto G.E.N.T.E.	X	
52	Manter atualizados todos os componentes do G.E.N.T.E.	X	X

Resultados

I. Público Alvo

II. Missão

III. Objetivo Geral

IV. Objetivos específicos

V. Indicadores

VI. Componentes centrais (Núcleo-duro)

Indicadores

Desempenho cognitivo dos alunos

Resultados das provas letivas	Resultados das Provas Bimestrais
Língua Portuguesa	Língua Portuguesa Escrita
Matemática	Língua Portuguesa Leitura
Ciências	Matemática
História	Ciências
Geografia	
Inglês	

Indicadores

Desempenho socioemocional dos alunos

Baseado em competências

Autonomia
Solidariedade
Resiliência
Comunicação
Estabelecimento

Resultados

I. Público Alvo

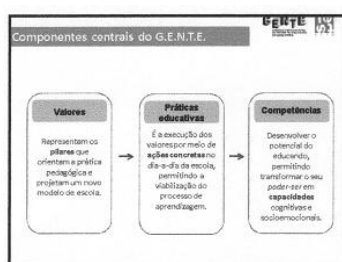
II. Missão

III. Objetivo Geral

IV. Objetivos específicos

V. Indicadores

VI. Componentes centrais (Núcleo-duro)



Componentes centrais do G.E.N.T.E.

Valores

Educação Interdisciplinar
Enfoque interdisciplinar que pressupõe que a ação educativa deve compreender o aluno nas suas várias dimensões constitutivas - afetividade, corporeidade, espiritualidade e racionalidade, apontando para uma visão mais abrangente do ser humano. (Proj. Antonio Carlos Gomes da Costa)

Transdisciplinaridade
Forma holística de compreender a realidade, mobilizando todos e quaisquer produtos de conhecimento do universo diversos saberes, não apenas no âmbito das ciências humanas e exatas, mas também com a arte, a literatura, a música, o cinema, a mídia e o conhecimento humano com a objetividade científica.

Componentes centrais do G.E.N.T.E.

Valores

Personalização da aprendizagem
Estratégia metodológica coerente com a concepção da educação voltada para o desenvolvimento do potencial humano de cada indivíduo. Implica no ajuste de toda ação educativa às características cognitivas, socioemocionais, físicas, estilos de aprendizagem, aptidões, interesses, motivações, necessidades, limitações e tempos de cada educando

Avaliação baseada em competências
É um modo de refletir sobre o processo de avaliação em si, já que ao deixar os aspectos classificatórios, privilegia-se o progresso por inteiro do educando no processo avaliativo. A avaliação por competências contempla a capacidade do aluno de mobilizar, integrar e reconstruir os conhecimentos adquiridos no processo ensino-aprendizagem, relacionando-os aos seus conhecimentos prévios e aplicando-os nas diferentes situações-problema concretas e teórico-abstratas

Componentes centrais do G.E.N.T.E.

Valores

Inovação
Etimologicamente derivado de *innovare*, ou seja, renovar, tornar novo o que já existe. O conceito de inovação, além de remeter-se à contemporaneidade, progresso, aprimoramento e novas tecnologias, se dirige para todos os contextos de ensino não restritos à dimensão tecnológico-instrumental. Inovação é o ato de conceber ou de tudo está em constante transformação e que se faz necessário interagir com as mudanças e os novos configurations contemporâneas de forma a construir, experimentar, comunicar e avaliar as múltiplas possibilidades de geração de ideias, projetos e mudanças de forma crítica e criativa. A inovação é o experimentação, por seu caráter permanentemente inovacion, expem de todos aqueles que a praticam incluindo: ideias, negociação entre jovens e superintem e delimitação do campo de atuação.

Componentes centrais do G.E.N.T.E.

Valores

Protagonismo Juvenil
É a participação do adolescente em atividades que extrapolam o âmbito de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço o escola, o meio comunitário e a sociedade como um todo. O objetivo mais amplo do protagonismo juvenil autêntico é conquistar, fortalecer e ampliar a experiência democrática no meio das pessoas, dos povos e das comunidades. Constitui-se como etapa essencial para o desenvolvimento social, profissional e pessoal pleno necessário para que o adolescente se torne um cidadão mais autônomo, crítico, solidário, competente e autodeterminado.

Componentes centrais do G.E.N.T.E.

Práticas educacionais

Mentoria
Prática educativa de natureza relacional voltada ao desenvolvimento integral do mentorado e a interação deste com o aprendiz. Parte da premissa de que o processo de ensino-aprendizagem é bilateral e ocorre em sua dinâmica acomodada e envolve práticas no processo de aprendizagem. Sendo assim, mentor e mentorado compartilham experiências, ideias de mundo, conhecimentos e saberes. Apesar da reciprocidade e colaboração inerentes à mentoria, há certa assimetria nessa relação, uma vez que o mentor assume papel de guia (conhecimento pedagógico), modelo (exemplar pelo exemplo), orientador e facilitador da aprendizagem do mentorado.

Aprendizagem adaptativa
Metodologia de ensino que desenha um processo de aprendizagem individualizado a partir da identificação dos estilos de aprendizagem, características socioemocionais e ritmos próprios de cada educando. Oferece, portanto, objetos de aprendizagem que dialogam com cada educando, ora estimulando-o em aspectos que reforçam estilos de aprendizagem íntos (o maior parte do tempo), ora desafiando-o a progredir, ampliar e diversificar estilos de aprendizagem menos desenvolvidos

Componentes centrais do G.E.N.T.E.

Práticas educacionais

Projetos transdisciplinares
Metodologia de ensino-aprendizagem para entender e integrar teorias ao utilizar simultaneamente análise de contexto, teoria e pesquisa, exigindo constante exercício de reflexão, buscando integrar conceitos de fronteiras do conhecimento, articular conhecimentos acadêmicos, não acadêmicos e saberes tradicionais de diferentes culturas

Aprendizagem por projetos
Metodologia de ensino-aprendizagem centrada na atividade construtiva de elaborar e desenvolver projetos criados a partir do cotidiano, dúvidas, interesses, conflitos e interrogantes do educando. Resultados da interação com o conhecimento prévio e com o sistema de significações do educando, os projetos devem ser permeados por questões que mobilizam o aluno no sentido de colocar em prática um processo de pesquisa e de construção de um novo e relevante conhecimento.

Componentes centrais do G.E.N.T.E.

Práticas educacionais

Transcurso
Capacidade inicial e contínuo dos professores do G.E.N.T.E.

Curriculo ampliado
A função social do currículo ampliado é ordenar a reflexão pedagógica do educando de forma a atender as suas necessidades socioemocionais e ajudá-lo a pensar e atuar sobre a sua realidade social. Para desenvolver esse processo de reflexão e ação, o currículo deve se apropriar do conhecimento científico e disciplinar, confrontando-o com o saber que o educando traz do seu cotidiano e de outras referências, como o conjunto de crenças, valores, atitudes, o imaginário social, as representações simbólico-culturais e as relações sociais, entre outras.

Componentes centrais do G.E.N.T.E.

Práticas educativas

Tecnologias digitais

Conjunto de instrumentos, métodos e técnicas que estão associadas à interatividade e o quebra com o modelo comunicacional tradicional (informação transmitida de modo unidirecional), adotando o modelo bidirecional que permite comunicação em rede e intercâmbio de um fluxo vivo de saberes, experiências e práticas entre os integrantes dos mais diversos campos.

Na prática da aprendizagem adaptativa, são recursos que permitem personalizar a exposição do conhecimento adequados ao nível de compreensão cognitiva de cada educando, além de facilitar o trabalho do educador no sentido em que ele acompanha a evolução do desempenho de cada aluno por um registro sistematizado, sendo capaz de ensinar baseado em dados.

Componentes centrais do G.E.N.T.E.

Competências

Autonomia

Desempenha papel ativo no controle das suas próprias atividades educacionais

Possui voz e voto quanto aos materiais e recursos de estudo, conteúdos, atividades e ritmo de aprendizagem próprio

Planeja seu dia escolar de acordo com metas estabelecidas, traçando estratégias para o estudo e buscando alternativas para as dificuldades encontradas

Tem discernimento para procurar o mentor nos momentos adequados, visando complementar o conhecimento adquirido

Busca aprimorar-se também nas habilidades não cognitivas, negociando bem os seus direitos e respeitando os dos outros, comunicando-se com eficácia e tendo cuidado com a auto estima

Componentes centrais do G.E.N.T.E.

Competências

Solidariedade

Coloca-se a disposição dos outros

É acessível e seguro, aberto ao outro

Mostra-se constantemente estável, atuando como apoio daquele que sente, pelo menos temporariamente, inseguro e instável

Apesar da relevância dos fatores cognitivos, expressa-se por meio do afeto e do sentimento na relação de ajuda

Componentes centrais do G.E.N.T.E.

Competências

Pensamento crítico e resolução de problemas

É capaz de interpretar, analisar, avaliar, inferir e expor informações

Identifica lacunas no próprio conhecimento e fazer perguntas significativas para esclarecê-las

Articula de maneira clara seus pontos de vista, refletir e avaliar criticamente evidências

Considera e avalia pontos de vista alternativos

É flexível, honesto, preocupado em estar bem informado, questionador e possui uma mente aberta

É disposto a reconsiderar e revisar suas próprias visões

Componentes centrais do G.E.N.T.E.

Competências

Comunicação

Demonstra competência na Língua Portuguesa e na língua adicional

Utiliza vocabulário básico e as funções gramaticais corretamente

É capaz de travar vários tipos de interação verbal e compreender as principais formas da linguagem escrita

É capaz de se comunicar de forma oral e pela escrita, de forma concisa e clara, em uma variedade de situações e para propósitos diferentes

Costuma engajar-se em diálogos construtivos e críticos

Demonstra confiança ao falar em público

Tem uma atitude positiva para a comunicação intercultural

Componentes centrais do G.E.N.T.E.

Competências

Colaboração

Sabe distinguir quando é apropriado escutar e falar

Quando fala, o faz com clareza e consciência do propósito e ouve com paciência e honestidade

Sabe planejar, estabelecer, priorizar, alcançar e monitorar metas e resultados, intencionados pelo grupo

É aberto para colaborar compassivo com diferentes backgrounds sociais e culturais

Ao guiar outras pessoas, lidera e influencia seus pares para alcançar as metas estabelecidas, incentiva as potencialidades de seus pares e é um exemplo ao inspirar e motivar seus pares

Age com responsabilidade em prol de interesses da comunidade

Componentes centrais do G.E.N.T.E.

Competências

Obrigado!

ANEXO X - RELATÓRIO DO MARCO LÓGICO



Janeiro 2014

Análise de Replicabilidade e Estratégia de Avaliação de Impacto do projeto
Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais (G.E.N.T.E.)

Marco Lógico do Projeto G.E.N.T.E.



Apoio:



Relatório do Marco Lógico do Projeto G.E.N.T.E. _ 2 _

Responsáveis:

Maurício Blanco Cossio
Ariana Brito
Tatiana Amaral

Aos parceiros e membros da SME:

Lucia Ricci
Pedro Villares
Beatriz Ferraz
Kátia Ramos
Alice Ribeiro
Daniel Igerashi
Adelso Soares
Samara Werner
Rafael Parente
Helôisa Mesquita
Mariana Balboni
Milada Gonçalves

À equipe pedagógica da Escola Municipal André Urani:

Márcia Roberto
Renata Martelo
Ana Maria Belotti

Agradecimentos especiais:

André Couto
Rubem Saldanha

Relatório do Marco Lógico do Projeto G.E.N.T.E. _ 3 _

Relatório do Marco Lógico do Projeto G.E.N.T.E. _ 4 _

Sumário

I. Introdução	4
II. Contextualização	5
III. Metodologia	9
3.1 Referencial Teórico	9
3.2 Dinâmica Participativa para a Construção do Marco Lógico	12
IV. Marco Lógico do G.E.N.T.E.	16
4.1 Público Alvo	16
4.2 Missão	18
4.3 Objetivo Geral	19
4.4 Objetivos Específicos	21
V. Componentes centrais do G.E.N.T.E.	30
5.1 Proto-sistematização	30
5.2 Conceitualização	33
VI. Considerações Finais	41
VII. Referências	43

I. Introdução

O presente documento pretende expor o encadeamento lógico e fundamento metodológico definido para o projeto Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais (G.E.N.T.E.), no âmbito de sua estratégia de avaliação. O G.E.N.T.E. é uma iniciativa formada pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME) em parceria com instituições privadas, organizações multilaterais e organizações da sociedade civil.

Com o apoio da UNESCO¹, o Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS) está conduzindo o desenho e a montagem de um sistema de monitoramento e avaliação dos resultados do G.E.N.T.E. em momentos distintos no tempo, bem como explorando as condições e os componentes que tornam esse projeto replicável na rede pública escolar do município. Para isso, ao longo do processo de execução desse sistema, são necessárias a realização de etapas de pesquisa, sendo a primeira - a definição do Marco Lógico do G.E.N.T.E. - descrita a seguir.

O Marco Lógico constitui a arquitetura do projeto. Neste documento se estabelecem objetivos gerais, específicos, público alvo, a sedimentação de conceitos chave e uma proposta de indicadores que servirão para estruturar o sistema de monitoramento e avaliação. Importante sublinhar que neste último quesito o conjunto de indicadores é uma proposta hipotética, já que para ser efetivamente implantados é preciso criar as ferramentas de coleta em alguns casos, estabelecer a periodicidade, validar os mesmos e ser objeto de uma análise financeira que garanta a permanente aplicação e alimentação dentro do sistema de monitoramento.

¹ Agência especializada da ONU para a educação, a ciência e a cultura, uma das parceiras de implementação do projeto.

Como será observado com detalhes na seção dedicada à descrição detalhada da metodologia, o processo de construção do Marco Lógico possui dois processos de interação de grande relevância:

- a) Um processo coletivo de reflexão que inclui todos os atores pertinentes e,
- b) Um processo de convergência em termos de posturas teóricas, operacionais e empíricas que buscam se adequar com vistas à cristalização do projeto e a sua efetiva operacionalização.

Ambos os processos garantem a possibilidade de especificação detalhada de cada fase ou componente do GENTE, o estabelecimento de métricas, - sejam estas de caráter qualitativo ou quantitativo - condições para planejamento anual e bases sólidas para construção futuro de avaliações.

O documento está dividido em seis partes, incluindo esta introdução. A próxima seção tem a finalidade de contextualizar a pesquisa no âmbito do projeto GENTE. A terceira seção contempla as considerações metodológicas para a construção do marco lógico e seu embasamento teórico e dinâmica prática. As duas seções seguintes apresentam os primeiros resultados viabilizados nessa primeira fase. Por fim, a última seção dedica-se às considerações finais.

II. Contextualização

O projeto-piloto do Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais (GENTE) foi implementado na Escola Municipal André Urani com o objetivo de propor inovações em diversas frentes na área educacional. Em primeiro lugar, coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem na medida em que o mesmo adquire ferramentas efetivas para administrar a forma, o conteúdo e o ritmo das diversas atividades que a escola lhe oferece. Ao mesmo tempo, reformula o papel do educador ao diversificar a sua atuação pedagógica.

conteúdos pedagógicos, a preparação e implantação da infraestrutura de conectividade e o desenho de ferramentas de avaliação e diagnóstico dos alunos.

Em 2013, o GENTE começou a ser implantado com a participação de 180 alunos, aproximadamente. Os desafios colocados pelo projeto vão além do desenvolvimento das habilidades cognitivas dos alunos. Socialização, protagonismo juvenil, autonomia, pensamento crítico e cooperação são vetores nos quais o GENTE almeja influenciar na vida futura dos alunos.

O início desta experiência apresenta uma oportunidade impar de estabelecer mecanismos de monitoramento das variáveis - qualitativas e quantitativas - e garantir condições de avaliação do GENTE. Adicionalmente, por tratar-se de uma iniciativa piloto do setor público, é importante indagar sobre as condições de replicabilidade do programa ou seus componentes para as demais escolas da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro.

Sendo assim, a proposta é viabilizar uma estrutura para a avaliação do projeto, que possa identificar as fraquezas e as potencialidades, com o objetivo de aprender com erros, realizar aprimoramentos necessários e possibilitar informação e conhecimento ao longo do caminho. A estratégia escolhida para isso é a criação de um sistema de monitoramento e avaliação baseado em resultados (SM&A-R), que será explicado na seção seguinte.

Fundamentalmente, a estruturação de um SM&A-R auxilia no processo de esclarecimento dos objetivos do projeto. Com o objetivo explícito de revelar o impacto de uma iniciativa, é primordial que o escopo esteja bem definido. Em contraste com uma abordagem baseada no processo de implementação do projeto, esse sistema está focalizado na mensuração do alcance de metas importantes e, portanto, no diagnóstico do seu impacto efetivo.

Nesse sentido, no âmbito da construção da estratégia de avaliação, a primeira etapa surgiu especificamente dessa necessidade de cristalizar os objetivos de interesse do projeto, constituindo-se da estruturação e definição do Marco Lógico do GENTE. Essa ferramenta constitui-se de uma matriz que considera os principais elementos do projeto, apresentando-os de forma objetiva, sucinta e sistemática. O recurso metodológico esclarece os objetivos

Em segundo lugar, o GENTE faz uso de uma gama importante de tecnologias de informação e comunicação não apenas para a transmissão de conteúdos pedagógicos, mas também nos instrumentos de avaliação permanente dos alunos, o que deverá permitir ao corpo docente o acompanhamento destes no seu processo educacional de forma mais interativa e de acordo com a velocidade de aprendizado de cada aluno.

Em terceiro lugar, decorrente dos fatores acima mencionados, uma inovação importante consiste em arranjos institucionais de cooperação e interação entre os diversos atores da comunidade escolar, ao estabelecer canais de comunicação com uma forte ênfase inclusiva de todos os envolvidos, extinguir estruturas hierárquicas e a ampliação da participação ativa de alunos, professores e da família nas decisões da escola.

Além disso, o GENTE propõe elementos inovadores no que tange à parceria público-privada. Com uma variedade de parceiros importantes², os mesmos participaram desde o início, seja na própria concepção do projeto, na elaboração da proposta pedagógica, seja na implantação e monitoramento permanente das metas a serem alcançadas.

A inovação está também presente nas formas de gestão do projeto. Com efeito, o conjunto de parceiros estratégicos possui um papel ativo de grande influência em todas as dimensões. Divididos em grupos de trabalho (GT1 Infraestrutura e ambientação externa, GT2 Infraestrutura de TI, Sistemas e Softwares, GT3 Pedagógico e GT4 Avaliação e Sistematização), e reunidos em plenárias mensais, esses parceiros promovem um acompanhamento efetivo e intervenções colegiadas quando necessárias.

Por fim, ao incubar o projeto, a Escola André Urani foi submetida a uma readequação de sua estrutura física, condizente com as características brevemente descritas acima, a cristalização da grade curricular e do próprio projeto pedagógico, a disponibilização de

² Instituições como o Instituto Natura, Intel, Fundação Telefônica, Instituto Ayrton Senna, Tamboro, MSTech, Instituto Conecta, Unesco no Brasil, Microsoft, Sapient, MindLab, EvoBooks e Geakie.

específicos do projeto requeridos para atingir o propósito estabelecido (o Objeto Geral), especifica indicadores de desempenho e suas fontes de verificação e viabiliza a estruturação objetiva e lógica do projeto.

Portanto, o Marco Lógico apresentado será peça-chave para o SM&A-R do projeto, na medida em que demonstra as premissas, parâmetros e objetivos específicos que serão utilizados no processo de avaliação do GENTE. O alicerce para a sedimentação³ do Marco Lógico é o conjunto de princípios determinados no Termo de Referência³ (TR) do GENTE, documento base e inicial do projeto.

O TR explicita os princípios e eixos norteadores do GENTE; sinaliza a natureza qualitativa dos desafios colocados; propõe as inovações necessárias no campo da pedagogia, as tecnologias educacionais e a utilização intensiva de tecnologia digital não apenas para o aluno, mas também para a avaliação permanente, e; estabelece os requerimentos necessários para a transformação dos professores.

Porém, o TR não avança no detalhamento específico nem no layout do projeto. Faz-se necessário estabelecer um sistema de monitoramento permanente de indicadores. Indicadores mensuram as diversas facetas e dimensões de um projeto como o GENTE, que se caracteriza pela sua sofisticação, não apenas na proposta pedagógica, mas também na reconfiguração do papel dos educadores e dos alunos.

Assim, o Marco Lógico retoma o conteúdo do TR, assumindo seus princípios como premissas básicas, mas, ao mesmo tempo, se coloca o desafio de explicitar com o maior detalhe possível a arquitetura do projeto, as métricas e serve de insumo para o desenho do Sistema de Monitoramento e Avaliação baseado em Resultados (SM&A-R).

³ Disponível no site do projeto: <http://gente.riodejaneiro.net/documentos.htm> Acesso: 6 dez. 2013

Na próxima seção, está descrita a metodologia de construção aplicada no Marco Lógico do G.E.N.T.E. Na primeira parte, se explicita o referencial teórico e na segunda parte da próxima seção descreve-se o processo efetivamente realizado neste caso.

III. Metodologia

3.1 Referencial Teórico

O sistema de monitoramento e avaliação baseado em resultados (SM&A-R) é uma ferramenta desenvolvida para o acompanhamento e diagnóstico do impacto de um projeto, programa ou política. Esse sistema permite a coleta e análise de informações e dados em todos os níveis ou estágios em que se encontra determinado objeto avaliado, com vistas de produzir feedbacks ao longo do processo. Nesse sentido, a informação poderá ser evidente durante o ciclo de vida do projeto, e assim, ser utilizada para informar melhor aos tomadores de decisão, à sociedade civil e aos stakeholders.

As informações disponibilizadas no SM&A-R demonstram os progressos, os problemas e a performance da iniciativa. Esse contínuo fluxo de informações adiciona valor aos estágios de desenvolvimento, implementação e verificação do impacto, sendo um insumo para a atuação interna e externa do projeto.

O Marco Lógico do projeto é o primeiro estágio para o desenvolvimento de um SM&A-R. O propósito é determinar quais são os objetivos do projeto (Objetivo Geral), evidenciar de que forma esses objetivos podem ser atingidos (Objetivos específicos) e como os resultados podem ser comprovados (Indicadores de Desempenho).

9) Os indicadores de resultado precisam ser monitoráveis, ou seja, é preciso garantir que o que está sendo mensurado em um determinado período pode ser mensurado posteriormente, e;

10) O uso de indicadores *proxy*, mensurados indiretamente, devem ser apresentados apenas quando indicadores diretos não estão disponíveis, e coleta de dados for muito custosa ou se não é possível coletar dados a intervalos regulares.

Sendo assim, a elaboração do Marco Lógico fornece informações para organizar e preparar de forma lógica o plano de execução do projeto e provê aporte técnico para a estrutura de monitoramento e avaliação. Além disso, a metodologia do Marco Lógico solidifica uma terminologia uniforme que facilita a comunicação e reduz ambiguidades.

Por outro lado, com vistas a iniciar a análise de replicabilidade, foi necessário também nessa primeira etapa proporcionar uma estrutura que expresse, em um único quadro, os principais componentes do projeto. Essa proto-sistematização refere-se ao núcleo duro do projeto e contém os pilares orientadores da prática pedagógica do projeto, sua associação com as atividades educacionais que ocorrem no dia-a-dia da escola e as competências que são esperadas nos alunos.

O G.E.N.T.E. - cuja marca principal é a inovação - redefine e incorpora novos conceitos e valores estratégicos que balizam os diferentes campos semânticos necessários que permeiam as diversas práticas pedagógicas, as atividades diárias, a formação de professores e estruturam as capacidades socioemocionais que, posteriormente deverão ser avaliadas. A definição cuidadosa e rigorosa desses conceitos e valores é imprescindível para a construção dos indicadores tanto de desempenho quanto de resultados. Neste sentido a tarefa coletiva de sedimentar esses conceitos e valores foi também realizada coletivamente e são parte nodal do presente documento.

A seguir se faz uma descrição do processo de construção do Marco Lógico.

O fundamento teórico que embasa o desenvolvimento da estratégia de avaliação é apresentado no Handbook for Development Practitioners elaborado pelo Banco Mundial⁴. Segundo esse Manual, a primeira etapa da construção de um Marco Lógico deve seguir as premissas apresentadas abaixo:

- 1) Tornar os objetivos do projeto o mais explícito possível é essencial para demonstrar o sucesso da iniciativa;
- 2) Estabelecer um conjunto simples de objetivos gerais para o projeto e determinar objetivos específicos esperados para cada objetivo geral;
- 3) É crucial a viabilização de um processo de construção participativa envolvendo os principais stakeholders ao determinar os objetivos específicos;
- 4) O processo de construção participativa deve ser iniciado com o desenvolvimento de objetivos e continuar com o estabelecimento dos objetivos específicos e do sistema de indicadores;
- 5) Encarar problemas como soluções, ou seja, elaborar os objetivos específicos de forma positiva;
- 6) Ao desagregar os objetivos específicos em subcomponentes, pode-se estabelecer os indicadores para mensurar resultados;
- 7) A mensuração dos resultados refere-se à medição dos objetivos específicos, do projeto, subcomponentes do objetivo amplo, e não das suas atividades;
- 8) Quanto mais precisos e coerentes forem os indicadores de resultado definidos, melhor focalizada será a estratégia de avaliação; portanto, eles devem ser claros, relevantes e confiáveis;

⁴ The World Bank. Ten Steps to a Results-Based Monitoring and Evaluation System. Handbook for Development Practitioners. 2004.

3.2 Dinâmica Participativa para a Construção do Marco Lógico

O processo de desenvolvimento do Marco Lógico foi segmentado em duas etapas. Primeiramente, foi realizado um conjunto de entrevistas individuais com parceiros estratégicos envolvidos no GT Pedagógico, membros da Secretaria Municipal de Educação e direção da Escola André Urani. O propósito das interlocuções com os stakeholders era reunir informações mais densas sobre o projeto G.E.N.T.E., sobretudo, devido ao papel ativo desses tomadores de decisão e formuladores de política pública na concepção e implementação do projeto e suas expertises na área.

As entrevistas individuais ocorreram em agosto de 2013 por meio de um questionário semiestruturado, dividido em seções com referência à relação dos grupos de trabalho, à reprodução do modelo da escola, à parceria público-privada, à construção pedagógica do G.E.N.T.E., e perguntas específicas para cada entrevistado. As falas dos representantes foram gravadas com base em acordo tácito de confidencialidade, servindo unicamente como insumo para a equipe interna do IETS. No Quadro 1 abaixo, pode-se visualizar a lista dos entrevistados e suas instituições.

Quadro 1: Lista de entrevistados por Instituição representante

Instituição	Entrevistado
Secretaria Municipal de Educação	Rafael Parente
	Helóia Mesquita
Escola Municipal André Urani	Marcia Roberto
Unesco	Adauto Soares
	Alice Ribeiro
Instituto Natura	Lucia Ricci
	Pedro Vilarés
Fundação Telefônica Vivo	Mariana Belboni
	Milada Gonçalves
Intel	Rubem Saldanha
MeTech	Daniel Igarashi
Tamboro	Samara Werner
	André Couto
Instituto Ayrton Senna	Kaia Ramos
Total de entrevistas	14

O resultado geral das entrevistas foi insumo importante para construir a agenda da segunda etapa. Os insumos mencionados concentram-se em 4 grupos importantes de resultados

- O ajuste de expectativas sobre o futuro do G.E.N.T.E, tanto no que se refere a escalabilidade do projeto para o resto da rede pública de ensino do município quanto nas melhorias necessárias no piloto do projeto acolhido na Escola André Urani.
- Fixar e catalogar as diversas percepções sobre os objetivos do projeto. Os objetivos colocados por cada parceiro mostram o caráter multifacetado do projeto:

Cabe sublinhar aqui que o G.E.N.T.E. não se materializa do nada ou é um início de um novo modelo de educação no Rio de Janeiro. Pelo contrário, o projeto faz parte de uma série de inovações trazidas pela SME nos últimos anos. Naturalmente, o G.E.N.T.E. como piloto se constitui em uma etapa importante nas inovações já em andamento, mas não seria possível de ser cristalizado sem a implantação do sistema de Ginásios Experimentais ou da Educopédia, apenas para citar alguns projetos de relevância que serviram como requisitos indispensáveis para montar este piloto.

Ainda é prematuro realizar avaliações sobre todas as mudanças acima mencionadas, mas é preciso sublinhar que o G.E.N.T.E. é um projeto piloto inserido no contexto institucional de uma rede pública de ensino que experimenta mudanças permanentes. Esta afirmação não necessariamente implica em vantagens para o G.E.N.T.E., muitas vezes diretrizes precisam ser compatibilizadas com o ritmo das mudanças na rede.

As resoluções dos itens que compõem o Marco Lógico ocuparam três workshops, que ocorreram nas seguintes datas:

1º Workshop 18 de Setembro de 2013.

2º Workshop 1 de Outubro de 2013.

3º Workshop 28 de Outubro de 2013.

A dinâmica participativa era em formato de apresentação e debate. Foram apresentadas as proposições dos pesquisadores do IETS para cada um dos itens da pauta, ao longo das reuniões. Posteriormente, as propostas estavam sujeitas ao debate livre dos parceiros, sendo mediado pela equipe do IETS. Essa discussão foi pautada por diferentes itens que compõem o Marco Lógico do G.E.N.T.E., que são:

- o **Público-Alvo:** a quem as atividades do projeto estão direcionadas.
- o **Missão:** a meta mais ampla que o projeto visa atingir.

personalização de aprendizagem, o papel da tecnologia, o perfil dos professores, os impactos que se pretendem alcançar nos alunos e até aspectos legais foram trazidos à tona por cada um dos entrevistados. O exercício revelou não apenas a quantidade de objetivos almejados, mas também a forma bastante diversa de observar cada objetivo e como atingi-lo.

- Foi importante ouvir e refletir sobre o grau de alinhamento entre as expectativas, as finalidades do G.E.N.T.E. e as missões das instituições participantes. Este último aspecto verifica a solidez da parceria e a sua sustentabilidade. Por outro lado, os entrevistados foram chamados a opinar sobre a estrutura de trabalho vigente entre eles. Percepções sobre os Grupos de Trabalho, a comunicação entre os mesmos e a identificação de alguns conflitos potenciais poderão contribuir à governança do G.E.N.T.E.
- Finalmente, a experiência pessoal de cada entrevistado foi canalizada e mobilizada com o intuito de sedimentar práticas pedagógicas, aproximações relevantes sobre mentoria, transdisciplinaridade, interdisciplinaridade, diagnósticos e monitoramento de alunos e professores. Talvez um fato de grande importância aqui foi a verificação que toda esta discussão prova o caráter inovador do projeto. A cada momento era preciso fixar conceitos e seus espaços semânticos com vistas a construir o Marco Lógico.

A segunda etapa visou, por meio de uma elaboração participativa em workshops, a discussão final sobre elementos constitutivos para o Marco Lógico. Era fundamental que essa etapa fosse desenvolvida em um processo participativo, com vistas a tornar plena a apropriação desse instrumento por seus principais stakeholders, e assim, obedecendo a uma das premissas para construção desse tipo de ferramenta de gestão.

A equipe de pesquisa iniciou o processo de construção do Marco Lógico sistematizando e construindo, a partir das entrevistas aprofundadas, as áreas temáticas que iam ser discutidas nos workshops, a documentação prévia do G.E.N.T.E. e bibliografia especializada orientada a projetos inovadores na educação.

- o **Objetivo Geral:** mudança tangível que o projeto visa alcançar (propósito).
- o **Objetivos Específicos:** subcomponentes do propósito do projeto.
- o **Indicadores:** parâmetros de resultados.
- o **Componentes-chave:** valores, práticas educativas e competências visadas no projeto.

Nesse sentido, o Marco Lógico é capaz de estruturar concretamente as bases constitutivas do projeto. A próxima seção destina-se a apresentar os resultados dessa fase do projeto.

IV. Marco Lógico do G.E.N.T.E.

A seguir, são apresentados os resultados dessa etapa do projeto. A sequência de apresentação segue não apenas a lógica da metodologia, mas também a dinâmica de interação em cada workshop realizado.

4.1 Público alvo

Delimitar um público majoritário é um dos principais determinantes para um projeto bem sucedido, uma vez que todas as ações estarão voltadas para esse grupo específico. A primeira parte da discussão coletiva com os stakeholders voltou-se para a definição do público estratégico do G.E.N.T.E. Para isso, foram levantadas as seguintes opções em consonância com os princípios fundamentais, demonstrados pelo Termo de Referência (TR):

- Educador e Alunos: atores equivalentes.
- Alunos: Educador como variável instrumental do processo de aprendizagem.

c. Educador: Educador como garantidor do processo de aprendizagem.

Após uma discussão conceitual intensa, grande parte dos stakeholders envolvidos escolheu pela opção que entende que tanto o aluno como o professor são atores importantes desse projeto. Ambos estão submetidos a uma série de intervenções novas no contexto do projeto e que, portanto, resultados de impacto serão equivalentes se atingem um ou ambos os atores.

Público Alvo:
Alunos e Educadores

Projetos desta natureza, colocam-se desafios múltiplos dadas as intervenções que vão desde melhores no processo de aprendizagem, inovações na gestão, formação inicial e continuada de professores até intervenções junto as famílias dos alunos. A discussão aprofundada sobre a definição do público alvo não almeja realizar recortes ao projeto, mas estabelecer uma sequência lógica das intervenções e estabelecer prioridades que sejam implementadas no planejamento estratégico.

Assim, as intervenções tanto com os alunos quanto com os professores passam a ter a mesma relevância. Entender as implicações desta ampliação do público alvo é muito importante. A premissa central que fundamenta esta visão consiste na afirmação evidente da relação biunívoca que horizontaliza a relação professor-aluno.

Missão:

Conceber e implantar modelo inovador de escola que se apropria integralmente de tecnologias educacionais adequadas ao mundo contemporâneo, colocando o aluno no centro do processo de aprendizagem e o professor como mentor, com vista a ganhar escala.

4.3 Objetivo Geral

A definição do Objetivo Geral suscita questões sobre que tipo de mudança tangível o projeto espera atingir e qual benefício final para o público alvo. A discussão partiu da necessidade de se repensar um novo modelo de escola (inovadora), que deve responder ao seguinte questionamento: "sobre quais pilares se pensou esse novo modelo de escola?".

Não há uma regra específica para quantidade. É possível vislumbrar para um projeto uma série de objetivos gerais, desde que esses propósitos estejam alinhados a Missão. Nesse sentido, o exercício reflexivo para a composição dos objetivos gerais partiu dos elementos de concepção da própria Missão do projeto:

- Modelo inovador,
- Tecnologias educacionais adequadas ao mundo contemporâneo,
- Aluno no centro,
- Professor como mentor e
- Escalabilidade.

4.2 Missão

A Missão trata-se de um objetivo superior, uma situação futura a qual o plano espera contribuir. Na verdade, é a justificativa da existência de um projeto. Sua definição orienta o plano de ação, determinando para onde estará direcionada a canalização de esforços de intervenção. Com essa definição, parte-se para o detalhamento de seus objetivos.

A missão deve ser simples, clara e escrita em uma única frase. Como parte da rede pública municipal, a meta ampla do projeto G.ENT.E. precisa estar alinhada com as diretrizes da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME)⁵.

Portanto, a escolha da missão do G.ENT.E. deve levar em consideração os princípios fundamentais do Termo de Referência (TR), as linhas de ação traçadas pela SME e os parâmetros de clareza e quantidade de caracteres convencionais para o desenvolvimento desse compromisso.

O debate levantou as questões principais que estão em voga no projeto como, por exemplo, a contemporaneidade e inovação, as tecnologias educacionais e todo seu suporte ao projeto, a mudança do papel dos atores estratégicos - Aluno no centro do processo pedagógico e Professor como mediador da aprendizagem - e a possibilidade da escalabilidade para além do seu projeto piloto, na escola André Urani. Abaixo, segue a definição elaborada.

⁵ Com o objetivo geral de dar um salto na qualidade da Educação no Rio de Janeiro, a Secretaria Municipal de Educação tem como missão: "a elaboração da política educacional do município do Rio de Janeiro, coordenar a sua implantação e avaliar os resultados." Dessa forma, a SME vai assegurar a excelência na Educação no Ensino Fundamental e na Educação Infantil, de maneira a contribuir para formar indivíduos autônomos e habilitados a se desenvolver profissionalmente e como cidadãos. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/secretaria-educacao-a-secretaria>. Acesso em: 12 set. 2013.

Os objetivos gerais corresponderiam a cada uma desses vetores trazidos pela Missão elaborada anteriormente. Ao se pensar em cada um desses elementos individualmente, era possível aprofundar em suas questões mais específicas.

O primeiro ponto diz respeito ao modelo inovador: "O que seria inovação em uma escola?" A resposta veio em consonância com as conclusões acadêmicas do Professor Antônio Carlos Gomes da Costa. Seus estudos conduzem que a inovação precisa ocorrer por meio de três canais: Conteúdo Pedagógico, Método Didático e Gestão Escolar.

Esse entendimento levou o grupo a levantar a seguinte questão: "Como isso seria feito?" A solução veio com o segundo ponto. As tecnologias educacionais proveriam os meios instrumentais para essa finalidade. Por outro lado, o modelo precisa identificar e apontar as suas práticas exitosas para ser escalável para a rede pública.

Segundo a discussão, o foco visou o educando no centro do processo pedagógico e nas características que o projeto visa contribuir para a sua formação integral. O questionamento levantado era: "Que tipo de aluno o G.ENT.E. pretende formar?". Novamente, segundo os textos de apoio do Professor Antônio Carlos e pensando no jovem urbano na sua realidade atual e nas exigências que irá enfrentar na sociedade pós-moderna, pensou-se em três atribuições de personalidade: autonomia, solidariedade e competência.

Já no que tange ao professor, no G.ENT.E., esse profissional passa por um processo de resignificação da sua atuação, tanto na sua prática pedagógica quanto na sua relação com os alunos. O Educador no âmbito do projeto assume o posicionamento de mentor de seus alunos. Essa atribuição transforma-o no mediador (ou orientador) da aprendizagem dos alunos como um generalista disciplinar e em suporte socioemocional, contribuindo para o desenvolvimento pessoal do educando.

O exercício da fragmentação das palavras-chave da Missão possibilitou a reflexão da finalidade e que projeto se propõe. Ao final do processo, ficou decidido que todos esses axiomas estavam reunidos em um único Objetivo Geral.

Objetivo Geral.

Criar um modelo escalável que inove em conteúdo, método e gestão, de modo a formar jovens autônomos, solidários e competentes e, para isso, ressignificando o papel do educador no processo de aprendizagem.

4.4 Objetivos Específicos

Sendo assim, o Objetivo Geral ainda se manifesta em um sentido amplo. É preciso estreitar o olhar e examinar atentamente como cada componente pode ser realizado na prática, ou seja, no dia-a-dia escolar. Nesse sentido, o debate ficou direcionado para a determinação de objetivos específicos, associados ao Objetivo Geral.

Esse conjunto de objetivos apresenta de forma pormenorizada e detalhada as ações esperadas no âmbito do projeto, estabelecendo uma relação afinada com as particularidades relativas às atividades trabalhadas. Simultaneamente, os objetivos específicos serão o link com os indicadores de monitoramento do SM&A-R.

Foram estabelecidos 52 objetivos específicos ao longo das discussões com os stakeholders. Para facilitar o desembarço e discriminação das atividades que sejam necessárias para atingir o Objetivo Geral, os objetivos específicos foram divididos em 5 grupos alinhados aos elementos da Missão, mostrados na seção anterior e em consonância com os axiomas

O fato de o G.E.N.T.E. ainda se encontrar na fase de implantação piloto justifica a ideia de revisar este documento quantas vezes seja preciso. Assim, mudanças serão implementadas no piloto e objetivos precisarão ser reformulados. Além do mais, se a escalabilidade do projeto é um elemento central, no futuro esses objetivos serão testados em outras escolas da rede municipal do Rio de Janeiro.

A tabela a seguir apresenta 19 objetivos específicos que organizam e sistematizam os caminhos da inovação no projeto. O tripé conteúdo, método e gestão é onde se cristaliza um modelo inovador de educação e se materializam os progressos futuros. Os três elementos encontram-se estreitamente relacionados e, a melhor forma de sintetizar este componente consiste na personalização da aprendizagem. Não é possível avançar nesta matéria sem implementar ferramentas adaptativas na gestão, tomar especial cuidado com as diretrizes para o método e assumindo que o conteúdo seja diversificado (objetivo 1), mas garantindo a não fragmentação da aprendizagem (objetivo 2).

do Objetivo Geral. A seguir, segue uma breve descrição e reflexões sucintas sobre esta lista de objetivos específicos definidos na série de reuniões antes mencionadas.

O processo de definição de objetivos específicos constitui uma etapa delicada da construção do Marco Lógico na medida em que os mesmos são o nexo entre as atividades e o estabelecimento de indicadores. Um segundo elemento nevrálgico consiste na necessidade de substantivar frequentemente conceitos que permitam operacionalizar os objetivos específicos. Este processo foi realizado com a ativa participação dos parceiros do projeto. Muitas vezes foi necessária a reflexão individual das questões levantadas pelos objetivos específicos. Assim uma troca intensa de ideias foi uma característica central nesta etapa.

Finalmente, dada a sofisticação do G.E.N.T.E. e as suas características multifacetadas, na hora de definir objetivos específicos se verificou que muitos desses objetivos atendem os diferentes componentes. Mais do que isso, foi necessário ter duas versões do mesmo objetivo para atender os diversos componentes.

Assim, a leitura da série de tabelas a seguir - organizadas pelos componentes presentes no objetivo geral - contém os 52 objetivos específicos. O estabelecimento deste conjunto de objetivos levou em consideração a necessidade de integração com as atividades já realizadas no projeto, de operacionalização e mensuração de indicadores, da sedimentação e definição semântica de valores e conceitos e da compatibilização de todos os objetivos em uma perspectiva holística do que se entende por educação ou acúmulo de conhecimento.

Neste sentido, considerar que este exercício possui um caráter definitivo e que, portanto, o presente documento apresenta uma "arquitetura definitiva" do projeto seria deixar de lado a essência do G.E.N.T.E.: a experimentação como pedra angular no que diz respeito à procura de tecnologias educacionais que preparem os alunos para os desafios decorrentes de contextos sociais, de desafios permanentes nos mais diversos âmbitos do acontecer humano.

O G.E.N.T.E. COMO MODELO INOVADOR

		Atores da comunidade escolar contemplados			
	Objetivo	Descrição	Alunos	Mentores	Gestores
Conteúdo	1	Diversificar o conteúdo curricular	X		
	2	Gerenciar a atualização e o avanço contínuo de aprendizagem para os alunos	X		
Método	3	Gerenciar processos de aprendizagem adaptáveis a cada aluno	X		
	4	Gerenciar inovação na organização do tempo e espaço de aprendizagem	X	X	
	5	Gerenciar a autonomia do professor no seu planejamento			X
	6	Gerenciar estratégias pedagógicas voltadas para a aprendizagem contextualizada de cada aluno	X		
	7	Assegurar e criar oportunidades para que os alunos aprendam de forma colaborativa	X		
	8	Gerenciar a troca de experiências entre os alunos e que eles aprendam entre si	X		
	9	Gerenciar a troca de experiências entre os professores e que eles aprendam entre si			X
	10	Gerenciar a diversidade da inovação no processo de construção do conhecimento	X	X	X
	11	Gerenciar a constante inovação de ferramentas tecnológicas no projeto curricular e práticas pedagógicas		X	X
	12	Gerenciar inovação na organização do tempo e espaço de escola			X
Gestão	13	Institucionalizar um ambiente escolar favorável para o desenvolvimento das atividades do educador		X	
	14	Gerenciar o funcionamento e o uso de ferramentas tecnológicas no projeto curricular e práticas pedagógicas			X
	15	Gerenciar tempo de trabalho específico aos professores para dedicação à pesquisa		X	X
	16	Gerenciar tempo de trabalho específico aos professores dedicado ao compartilhamento, avaliação e planejamento de práticas colaborativas		X	
	17	Desenvolver e implementar estratégias que contribuam para maior interação de escola com a comunidade escolar e seu entorno			X
	18	Assegurar uma gestão compartilhada e diálogo entre a equipe gestora, educadora, alunos e a comunidade escolar acerca da transparência dos objetivos, processos e resultados do projeto			X
	19	Implementar a cultura de avaliação e monitoramento na escola	X	X	X

Explicitado no próprio desenho do projeto G.E.N.T.E. no Termo de Referência, o aluno no centro do processo pedagógico é uma premissa central. Os seis objetivos colocados na tabela abaixo procuram criar as condições para aprofundar esse processo. Os primeiros dois objetivos (20 e 21) são requisitos indispensáveis para "transferir" o aluno ao centro

do processo pedagógico. Os objetivos 22 e 23 deixam a mensagem que a avaliação e o estabelecimento de metas devem ser personalizadas. Finalmente, os objetivos 24 e 25 estabelecem as diretrizes para implementar a estratégia que efetive a proposta.

O G.E.N.T.E. E O ALUNO NO CENTRO DO PROCESSO PEDAGÓGICO

Objetivo	Descrição	Atores da comunidade escolar contemplados		
		Alunos	Mentores	Gestores
20	Mapear as características socioeconômicas, culturais e de saúde do aluno como insumo essencial para fins de intervenção pedagógica			X
21	Conhecer os estilos de aprendizagem e tipos de inteligência de cada aluno como insumo essencial para fins de intervenção pedagógica		X	X
22	Avaliar por meio de testes os alunos em termos cognitivos e socioemocionais como insumo essencial para fins de intervenção pedagógica		X	
23	Estabelecer metas de aprendizagem claras para cada aluno		X	X
24	Estimular o aluno a estudar, agir e responsabilizar-se por seus próprios atos e consequências nas diferentes situações oportunizadas em seu processo de aprendizagem	X	X	
25	Garantir o protagonismo do aluno no planejamento, na sua prática e avaliação pedagógica	X	X	X

Sobre as tecnologias educacionais, apenas mencionar que aqui se incorpora um conceito abrangente de tecnologia onde a busca, análise e utilização da informação por parte dos alunos implica: a) um papel ativo com vistas ao acúmulo de conhecimento e a uma visão crítica da informação recebida e analisada; b) as ferramentas tecnológicas são de relevância central nesse processo, mas tomando cuidado que outras ferramentas também se constituem como relevantes.

O G.E.N.T.E. E AS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

Objetivo	Descrição	Atores da comunidade escolar contemplados		
		Alunos	Mentores	Gestores
26	Dotar os alunos de habilidades digitais, tornando-os capazes de utilizar apropriadamente ferramentas tecnológicas e as técnicas de busca, análise e uso de informação	X	X	
27	Garantir o uso pelas escolas de boas práticas tecnológicas	X		X

O G.E.N.T.E. E O NOVO MODELO DE PROFESSOR/MENTOR

Objetivo	Descrição	Atores da comunidade escolar contemplados		
		Alunos	Mentores	Gestores
28	Garantir incentivos e condições para os professores desenvolverem pesquisas relacionadas à prática pedagógica do G.E.N.T.E.			X
29	Prover formação inicial aos professores enfocada no conhecimento teórico e a prática dos objetivos e componentes que fundamentam o projeto		X	X
30	Prover formação inicial aos professores sobre a instrumentação das ferramentas tecnológicas educacionais		X	X
31	Prover formação continuada aos professores enfocada no conhecimento teórico e a prática dos objetivos e componentes		X	X
32	Garantir insumos necessários voltados à formação dos professores G.E.N.T.E.			X
33	Garantir as condições de colaboração entre os professores durante o processo pedagógico		X	X
34	Co-responsabilizar os professores pelo seu processo de formação e grau de autonomia na prática pedagógica		X	
35	Gerar ações de melhoria na prática pedagógica a partir de avaliações e auto avaliações permanentes dos professores, no âmbito do projeto		X	

Finalmente, a última dimensão estruturante do projeto consiste na criação de condições para a escalabilidade do G.E.N.T.E. Aqui é preciso se deter para realizar algumas ressalvas e esclarecimentos conceituais importantes:

- a) Qualquer estratégia de escalabilidade estará fadada ao fracasso se a ideia de escalabilidade fosse sinônimo de clonagem. Não é possível pensar na produção em série do G.E.N.T.E.. As escolas da rede de ensino são heterogêneas em vários sentidos: infraestrutura física, territórios, perfil socioeconômico e cultural de alunos, inserção da escola nos contextos sociais são apenas temas que evidenciam essa enorme heterogeneidade. Pensar que escalabilidade implica levar todos os elementos presentes na Escola André Urani de forma sistêmica esbarra nessas condições tão divergentes.

A tabela abaixo apresenta temáticas relevantes no que diz respeito à resignificação do papel do professor na proposta do G.E.N.T.E. Quatro aspectos são incluídos nos 8 objetivos estabelecidos:

- a) Garantir a cristalização de um novo perfil de professor,
- b) Reforçar a mentoria como elemento central não apenas na resignificação acima mencionada, mas também como eixo dinamizador da personalização da aprendizagem,
- c) Adensar teórica e pedagogicamente a formação inicial e continuada, garantindo a presença dos elementos e componentes do projeto com vistas ao progresso permanente da autonomia na prática pedagógica, e,
- d) Criando as condições necessárias para a realização de todas atividades do professor incluindo o tempo necessário para a pesquisa pedagógica, troca de experiências, auto avaliações, etc.

O conjunto de intervenções propostas junto ao professor do projeto G.E.N.T.E precisam ser totalmente inseridas na realidade institucional, econômica e social de toda a rede de ensino do município. Talvez um dos vetores centrais da escalabilidade do projeto seja justamente esse conjunto de objetivos e relação ao professor/mentor.

A rede municipal de ensino do Rio de Janeiro vem experimentando mudanças institucionais que atingem totalmente os desafios do G.E.N.T.E. nesta matéria. Escolas em horário integral, a polivalência e a remuneração são apenas exemplos de como fatores exógenos ao projeto são de vital relevância neste tema.

- b) Pensar a escalabilidade de forma sistêmica acarreta um erro conceitual na compreensão do que é o G.E.N.T.E.. Conceitos como personalização, experimentação, diversidade e adaptabilidade perdem todo o sentido. Por esta razão, desde o início tanto os gestores quanto os parceiros envolvidos e outros atores pertinentes investiram junto à equipe de pesquisa na identificação conceitual e empírica de componentes, no lugar e função de cada um deles e da viabilidade de implementação em outras escolas da rede. Já no início do projeto de pesquisa a análise de escalabilidade adotou um enfoque individual para cada componente.
- c) Um vetor de análise na escalabilidade é o eferir, mesmo que de forma aproximada, "o que vale a pena alcançar escala". Em outras palavras, significa realizar um exercício robusto de avaliação. Os resultados - sejam quantitativos ou qualitativos - são a melhor forma de construir os critérios para responder a pergunta de que componentes são os que obtiveram mais sucesso e foram eficazes para atingir os objetivos propostos e, portanto, merecedores de serem implantados em outras escolas da rede. A fase do piloto durante 2013 revelou nitidamente que ainda precisam ser completadas muitas facetas na operacionalização do projeto. Hoje qualquer avaliação de qualquer dimensão do projeto seria prematura. O próprio piloto precisa de um tempo maior de maturidade, o que não significa que existe sim um conjunto de ações que podem ser implantados na rede.

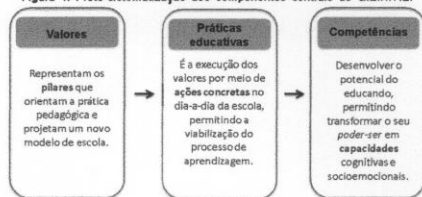
Os objetivos listados na tabela a seguir canalizam as considerações anteriores. No conjunto pode ser observado que a institucionalização e a manualização de processos, metodologias e articulações pautam os 17 objetivos. Deve-se acrescentar também que foi contemplada

a necessidade de sistematizar as práticas e aprendizdos na ação cotidiana de professores e gestores.

O G.E.N.T.E. E A ESCALABILIDADE FUTURA

Objetivo	Descrição	Gestores	Mentoras
36	Estabelecer um conjunto de condições mínimas que sirvam de critérios de elegibilidade para o projeto G.E.N.T.E.	X	
37	Institucionalizar novas formas de aprendizado dos conteúdos curriculares	X	X
38	Institucionalizar ao professor, tempo de trabalho específico dedicado à pesquisa e ao planejamento coerentes com os princípios do projeto	X	X
39	Institucionalizar ao professor, tempo de trabalho específico dedicado ao aprimoramento de sua prática pedagógica.	X	
40	Articular o projeto G.E.N.T.E. com todo o sistema educacional do município	X	
41	Desenvolver estratégia de replicabilidade que seja eficaz e cuidada, porém prática e economicamente viável à luz da educação pública	X	
42	Gerenciar a adequação e adequação das condições de infraestrutura física respeitando as características das escolas	X	
43	Institucionalizar de forma clara e transparente os critérios de seleção dos alunos, gerando a igualdade de oportunidades	X	X
44	Institucionalizar de forma clara e transparente o processo e critérios de seleção dos professores	X	
45	Identificar e fornecer informações precisas sobre os componentes centrais do projeto	X	
46	Identificar e fornecer informações precisas sobre os componentes adicionais do projeto	X	
47	Assegurar que a replicabilidade dos componentes que compõe o núcleo duro (componentes centrais) seja efetuada de forma fidedigna ao projeto	X	
48	Elaborar e desenvolver um guia de implementação que especie a replicação do projeto de elementos que o compõem	X	
49	Fomentar a produção de recursos humanos para consultoria e assistência técnica aos que adotarem o G.E.N.T.E.	X	
50	Assegurar avaliações específicas que levem em conta aspectos locais de implantação do projeto	X	
51	Gerenciar a avaliação permanente de todas as escolas participantes do projeto G.E.N.T.E.	X	
52	Manualizar os diversos componentes do G.E.N.T.E.	X	X

Figura 1: Proto-sistematização dos componentes centrais do G.E.N.T.E.



O quadro suscitou um exercício reflexivo que visava agrupar os múltiplos conceitos e valores e sintetizar com clareza e objetividade o modelo do G.E.N.T.E. A caixa Valores condensa os diferentes princípios que regem a prática pedagógica do projeto. Esses pilares são os norteadores da nova visão de educação trazida no G.E.N.T.E. As práticas educativas apresentam a dinâmica escolar no seu dia-a-dia, tratando-se das atitudes da equipe escolar voltadas para a transmissão do conhecimento e sua aplicação, no processo de aprendizagem dos alunos. Por fim, a caixa Competências visava apresentar os atributos cognitivos e socioemocionais que o novo modelo pretende contribuir na formação dos alunos.

A seguir, a Figura 2 demonstra a conclusão da etapa do agrupamento de conceitos e valores elaborada em conjunto, nas oficinas de trabalho.

V. Componentes centrais do G.E.N.T.E.

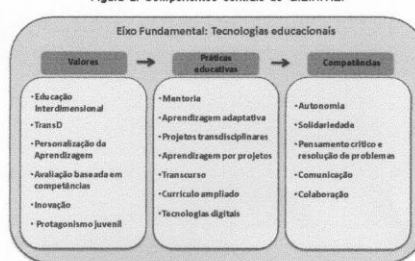
A concepção do projeto G.E.N.T.E. uniu princípios educacionais que pudessem preparar jovens protagonistas para esse novo mundo, mais complexo e mais desafiador. Para isso, era preciso uma nova educação, um novo modelo de escola, com outros modos de olhar e de sentir esse jovem. Nesse sentido, a dinâmica escolar no G.E.N.T.E. contempla diversos contextos, rotinas e ferramentas para a formação de seres humanos mais completos, com mais bagagem de conhecimento e bem preparados para atuar na sociedade do século XXI e no mundo do trabalho.

Esse amplo horizonte de possibilidades do projeto trouxe um igualmente amplo desafio na perspectiva de sua avaliação. O G.E.N.T.E. abrange, em sua natureza experimental pedagógica, uma vasta gama de princípios norteadores e concepções filosóficas alinhadas a essa nova visão da educação. A identificação, conceitualização e interconexão desse conjunto de princípios eram essenciais para o entendimento desse novo modelo, buscando uma coerência na análise e reduzindo as ambiguidades terminológicas.

5.1 Proto-sistematização

Na parte final da série de reuniões, a atenção de discussão com os parceiros estava voltada para a identificação dos múltiplos conceitos e valores trazidos pelo projeto, e a sua organização teórica e prática, com o intuito de determinar os componentes centrais da iniciativa. A equipe de pesquisa apresentou o que foi denominado de proto-sistematização, uma ordenação dos conceitos e valores, demonstrada na Figura abaixo.

Figura 2: Componentes centrais do G.E.N.T.E.



Como pode ser observado, ficou determinado que as tecnologias educacionais constituiriam o eixo fundamental do projeto - o elemento que une as demais partes. A incorporação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) em projetos de educação está direcionada para a melhoria de experiência de aprendizagem dos estudantes.

Severin (2012) aponta que a tecnologia na educação serve como suporte nos processos de melhoria da aprendizagem dos alunos. Para o autor, a inserção das TICs no sistema de ensino permite redimensionar a prática pedagógica ao ampliar a eficácia de métodos como a personalização da aprendizagem, a transformação do papel passivo do aluno em um mais ativo (autonomia) e aumento do tempo de aprendizagem transcendendo as limitações de tempo e espaço da escola tradicional.

Tais métodos de aprendizagem e outros mais são incentivados no projeto, como se verá a seguir. Nesse sentido, as tecnologias educacionais formam o alicerce base para as práticas educativas do G.E.N.T.E.

5.2 Concretização

Os principais conceitos desenvolvidos no âmbito do projeto G.E.N.T.E., como aponta a Figura 2, abrem diferentes aspectos de compreensão do modelo de escola proposto.

O exercício de definir cada um desses conceitos coube a um membro do grupo de parceiros, representante de Tamboro⁶. Sua contribuição foi a de levantar as referências bibliográficas necessárias e aplicá-las no contexto do Ensino Fundamental e da proposta do projeto, ao descrever cada um dos conceitos. O material foi difundido por correio eletrônico a todos os parceiros participantes para que pudessem enviar as suas sugestões.

⁶ Empresa de educação e novas tecnologias, voltada para a aprendizagem a partir do uso de jogos virtuais, uma das parceiras estratégicas do projeto G.E.N.T.E.

Inovação

O conceito de inovação, além de remeter-se à contemporaneidade, progresso, crescimento e novas tecnologias, se transpõe para todos os contextos da nossa vida, extrapolando a dimensão tecnológica-instrumental. Inovação emana da consciência de que tudo está em contínua transformação e que se faz necessário interagir com as mudanças e as novas configurações contemporâneas de forma a conduzir, experimentar, comunicar e explorar as múltiplas possibilidades de geração de ideias, projetos e mudanças de forma crítica e criativa. A inovação e a experimentação, por seu caráter permanentemente inconclusivo, exigem de todos aqueles que a praticam máximo rigor, negociação entre pares e superiores, e delimitação do campo de atuação.

Protagonismo Juvenil

É a participação do adolescente em atividades que extrapolam o âmbito de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, a vida comunitária e a sociedade como um todo. O objetivo mais amplo do protagonismo juvenil autêntico é conquistar, fortalecer e ampliar a experiência democrática na vida das pessoas, dos povos e das comunidades. Constitui-se como etapa essencial para o desenvolvimento social, profissional e pessoal pleno necessário para que o adolescente se torne um cidadão mais autônomo, crítico, solidário, competente e autodeterminado.

A seguir, serão elucidadas as descrições conceituais dos componentes centrais do projeto G.E.N.T.E.

Valores:

Educação Interdimensional

Enfoque interdimensional que pressupõe que a ação educativa deve compreender o aluno nas suas várias dimensões constitutivas - afetividade, corporeidade, espiritualidade e racionalidade, apontando para uma visão mais abrangente do ser humano. (Prof. Antônio Carlos Gomes da Costa)

Transdisciplinaridade (TransD)

Forma holística de compreender a realidade, mobilizando toda e qualquer produção de conhecimento ao articular diversos saberes, não apenas no domínio das ciências humanas e exatas, mas também com a arte, a literatura, a poesia, a pintura, a música e a experiência espiritual, associando a subjetividade humana com a objetividade científica.

Personalização da Aprendizagem

Estratégia metodológica coerente com a concepção da educação voltada para o desenvolvimento do potencial humano de cada indivíduo. Implica no ajuste de toda ação educativa às características cognitivas, socioemocionais, fisiológicas, estilos de aprendizagem, aptidões, interesses, motivações, necessidades, limitações e problemas de cada educando.

Avaliação baseada em Competências

Modo de reflexão sobre a prática da avaliação em si, já que ao deixar os aspectos classificatórios, prioriza-se o progresso por inteiro do educando no processo avaliativo. A avaliação por competências contempla a capacidade do aluno de mobilizar, interagir e reconstruir os conhecimentos adquiridos no processo aprendizagem, relacionando-os aos seus conhecimentos prévios e aplicando-os nas diferentes situações-problema concretas e teórico-abstratas.

Práticas Educativas:

Mentoria

Prática educativa de natureza relacional voltada ao desenvolvimento integral do mentorando e à interação deste com a aprendizagem. Parte da premissa de que o processo de ensino-aprendizagem é bilateral e admite em sua dinâmica acomodações e tensões próprias ao processo de aprendizagem. Sendo assim, mentor e mentorando compartilham experiências visões de mundo, conhecimentos e saberes. Apesar da reciprocidade e colaboração inerentes à mentoria, há certa assimetria nessa relação, uma vez que o mentor assume papel de guia (conhecimento pedagógico), modelo (educação pelo exemplo), orientador e facilitador da aprendizagem do mentorando.

Aprendizagem Adaptativa

Metodologia de ensino que desenha um percurso de aprendizagem individualizado a partir da identificação dos estilos de aprendizagem, características socioemocionais e ritmos próprios de cada educando. Oferece, portanto, objetos de aprendizagem que dialogam com cada educando, ora estimulando-o em aspectos que reforçam estilos de aprendizagem inatos (a maior parte do tempo), ora desafiando-o a progredir, ampliar e diversificar estilos de aprendizagem menos desenvolvidos.

Projetos Transdisciplinares

Metodologia de ensino-aprendizagem para entender e integrar teorias ao utilizar simultaneamente análise de contexto, teoria e pesquisa, exigindo constante exercício de reflexão, buscando trans-atravessar as fronteiras do conhecimento, articular conhecimentos acadêmicos, não acadêmicos e sabedorias tradicionais de diferentes culturas.

Aprendizagem por projetos

Metodologia de ensino-aprendizagem centrada na atividade construtiva de elaborar e desenvolver projetos criados a partir da curiosidade, dúvidas, interesses, conflitos e interrogações do educando. Resultantes da interação com o conhecimento prévio e com o sistema de significações do educando, os projetos devem ser permeados por questões que mobilizam o aluno no sentido de colocar em prática um processo de pesquisa e de construção de um novo e relevante conhecimento.

Transcurso

Capacitação inicial dos professores do G.E.N.T.E.

Currículo Ampliado

A função social do currículo ampliado é ordenar a reflexão pedagógica do educando de forma a atender as suas necessidades sociocognitivas e ajudá-lo a pensar e atuar sobre a sua realidade social. Para desenvolver esse processo de reflexão e ação, o currículo deve se apropriar do conhecimento científico e disciplinar, confrontando-o com o saber que o educando traz do seu cotidiano e de outras referências, como o conjunto de crenças e valores, as ideologias, o imaginário social, as representações simbólico-culturais e as relações sociais, entre outras.

Tecnologias digitais

Conjunto de instrumentos, métodos e técnicas que estão associadas à interatividade e a quebra com o modelo comunicacional um-todos (informação transmitida de modo unidirecional), adotando o modelo todos-todos que permite comunicação em rede e o intercâmbio de um fluxo vivo de saberes, experiências e práticas entre os integrantes dos mais diversos campos. Na prática de aprendizagem adaptativa, são recursos que permitem personalizar a exposição do conhecimento adequados ao nível de compreensão cognitiva de cada educando, além de facilitar o trabalho do educador na medida em que ele acompanha e avalia o desempenho de cada aluno por um registro sistematizado, sendo capaz de ensinar baseado em dados.

Competências⁷**Autonomia**

- Ter papel ativo no controle das suas próprias atividades educacionais;
- Ter voz e voto quanto aos materiais de estudo, conteúdos, atividades e ritmo de aprendizagem próprio;
- Planeja seu dia escolar de acordo com metas estabelecidas, traçando estratégias para o estudo e buscando alternativas para as dificuldades encontradas;
- Tem discernimento para procurar o mentor nos momentos adequados, visando complementar o conhecimento adquirido;
- Busca aprimorar-se também nas habilidades não cognitivas, negociando bem os seus direitos e respeitando os dos outros, comunicando-se com eficácia e tendo cuidado com a autoestima.

Solidariedade

- Coloca-se a disposição dos outros;
- É acessível e seguro, aberto ao outro;
- Mostra-se constantemente estável, atuando como apoio daquele que sente, pelo menos temporariamente, inseguro e instável;
- Apesar da relevância dos fatores cognitivos, expressa-se por meio do afeto e do sentimento na relação de ajuda.

Pensamento crítico e resolução de problemas

- Ser capaz de interpretar, analisar, avaliar, inferir e explicar informações;
- Identificar lacunas no próprio conhecimento e fazer perguntas significativas para esclarecê-las;
- Articular de maneira clara seus pontos de vista, refletir e avaliar criticamente evidências;

⁷ Birckley, M. Erstad, O. Herman, J. Raizen, S. Ripley, M. Rumbale, M. *Defining 21st century skills*. Draft White Paper 1. ATC21S. The University of Melbourne. 2010.

- Considerar e avaliar pontos de vista alternativos;
- Ser flexível, honesto, preocupado em estar bem informado, questionador e ter a mente aberta;
- Estar disposto a reconsiderar e revisar suas próprias visões.

Comunicação

- Demonstrar competência na Língua Portuguesa e na língua adicional;
- Utilizar vocabulário básico e as funções gramaticais corretamente;
- Ter capacidade para travar vários tipos de interação verbal e compreender as principais formas da linguagem escrita;
- Ser capaz de se comunicar de forma oral e pela escrita, de forma concisa e clara, em uma variedade de situações e para propósitos diferentes;
- Engajar-se em diálogos construtivos e críticos;
- Demonstrar confiança ao falar em público;
- Ter uma atitude positiva para a comunicação intercultural.

Colaboração

- Saber distinguir quando é apropriado escutar e falar;
- Quando falar, o fazer com clareza e consciência do propósito e ouvir com paciência e honestidade;
- Saber planejar, estabelecer, priorizar, alcançar e monitorar metas e resultados intencionados pelo grupo;
- Estar aberto para colaborar com pessoas com diferentes *backgrounds* sociais e culturais;
- Ao guiar outras pessoas, liderar e influenciar seus pares para alcançar as metas estabelecidas, incentivar as potencialidades de seus pares e ser exemplo ao inspirar e mover seus pares;
- Agir com responsabilidade em prol de interesses da comunidade.

VI. Considerações Finais:

Os esforços de pesquisa nessa primeira etapa visaram aprimorar a estruturação e sistematização dos objetivos e componentes centrais do projeto G.E.N.T.E.

A construção participativa do Marco Lógico consolidou a arquitetura de ação do projeto, expondo, sobretudo, os resultados esperados nessa intervenção escolar. Por outro lado, o debate entre os parceiros envolveu um reexame crítico dos principais aspectos da nova prática educacional do G.E.N.T.E., como mentoria, aprendizagem adaptativa e transdisciplinaridade.

Sendo assim, foi possível traduzir com maior clareza e objetividade a proposta pedagógica, tornando sua apropriação um processo mais fácil. O Modelo Lógico do G.E.N.T.E. foi elaborado em uma lógica vertical, descrevendo as condições necessárias para o cumprimento da finalidade do projeto e, ao mesmo tempo, possibilitando um marco conceitual de apoio às atividades do projeto.

Primordialmente, sua função é fornecer informações relevantes para a execução, monitoramento e avaliação do projeto. Ainda, o instrumento pode ser utilizado como método de planejamento e gerenciamento de ações no cotidiano escolar, orientadas ao alcance dos resultados previstos.

Cabe salientar que o conhecimento dessa ferramenta e o engajamento de todos os atores envolvidos, seja tomadores de decisão, equipe escolar ou beneficiários finais, são essenciais para a otimização do seu uso. O Marco Lógico pode balizar o estabelecimento de metas escolares, determinadas em função do seu propósito central, envolvendo tanto a sociedade quanto a comunidade escolar.

Como foi mencionado no início do documento, o Marco Lógico é a arquitetura do projeto que pretende estruturar e sedimentar as mais diversas dimensões do G.E.N.T.E. Outros documentos específicos estabelecem as bases de mensuração quantitativa e qualitativa, definem metas de curto, médio e longo prazo; aprofundam temas como a estratégia de

VII. Referências

Boti, Sérgio Henrique; Rego, Sérgio. Preceptor, Supervisor, Tutor e Mentor: Quais são seus Papéis? Revista Brasileira de Educação Médica. 32 (9), 363-373, 2008.

Costa, Antônio Carlos; VIEIRA, Maria Adenil. Protagonismo Juvenil. FTD. São Paulo. 2006.

Costa, Antônio Paulo. Avaliação: como avaliar o aprender (as competências) e o aprender que (conteúdos)?

Disponível em: http://www.afilosofia.org/documentos/pdf/WAPCosta_avalicao.pdf Acesso em: 13 dez. 2013.

Felder, Richard; Brent, Rebecca. Understanding Student Differences. Journal of Engineering Education, 94 (1), 57-72, 2005.

García, Catalina M. Alonso; Gil, Domingo J. Galego. Los estilos de aprendizaje: una propuesta pedagógica. Disponível em: <http://www2.educarchile.cl/UserFiles/P0001/File/Estilos%20de%20aprendizajes%20y%20Estrategias.pdf> Acesso em: 13 dez. 2013.

Material do Transcurso Projeto G.E.N.T.E. Projetos Transdisciplinares. 2013.

Material do Transcurso Projeto G.E.N.T.E. Jean Biés e Definição das 4 Flechas do Conhecimento. 2013.

Panegalli, José Carlos. O professor como facilitador da aprendizagem para a vida profissional no estudo de administração. Disponível em: <http://educorp.com.br/docs/aprendizagem.pdf> Acesso em: 13 dez. 2013.

escalabilidade do piloto e constroem as condições necessárias para realizar um conjunto significativo de avaliações futuras.

O conjunto de indicadores a serem definidos no Relatório contendo a descrição da arquitetura da base de dados, inclui tarefas como a definição das fontes de informação, a periodicidade da coleta e cálculo dos indicadores. Um tema de grande relevância consiste na definição e estruturação de instrumentos adequados tanto nos aspectos quantitativos quanto qualitativos das variáveis socioemocionais.

Parte dos indicadores de evolução cognitiva já são captados periodicamente pela SME. No entanto, ainda é necessário coletar e mensurar o progresso nas restantes habilidades cognitivas dos alunos.

No lado das competências, o desafio é maior na medida em que é preciso desenhar instrumentos específicos que capturem a evolução dos alunos em vetores de natureza qualitativa e de inter-relação estreita entre essas competências.

Nesse sentido, é importante sim ter total consciência que não existem hoje grande parte das ferramentas que capturem a riqueza do projeto. Esta afirmação não constitui nenhuma crítica nem aponta alguma deficiência. Simplesmente, um projeto que ainda está na sua fase de piloto precisa enfrentar essa tarefa.

Pimentel, João Nogueira. Reflexões sobre as qualidades da personalização do ensino. Disponível em: http://www.ipv.pt/millennium/vect10_pimf.htm Acesso em: 13 dez. 2013.

Reportagem: "Projeto de aprendizagem: O que é isso? Como se faz?". Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/2033/projeto-de-aprendizagem-o-que-e-como-se-faz> Acesso em: 13 dez. 2013.

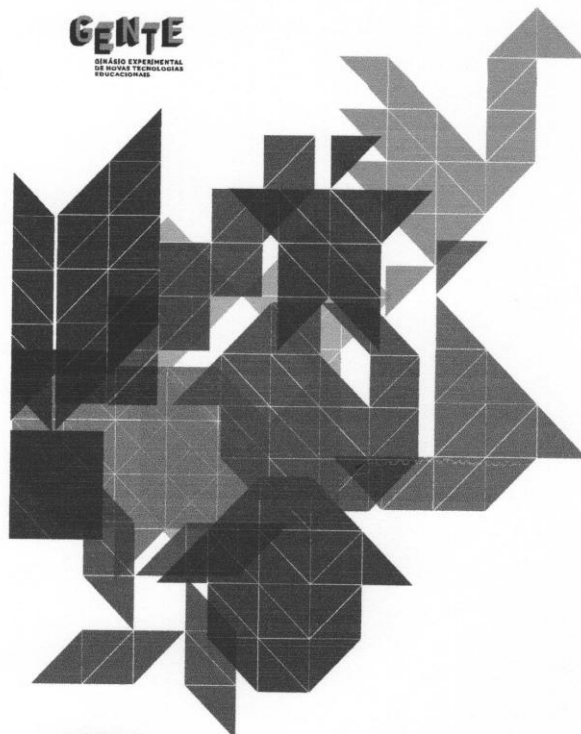
Severín, Eugenio; Capota, Christine. Enseñar con tecnología. In: M. Cabrol, M. Székely (Org.) Educación para la transformación. (p. 277 - 298). Banco Interamericano de Desarrollo. 2012.

Shinyshin, Educar. Inovação, o caminho da humanidade. Disponível em: <http://psiquedenciaevida.uol.com.br/ESPS/Edicoes/66/artigo220083-1.asp> Acesso em: 13 dez. 2013.

Wilges, Beatriz; Mateus, Gustavo; Silveira, Ricardo; Nassar, Sílvia. Comportamento adaptativo baseado no caminho de aprendizagem do estudante em um Ambiente Virtual de Ensino Aprendizagem - AVEA. Novas Tecnologias na Educação. CINTED-UFRGS. 5(1), jul. 2007.

World Bank. Ten Steps to a Results-Based Monitoring and Evaluation System. Handbook for Development Practitioners. 2004.

ANEXO XI - TERMO DE REFERÊNCIA



Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro
Subsecretaria de Novas Tecnologias
Termo de Referência

GENTE	Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais André Urani
Endereço:	Estrada de Góves 147
Modalidade	Ensino Fundamental, de 7º ao 9º ano
Funcionamento	Das 8:00h às 16:00h, de segunda a sexta-feira
Professores	Dedicação exclusiva. Carga horária de 40 horas semanais.
Número de alunos em 2013	180
Capacidade de alunos da escola	230

EQUIPE PEDAGÓGICA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Secretária de Educação	Claudia Costin
Subsecretário de Novas Tecnologias	Rafael Parente
Coordenadora do Programa GEC	Helôisa Mesquita
Diretor Geral	Marcia Roberto da Silva
Diretor Adjunto	Ana Maria Belotti
Coordenador Pedagógico	Marcus Vinícius Osório Rivera Vilaça
Corpo Docente	Língua Portuguesa – Diogo Teixeira, Lúcia Lima Matemática – Marcelo Lorio e Sergio Mats Ciências – Ivanilton Fonseca, Flávia Martins Geografia – Juliana Teixeira, Rosilane Maralhas História – Gilberto Amorim e Patricia Grigorio Inglês – Marcello Borring e Claudia Costa Sala de Leitura – Fernanda Monteiro Educação Física – Laura Meira, Luiz Cláudio Alves e Renata Martiello Artes Cênicas – Wagner Pinheiro

1 _____ 2

NOSSA MISSÃO

O que é o GENTE

É a concepção de um novo modelo de escola que se apropria integralmente de novas tecnologias educacionais, coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem e pode ganhar escala. Os principais pilares da proposta são: Ensino personalizado, Projetos Transdisciplinares, Avaliação baseada em competências, Uso de Tecnologia Digital e um Currículo Expandido para a criação do eu e do meio com habilidades cognitivas e não cognitivas.

Missão

- Atuar como núcleo inovador e transformador para amplo movimento de qualificação do Ensino Fundamental no 2º segmento da Rede do Município do Rio de Janeiro, sendo fonte de inovação em conteúdo, método e gestão.
- Liderar com competência de modo a garantir o acesso e a permanência dos alunos na escola, contribuindo para a formação do cidadão crítico e consciente.
- Desenvolver o espírito empreendedor do jovem por meio da tecnologia em um ambiente educacional qualificado para que ele possa enfrentar os desafios de viver, aprender e trabalhar bem em uma sociedade cada vez mais complexa, rica em informação e baseada em conhecimento.

PROPOSTA PEDAGÓGICA

GENTE - Concepções Filosóficas

Visão de Mundo

Será elaborada pelos professores e alunos do GENTE.

Visão de Educação

• Educação Interdimensional

"É a educação que não se limita a trabalhar a racionalidade (logos) do educando, mas que se abre a outras dimensões co-constitutivas do humano, corporeidade (eros), emotividade (pathos) e espiritualidade (mythos). O termo educação interdimensional procura mostrar a superação das disciplinas (entelékias), apontando para uma visão mais abrangente do ser humano."

Prof Antônio Carlos Gomes da Costa

• Transdisciplinaridade

"É a interação otimizada entre as diversas disciplinas, sem que estas percam suas especificidades. Isso implica uma colaboração para uma saber comum, o mais completo possível, sem que necessariamente se crie ou se refira a uma disciplina única. A consequência de uma postura metodológica transdisciplinar é a diminuição do aspecto negativo da individualidade e fechamento das disciplinas em campos estanques. É uma visão condizente com a contemporaneidade, em que a pluralidade e a diferença são a tônica dos encontros culturais". Fonte: <http://pt.shvoong.com/social-sciences/education/2002672-conceito-transdisciplinaridade/#wz29gFTer>

• Educação para Valores

"Método pedagógico que cria espaços e condições que possibilitam aos educandos vivenciar, identificar e incorporar valores positivos às suas vidas, capacitando-os para analisar situações e tomar decisões diante delas."

Prof Antônio Carlos Gomes da Costa

• Pedagogia da Presença

"Relação educador-educando baseada na abertura, reciprocidade e compromisso, onde o educador dedica ao educando: tempo, presença, experiência e exemplo."

Prof Antônio Carlos Gomes da Costa

• Taxonomia dos Objetivos Educacionais ou Taxonomia de Bloom:

A ideia central da taxonomia é a de que os objetivos educacionais podem ser arranjados numa hierarquia do mais simples (lembrar) para o mais complexo (criar).

Lembrar – Consiste em reconhecer e recordar informações importantes da memória de longa duração.

Entender – É a capacidade de fazer sua própria interpretação do material educacional, como leituras e explicações do professor. As subcapacidades desse processo incluem interpretação, exemplificação, classificação, resumo, conclusão, comparação e explanação.

Aplicar – Refere-se a usar o procedimento aprendido em uma situação familiar ou nova.

Analisar – Consiste em dividir o conhecimento em partes e pensar como essas partes se relacionam com a estrutura geral. A análise dos alunos é feita por meio de diferenciação, organização e atribuição.

Avaliar – A avaliação, que é o item mais avançado da taxonomia original, é o quinto dos seis processos da versão revisada. Ela engloba verificação e crítica.

3 _____ 4

Criar – É um processo que não fazia parte da primeira taxonomia, é o principal componente da nova versão. Essa capacitação envolve reunir elementos para dar origem a algo novo. Para conseguir criar tarefas, os alunos geram, planejam e produzem.

Quatro Pilares da Educação

Os Quatro Pilares da Educação da UNESCO são o núcleo do ideal formativo do Relatório Jacques Delors: EDUCAÇÃO, UM TESOURO A DESCOBRIR, elaborado pela Comissão Internacional da Educação para o Século XXI. O conteúdo dos Quatro Pilares são as aprendizagens consideradas requisitos vitais para que cada ser humano, em qualquer cultura, possa desenvolver o seu potencial, competências e habilidades:

- Aprender a Ser;
- Aprender a Conviver;
- Aprender a Fazer;
- Aprender a Conhecer.

Os Quatro Pilares, relativos aos níveis de aprendizagem, podem e devem ocorrer em todo e qualquer âmbito do trabalho educativo, sendo a essência estruturante de qualquer gênero ou modalidade de ação educativa, em qualquer nível ou em qualquer espaço em que um ser humano se proponha a exercer uma influência construtiva e duradoura sobre outros seres humanos. Nesse sentido, o GENTE pretende trazer os Quatro Pilares para as atividades formativas na escola.

Para que os Quatro Pilares saiam da teoria para a prática é preciso:

- transformar as aprendizagens em competências;
- identificar as habilidades, que constituem cada competência;
- identificar as capacidades requeridas para o exercício de cada habilidade;
- ver os comportamentos observáveis capazes de permitir identificar a presença ou a ausência de determinada capacidade.

Sobre competência

No documento "Saeb 2001: Novas Perspectivas" (2002), define-se competência na perspectiva de Perrenoud, como sendo a "capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiando-se em conhecimentos, mas sem se limitar a eles". Para enfrentar uma situação, geralmente, colocam-se em ação vários recursos cognitivos. Para Perrenoud, "quase toda ação mobiliza alguns conhecimentos, algumas vezes elementares e esparsos, outras vezes complexos e organizados em rede".

Assim, as competências cognitivas podem ser entendidas como as diferentes modalidades estruturais da inteligência que compreendem determinadas operações que o sujeito

utiliza para estabelecer relações com e entre os objetos físicos, conceitos, situações, fenômenos e pessoas.

Sobre Habilidades

Ainda no mesmo documento, é mencionado que habilidades referem-se, especificamente, ao plano objetivo e prático do saber fazer e decorrem, diretamente, das competências já adquiridas e que se transformam em habilidades.

Visão de Escola

"A escola protagonista é a escola necessária para que cada jovem possa desenvolver, em sua trajetória biográfica, as promessas que trouxe consigo ao vir a este mundo e, igualmente, a escola que o Brasil necessita e requer para responder pro-ativamente aos imensos desafios que a história nos coloca".

Prof. Antônio Carlos Gomes da Costa

GENTE – Aluno

VISÃO DE PROTAGONISMO JUVENIL

Modalidade de ação educativa que vê o educando como solução, e não como problema, como fonte de iniciativa (ação), liberdade (opção) e compromisso (responsabilidade) por seus atos e suas consequências.

HORIZONTE FORMATIVO (QUE JOVEM SE DESEJA FORMAR)

Desejamos que os alunos sejam: usuários qualificados das tecnologias da informação; pessoas que buscam, analisam e avaliam a informação; solucionadores de problemas e tomadores de decisões; usuários criativos e efetivos de ferramentas de produtividade; comunicadores, colaboradores, editores e produtores; cidadãos informados, responsáveis e que oferecem contribuições (Unesco).

GENTE – Perfil do Educador

VISÃO DE EDUCADOR

É o ser humano que se propõe a contribuir para o desenvolvimento do potencial de outros seres humanos de forma deliberada, compartilhando conhecimentos, valores, atitudes e habilidades que lhes permitam transformar o seu poder-ser em competências, habilidades e capacidades.

PERFIL DO EDUCADOR

- É curioso, idealista, criativo, pró-ativo, apaixonado pela construção do conhecimento e ansioso por novidades;

5 _____ 6

- Gosta de inovações, de pesquisa, de colocar em prática ideias diferentes. Profissionalmente está sempre aberto a novas perspectivas e novas experiências, se vendo como um eterno aprendiz;

- É capaz de estimular a curiosidade dos alunos, cria oportunidades de aprendizagem variadas, possibilitando descobertas e novas experiências;

- Entende que seu papel é de educar o aluno como um todo, em todas as suas dimensões humanas, estimulando o conhecimento teórico, o pensamento crítico e analítico, a iniciativa, o foco no futuro e desenvolvendo inclusive as habilidades não-cognitivas.

- É sensível às necessidades variadas dos alunos e suas diferentes bagagens, e está comprometido com o sucesso de TODOS os alunos;

- Acredita que a troca de conhecimento entre professores, professores e alunos e entre alunos é fundamental para o enriquecimento do processo de aprendizagem;

- Está ciente de que a parceria com a família maximiza o aprendizado dos alunos;

- Tem uma visão otimista do mundo, tolera incertezas e ambiguidades;

- É entusiasta do trabalho em uma comunidade de aprendizagem colaborativa;

- Acredita que a escola deve utilizar as novas tecnologias como ferramentas para melhorar a qualidade da aprendizagem;

- É capaz de planejar atividades e itinerários formativos que exploram eles de ligação e possibilidades de trocas entre e além conteúdos disciplinares;

- Reconhece a importância de avaliações constantes do desempenho dos alunos e professores com o objetivo de ajustar o processo de aprendizagem visando alcançar as metas estabelecidas;

- Se interessa por outras perspectivas além da sua, a partir de diferentes interpretações e críticas é capaz de rever e expandir sua própria visão;

- Proporciona ampliação na visão de mundo dos estudantes, auxiliando-os no processo de se tornarem indivíduos autônomos;

- É capaz de trabalhar de um modo integrado com outras disciplinas, seja através do planejamento e realização de atividades compartilhadas, ou da integração de conteúdos afins.

7 _____ 8

ATUAÇÃO DO EDUCADOR

O Educador atua como um arquiteto da aprendizagem, um líder, um organizador e um co-autor de acontecimentos, atuando junto aos jovens, oferecendo-lhes espaços e condições para o desenvolvimento pleno de seu potencial nas dimensões da racionalidade, da afetividade, da corporeidade e da espiritualidade.

FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS

O QUE É

São os recursos que os alunos terão disponíveis para se apropriarem dos conteúdos de seus Itinerários formativos.

COMO FUNCIONA

A principal ferramenta que o aluno utilizará será a Educopédia, mas também será possível acessar sites, materiais impressos ou outros que o mentor e o aluno julgarem apropriados. Também serão oferecidos Tablets, Smartphones, Smartboards entre outros recursos digitais para servirem de suporte ao aprendizado.

Educopédia

O QUE É

A Educopédia é uma plataforma de aulas digitais criada pela Secretaria Municipal de Educação com o objetivo de tornar o ensino mais atraente e mobilizador para os adolescentes e instrumentalizar o professor. O programa oferece uma opção rápida e fácil de integrar tecnologia aos estudos dos alunos. Além disso, é mais uma alternativa para o reforço escolar. A Educopédia foi criada com base nas orientações curriculares da Secretaria Municipal de Educação e estruturada para cada habilidade. As aulas digitais possuem atividades que incluem vídeos, animações, textos, podcasts, quizzes e jogos.

COMO FUNCIONA

Cada aula da Educopédia está associada a uma habilidade/descritor que deve ser desenvolvido no Itinerário Formativo do aluno, que terá, inclusive, links para as aulas.

Máquina de Testes

O QUE É

A Máquina de Testes é um sistema de avaliação integrado à Educopédia que cobrirá todas as disciplinas. Por meio de um banco de questões, preparadas pelos próprios professores da rede municipal, os alunos farão provas em ambiente digital. Todas as

DINÂMICA PEDAGÓGICA

SEMANA DE ACOLHIMENTO

O QUE É

O Acolhimento acontece na primeira semana de aula da Rede. No ano anterior, os próprios alunos preparam atividades que serão desenvolvidas no ano seguinte para receber os novos alunos. Será utilizado o mesmo modelo dos Gínásios Experimentais Cariocas.

COMO FAZER

No GENTE, vamos propor aos acolhedores que aproveitem a primeira semana para algumas atividades específicas como:

1. Escolher o nome das mesas, usando o critério que eles mesmos definirem e fazer o mapa com sua localização.
2. Solicitar a cada aluno que escreva em um papel como se vê ao final do percurso formativo proposto pela escola e colocá-lo na "cápsula do tempo". O sonho de futuro ficará exposto enquanto os alunos estivessem na escola.
3. Conversar com os alunos explicando a proposta do GENTE.
4. Levantamento do território da escola, para que o aluno se aproprie dos espaços, se sinta pertencente e responsável por ele.

DIAGNÓSTICO COGNITIVO E NÃO-COGNITIVO

O QUE É

É uma avaliação com o objetivo de fazer mapa das competências já alcançadas pelo aluno e das que ele ainda precisa desenvolver. É a partir dessa avaliação que será gerado o itinerário formativo do aluno para aquele período.

COMO FAZER

Cada aluno fará, após a semana de acolhimento, a Avaliação Diagnóstica pela Máquina de Testes. Após a análise da Avaliação Diagnóstica, cada aluno receberá seu Itinerário formativo, servindo como guia para seus estudos até a próxima Avaliação Diagnóstica.

ITINERÁRIO FORMATIVO INDIVIDUALIZADO

O QUE É

Após a avaliação diagnóstica, cada aluno receberá seu Itinerário Formativo, mapa que lista as competências e as habilidades já desenvolvidas e outras ainda a desenvolver no período. O Itinerário também informa sobre outras as atividades como, por exemplo,

a Educopédia e outros links. O Itinerário Formativo é dinâmico, podendo ser ajustado quando necessário.

COMO FAZER

Metas semanais, mensais, bimestrais e anuais

A partir da avaliação diagnóstica, a Máquina de Testes irá gerar o Itinerário automaticamente, no qual o aluno saberá as habilidades a serem desenvolvidas semanalmente. Ao final de cada semana, avaliações serão feitas para verificar se as habilidades foram alcançadas, para prosseguir na conquista de novas habilidades. O professor mentor é o responsável pela organização do novo Itinerário.

FAMÍLIA

O QUE É

Grupo de seis alunos que dividem a mesa e se ajudam nas atividades propostas individualmente e coletivamente. O processo de composição das famílias e a escolha de seus respectivos mentores serão feitas após a avaliação diagnóstica.

COMO FAZER

Os alunos de uma mesma família dividem a mesa durante o período em que permanecerem na escola, apesar da mesa ser mais um ponto de referência para iniciar o dia, do que um local obrigatório para eles estudarem. Os alunos serão livres para fazerem suas atividades em outros locais (biblioteca, laboratório de ciências, quadra poliesportiva, piscina, etc), utilizando inclusive outro tipo de organização do mobiliário existente. Apesar de serem da mesma mesa, os alunos da mesma família possuem Itinerário individual. Cada um faz suas atividades de acordo com seu mapa de competências e com a sua velocidade de aprendizado. Os alunos criam nomes para as mesas para facilitar a identificação, localização e organização dos espaços educativos.

No dia a dia, cada aluno ao chegar à escola pela manhã se sentará à mesa com sua família e analisará em seu Itinerário formativo as atividades previstas para aquele dia. No horário de aula, diariamente, as atividades dos alunos serão divididas em três blocos: um antes do desjejum, outro até o almoço, e mais um na parte da tarde. O aluno utilizará a Educopédia, compartilhando as eventuais dúvidas com a família ou com o professor mentor do seu grupo. A Educopédia tem exercícios para que o aluno teste o que estudou e verifique se os objetivos propostos no Itinerário foram alcançados. Apenas para atividades de Inglês, artes e educação física os alunos terão a orientação dos professores especialistas.

TIMES

O QUE É

Grupo de 18 alunos com o mesmo mentor, composto por três famílias. Suas mesas deverão se localizar próximas umas das outras, para facilitar o trabalho do mentor no acompanhamento.

13

14

COMO FAZER

O time atuará nas atividades coletivas e nas discussões semanais dos temas contemporâneos.

AVALIAÇÃO

CONCEITO

As avaliações servirão para verificar se as habilidades do itinerário formativo foram alcançadas, possibilitando que o aluno passe para a próxima etapa.

COMO FUNCIONA

- **Diagnóstica** – Ao início de cada ano letivo, conforme item anterior
- **Formativa** – Uma vez por semana, para avaliar as habilidades e conhecimentos a serem desenvolvidos e traçados como meta do período no Itinerário formativo. Caso o aluno alcance o resultado mínimo exigido, a próxima habilidade será liberada. Podem ser perguntas, jogos, quizzes, etc.
- **Somativa** – Provas Bimestrais e avaliações externas
- **Coletiva** – Projetos e Clubes
- **Por Competências** – Pessoais, relacionais, cognitivas e produtivas

DINÂMICA SEMANAL

O QUE É

Em linhas gerais, define o funcionamento da escola durante a semana

COMO FAZER

Todos os dias, os primeiros 30 minutos serão dedicados às habilidades não cognitivas (autonomia, motivação, sociabilidade, equilíbrio emocional, etc) e aos Projetos de Vida. A ideia é selecionar valores e discutí-los a fundo durante um mês, quando será selecionado o próximo assunto.

Depois, às segundas, terças e quartas-feiras, o aluno terá o dia dedicado ao desenvolvimento das habilidades cognitivas de seu Itinerário, são os momentos de adquirir conhecimento. As quintas-feiras serão reservadas às últimas avaliações da semana, para a verificação do alcance das metas, do desenvolvimento das habilidades, da produção autoral (desafios Interdisciplinares e objetos de aprendizagem para a Educopédia) e da discussão do tema contemporâneo escolhido para o mês.

As sextas-feiras dos alunos que atingiram as metas da semana serão dedicadas aos projetos transdisciplinares. Já os que tem pendências no cumprimento do seu Itinerário farão os projetos transdisciplinares no primeiro bloco e terão reforço no segundo e terceiro blocos, dependendo da necessidade.

REFORÇO ESCOLAR

O QUE É

Cada aluno tem em seu Itinerário formativo as habilidades que devem ser desenvolvidas durante a semana em cada uma das disciplinas. Se ficar alguma pendência no aprendizado da semana, o aluno será direcionado pelos mentores para as aulas de reforço.

COMO FAZER

Se até quinta-feira o aluno não conseguir alcançar as metas estabelecidas, será direcionado para uma mesa de reforço com um professor especialista, que o auxiliará a completar o Itinerário previsto para a semana. Esse reforço utilizará o tempo de um dos blocos da sexta-feira. Se ainda assim ficarem dúvidas, ele será encaminhado para uma orientação individual com o professor especialista no último bloco, assegurando que nenhum aluno fique com defasagem em relação ao seu Itinerário.

MENTORIA

O QUE É

É a orientação do mentor nos aspectos pessoais (emocional e projeto de vida), social e acadêmico.

COMO FAZER

Tipo de orientação, período da relação mentor e times, trocas, instrumentos de acompanhamento (gestão) etc.

A mentoria do ponto de vista acadêmico acontecerá em tempo integral. Do ponto de vista emocional, acontecerá de 3 em 3 semanas, com encontros marcados entre aluno e mentor.

PROJETO TRANSDISCIPLINAR

O QUE É

Será desenvolvido pelo aluno semestralmente a partir de uma situação-problema ou uma pergunta. O projeto transdisciplinar possibilita a união dos conhecimentos teóricos aos práticos.

15

16

Nesses projetos, os alunos analisarão situações reais e deverão trabalhar em grupos pré-definidos, para atuar como agentes transformadores dessas realidades estudadas.

COMPETÊNCIAS NÃO COGNITIVAS.

O QUE É

São as competências sócio-emocionais, relacionadas com o "saber conviver", para "saber ser". Ou seja, motivação, autonomia, equilíbrio emocional e relacionamentos interpessoais, entre outras.

COMO FAZER

Seu desenvolvimento se dará sempre nos primeiros 30 minutos de cada dia, com atividades específicas. A avaliação será feita através da Máquina de Testes.

ELETIVAS

O QUE É

São disciplinas opcionais que os alunos terão disponíveis a cada semestre. São 18 vagas em cada eletiva.

COMO FAZER

Os professores e alunos combinam as eletivas que serão oferecidas no semestre, sendo que especificamente no GENTE, serão oferecidas eletivas específicas de lógica, como Programação e Resolução de problemas.

PROJETO DE VIDA

O QUE É

Serão oferecidas diversas atividades para que cada aluno possa detalhar seus sonhos e assim elaborar um projeto de vida.

COMO FAZER

Os alunos serão orientados a participar de atividades eletivas que o auxiliem a prosseguir no seu projeto. Todas as disciplinas eletivas têm um cunho pedagógico, com o conceito de que para realizar qualquer sonho os alunos precisam ter uma formação básica sólida.